

Milene Migliano

Entre a praça e a internet

outros imaginários políticos possíveis
na Praia da Estação



Entre a praça e a internet:
outros imaginários políticos possíveis
na Praia da Estação

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto



Editora UFRB

SUPERINTENDENTE

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

CONSELHO EDITORIAL

Ana Lúcia Moreno Amor

Josival Santos Souza

Luiz Carlos Soares de Carvalho Júnior

Maurício Ferreira da Silva

Paulo Romero Guimarães Serrano de Andrade

Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarack Garcia (presidente)

Sirlara Donato Assunção Wandenkolk Alves

Walter Emanuel de Carvalho Mariano

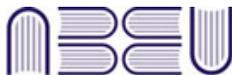
SUPLENTE

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Marcílio Delan Baliza Fernandes

Wilson Rogério Penteadó Júnior

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Milene Migliano

Entre a praça e a internet:
outros imaginários políticos possíveis
na Praia da Estação



Editora UFRB

Cruz das Almas - Bahia /2020

Copyright©2020 Milene Migliano
Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB.

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica:
Antonio Vagno Santana Cardoso

Revisão e normatização técnica:
Camila de Carvalho

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

G642e Migliano, Milene
Entre a praça e a internet outros imaginários políticos
possíveis na Praia da Estação / Milene Migliano
Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020.
264.; il.

ISBN: 978-85-5971-124-0

1. Ciências Sociais. 2. Espaços Públicos 3. Redes Sociais.
I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Editora da
UFRB. II.Título.

CDD: 300

Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária de Cruz das Almas - UFRB.
Responsável pela Elaboração - Neubler Nilo Ribeiro da Cunha (Bibliotecário)
CRB5/1578)



Editora UFRB

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro
44380-000 Cruz das Almas – BA
Tel.: (75) 3621-7672
editora@reitoria.ufrb.edu.br
www.ufrb.edu.br/editora
www.facebook.com/editoraufrb

Prefácio

João Flor de Maio¹

Sal da terra

O livro que se segue é um exercício de arqueologia atípico, arqueologia sem poeira de uma praia sem areia. É, ainda, uma sociologia sem distanciamento, um ensaio sobre ensaios, enunciado por uma autora que pode se dar ao luxo (e ao risco) de tratar de um fato urbano que ajudou a constituir. Não é exagero dizer que tal fato urbano, a Praia da Estação, também ajudou a transformá-la nessa voz que o livro imprime e prolonga no tempo.

Devo pedir perdão por antecipar o tema, este é um livro sobre **esta praia**, que no resto do ano costuma ser “apenas” uma praça de alguma importância no centro da cidade de Belo Horizonte. Ser uma praça, em si, não é pouca coisa, tanto que um fenômeno político como a greve deve seu nome a uma praça (que já não carrega greve no nome). Oras, mas o que é uma praça que é uma praia, cientificamente falando? Aliás, podemos delimitar com precisão no tempo e no espaço o que é uma praia? Ante à dificuldade em responder tais perguntas, faço um exercício de inversão, que encontro nas discussões de Milton Santos sobre um tema mais amplo e muito em voga, a **Paisagem**. A comparação é válida, não há espírito, do mais duro cético ao mais incorrigível romântico, que ouse negar que uma praia seja uma paisagem (e se o há, me permito a liberdade de ignorá-lo). Para Santos, grande geógrafo, a paisagem não é fixa ou imóvel, se transforma com a sociedade, a economia, as relações sociais e políti-

¹ - Possui Licenciatura em Artes Visuais pela UEMG. É Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Especialista em Patrimônio Cultural pelo IPHAN e Mestrando em Ciências da Informação pela UFMG. Tem pesquisas nas áreas de História da Arte, Urbanismo e Conflitos da memória.

cas, tudo em ritmos e intensidades variados. Ainda assim, intangível, a paisagem é, e falar de uma paisagem deve ser fruto de exercícios complexos de reconhecimento e comunicação, razões que mais que justificam esse livro, nascido também de trânsitos entre Minas Gerais e Bahia, territórios tão diversamente próximos de Brasis, de exercícios de ser. Trata-se aqui de dizer o que é a Praia da Estação, ou seja, o que ela foi e guarda potência de ainda ser, cujos vestígios se encontram muito além do seu espaço físico, na memória de pessoas, documentos, em espaços e plataformas virtuais algumas vezes muito esquecidos, donde cabe novamente recordar o caráter arqueológico da pesquisa aqui presente.

A Praia da Estação, assim como Copacabana, Itapuã ou Boa Viagem, não se trata de mero recorte no espaço da cidade onde está, é um meta-espaço, lugar onde a cidade se mira no espelho. E como todas as praias emblemáticas, depende do clima, do calor, da música, da presença dos corpos e de suas performances, depende da água que esses mesmos corpos buscam em dias de verão, seja para molhar e mostrar a pele, seja por qualquer coisa instintiva que nos une em torno dela, como fazemos em torno do fogo em noites frias e festas populares. E como as praias de areia, essa de cimento, se move, volta, some e ressurge, a depender de tantas coisas que seu retorno sempre tem qualquer coisa de milagre (milagros!), de nostalgia, ao mesmo tempo em que seu caráter dinâmico a impulsiona sempre a ser outra coisa, sempre nova e por isso, sempre mais. Em tempos idos, talvez um pouco mais felizes, porque lembrar o passado nos permite essas ilusões de alegria, a Praia nasceu de desejos conscientes tanto quanto do acaso, e ali dançaram, dançamos, tantos abraços, sonhos e vidas que mesmo na corrida diária ainda me obrigam (permitem) uma pausa pensativa, quando passo ali correndo para tomar o metrô. Que bom que este livro nasceu, que chegue sem pudores e multiplique nos que se aventuram nas páginas seguintes, toda a vitalidade de coisas e existências que só acontecem em espaços banais e magníficos como A Praia.

Agradecimentos

Agradeço à todos do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, principalmente os professores e amigos Jorge Cardoso Filho e Daniela Abreu Matos, e ao professor Sérgio Mattos, à época superintendente da Editora, que me estimulou a enviar a proposta. Agradeço à minha família, todas amizades espalhadas em meus caminhos e especialmente todos que são amigos banhistas da Praia da Estação.

“as histórias são importantes, elas guiam nossas maneiras de pensar o mundo e de fazer uso dele”

Vinciane Despret (2016, p. 19).

Sumário

Apresentação	13
Introdução	17
Mapas de Belo Horizonte	25
Outros imaginários políticos possíveis?	27
Sobre imaginários políticos.....	32
Sobre narrativa, imagem, imagens para além de.....	38
Política, político.....	44
Etnografia, proposição em processo.....	48
Etnografia digital.....	51
Entre o espaço urbano e a internet.....	56
Temporalidades (des)programadas.....	61
Sobre situações.....	65
As costuras da linha do tempo.....	67
Deita no cimento	77
Situação 1 - Vá de branco.....	78
Lista de e-mails.....	94
Situação 2 - primeira praia da estação.....	106
<i>Alegria, alegria</i>	113
<i>Flickr</i>	124
<i>Teaser e protesto</i>	128
<i>Situação 3 - Praça Livre</i>	136
<i>Primeira postagem</i>	139
<i>Revogação do Decreto</i>	142
<i>A força de um homem de sunga</i>	145
<i>Revide do decreto</i>	149
Curtiu?	153
Antes do bloco ou das imagens do carnaval na capital.....	153

Situação 4 - O bloco da Praia da Estação	163
<i>Mais carnaval</i>	173
Situação 5 - primeiro eventão.....	176
<i>Pós-eventão</i>	185
Situação 6 - Divisor enquanto mar.....	189
<i>Mar da Praia</i>	190
<i>Sobre o Mar da Praia</i>	195
Situação 7 - Praia de Iemanjá	201
Entre situações	207
Da Praça Sete ao Mineirão	210
Cinco anos depois	221
Situação 8 - Praia da Independência ou morte!	222
Situação 9 - Praia da Savassi 2015.....	231
<i>Reverberações</i>	239
Considerações finais	243
Referências	251
Sobre a autora	265

Apresentação

O desejo da pesquisa surgiu com o olhar atento à chegada de e-mails, blogs, Flickr, Myspaces, sites e links associados à produção de sentido no espaço urbano, inicialmente observada nas práticas de escrita – graffitis – em Belo Horizonte. Ao final da escrita da dissertação de mestrado¹, com o corpus já fechado, encontro pelos muros, para além das tags e telefones, endereços eletrônicos anotados nas produções visuais pelas ruas. Dentre estes espaços de diálogos públicos estavam os tapumes da obra da Praça da Estação e do Museu de Artes e Ofícios, que faziam parte da minha observação diária a pé para o trabalho, na época, o Centro Cultural da UFMG, na Praça da Estação. Acompanhei todo o processo da reforma e posterior devolução do espaço para o uso da população belo horizontina, as demandas e desejos pelos muros da área do chamado hipercentro. Como moradora da cidade à época, ao ficar sabendo do decreto que proibia os eventos na Praça da Estação e do encontro convocado pelo blog *Vá de branco*², mobilizei-me e tomei parte na reunião, tendo sido uma das primeiras banhistas a chegar naquele sábado de verão em 2010. Fomos de metrô para a Praça, trajando roupa de banho, numa sensação de experimentação, desde o trajeto, transformadora.

A vida profissional me levou para Olinda, Pernambuco, para atuação junto à uma escola de cinema indígena, o Vídeo nas Aldeias. De volta a Belo Horizonte, depois de um ano trabalhando em processos formativos em audiovisual em áreas de alta vulnerabilidade social na capital e região metropolitana, com a Associação Filmes de Quintal, começo a dar aula em Mariana - MG, na UFOP, e percebo

1 - Defendida em maio de 2009, "Diálogos Públicos no Centro de Belo Horizonte: mapas de sentidos em comunicação urbana", no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea, da UFMG.

2 - O blog <http://vadebranco.blogspot.com> foi produzido anonimamente em dezembro de 2009 e mobilizou uma reunião onde surgiu a ideia da realização de uma praia em protesto ao decreto proibitivo dos eventos na Praça da Estação.

que ser professora universitária é um caminho que me apraz. Ao mesmo tempo que decido realizar o doutorado, aprovo um projeto para compor a plataforma online do Mapa dos Graffitis de Belo Horizonte: sua proposição parte de uma ideia de trocar com a cidade um pouco do aprendizado do projeto de mestrado, temporalizando registros realizados desde 2005 das escritas na capital. Além dessas imagens, produzimos entrevistas com mais de 50 artistas, que contaram seus caminhos, um pouco de suas éticas e poéticas. As novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) associadas aos computadores e internet, continuavam a tomar cada vez mais evidência nos processos de produção da escrita da cidade. A questão emergente das NTIC's também provocava algumas reflexões na relação com os movimentos de resistência e luta política que vivenciávamos na cidade. Ao refletir sobre os processos de lutas que enfrentávamos em Belo Horizonte, inscrevo, junto com Carolina Albuquerque e Priscila Musa uma proposição de trabalho para o III Corpocidade, realizado em 2012 na FAUFBA e venho para a Bahia para apresentar as discussões no encontro.

No ano seguinte, solicito à Professora Paola Berenstein Jacques uma carta de aceite para que pudesse concorrer ao doutoramento sob sua orientação, no PPGAU-UFBA. O projeto de tese inicial buscava dar conta das transformações das imagens e narrativas, por meio dos usos das NTIC's e internet, relacionados às expressividades culturais e políticas do graffiti, da Praia da Estação, dentre outras ações e movimentos urbanos da capital mineira. Com menos de um ano de doutoramento, a questão dos imaginários políticos da Praia da Estação tomou seu lugar de privilégio na investigação. Pesquisadora associada do Laboratório Urbano, envolvo-me nas discussões do grupo de pesquisa sobre as Experiências Metodológicas de Apreensão da Cidade, trabalho e realizo tutoria com alunos bolsistas de graduação na pesquisa Cronologia do Pensamento Urbanístico e envolvo-me nos grupos de trabalho de organização das edições de

2014 e 2016 do Corpocidade, evento organizado pelo Laboratório Urbano e o Labzat, da Escola de Dança da UFBA. Em 2015, realizo meu estágio sanduíche no Laboratório Arquitetura/Antropologia na Escola Superior de Arquitetura Paris La Villete, ampliando as possibilidades de leitura e pesquisa da proposição de tese; conheço mais a fundo a etnografia digital bem como envolvo-me com um trabalho de campo nas hortas comunitárias (jardins partagés) situados à área da Petite Ceinture, patrimônio industrial francês, espaço em disputa entre os moradores do entorno, exército e a empresa que gerencia as linhas férreas da região.

Retorno ao Brasil e dedico-me aos processos de produção de narrativas sobre a cidade, no caso, da Praia da Estação, participando etnograficamente da primeira Praia da Estação e do Bloco da Praia, em 2016. Retorno a Salvador, realizo a eleição das situações e (re) começo o trabalho de campo em meios digitais e sua contextualização, seguido pelas análises críticas. Ao final da escrita, sou aprovada como professora substituta na UFRB, experiência que vem adicionar mais duas, às outras cinco moradas onde vivi durante o doutorado na Bahia, aprendizados imensos entre as salas de aula e as ruas da cidade histórica à margem do Rio Paraguaçu. A revisão do texto é feita por Camilla Felicori. É uma satisfação que se sintam à vontade para adentrar nestas páginas comigo.

Introdução

Este livro é baseado na pesquisa de doutoramento desenvolvida no PPGAU-UFBA, em Salvador. Nela busquei compreender se e como os usos das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) e a internet pelos movimentos de contestação urbana atuais, têm transformado as condições para "superação da contenção do imaginário político" (RIBEIRO, 2011, s/p). Em uma entrevista de 2011, a professora Ana Clara Torres Ribeiro apontou como relevante para a compreensão dos estudos do presente, investigações que questionassem se os novos movimentos urbanos, ao utilizarem as novas mídias e a internet, estavam superando a contenção do imaginário político, relacionado principalmente à participação da vida pública no Brasil. O desvelamento desta questão faz parte da motivação inicial do projeto, juntamente com a problematização de Walter Benjamin em relação à "revolução procedimental" (2013 [1929], p. 125) que afirma que as narrativas sofrem mudanças a cada nova possibilidade tecnológica desenvolvida para recriá-las e pô-las em circulação.

Entendo por imaginário político uma multiplicidade de ideias agentes, parte e catalisadoras de ações no mundo simbólico, afetivo e perceptivo, que nos constituem enquanto seres capazes de inventar e viver experiências transformadoras. Investigo se e como de fato existem estes outros imaginários que entram em circulação nas redes urbanas online, compondo as experiências nas cidades e suas narrativas. Por meio de uma etnografia digital (HINE, 2003; MILLER, 2016), debruçaremos-nos sobre onze situações da experiência urbana da Praia da Estação, analisando os fragmentos de narrativas que encontramos em plataformas de mídia e rede social na internet, entre dezembro de 2009 a outubro de 2016.

A Praia da Estação é uma experiência de contestação ao poder público pelo direito ao uso da Praça Rui Barbosa, situada no centro de Belo Horizonte, também conhecida como Praça da Estação. Depois da

publicação do decreto municipal 13.798/2009 que proibiu a realização de todos os eventos naquele espaço público, houve a convocação em um blog anônimo, para uma reunião entre os que discordavam da proibição. Após a primeira reunião é criada uma lista de e-mails, que, em nove dias, convida os interessados para a primeira Praia da Estação, ou seja, para trajar roupa de banho e nadar nas fontes do projeto arquitetônico recém revitalizado da praça em disputa

A ocupação transborda para além da Praça, no espaço urbano e na internet e conquista a revogação do decreto; mas as lutas prosseguem, vão se reelaborando e se recriando nas relações tecidas entre a cidade e o espaço online. A etnografia digital é uma possibilidade de investigação que está em elaboração, haja vista a novidade das relações sociais a se desenrolarem em ambientes virtuais online. Importante ressaltar a dimensão efêmera e lacunar que os dados da pesquisa na etnografia digital assumem, considerando que algumas plataformas são extintas, criadas e extintas por pouca usabilidade, como a baixa da atividade dos blogs após a criação do facebook, notada na pesquisa.

Elegi trabalhar com algumas situações tal como propostas pelo antropólogo James Clyde Mitchell (1956), considerando-as como um recorte observável da realidade experienciada, definindo a escolha entre o que pesquisar diante de tantas camadas de significação social, construídas ao longo do tempo cultural. Para cada situação, selecionamos alguns fragmentos de narrativas das experiências urbanas vividas no contexto da experiência da Praia da Estação. Na remontagem dos fragmentos de narrativas das situações abarcadas na investigação, busco operar dando a ver diversos imaginários políticos (re)inventados e as condições que perpassam as definições e que contaminam inclusive os dados, mesmo os coletados nos ambientes digitais. Isso significa que, se a pesquisa fosse feita por outra pessoa, os dados a serem encontrados e passíveis de coleta, seriam diferentes, pois dependem dos algoritmos de programação da navegação na internet e suas variáveis.

A programação algorítmica dos endereços virtuais por onde se pode navegar na internet, principalmente nas redes sociais online, já sofre modificações induzidas há alguns anos, incitando os próximos passos dos perfis dos usuários, pautados pelo seu consumo de informações. Desde 2009, as buscas no Google são personalizadas (PARISER, 2012), isto é, os resultados encontrados para as mesmas palavras digitadas no mesmo buscador, em computadores diferentes, podem ser diferentes. Ou seja, variam segundo o uso de pessoas/perfis diferentes. Desde 2015, as pesquisas e desenvolvimento de programações pela rede social Facebook³ têm proporcionado ainda mais tal experiência personalizada, que acaba apreendendo o usuário em uma “bolha” de informações tipificadas segundo as que a pessoa vinha “curtindo”, informações que compactuam com sua perspectiva de mundo navegado e visível na plataforma. Mesmo diante dessa bolha, mantivemos a perspectiva da pesquisa compreendendo a potência da investigação no sentido de dar a ver uma análise crítica. Mesmo que restrita, tal análise é um fragmento da realidade cotidiana que vivenciamos hoje, nas condições de possibilidade existentes.

A experiência da Praia da Estação começou a ser mobilizada em janeiro de 2010, a partir da reunião presencial convocada em um blog⁴ anônimo na Internet, depois que o prefeito à época decretou

3 - Uma das duas gigantes do mercado, digamos que sua política de responsabilidade é um pouco mais interessada nos lucros do que nas pessoas. E seu criador, Marc Zuckerberg, com graduação em informática e psicologia, sabe disso, apostando na demanda mimética que seduz a todo momento, com uso de imagens. No texto referenciado a seguir, o autor chega a afirmar que o “facebook é misantropo” (LANCHSTER, 2017, s/p). Mais informações, em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/voce-e-o-produto/>. Para Benjamin, a faculdade mimética está fortemente ligada com correspondências mágicas, sendo a escrita uma delas, já que submete a partilha a um momento crítico necessário. (BENJAMIN; [1933], 1996, p. 113).

4 - Disponível em: <http://vadebranco.blogspot.com.br>, acessado 01 de setembro de 2017. A palavra blog é um estrangeirismo e refere-se a um tipo de página na internet e que outras palavras também apropriadas em nosso cotidiano, os grafarei sem aspas e sem itálico, de modo a preservar uma melhor leitura, concordando com Pulhez, em sua etnografia digital “Por ser usado no meu campo de pesquisa majoritariamente como “blog”, optei por deixar assim no texto. Contudo, em sendo um estrangeirismo, ele deveria ser grafado em itálico, o que não faço nessa dissertação. Opto por deixar o termo sem grafia distinta para deixar o texto mais “limpo”, sem confusões com os termos êmicos em itálico. Faço o mesmo com palavras como “tag”, “link”, “site” e “post” (PULHEZ, 2016, p.02) e-mail, online, offline, entre outras.

que estavam proibidos eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. No dia da reunião, cerca de 80 pessoas estivemos reunidas na praça, vestidas de branco, preto e vermelho, conversando sobre o lugar de onde vínhamos, as ideias que trazíamos, os caminhos que, juntos, poderíamos seguir. Depois de algumas horas, a conclusão foi a de que não era mesmo razoável ter, entre nós, apenas opiniões em comum; éramos muito diferentes, mas havia um motivo para estarmos ali, e decidimos fazer algo a respeito. Fizemos uma lista de e-mails, e, em uma semana, estava anunciada a chamada para a primeira Praia na Estação, marcada para a manhã de um sábado, especificamente para o dia 16 de janeiro de 2010. As cerca de 300 pessoas reunidas em trajes de banho no protesto, com o intuito de se banharem nas fontes da revitalização da Praça, depararam-se com uma nova determinação da prefeitura: desligar as fontes naquela manhã. Os manifestantes contrataram então um caminhão-pipa, que foi pago com uma “vaquinha”, ou seja, coleta de recursos entre os presentes. A água propiciou o banho público e durante quarenta minutos cantamos, dançamos e nos divertimos desafiando a proibição dos eventos naquele espaço público de centralidade simbólica, histórica e geográfica de uma das primeiras capitais planejadas do Brasil. Autodenominados como banhistas, foram criadas diferentes maneiras de se expressar para que a comunicação fosse o mais irrestrita possível, entre os manifestantes. A experiência toma corpo, fôlego e conquista a instituição de uma comissão para rever o decreto. Porém, as assimetrias entre a participação dos cidadãos e do Estado, nas decisões sobre tal espaço público urbano, continuam sendo reelaboradas e performadas em diversas situações de dissenso até 2017, momento de recorte final dos fragmentos para este texto.

Assim como em muitos outros movimentos de resistência política urbana da atualidade, as novas tecnologias de comunicação e informação e a internet, têm papel fundamental nos modos de mobilizar, organizar e realizar as ações em cidades. As revoltas na Islândia,

a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, as greves estudantis no Chile, a ocupação da Praça Taksim na Turquia e do Aeroporto Tempelhof em Berlim também são situações recentes nas quais poderíamos buscar as modificações que as NTIC's produzem, nos modos de fazer dos movimentos. Nossa chave de leitura busca compreender se, diante de uma contenção dos imaginários políticos, como as novas tecnologias teriam valor de transformação urbana na superação dessa restrição. Tal contenção está relacionada a uma inatividade ou crença na inaptidão para se atuar nos espaços urbanos e/ou outros espaços de uso público.

Willian Mitchell, nos idos anos 2000, em seu texto "e-topia", argumenta que depois das inovações digitais poderíamos vir a estar ainda mais afastados das possibilidades de "estabelecer contatos, relacionar-se, criar confiança e fazer tratos" como se fazia antigamente. Seguindo sua proposição no texto, ao buscar água nas fontes de distribuição em lugares públicos, eram mantidos e costurados laços entre os que habitavam áreas próximas. Mitchell continua seu texto, implicando-nos: "(...) necessitamos inovar, reinventar os espaços públicos, as vilas e as cidades para o século XXI⁵." (MITCHELL, 2001, p. 9).

Já foram produzidas três dissertações acerca da Praia da Estação. A primeira, defendida ainda em 2012, de Igor Oliveira, "Uma praia nas Alterosas, uma 'antena parabólica ativista': configurações contemporâneas da contestação de jovens de Belo Horizonte", busca compreender a Praia como um movimento concatenado com as outras contestações globais, atentando para as relações de implicação com o contexto local para desencadear os processos e disputas; foi defendida na Faculdade de Educação da UFMG. A segunda, de Carolina Abreu de Albuquerque, "Ei Polícia, a Praia é uma delícia, Rastros de sentidos das conexões da Praia da Estação" defendida no programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG em 2013, pro-

5 - "estabelecer contatos, relacionarse, crear confianza y hacer tratos. necessitamos inovar, reinventar los espacios públicos, los pueblos y las ciudades para el siglo XXI" (MITCHELL, 2001, p. 9), tradução nossa.

duziu uma cartografia das controvérsias que tiveram lugar na Praia da Estação, preocupando-se em olhar para a lista de e-mails, o blog Praça Livre e a conta de twitter da Praia da Estação, nos primeiros anos da existência da experiência urbana. A terceira dissertação, intitulada “Praia da Estação: carnavalização e performatividade”, de Thalita Motta Mello, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes, da Escola de Belas Artes da UFMG, em 2014 e busca discutir “o corpo-em-festa coletivo como potência estética transformadora na paisagem urbana.” Todas as dissertações foram consultadas, bem como outros textos escritos a respeito da experiência da Praia da Estação, compondo as vozes que tomam lugar na produção de imaginários políticos que superam a realidade programada a que estamos condicionados (FRANCO, 2016; CUNHA, 2016). Albuquerque e Oliveira também são banhistas desde os primeiros tempos da experiência da Praia da Estação e com elas realizamos um dos exercícios de maior aprendizado na investigação, que foi lidar com os lugares que ocupo em cada uma das situações analisadas.

Importante salientar que Belo Horizonte é das primeiras cidades planejadas no Brasil tendo sido inaugurada em 1897, em um país no qual a escravidão havia sido abolida por lei em 1888. A República seria na sequência conquistada militarmente, em 1889, superando o reinado português e o império hereditário dele. Desde seu planejamento pela Comissão Construtora da Capital, as áreas públicas foram imaginadas para o traçado da cidade, mas ainda hoje os desentendimentos sobre os fundamentos destes espaços são postos à prova, fazendo-nos lembrar/pensar sobre como “cada época sonha a seguinte” (MICHELET apud BENJAMIN, 1985, p. 32).

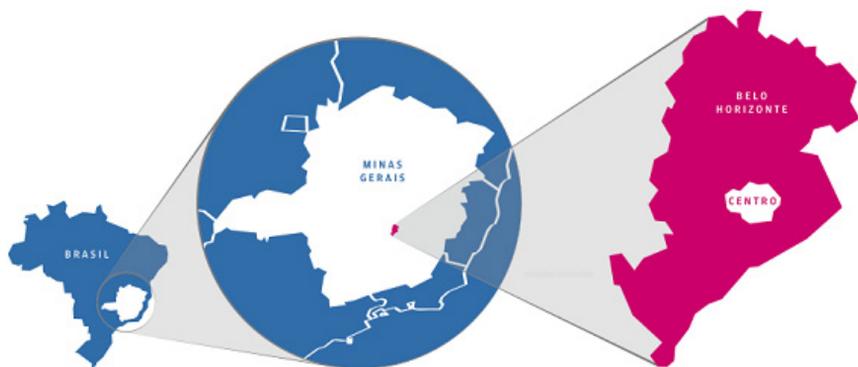
No espaço “entre” que qualifica a dimensão criativa da experiência da Praia da Estação, onde foram produzidas imagens e narrativas, mobilizando imaginários, é considerado um espaço limiar no qual a experiência urbana da Praia da Estação se fabula. Espaço limiar como no entendimento de Walter Benjamin que, diferentemente do

que significa uma fronteira, com limites definidos e ultrapassáveis, o limiar é uma zona de transição, de indeterminação e, em alguns sentidos, até mesmo de detenção.

[...] O limiar [*Schwelle*] deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira [*Grenze*]. O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwollen* (inchar, entumescer), e a etimologia não deve negligenciar estes significados. Por outro lado, é necessário determinar o contexto tectônico e cerimonial imediato que deu a palavra o seu significado. Morada do sonho (BENJAMIN, 2009, p. 535).

Ao fazer referência aos ritos de passagem, à prostituição, ao jogo, à infância, aos sonhos, às memórias, entre outras, Benjamin desenha o limiar como espaço de criação, fabulação, espaços-tempos flexíveis e em contíguos movimentos e atravessamentos, conformando 'experiências limiarias'. O limiar é entendido aqui como espaço de criação e fabulação. Entre mais de dois espaços, os urbanos, privados, públicos, atualizados em experiências e narrativas, online, off-line, entre os sentimentos, percepções, afetos e direitos dos cidadãos, temos essa experiência limiar da Praia da Estação, com todas suas potências, e que também pode dar a ver os obstáculos que impedem os que ali estão de sair, fugir, distanciar-se daquele lugar. Busco compreender se, como e quais transformações acontecem em relação aos imaginários políticos nestes espaços entre; compreender como a potência criativa mobilizada entre a vida na cidade e a vida no mundo digital tem inventado práticas, ações, rituais e tradições, no caso da experiência da Praia da Estação, enquanto território de luta política urbana.

Mapas de Belo Horizonte



CENTRO DE BELO HORIZONTE - MG

- 1 Praça da Estação (Praça Rui Barbosa)
- 2 Praça Raul Soares
- 3 Praça da Liberdade
- 4 Praça Tiradentes
- 5 Praça Diogo de Vasconcelos (Praça da Savassi)



Avenida do Contorno: o seu traçado designa a cidade originalmente planejada, construída pela comissão construtora da capital.

- 1 Praça da Estação (Praça Rui Barbosa)
- 2 Museu de Artes e Ofícios
- 3 Rua Arão Reis
- 4 Viaduto Santa Tereza
- 5 Praça Sete de Setembro
- 6 Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Outros imaginários políticos possíveis?

A investigação sobre a experiência urbana Praia da Estação buscou entender como os usos das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) pelos movimentos sociais urbanos contemporâneos, têm possibilitado superar a contenção do imaginário político (RIBEIRO, 2011, s/p) considerando tais usos, principalmente das mídias digitais, associadas às redes sociais na internet. As NTIC's, são as ferramentas que possibilitam produzir registros, monitoramentos em áreas públicas e privadas, além de diversas interações por meio de tecnologia de redes digitais. É preciso considerar a diferença entre as NTIC's e as novas mídias, já que as segundas agregam ainda tecnologias de redes sociais, digitais e de estratégias de comunicação. Para o professor Bernard Miège, da Universidade de Grenoble, as tecnologias da informação e comunicação fazem parte da construção do social, "mas isso não me parece ser sua função primária, longe disso; elas contribuem primeiramente à gestão das mediações em todos os campos sociais, sob o mesmo título que a mídia existente e as estratégias de comunicação das organizações" (MIÈGE, 2012, s/p)⁶.

Nesse sentido, investiguei, se e como, a partir dos usos destas tecnologias, e formulação das novas mídias digitais, houve a facilitação na transposição à zona de detenção⁷ do imaginário político existente logo antes da experiência urbana em questão. A problemática a respeito do aporte de descobertas científicas que apresentam tecnologias novas à realidade social e catalisam "revoluções procedimentais" (BENJAMIN, 2013 [1929], p. 125) nos modos de narrar; compõe o viés originário desta investigação, na busca das transformações

6 - Texto acessado em 12/05/2019 disponível no site http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4392&secao=390.

7 - O atendimento das zonas de detenção faz parte das questões problematizadas no atravessamento Liminalidades, do V Corpocidade – Gestos Urbanos, evento organizado pelo grupo Laboratório Urbano, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, em 2016.

nos modos de fabular e inventar imaginários políticos. Compreendo como imaginário político a multiplicidade de ideias que compõem os mundos simbólicos, afetivos e perceptivos, possibilitando nossas ações, práticas, sonhos e desejos, constituindo-nos enquanto seres criativos, capazes de produzir e viver experiências transformadoras.

Para tanto, remontei fragmentos de narrativas de algumas situações da experiência urbana Praia da Estação por meio de etnografia digital, a fim de compor uma análise crítica a respeito dos imaginários políticos. A Praia da Estação é uma ação contestatória da interdição municipal do espaço público da Praça da Estação, situada no centro de Belo Horizonte, que se iniciou em janeiro de 2010 e até setembro de 2017, continuava acontecendo, durante os sábados de verão, principalmente, sendo descontinuada todo ano no período de clima mais ameno.

Diante das diferentes oportunidades de mobilização, organização e comunicação que as NTIC's e as redes sociais propiciam na atualidade às coletividades sociais, considerei investigar quais imaginários políticos são inventados e mobilizados entre os espaços virtuais intrinsecamente relacionados às práticas e as experiências no espaço urbano da Praça da Estação. Busquei escrutinar a relação na experiência da Praia da Estação, que emergiu de uma ação motivadora divulgada na internet pelo "direito à cidade".

No livro "O direito à cidade", Henri Lefebvre (1968) constrói a noção do título e define a problemática organizada pelas desigualdades sociais no espaço urbano contemporâneo: "*o direito à cidade* (não à cidade arcaica mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o *uso* pleno e inteiro desses momentos e locais etc.)." (LEFEBVRE; 2001, p. 137). Ao debater a produção de conhecimento sobre esse campo, o autor atenta para a necessidade de "apreender as diferenças" (LEFEBVRE; 2001, p. 57), que ampliam a compreensão da capacidade de criação urbana. Para o autor,

Produzir neste sentido é criar; trazer para a luz do dia 'alguma coisa' que não existia antes da atividade produtora. Há muito tempo que o conhecimento hesita diante da criação. Ou esta parece irracional, espontaneidade que surge do desconhecido e daquilo que não é passível de ser conhecido. Ou então a criação é negada e se reduz àquilo que nasce, àquilo que preexistia. [...] O estudo dos fenômenos urbanos se liga à superação desses obstáculos e dilemas, à solução desses conflitos internos, à razão que conhece (LEFEBVRE; 2001, p. 57).

Segundo Lefebvre, a produção está neste lugar da criação, de inventar algo que ainda não existia, e que faz o conhecimento, hesitar em ir ao encontro destas novidades. Ao negar a criação ou considerá-la da ordem do irracional, o *locus* de produção de conhecimento, como a academia, perde a oportunidade de desvelar, segundo o autor, possibilidades de superar dilemas, obstáculos, conflitos.

No entanto, é preciso marcar que o objetivo não é superar as questões que emergem na cidade, mas sim, apreendê-las em sua dimensão dissensual (RANCIÈRE, 2012) e agonística (MOUFFE, 2013), para, então, compreender suas potências, demandas e transformações, superando – ou não – a contenção do imaginário político na cidade, ou seja, a limitação da criação de possibilidades diante de disputas urbanas, inclusive as de caráter culturais e simbólicas.

Logo, é preciso reconhecer a necessidade de ponderar o contexto, e também sob quais intenções foi escrito o texto "O direito à cidade", no que diz respeito à sua dimensão revolucionária (PURCELL, 2013), buscando outras maneiras de considerar as proposições lefebvrianas. O professor e pesquisador em desenvolvimento urbano e regional Mark Purcell atenta para os usos que tentam enquadrá-las como possível de se realizarem no sistema capitalista, desconsiderando sua essência revolucionária e a contrapelo deste sistema. Assim, por exemplo, o antropólogo James Holston, em um enquadramento atualizado da questão do direito à cidade como um direito à cidadania urbana, propõe uma relevante colocação que pode ampliar a potência destes desejos e lutas, em ações, sem se

apropriar indevidamente da problemática proposta por Lefebvre. O autor compreende que

[...] a urbanização do sul global nos últimos quinze anos transformou o enquadramento conceitual do direito à cidade, articulando-o como um direito de cidadania urbana, no qual a fundação primeira desse direito de cidadão é o pertencimento à cidade e não ao Estado-nação. Ao articularem o direito à cidade como um direito de cidadania, os residentes urbanos estão também inventando uma cidadania *urbana* distinta da nacional – e distinta, também, de uma noção planetária de humano. A formulação do direito à cidade como um direito de pertencimento urbano é, a meu ver, uma resposta mais atraente para alguns dos mais constrangedores problemas políticos e sociais do nosso tempo (HOLSTON, 2016, p.197).

Tomo a perspectiva do direito à cidade como um direito ao pertencimento urbano, a este tomar parte na relação estabelecida entre o espaço planejado e aos desejos, demandas e práticas, atuando politicamente e compondo assim também os imaginários políticos. Ao investigar a produção dos imaginários da Praia da Estação entre a praça e a internet, busco desvelar as criações que se realizam a partir de tais experiências coletivas urbanas, compreendendo, na prática, como se dá a fabulação do “pertencimento à cidade”. Para o autor, o “fazer a cidade acontecer é, simultaneamente, o contexto e o conteúdo de um sentido de pertencimento, no qual o fazer é entendido como a soma das atividades dos residentes” (HOLSTON, 2016, p.198).

Mas que tipo de atividades? O autor elenca as atividades que usam o espaço público com suas contestações aos governantes, como o simples estar nas áreas compartilhadas da cidade. Somamos que estar no espaço público é se dispor a ser ou não ser atendidos, diferente de ao realizar as reivindicações nos espaços institucionais ou ter voz influente politicamente capaz de articular a resolução do problema por outros meios. Para o antropólogo Manuel Delgado, a última opção listada costuma acontecer com certa regularidade neste

momento do sistema capitalista, direcionando as atividades que caracterizam o pertencimento à cidade apenas a alguns, conformando uma relação que se caracteriza como a que existe entre um prestador de serviço e um cliente. O autor, em “O espaço público como ideologia” (2011), atenta para essa relação fantasiosa do espaço público, em que o estado passa a tratar o cidadão como um freguês, como em um relacionamento com um banco, no qual os direitos e deveres das partes envolvidas visam, obviamente, o maior lucro possível da instituição financeira, sobre seus clientes, deixando de existir um espaço público e instituindo uma ideologia que busca tornar vendável tudo o que conseguir em relação aos espaços públicos urbanos.

“A sociedade democrática seria assim, de fato, uma amplificação universal da ideia matriz de sociedade anônima mercantil, cujos indivíduos participam em função não de sua identidade, mas no entanto, compartilham – em um sentido agora empresarial – interesses, ações, valores” (DELGADO, 2014, p.50).

Ao observar, desde a praça, as condições da vida cotidiana dos residentes de Belo Horizonte, que como quase todas as cidades hoje, ainda é “capitalista, comercial e industrial” (LEFEBVRE, 2001, p.59) e também pós-fordista (MOUFFE, 2013, p.20) nas quais alguns “soube [ram] se apoderar para gerir o conjunto da sociedade” (LEFEBVRE; 2001, p.59), busco desvelar imaginários que subvertem as lógicas e estratégias hegemônicas vigentes, mesmo que depois, possam vir a ser capturados pelas mesmas, em tentativas de reconfigurações do estado pré-existente. No texto, desenho uma travessia de reconhecimento de “brechas, fraturas e passagens” (RIBEIRO, 2009, p.28) na cidade capitalista atual e que se recria entre a Praça da Estação e as plataformas de mídia/rede social online, que “podem sustentar sociabilidades rebeldes e alimentar ações espontâneas, permitindo a descoberta de escapes das regras que conduzem, rotineiramente, a vida coletiva”. Neste primeiro capítulo, arriscamos digressões pelos referenciais teóricos que nos possibilitam analisar criticamente

os fragmentos de narrativas da experiência urbana Praia da Estação, compondo as noções que adotamos temporariamente sobre imaginário político, narrativas e imagens, essenciais para compreender a proposição de etnografia digital que apresentaremos, a seguir.

Sobre imaginários políticos

Compreendemos o imaginário como um conjunto, social e culturalmente partilhado, que compõem e estimula o mundo simbólico, afetivo e perceptivo e que nos constitui enquanto seres capazes de viver experiências transformadoras. Partimos da ideia de que ao recondicionar a experiência coletiva (RIBEIRO, 2013c, CASTORIADIS, 1982), os imaginários tomam lugar em complexos de pensamentos que conduzem e induzem práticas e interesses compartilhados. Para o professor de filosofia Jean Jacques Wunenburger, no texto que realiza em busca da genealogia do termo,

Podemos falar do imaginário de um indivíduo mas também de um povo, através de todas as obras e crenças. Fazem parte do imaginário, as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, as produções artísticas que inventam outras realidades (pintura não realista, romance, etc.), as ficções políticas, os estereótipos e pré-julgamentos sociais, etc. (WUNENBURGER, 2003, p. 5)⁸.

Para o autor, os imaginários se desenvolvem a partir das experiências humanas, crenças e ritos. O complexo de concepções que compõem os imaginários é produzido e atualizado nas relações sociais e nas práticas culturais em circulação nos contextos em que vivemos. Wunenburger entende que a palavra imaginário é de inscrição

8 - Tradução nossa de "On peut parler de l'imaginaire d'un individu mais aussi d'un peuple, à travers l'ensemble de ses oeuvres et croyances. Font partie de l'imaginaires les conceptions préscientifiques, la Science-fiction, leurs croyances religieuses, les productions artistiques qui invitent d'autres réalités (peinture non réaliste, roman, etc.) les fictions politiques, les stéréotypes et préjuges sociaux, etc." (WUNENBURGER, 2003, p. 05)

recente no vocabulário francês, tendo em alguma medida abrangido a dimensão da imaginação.

Diante do declínio de uma certa psicologia filosófica, (na metade do século XX) e sob a pressão das ciências humanas para o estudo das produções de imagem, de suas propriedades e seus efeitos, à saber o imaginário, suplantou progressivamente a questão clássica da imaginação. Dito de outro modo, o mundo das imagens retomou sua formação psicológica (WUNENBURGER, 2003, p. 06)⁹.

A partir do trabalho de Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Paul Ricoeur e Henry Corbin, Wunenburger produz um compilado das renaixões do entendimento sobre o tema, sendo a sua última afirmativa no texto, a definição de que é imprescindível investigar o valor simbólico e social dos imaginários produzidos mas também o uso que é feito deles, tornando política a formulação de uma ética ou uma sabedoria das imagens.

Para Wunenburger, os imaginários servem para dotar as pessoas de memória, fornecendo-lhes as narrativas que sintetizam e reconstroem o passado e justificam o presente (WUNENBURGER, 2003, p. 75). Sua genealogia do termo atenta para a demanda de Castoriadis em relação ao imaginário, que, em seu pensamento, "abandona o determinismo marxista, confia à imaginação a cura para excitar o desejo de transformação social e, portanto, vê na imaginação a primavera das construções coletivas" (WUNENBURGER, 2003, p. 79). Para Wunenburger, assim como para Ribeiro (2013c), que também faz referências ao texto de Castoriadis (ibid), o imaginário que integra as forças em disputa na cidade tem, na condição contemporânea da vida compartilhada nos espaços urbanos, os espaços públicos como arenas possíveis de situarem suas invenções e projeções para a cidade.

9 - Tradução nossa de "Avec le déclin d'une certaine psychologie (au milieu du XX^eme siècle) et sous la pression des sciences humaines l'étude des productions imaginées, de leurs propriétés et de leurs effets à savoir l'imaginaire, a progressivement supplanté la question classique de l'imagination. Autrement dit, le monde des images a pris le dessus sur leurs formation psychologique." (WUNENBURGER, 2003, p. 06)

No texto “Imaginação e MetrÓpole: as ofertas paradigmáticas sobre Rio de Janeiro e São Paulo”, Ribeiro começa definindo por imaginário político um ideário povoado por valores e anseios de se pensar os modos de estar junto, as relações sociais que se estabelecem em uma época e um lugar, “pensamento coletivo pleno de emoção e razão, e inscrito para além de qualquer esforço disciplinar isolado” (CASTORIADIS, *apud* RIBEIRO, 2013c, p. 70). Porém, os processos de urbanização das cidades brasileiras têm significado, a partir da década de 1970, processos voltados para a administração de culturas, buscando intervir incisivamente em bagagens culturais e memórias, desde as novas redes técnicas de comunicação, construindo vínculos fortes entre cultura e economia, como dão a ver as ações de marketing e promoção cultural, que as “espetacularizam” (BERENSTEIN, 2004), sendo compreendidas com um processo

que é um dos maiores responsáveis tanto pela negação dos conflitos e dissensos no espaço público contemporâneo quanto pelo empobrecimento das experiências corporais nestes espaços e, sobretudo, pela negação, eliminação ou ocultamento da vitalidade dos espaços mais populares das cidades, que buscam se tornar midiáticas e espetaculares (BERENSTEIN, 2009, s/p)¹⁰.

Acredito que o processo de espetacularização é uma consequência do processo de construção do imaginário junto à expansão da urbanização brasileira, tematizada por Ribeiro, quando aponta para a conformação de imagens-síntese das cidades São Paulo e Rio de Janeiro, sendo respectivamente “a cidade que não pode parar” e “a capital cultural maravilhosa”. Tais fixações destas imagens-síntese aconteceram depois do “uso insistente e múltiplo e, ainda, da centralidade detida pelas metrópoles citadas, na história do país” (RIBEIRO, 2013c, p. 70). Ribeiro observa que os usos estereotipados do imaginário social podem estar interessados em agendas de valorização desigual da alteridade e de controle da sociedade,

10 - “Notas sobre o espaço público e as imagens da cidade”, acessado em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>, em 12/05/19.

estratégias do capitalismo avançado sobre nossos cotidianos. Concordamos vivamente com a autora.

Entretanto, a elaboração de mitos, que selecionam parcelas da realidade social e recodificam a experiência coletiva, não implicaria numa completa submissão do imaginário, da imaginação, à formas de manipulação e controle. É esta postura de esperança, daqueles que recusariam categorias descritivas da realidade social contemporânea do tipo: sociedade de consumo ou sociedade de massas (Léfévre, 1984) (RIBEIRO, 2013c, p. 71).

Ribeiro dá a ver como a realidade cotidiana e suas dinâmicas podem ser muito mais do que o pensamento de dominação hegemônico, em sua tentativa de controle e agenciamento de imaginários, podendo dar a ver uma postura de esperança em relação às opressões sociais. Para Cornelius Castoriadis, em "A instituição Imaginária da Sociedade" (1975), que compreende todo pensamento como um "modo e uma forma de um fazer social-histórico" (CASTORIADIS; 1975, p. 13).

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de "alguma-coisa". Aquilo que denominamos "realidade" e "racionalidade" são seus produtos (CASTORIADIS; 1975, p. 13).

Castoriadis ainda explica que sua atuação teórica tem finalidade e projeto políticos, apontando que "Todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história" (CASTORIADIS; 1975, p. 13) Desse modo, em alguma medida, a contenção dos imaginários políticos seria uma violência ou auto-sabotagem que as coletividades e individualidades sofrem, desacreditando na sua capacidade de análise, crítica e transformação social.

Ao contextualizar o imaginário em outro texto, "Comunicação e metrópole: a questão da participação social", Ribeiro definiu que as redes de comunicação no Brasil, nos anos 1980, eram estrutura-

das massivamente pela ampliação da rede televisiva. Com 60% do pessoal em atividade do setor criativo das redes televisivas instaladas entre Rio de Janeiro e São Paulo, indicando uma concentração de criação de imaginários na região Sudeste. O controle de uma comunicação passiva, associada “aos processos de concentração de rendas e salários propiciada pela incorporação crescente da técnica na divisão social do trabalho” (RIBEIRO, 2013, p. 252) e um aumento do número de empresas vinculadas aos poderes dominantes da economia na época, resultavam em uma “realidade social conformada por identidades e raízes culturais violentadas e, por intensos fenômenos de exclusão e segregação sociais.” (RIBEIRO, 2013, p. 252). A imposição de imaginários deslocados dos cotidianos das populações, produzidos pelos centros de criação, ancorados entre Rio-São Paulo, definiam uma contenção, para além de econômico-financeira, mas também simbólico-afetiva.

As redes de comunicação conformam, desta maneira, elos econômicos e político-culturais da modernização controlada de extensas áreas do território do país; seguindo e articulando os arranjos espaciais conformadores dos mercados oriundos do intenso processo de urbanização das últimas décadas (RIBEIRO, 2013b, p. 252).

A autora ainda explicita, neste texto, que “a recepção das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação implica mudanças na sociabilidade urbana e nas práticas culturais” (RIBEIRO, 2013b, p. 254), alertando para a dimensão de substituição de um sistema de construção de valores e identidades sociais por processos rápidos de identificação social, ampliando os efeitos da modernização capitalista da vida coletiva: os efeitos da individualização dos interesses próprios acima dos interesses coletivos, estaria aí também sendo ampliada. Tal “obscurecimento da base ética da cultura do país” (RIBEIRO, 2013b, p. 257), mesmo com os processos de abertura política, não foi expressivamente transformado, ela afirma. É fato que a transição política ampliou a visibilidade pública de novas formas de organizações sociais

que reivindicam mudanças nos grandes centros metropolitanos, mas a autora atenta para a dimensão emergencial da busca da resolução de problemas. A pesquisadora demonstra que a falta de condição mínima para a participação política da maioria da população e a morosidade dos processos de luta política institucionalizada, fazem com que as pessoas busquem, em suas horas livres, abrigo emocional e afetivo nas igrejas pentecostais e associações recreativas, que propagandeiam que podem estabelecer um conforto imediato para os males vividos.

No final da década de 1980, quando escreve esse texto, Ribeiro conclui que tal “quadro social metropolitano” privilegia as escalas de realização dos interesses das forças econômicas dominantes, nos espaços urbanos metropolitanos, favorecidas por intervenções do Estado. O corporativismo urbano e estratégias defensivas desenvolvidas pelas elites tendem “à queda da sociabilidade urbana com decorrente perda de valores culturais” (RIBEIRO, 2013b, p. 258). Para a autora, naquele momento diante da abertura política brasileira e os espaços urbanos conformados como espaços de exclusão cultural e econômica, o desafio era encontrar outras formas de participação política para mudar a vida na cidade.

Voltando ao outro texto de Ribeiro, sobre as imagens-síntese de São Paulo e Rio de Janeiro, a autora conclui assinalando a importância da demanda de conhecimento de muitas outras maneiras de narrar as cidades, na transformação de tal situação de controle, por meio de um

[...] desvendamento mais rápido dos usos ideológicos, para fins políticos ou mercantis, da construção coletiva e histórica do imaginário urbano brasileiro. Quantos esforços, lutas e vivências ainda precisam ser resgatados e transformados em imagens – sínteses compartilhadas (RIBEIRO, 2013c, p. 83).

Acompanhando a perspectiva mobilizada neste subcapítulo acerca da composição dos imaginários urbanos brasileiros, indague-me sobre as habilidades políticas agenciadas e acessadas a partir da experiência da Praia da Estação – já transformada em imagens-sín-

teses – em seus fragmentos de narrativas encontrados/selecionados pela internet para virem a compor esse texto.

Sobre narrativa, imagem, imagens para além de

A compreensão de narrativa urbana neste trabalho é atravessada pela dimensão da escrita da cidade em Walter Benjamin, quando, em *Rua de Mão Única*, ele anuncia que os textos, ou melhor, “nuvens de letras-gafanhotos (...)” (BENJAMIN, 2000, p. 28), que antes se encontravam deitados nos livros, passariam agora a ocupar a posição ereta, distribuídos pelos muros e atrapalhando o contato com o sol “aos espíritos dos habitantes da metrópole”. Com esta imagem de pensamento, o autor contextualiza que, naqueles tempos, as letras que ocupavam as ruas europeias se referiam aos nomes dos estabelecimentos comerciais, indicações dos moradores das casas e de instituições públicas. Em seu texto “Cidade, cidadania e imaginário”, a historiadora Maria Stella Bresciani (1997) trata dos imaginários na cidade moderna costurando as ideias apresentadas por Benjamin, “é a própria experiência do cidadão, este ser urbano plural que constitui o imaginário” considerando a busca por representações, memórias e percepções seus elementos fundantes. As transformações da escrita da cidade, associadas às outras modificações do espaço público e aos seus contextos, proporcionam uma experiência diferenciada; o acréscimo da quantidade de informação e encontros, muitas vezes superficiais e rápidos, são também interrompidos pelos tempos acelerados da circulação dos espaços públicos. O que poderia ser um acúmulo de vivências, se torna um exagero de informações dispostas para serem consumidas.

Felix Guattari ([1992] 2012), no texto “O novo paradigma estético”, do livro “Caosmose”, ao discutir as transformações sobre a potência estética do sentir na atualidade, indica a importância que transformações tecnológicas podem causar nos agenciamentos de enunciação, modos de se fazer em comunicação,

E quando surgem mutações importantes em um deles – por exemplo a reproduzibilidade potencialmente ilimitada do texto e da imagem pela imprensa ou a potência de transferência cognitiva adquirida pelos algoritmos matemáticos no domínio das ciências... -, quando surgem mutações de tal porte em um deles, contaminam os outros domínios transversalmente(GUATTARI, 2002, p. 116.).

A contaminação, por Guattari, é uma possibilidade de afetação e desenvolvimento de reciprocidade que os avanços tecnológicos podem trazer em uma dimensão transversal. Mas importante lembrar das transformações que alguns desenvolvimentos técnicos ocasionaram também situações que podem parar retrocessos quando se instituem, como nos modos de lidar com a vida cotidiana dos cidadãos no início do século XIX. Simmel problematizou que as mudanças foram de tal maneira drásticas que as possibilidades de viver e narrar experiências foram se distanciando cada vez mais dos cotidianos dos mesmos. A vida em cidades pequenas e no campo, exigia muito menos atenção em relação à própria segurança e liberava um tempo maior para compartilhar, em encontros mais afetuosos e próximos, do que os possíveis nas cidades maiores. Simmel, no texto “A metrópole e a vida mental”, discorre sobre as mudanças que a grande cidade “extrai do homem” em relação à consciência que o espaço rural demandava.

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descon-tinuidade aguda contra na apreensão com uma

única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria (SIMMEL; 1976, p. 12).

Junto com os carros, os bondes, as ruas, as calçadas, a imensidão de pessoas a se entrecruzarem nas esquinas sem ao menos se conhecerem, a informação é mais um elemento condicional que passa a compor o imaginário da cidade moderna para o autor. Benjamin usa o termo informação para se referir à uma nova forma de comunicação que, com a ascensão da burguesia, floresceu, tendo a imprensa como um de seus “instrumentos mais importantes”. (BENJAMIN, 1996; p. 202). No texto “O narrador”, ele afirma, em 1936, que “o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre os acontecimentos próximos”, contextualizando a importância da “experiência que passa de pessoa a pessoa” (BENJAMIN, 1996; p. 198), que estava perdendo espaço para se desenvolver, nos novos contextos urbanos. As histórias, que eram narradas nas oficinas dos artesãos, enquanto o trabalho era realizado pelos ouvintes dos que vinham de longe, eram assimiladas “quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquira espontaneamente o dom de narrá-las” (BENJAMIN, 1996; p. 205). Para o autor, as narrativas são uma forma artesanal de comunicação, na qual os narradores têm sua vida mergulhada dentro do universo da história contada, produzindo vestígios, “presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata”. A comunicabilidade da experiência é reduzida “à medida que a arte de narrar se extinguiu”. (BENJAMIN, 1996, p. 207). Bresciani comenta que

A cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante como se vê na forma, nomeada (BRESCIANI; 1997, p. 13).

Agora no século XXI, é fato que a quantidade de estímulos urbanos e acelerações maquínicas catalisadas pela internet transformaram as condições de vida, as potências das experiências e, conseqüentemente, as possibilidades de se produzir e fazer circular as narrativas. Com os tempos fragmentados pelas acelerações, mídias digitais cada vez menores e uma comunicação que pode se desenvolver de outras maneiras, novos modos de processar cognitivamente os estímulos e afetos, vem sendo desenvolvidos.

A sobrecarga imposta aos neurônios dos habitantes das cidades e a proteção intelectual/racional ou o condicionamento dos comportamentos movidos por impressões fixadas no subconsciente são elementos que tiram sua força de memórias residuais reativadas sobre o que significa morar em cidades (BRESCIANI; 1997, p. 19).

O entendimento da potência das memórias residuais de que fala Bresciani, ao comentar Benjamin, possibilita uma articulação com a qualidade dos fragmentos das narrativas de experiências urbanas. Tal como restos da memória, os fragmentos de narrativas disponíveis na apreensão das NTIC's ou mesmo já na mediação das mídias e redes sociais digitais, ativam nossa percepção em relação às experiências vividas ou experimentadas por leituras e outras mediações culturais. Se, na modernidade, as cidades sofriam mudanças tecnológicas e enfrentavam dificuldades de se produzir narrativas, no início do século XX até o período da segunda guerra mundial, a incapacidade de criar aumentava com a condição de violência, como todas as tensões da ditadura e do fantasma da Guerra Fria. No Brasil, Ribeiro contextualiza uma semelhança em relação à falta de condições de fabulação na vida social urbana, no supracitado texto que discorre sobre as imagens-síntese de São Paulo e Rio de Janeiro.

O futuro da humanidade, encerrada nos espaços metropolitanos, ganha leituras indicativas de perdas sociais e culturais. Estas perdas se manifestariam, com especial força, em representações da incomunicabilidade entre grupos sociais e na

impossibilidade de controle, pela sociedade, dos efeitos perversos da ciência e da técnica. [...] No bojo deste processo, identidades sociais até então construídas com base em traços afirmativos começariam a ser atingidas, com mais facilidade, por representações de violência e de impossibilidade de um futuro efetivamente coletivo.

Aliás, a modernização sem projeto social e politicamente compartilhado e claro reforçaria esta possibilidade de espraiamento de um imaginário de perdas, dúvidas e, por vezes, terror (RIBEIRO; 2013c, p. 81-82).

O trecho atenta para a impossibilidade de comunicação localizada em um contexto social, no qual a disseminação de um imaginário político negativo se determina. Parece-nos que tal impossibilidade nas trocas e interações pode estar sendo potencializada atualmente, ao invés de solucionada, pelos usos das NTIC's, nas interações motivadas em relação aos espaços urbanos, por exemplo. Ao menos quando vislumbramos discursos de ódio tomando conta das práticas do senso comum, dando a ver cada vez menos aceitação da diversidade cultural co-presente nas ruas de qualquer cidade, implicando-nos na problemática.

Em *Teses sobre a História*, Benjamin (1996) escreve sobre a potência da emancipação que as narrativas da história são capazes de promover a partir da cisão com um único pensamento histórico oficial, o dos vencedores. Desenvolve, em 1940, o entendimento de que "o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história" (BENJAMIN, 1996, p. 223). Quanto mais fragmentos de narrativas urbanas existirem para compor as possibilidades de ampliação do imaginário político por meio da fabulação e produção de experiências insurgentes, melhores as condições de possibilidade para favorecer a transposição da produção do "terror inconsciente que malogre qualquer apelo à organização da resistência" (BENJAMIN, 2013, p. 70). O perigo da desistência dos grupos que resistem ainda é tangenciado por

outro risco ainda maior, também detectado pelo autor: “entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento” (BENJAMIN, 1996, p. 223). A opção sugerida para reverter esse triste fim seria “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1996, p. 223) sendo que a reminiscência seria uma imagem daquele momento de superação da apropriação das classes dominantes. O compartilhamento de mais narrativas sobre essas experiências fortaleceria a criação de ainda muitas outras experiências e suas imagens, compondo e atualizando imaginários.

Didi-Huberman, seguindo os passos de Benjamin, define que “o primeiro operador político de protesto, de crise, de crítica ou de emancipação, deve ser chamado **imagem**, no que diz respeito a algo que se revela capaz de **transpor o horizonte** das construções totalitárias (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 118). O autor ainda vai mais além, propondo que o sentido da reflexão de Benjamin “sobre o papel de imagens como modo de ‘organizar’ – isto é, também de desmontar, de analisar, de contestar – o próprio horizonte de nosso pessimismo fundamental” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 118) tem uma dimensão crítica produtiva. Ao desvelar os sentidos de qualquer imagem sobre a qual decida se debruçar, Didi-Huberman esmiúça cada detalhe que possa explodir em variadas possibilidades de sentidos, ampliando a compreensão sobre o contexto imaginado daquele tempo-instante, em que talvez tenha lampejado um vaga-lume.

[...] ainda que beirando o chão, ainda que emitindo uma luz bem fraca, ainda que se deslocando lentamente, não desenham os vaga-lumes rigorosamente falando, uma tal constelação? Afirmar isso a partir do minúsculo exemplo dos vaga-lumes é afirmar que em nosso *modo de imaginar* jaz fundamentalmente uma condição para nosso *modo de fazer política*. A imaginação é política, eis o que precisa ser levado em consideração (DIDI-HUBERMAN, 2011, [2009], p. 61).

Se a imaginação é política e é possível ter acesso às suas instâncias por meio inclusive do infinitesimal, do micro, de um lampejar de

pequenos insetos que incita o pensar sobre um coletivo de estrelas, as possibilidades da dimensão relacional dos desenvolvimentos de variados sentidos podem dar a ver impensáveis modos de fazer, fabular, ser, narrar.

Política, político

Para o filósofo Jacques Rancière, “a política é a prática que rompe a ordem da polícia que antevê as relações de poder na própria evidência dos dados sensíveis” (RANCIÈRE, 2012, p. 60): há uma ordem policial que nos governa e constrange, que privilegia uns numa relação de produção de danos a muitos outros. Como prática, a política, “ela o faz por meio de uma instância de enunciação coletiva que redesenha o espaço das coisas comuns” (RANCIÈRE, 2012, p. 60) uma habilidade que seria colocada em experimentação na coletividade. Para Rancière, a ordem policial frente à qual a política age desestabilizando-a, é uma “lógica dos corpos (que) tem seu lugar numa distribuição do comum e do privado, que é também uma distribuição do visível e do invisível, da palavra e do ruído” (Ibidem), do controle, regras e contratos da vida social. Seja na elaboração de pensamentos de mundo, seja na elaboração do espaço social, a ordem policial estabelece o *status quo*. E a política estaria relacionada a um evento, uma situação, uma tomada de posição que reclama um dano neste jogo social.

Para o filósofo, o mundo social é articulado entre duas ordens, a policial e a política. A ordem policial se refere aos sujeitos alocados em grupos nomeados por nascimento, lugar conquistado e interesses e tem suas funções, espaços ocupados e modos de ser articulados em um mundo visível. A ordem política é a que dá visibilidade a algum dano sofrido por sujeitos que não estão situados na contagem feita pela ordem policial. A comunicóloga e professora Ângela Marques, ao comentar a ideia de política para Rancière, explica que “a política é descrita como uma ruptura específica da lógica imposta pela ordem policial” (MARQUES, 2012, p. 1), mostrando que a ocorrência da po-

lítica é específica à perturbação da ordem da polícia. Tal perturbação acontece quando é apresentado e questionado um dano social de minorias/maioria por meio de ações comunicativas conflituosas.

Seguindo Rancière, há um comum saturado produzido pela ordem policial, que opera pela via dos consensos, adequação dos corpos, vozes, intenções e lugares. Esse tipo de comum não tem a capacidade de incorporar excessos ou partes que não estão integradas à sua ordem. Mas a (des)igualdade da ordem policial pode ser questionada a qualquer momento pelos que se dão conta de que não fazem parte da contagem que a ordem policial abrange, embora esta continue, ainda assim, regendo-os, e conseqüentemente, oprimindo-os. Acompanhando o pensamento de Rancière, ao instaurar um processo de encenação do dano político que sofrem, os sujeitos podem produzir uma cena de dissenso, na qual se interessam em conquistar esclarecimento e visibilidade do dano, o qual também sofrem juntos, na apresentação da igualdade e da naturalidade determinada pelo preconceito e injustiça. Rancière ainda destaca que essa cena de dissenso é dissolvida na ordem policial, após conquistada a visibilidade e a transposição do dano que certo grupo social sofria. A política existiria, assim, apenas como um lampejo, brilhando rápida e infimamente na ordem policial.

Para a professora de teoria política Chantal Mouffe, existem algumas reflexões sobre a política, o político, as questões políticas, que as diferenciam, mas têm a “dimensão antagônica como inerente à todas as sociedades humanas” (MOUFFE, 2014, p. 24)¹¹ e seus agenciamentos políticos. Na distinção que realiza, o político - *le politique* - designa uma dimensão do antagonismo, que pode se manifestar em diversas formas e em diversos tipos de relações sociais, e que não poderá jamais ser erradicado” (MOUFFE, 2014, p. 24), sendo que a política - *la politique* - “designa um conjunto de práticas, discursos e instituições que tentam estabelecer uma certa ordem e de organizar a coexistência humana em condições sempre potencialmente conflituais, já que las são afetadas pela dimensão do político” (MOUFFE, 2014,

11 - Tradução nossa de “la dimension antagonique inhérente à toutes les sociétés humaines” (MOUFFE, 2014, p. 24).

p. 24)¹². Assim, para Mouffe, a dimensão de antagonismo das relações humanas, definida como *político*, permeia “a política” e os modos de fazer *do político*, que são prenes de conflitos e processos agonísticos, bem como as questões políticas, que muitas vezes “exigem fazer uma escolha entre alternativas incompatíveis” (MOUFFE, 2014, p. 24)¹³.

A iminência dessa relação de luta dos termos relacionados ao *político* e à *política* para Mouffe aproxima-se da ideia de “desentendimento” e dissenso, imprescindível de se manifestar na ordem policial, para que irrompa uma ação política, para Rancière. Assim, no nosso entendimento, o dissenso e a luta estão associados ao político, às disputas de poder na sociedade e, conseqüentemente, à cidade. A ideia de imagem capaz de transbordar as narrativas hegemônicas, para Didi-Huberman, como o lampejo do vaga-lume diante da escuridão conservadora, também se aproxima da ideia de política como ação que irrompe a ordem policial para dar visibilidade a um dano que um sujeito social sofre. As disputas de poder passam a se dar também na produção simbólica de cidade, imaginando projetos e modos de fazer diferentes do que os instituídos no planejamento das cidades neoliberais.

Ribeiro ainda tem mais uma ideia do que se realiza enquanto ação política e que, ao nosso entender, já é uma maneira de ampliar o imaginário político: tomar a visibilidade ou dar espetáculo (RIBEIRO, 2010) é uma prática que, como possibilidade de criação de situações, experiências e narrativas, também poderia vir a se associar ao ideário de irrupção política e imagem lampejante. Para a professora, se um corpo, costumeiramente silenciado pelo cotidiano anônimo, toma fôlego e rouba a cena, antagonisticamente, para dar a ver sua singularidade e suas demandas em um momento social inesperado, seu “dar espetáculo” se manifestou e passou a compor aquela experiência.

12 - Tradução nossa de “designe l'ensemble de pratiques, discours, institutions qui tentent d'établir un certain ordre et d'organiser la coexistence humaine dans des conditions toujours potentiellement conflictuelles, puisqu'elles sont affectées par la dimension 'du politique'” (MOUFFE, 2014, p. 24).

13 - Tradução nossa de “qui exige de faire un choix entre des alternatives incompatibles (MOUFFE, 2014, p. 24).

Importante dizer que, para Guy Debord, em *A sociedade do espetáculo* a definição de espetáculo significa o conjunto de relações sociais mediadas pelas imagens técnicas, que, à época, eram principalmente as produzidas para a televisão. Para o autor, a disjunção das relações de produção de sentidos e de consumo de mercadorias, estaria, na dimensão do espetáculo, impossibilitada de acontecer.

Este livro é um claro desvio (*détournement*) de vários textos, principalmente de Marx e Hegel, e de alguns manifestos, como o comunista. A crítica ao espetáculo, que já estava presente nos números da IS, passa a ser um dos temas principais de Debord; esta crítica era na verdade um alerta incessante à alienação da sociedade gerada pelo fetichismo da mercadoria (JACQUES, 2003, p. 33).

Para Debord, todo espetáculo estava associado à dimensão do consumo do mundo capitalista neoliberal. Para Jacques, ao trabalhar com o conceito de espetáculo para os cenários urbanos da atualidade, percebe que se impõem nas cidades processos de espetacularização que ocultam dissensos, situações cotidianas, narrativas menores, produzindo uma pacificação dos espaços da cidade. Tal processo estaria articulado com a diminuição da participação cidadã bem como da experiência corporal das cidades nas práticas cotidianas urbanas, e pode ser identificado em diversos processos urbanos na atualidade.

Ao considerar o “dar espetáculo” como uma ação possível de ser realizada pelos corpos costumeiramente invisibilizados, Ribeiro possibilita ver a subversão tática da ação opressora de silenciamento de corpos e homogeneização das imagens a serem propagadas, a subversão da homogeneização dos dissensos: dar espetáculo, põe outras narrativas em circulação, sendo a voz e público dos que não têm vez. O “dar espetáculo”, para Ribeiro, pode ser definido como uma atualização da dimensão de produção criativa, conduzindo falas e gestos, manifestações de autonomia dos sujeitos sociais.

“Por esta razão, torna-se especialmente necessário valorizar o espetáculo criado pelo ‘estar junto’ e reconhecer o ‘dar espetáculo’

como possibilidade de reinvenção da experiência urbana” (RIBEIRO; 2010, p. 39). Assim, o dar espetáculo é considerado como uma maneira de colaborar com a manutenção, ampliação e irrupção de gestos políticos. Práticas de visibilidade e outras possibilidades agonísticas – e em engajamentos na produção de imaginários – têm se apresentado também nos usos combinados das redes de comunicação proporcionadas pela internet 2.0, e talvez possibilitem que

[...] a descoberta de novas formas de participação política que incorporem consequências culturais da exclusão social e que consigam enfrentar, com eficácia, o conjunto de interesses que moldou, e que busca controlar, a face contemporânea da vida metropolitana (RIBEIRO; 2013b [1989], p. 259).

Ou, como Ribeiro (2011) disse em entrevista, os grupos em luta poderão ter superado “a contenção do imaginário político” (s/p) se ampliarem os modos de pensar e os modos de fazer as contestações urbanas. Já sabemos que tal contenção é programada para desconsiderar as potências de transformação social que os cidadãos comuns têm e praticam, tacitamente, diante dos contextos que vivenciam em seu dia a dia.

A partir de todos os sentidos mobilizados até aqui, o imaginário político que nos interessa apreender para analisar criticamente é aquele que se constrói no irromper da “ordem policial”, que se compõe contra-hegemonicamente em relação ao poder instituído no espaço social, que, mesmo sendo criado a partir de apenas um lampejo, se produz no modo de fazer política e pode vir a ser motivo de criação de formas de produzir sociabilidades urbanas.

Etnografia, proposição em processo

Para olhar para a experiência de contestação urbana Praia da Estação e buscar responder à pergunta sobre a capacidade de superação da contenção do imaginário político contemporâneo a partir do uso das novas tecnologias de comunicação e informação e da internet,

busco fragmentos de narrativas – imagens/registros/relatos disponíveis em materialidades sensoriais e nas plataformas virtuais online. Intento compor uma análise crítica, ao desvelar nas relações tecidas entre as pessoas, as instituições e os espaços públicos de Belo Horizonte, quais foram os imaginários e projetos urbanos que ali apareceram e mobilizaram forças e engajamentos. Lancei mão da etnografia digital ao pesquisar os traços e restos, bem como fissuras nas interações, planos e práticas culturais ainda visíveis na internet, co-implicadas no espaço urbano. Investiguei se houveram e quais foram as transformações que ocasionaram os transbordamentos da contenção do imaginário político, ou seja, uma superação do que as pessoas pensavam que poderiam fazer pela cidade que querem, que queremos¹⁴.

Os modos de fazer que compõem a etnografia começaram a ser desenvolvidos como formas de apreensão das realidades socioculturais de povos originários, distantes das “metrópoles”, e seguramente diferentes das realidades cotidianas dos antropólogos nascidos nas grandes cidades europeias, os que inauguraram tal prática de investigação. A imersão nos cotidianos dos outros, a investigação que ao mesmo tempo aprende e apreende os modos de viver da cultura em questão, com a produção de relatos cotidianos nos cadernos de campo, anotando os estranhamentos e questionamentos dos modos de fazer diferentes em relação aos seus modos no mundo, vão compondo os passos iniciais para desenvolver uma etnografia.

No texto “Etnografia, como prática e experiência”, o professor Magnani começa a se indagar sobre a especificidade da etnografia com uma citação de Lévi-Strauss, que afirma que é apenas depois da experiência de campo que o antropólogo pode se formar, “antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontínuos que jamais

14 - Cidade que queremos é o nome da organização virtual e presencial, que se elegeu com uma proposta de gestão compartilhada Áurea Carolina, a vereadora mais votada da história da câmara municipal de Belo Horizonte, em 2016, pelo PSOL; em 2018, Áurea Carolina foi eleita como deputada federal plataforma Muitas, elegendo ainda Andréia de Jesus como deputada estadual em Minas, ambas mulheres negras. É um dos desdobramentos da Praia da Estação, em meio ao cotidiano da capital mineira. Consultar linha do tempo.

formarão um todo, e após o qual, somente, estes conhecimentos se "prenderão" num conjunto orgânico e adquirirão um sentido que lhes faltava anteriormente" (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 415-416), (LÉVI-STRAUSS apud MAGNANI). Adiante, o antropólogo compartilha uma definição da proposição.

[...] etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 415).

A etnografia se constitui enquanto forma de produção de conhecimento por meio das trocas entre os que pesquisam e os que estão cotidianamente implicados nos meandros culturais perscrutados. Para a professora Marisa Peirano, em seu texto "Etnografia não é método", realizar uma boa etnografia significa primeiramente "ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem" (PEIRANO, 2014, p. 9). Para tanto, as etnografias devem considerar a "comunicação no contexto da situação", traduzir o que foi vivo e intenso no campo para a linguagem escrita, "transformando experiência em texto" e conseguir de forma analítica detectar e descrever a "eficácia social das ações" em questão. Ela ainda atenta para o poder das palavras organizadas em um texto.

Ao contrário, palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida. Este talvez seja um dos

maiores desafios da etnografia – e não há receitas pré-estabelecidas de como fazê-lo (PEIRANO, 2014, p. 9).

Sem receitas, mas com o tempo como medida, a etnografia e os modos de inserção nas culturas dos muitos outros foram se desdobrando em diversas adaptações e recriações para que as investigações pudessem se constituir, realizar e contaminar, em contextos diferentes, ou mesmo compartilhados. Assim, surgiu a etnografia em contextos urbanos, em pesquisas da antropologia urbana (DELGADO, 1999; ARANTES, 2000; MONNET, 2007), antropologia da cidade (AGIER, 2015), da antropologia das transformações urbanas (BIASE, 2014), e recentemente a etnografia digital (HINE, 2003; PULHEZ, 2015; BELELLI, 2015). Desde o encontro com tal possibilidade de conhecimento, realizada entre o espaço material e o espaço virtual, zona de liminaridade imaginária, elegemos tal perspectiva ainda em construção, a da etnografia digital, para implicar nossa compreensão das transformações urbanas, buscando confrontar os dissensos, desvelar imaginários e práticas da experiência urbana e limiar da Praia da Estação.

Etnografia digital

Para a pesquisadora Christine Hine¹⁵, a etnografia pode ser utilizada na investigação sobre o ciberespaço, mas não deve ser dissociada do conhecimento presencial dos sujeitos que atuam nas situações (des)territorializadas. Além disso, não deve ser realizada sem conhecimento do campo em análise *in loco*. Hine diz que, com todas as ferramentas disponíveis como a ubiquidade do *wi-fi* e das potências de registro garantidas por *smartphones*, “tornou-se mais difícil justificar esses estudos on-line” (HINE; 2015, p. 169) sem a abordagem em corpo presente.

15 - Christine Hine é uma cientista inglesa que exerce atividades de ensino e pesquisa na Universidade de Surrey, Inglaterra. Adota uma abordagem fortemente interdisciplinar (vai da Biologia à Ciência da Informação e Comunicação), centrando-se em metodologias de pesquisa aplicadas aos ambientes online. No Brasil, é mais conhecida por seus livros *Virtual Ethnography* Sage, (2000) e *Virtual Methods* Berg, (2005).

No livro "Etnografia virtual" (HINE, 2003), a pesquisadora já afirmava tal necessidade nas investigações, bem como apontava para dois vieses da internet que poderiam ser abordados, considerando-a como artefato cultural ou como ambiente transformador das práticas culturais. Em ambos os casos, faz-se necessário um cuidado especial com os contextos que estão sendo abordados. "Mais do que transcender o tempo e o espaço, a Internet pode ser representada como uma instância de múltiplas ordens espaciais e temporais que cruzam uma e outra vez a fronteira entre o online e offline." (HINE; 2003, p. 21)¹⁶. Em nossa compreensão, essa fronteira entre o online e o off-line a qual a pesquisadora tematiza se conforma como uma zona de liminaridade¹⁷ onde as múltiplas ordens que aí se entrecruzam instigam o movimento de imaginários sobre a experiência urbana em questão, para a qual estamos lançando o olhar nesta tese.

Hine também aponta a necessidade de não superestimarmos as características e as qualidades da internet antes de nos debruçarmos sobre o material coletado e as análises possíveis de construir a partir delas. Na entrevista na qual trata de sua abordagem naturalista para as mídias sociais (HINE, 2012), a cientista afirma que sua pesquisa etnográfica pela internet poderia ser capturada por uma pergunta mais abrangente: o que as pessoas acreditam que estão fazendo quando usam a internet.

Pesquisa, visibilidade, contatos. Essa era a maneira como diversas entrevistas coletadas para a produção do "Mapa dos Graffitis¹⁸", pesquisa realizada em Belo Horizonte nos anos 2011-2013, começa-

16 - Tradução nossa de: "Más que transcender el tiempo y el espacio, Internet puede ser representada como una instancia de múltiples órdenes espaciales y temporales que cruzan una y otra vez la frontera entre lo online y lo offline." (HINE; 2003, p. 21).

17 - Durante o trabalho de articulação do Corpocidade 5, compreendemos a potência criativa deste espaço entre, da liminaridade. A ideia da zona de liminaridade, tratada por Benjamin, Turner e Arantes, se constitui como uma zona expandida entre uma realidade espacial-temporal e outra, podendo se caracterizar como uma zona de contato mas que também pode se determinar uma zona de detenção, e na qual tal indeterminação assegura criações e arranjos antes não imaginados.

18 - www.mapadosgraffitis.org, plataforma online apoiada pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, que consideramos uma tentativa de ação devolutiva para a cidade a partir da produção de nossa dissertação de mestrado. Último acesso em 10/05/19.

vam para responder sobre o uso que os artistas fazem da internet, a rede mundial de computadores (e similares) interligados. A pesquisa, a visibilidade e os contatos eram as principais justificativas no uso da internet para os artistas grafiteiros.

Na etnografia sobre as relações do parto humanizado mediado por ferramentas de mídias digitais de comunicação, Mariana Pulhez percebe que o lugar de pesquisa se transporta para dentro de casa. Da mesma forma, diversas das outras práticas de trabalho precisam apenas de um computador e uma conexão à internet, podendo ser realizadas de qualquer lugar.

Há um aspecto muito peculiar ao tipo de pesquisa que me propus a fazer: diferentemente de outros contextos de etnografia, para onde o pesquisador se desloca em busca de informações, no caso da Internet, por ser uma ferramenta que podemos acessar de casa, a qualquer hora do dia, muitas vezes era o contexto etnográfico que chegava até mim. Nesse sentido, se por um lado esse caráter “interminável” do trabalho de campo me colocou problemas no quesito “quando acaba uma pesquisa?”, por outro lado, foi o acesso às informações nas redes sociais antes do período “clássico” da dedicação à pesquisa (neste caso, o segundo ano do mestrado) que me permitiu perceber o quão fundamental era a temática do parto humanizado e suas intersecções com a temática feminista para compreender as práticas da maternidade ativa (PULHEZ, 2015, p. 6 e 7).

Mas essa diferente relação de pesquisa com os tempos da internet pode acabar conduzindo para, muitas vezes, uma coleta exagerada, talvez gerando mais dados do que o mínimo que poderia se considerar já desejável para se delimitar um corpus empírico. A efemeridade dos fragmentos de narrativas disponíveis também contribui para uma apreensão de instantes *internéticos*¹⁹ numerosos. Assim, consolida-se um banco de dados de referências imagéticas que amplia a possibilidade de remontar os tempos (DIDI-HUBERMAN, 2016) na etnografia das si-

19 - O termo se refere a algo relacionado à internet e é um neologismo que circula pela mídias digitais de comunicação.

tuações experienciadas em relação à cidade. Diante de um quebra-cabeças dos fragmentos de narrativas das situações vividas, vivenciadas e atualizadas, esse livro, escrito como tese, inicialmente, arrisca-se na escrita contaminada pelo campo perscrutado no online, buscando inserir-se entre a bibliografia de etnografias digitais já realizadas no Brasil.

Diferentemente de um campo marcado, situado, explorar etnograficamente as relações que se estabelecem nas redes requer, o acompanhamento dos fluxos que, embora parta do que acontece online, 'abre-se a possibilidade de se obter um entendimento reflexivo do que significa ser parte da internet' (HINE, 2010:10). As narrativas dessa pesquisa assumem a esfera online como um mundo de possibilidades antes inimagináveis (BELELI, 2015, p. 2).

Tal "entendimento reflexivo" torna-se uma atividade constante para a prática implicada na etnografia, refazendo conceitualmente percursos e embates filosóficos relacionados à representação, não representação e a possibilidade de não representar - entre a experiência vivida e a tradução da escrita da pesquisa. As possibilidades narrativas, no caso do trabalho de Beleli, dão a ver realidades impensadas antes que tais potências existissem e estivessem sendo usadas, como as reações corporais das entrevistadas em resposta ao som ou vibrar de seus smartphones. As novas mídias digitais, enquanto facilitadoras de acesso a outros mundos, também produzem materialidade e passam a fazer parte dos corpos de suas usuárias.

A atividade constante também implica o corpo dos pesquisadores, seja na disposição requerida para acessar a maior quantidade de fragmentos de narrativas apreensíveis na internet, seja ao se encontrar em campo com os grupos mobilizados nas redes sociais, seja ao restabelecer os percursos apreendidos nas idas a campo; a forma e conteúdo do corpo do pesquisador, neste exercício etnográfico digital, são essenciais à diferenciação do modo de se constituir a pesquisa em realização; gestos aparentemente insignificantes do corpo do pesquisador

podem vir a fazer muita diferença nos dados apreendidos e analisados. Em “How the world changed social media”, Daniel Miller²⁰ compreende que é preciso estar presente fisicamente nos campos de pesquisa para estudar e problematizar a apropriação das novas tecnologias de comunicação e informação. Desse modo, pode-se buscar a relação do uso das novas tecnologias associado ao dia a dia, à internet e às redes sociais. Um dos primeiros passos para o etnógrafo digital seria, então, saber a língua, conhecê-la de modo a poder se apropriar dela, para que a escuta possa perpassar o maior número de informações e experiências possíveis. Nos textos resultantes da pesquisa, investiga-se também, assim, os entrelaçamentos entre o cotidiano, as práticas e a vida dos informantes que passaram a integrar sua equipe de pesquisa, ao redor do mundo. As primeiras conclusões do grupo trazem o entendimento que os modos de viver e de se relacionar estão em transformação, conectados com os espaços nos quais os grupos pesquisados vivem.

[...] usamos comumente a plataforma como a unidade da nossa discussão, uma vez que em determinado momento as pessoas associam cada plataforma a determinados gêneros e públicos. Isso não implica, entretanto, um argumento para qualquer relação natural ou causal entre a infraestrutura daquela plataforma e a forma como uma população a utiliza. De fato, a maior parte deste curso trata das diferenças na forma como uma mesma plataforma é utilizada por diferentes populações, sugerindo que a variação deve se dar por razões culturais e não técnicas (<https://extend.ucl.ac.uk/mod/page/view.php?id=11655>)²¹.

20 - Professor do University College London's Anthropology Department, criou em 2009 o novo programa de Masters em Antropologia Digital. Desde 2012 está em um projeto de cinco anos, chamado “Social Networking and Social Sciences Research Project” para analisar o impacto global das mídias sociais. Ele coordena um European Research Council project Why We Post investigando o usos e consequências das mídias sociais. Em 2015, como uma das ações de divulgação da investigação desenvolveu um projeto de curso à distância (MOOC) - Why we post? – Porque postamos? O curso esteve disponível em oito línguas, entre elas o chinês, já que a China foi um dos ambientes explorados por duas equipes de pesquisa de campo.

21 - Curso online oferecido pela equipe de pesquisa do professor Daniel Miller, da Universidade College de Londres, UCL, assim que haviam findado essa primeira etapa de três anos de campo em oito países.

Nesse sentido, para o grupo de Miller, a compreensão do contexto urbano e cultural em que as plataformas são apropriadas é algo imprescindível para avaliar as possíveis consequências que os usos das mídias digitais e redes sociais instauram.

A depender dos contatos culturais realizados pelos usuários em seus perfis nas redes sociais digitais, as plataformas serão usadas diferentemente. O uso dos pesquisadores também altera as ênfases nas transformações a serem esmiuçadas. Para alguns autores, como o professor Eduardo Marques, os modos de apreender as relações sociais na rede estariam dispostos em três categorias. Primeiro na literatura metafórica/ensaística, tecendo uma abordagem abstrata dos usos e efeitos da internet. Depois, a “normativa” (MARQUES, 2007, p. 160), relacionada a um modo de apreensão que comprove as hipóteses do investigador, e, a terceira, a análise a partir da coleta de dados relacionais, que possibilita, por meio dos protocolos de procedimento de algumas plataformas de rede sociais, contabilizar alguns tipos de dados e informações cruzadas sobre esses passos que os perfis fornecem.

Entre o espaço urbano e a internet

William J. Mitchell²², em seu livro *e-topia*, diz que “o modelo urbano tradicional não pode coexistir com o ciberespaço” (2001) porque ele já está em modificação a partir do momento em que tais novas tecnologias entram em relação com a vivência cotidiana nas cidades. Entusiasta das possibilidades de conexão entre a internet e as redes urbanas, o autor do livro supracitado apresenta projetos imaginários que preparariam a cidade para uma nova experiência política que poderia vir a ser proporcionada

22 - Mitchell foi professor na Universidade da Califórnia, Harvard e depois no MIT, conhecido por encabeçar a integração da arquitetura e práticas de arte e design relacionadas com a computação e outras tecnologias, produzindo uma bibliografia extensa em que imaginava como seriam as transformações que as novidades tecnológicas causariam às cidades contemporâneas. Em 2003, passou a coordenar o Smart Cities Research, do MIT Medialab, onde diversas experiências em mobilidade e desenvolvimento sustentável foram ali desenvolvidas. <https://www.media.mit.edu/people/remembering-bill-mitchell>

pelas redes. Em uma leitura do texto, Mitchel sugere haver, hoje, condições de possibilidades para muitas pesquisas virem a se desenvolver nestes ambientes. Mas é sempre preciso lembrar dos apontamentos de Hine e Miller, no que diz respeito ao cuidado com a superestimação da transformação que as redes sociais podem acarretar nos movimentos sociais de resistência urbana, já que é apenas no conhecimento dos dados, fatos, ou melhor, narrativas que é possível analisar a potência crítica e revolucionária dos usos das novas tecnologias de informação e comunicação.

No texto "Informing, communicating and ICT's in contemporary anti-capitalist movements", de Steve Wright, a definição para movimento social de Mario Diani, acaba sendo a utilizada para dar início à análise crítica que vem na sequência. Para o sociólogo italiano, "um movimento social é uma rede de interações informais entre uma pluralidade de indivíduos, grupos e/ou organizações engajadas em conflitos culturais ou políticos, na base de identidade coletiva compartilhadas", (DIANI *apud* WRIGHT, 2003, p. 78). Para Wright, os movimentos sociais buscam alterar as relações de poder nas quais estão implicados, construindo primeiramente seu próprio sentido sobre eles mesmos e se possível tentando "comunicá-lo ao máximo para engendrar forças e engajamentos" deixando rastros possíveis de serem identificados nas redes sociais digitais.

Para o sociólogo Manuel Castells, em 1973, no livro "Lutas Urbanas e Poder Político", os movimentos urbanos ultrapassam um tema de investigação, mais uma força política que estava pelas cidades. Ele diz sobre os movimentos urbanos que

Nascem e desenvolvem-se nos factos de todos os dias, pondo novos problemas e lançando novos desafios, com um grito e vida e luta que cobre os mitos tecnocráticos da racionalidade urbana. Um grito que avisa com força que o poder urbano também está na rua (CASTELLS, 1976, p. 125).

Um grito que arriscava confrontar a ordem instituída. Depois de escrever a trilogia conhecida como Era da Informação, compos-

ta pelos livros *A sociedade em rede*, *O poder da identidade* e *Fim de milênio*, Manuel Castells, em *Redes de Indignação e esperança* (2015), traçou análises a partir da observação das redes sociais e de registros feitos por diversos pesquisadores, entre antropólogos, etnólogos, comunicólogos, sociólogos e historiadores, mostrando que os gritos que estavam nas ruas, agora também estavam tomando os ambientes digitais. A partir de miradas sob a Primavera Árabe, indignados na Espanha, Occupy Wall Street, Occupy Gezi na Turquia, movimento estudantil chileno e a denúncia da corrupção política no Brasil o autor afirma, em 2015, que

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais se constrói como espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço e o espaço urbano em uma interação incessante e constituindo tecnológica e culturalmente comunidades instantâneas e práticas transformadoras²³ (CASTELLS, 2015, p. 32).

Castells reúne as informações dos eventos que associam contestação e novas mídias, desde a revolução da Islândia, onde a mobilização via internet facilitou, inclusive, o processo de abertura para participação de todos no conselho provisório instaurado; retoma a imolação do jovem tunisiano Mohamed Bauazizi no contexto da ditadura e que transformou a realidade política daquele país, se espalhando com gravações que circularam pela internet e que afetaram outros jovens que também eram humilhados pelo governo. Na segunda edição do livro, em 2015, o autor chega nas Jornadas de Junho de 2013, em São Paulo, onde estava palestrando quando irrompem as ações. O autor constrói sua investigação buscando a potência da internet “como uma instância de conectividade contestatória” (MAINIERI; 2014, p. 195).

23 - Tradução nossa de “En nuestra sociedad, el espacio público de los movimientos sociales se construye como espacio híbrido entre las redes sociales de Internet y el espacio urbano ocupado: conectando el ciberespacio y el espacio urbano en una interacción incesante y constituyendo tecnológica y culturalmente comunidades instantáneas de prácticas transformadoras.” (CASTELLS; 2015, p. 32).

“Redes de Indignação e esperança” enfatiza que as redes sociais podem vir a ser a chave para o encontro de outros modos de se fazer política no mundo. Apesar de ser um dos primeiros livros que trouxe uma história do presente das lutas mais do que recentes, dados e conexões sobre as insurgências ao redor do mundo desde 2011, foi escrito ainda no calor dos acontecimentos e demanda uma pesquisa mais ampla sobre alguns casos²⁴ abordados.

Por isso, acreditamos que, ao coletar e observar os dados prioritariamente nos meios digitais, não devemos negligenciar o conhecimento dessa realidade em situações co-presenciais. Mainieri, em uma resenha sobre o livro de Castells, aponta uma carência no texto, em relação ao reconhecimento de uma “democracia manipulada”, bem como marca a demanda de se providenciar alguma instância de memória das redes sociais, sem a qual, muitas mobilizações deixarão de existir como luta e no auxílio de outras ações vindouras.

Mas e os outros movimentos?

Muitas reivindicações correm o risco de cair no esquecimento, de serem silenciadas pela mídia. As redes sociais necessitam de uma instância de memória que possa funcionar como contrapoder e baliza para as futuras ações contestatórias (MAINIERI; 2014, p. 198).

Em atenção a tal necessidade da instância de memória das redes sociais, busquei produzir este texto no tentar não extrapolar os limites das atualizações coletadas nos ambientes virtuais. A apreensão da cidade contemporânea pelos fragmentos de narrativa da experiência em questão se dará nos dados recolhidos nos ambientes virtuais, nas entrevistas realizadas por meio das ferramentas digitais de comunica-

24 - No capítulo 6 – “Los movimientos sociales en red: ¿una tendencia global?”, da segunda publicação em 2015, em espanhol, Castells ensaia um pensamento crítico sobre os acontecimentos do Parque Gezi na Turquia, dos movimentos de junho de 2013 no Brasil e da greve estudantil no Chile. Nestes textos, algumas conclusões precipitadas foram registradas sobre um modelo de desenvolvimento e denúncia da corrupção política, apontando um equívoco possível das etnografias digitais, aquelas que têm pouco ou que não tem o contato com a experiência não mediada dos fatos. Na tradução para o português já encontrada, toda essa parte do texto não foi publicada, o que demonstra que a tradução foi feita apenas da primeira edição, em 2012.

ção à distância, nos percursos virtuais em busca de outros vestígios e na experiência de ter vivenciado ativamente, primeiro como banhista e agora como pesquisadora, a experiência urbana da Praia da Estação.

Conformaremos por hora em sugerir que seria valioso manter certo ceticismo diante da ideia de que a tecnologia tem qualidades inerentes e, em relação ao estudo etnográfico da Internet, cuidarmos especialmente daquelas qualidades que terminam por assumir que esta possui uma capacidade de transformação social” (HINE; 2003, p. 17)²⁵.

Ao tratar os fragmentos de narrativas, intentaremos conhecer como as práticas e os imaginários foram sendo produzidas nos contágios e contaminações entre o espaço urbano e a internet. Lançamos o olhar para os encontros que acontecem na cidade e todas as maneiras de narrar e comunicar que são imbricadas e pudermos ter acesso. Busco construir um espaço “inter” (CANCLINI; 2005, p. 31), que, segundo o antropólogo, é decisivo, já que as “teorias comunicacionais nos lembram que a conexão e a desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos” (CANCLINI; 2005, p. 31). Nessa liminaridade entre as conectividades off-line e virtuais, acreditamos que encontraremos pistas para a indagação sobre o uso da internet e novas tecnologias de informação e comunicação na superação da contenção do imaginário político, por meio da experiência da Praia da Estação. Neste espaço inter, entre, apreendemos diversas narrativas trans-midiáticas, isto é, fragmentos de narrativa que se inscrevem ao relacionar-se entre os diversos suportes comunicacionais possíveis (SANTAELLA, 2003; JENKINS, 2008), compondo sentidos nestes diversificados lugares.

25 - Tradução nossa de “Nos conformaremos por ahora con sugerir que sería valioso mantener cierto escepticismo frente a la idea de que la tecnología tiene cualidades inherentes y, en relación con el estudio etnográfico de Internet, cuidarnos especialmente de aquellas cualidades que terminan por asumir que esta posee cierta capacidad de transformación social” (HINE; 2003, p.17).

Temporalidades (des)programadas

Mas é preciso atentar para a realidade virtual e sua efemeridade que se estabelece ora pela extinção de espaços antes existentes, como pela (re)programação de algoritmos que buscam alcançar cada vez mais lucros. Os algoritmos são programações que possibilitam alterar a nossa fruição dos dados disponíveis nas redes sociais (SALAS, 2015) – como o que o Facebook tem feito atualmente – modificando o contato com os fragmentos de narrativas nele postadas. É o que podemos notar por todas as mudanças nos algoritmos que, ao serem atualizados, transformam as possibilidades de usos das redes sociais, como no Facebook. Nesta plataforma de redes sociais, uma das últimas novidades é a do anúncio da temporalidade das postagens feitas há um, dois, x anos, que pauta as lembranças eleitas e os eventos que poderiam ser esquecidos, já que a programação desaparece com os registros compartilhados. Apenas se estiverem programados, na relação do seu uso com o programa de algoritmos em execução naquele tempo presente, serão lembrados. A plataforma simplesmente define como operar o que você poderá vir a se lembrar. A aceleração da vida nos espaços urbanos mais a supra-aceleração das redes digitais transformam as vivências e experiências nos encontros destas outras temporalidades, que passam a fazer parte das narrativas e de sua condição fragmentária de existência simbólica na atualidade.

Dessa maneira, esta etnografia nos ambientes digitais, acaba por também se assemelhar a uma investigação quase arqueológica, em busca dos fragmentos de narrativas que ainda estão disponíveis nos meandros da internet, já que alguns conteúdos não estão mais acessíveis, ou estão em excertos, espalhados pelos mais diversos endereços virtuais. Acreditamos que a arqueologia urbana, como situa a professora Alessia de Biase²⁶, é mais uma aproximação entre campos

26 - Alessia de Biase é arquiteta e antropóloga, investigadora das questões do tempo na cidade, responsável científica do Laboratório de Arquitetura/Antropologia (LAA) – ENSA Paris-La Villette, no qual cumprimos o doutorado sanduiche do PDSE/CAPES, sendo ela nossa tutora. Professora na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris La Villette.

de produção de conhecimento que amplia as possibilidades de dados a serem analisados sobre uma realidade temporal não presencial.

Caminhar com um arqueólogo é uma experiência fantástica de ignorância visual e de articulação do detalhe com a grande escala espacial e temporal: tentar ver qualquer coisa lá onde não há para mim "nada" e recompor as histórias e os espaços através dos restos. O arqueólogo recompõe um mundo ao pesquisar as ligações temporais e espaciais em um contexto anacrônico (a terra, o solo como contendo o tempo que se esvai). Nós sabemos muito bem que os 'restos' são já as pedras e os detritos temporalmente e espacialmente situados: se dizemos 'resto', nos referimos à tudo que é preciso reconstruir" (OLIVER, 2008), (BIASE, 2014, p. 54)²⁷.

No caso da pesquisa realizada em ambientes digitais, os restos podem ser links que deixaram de existir e que, por vezes, podem ser visualizados sem seu conteúdo, ou às vezes não são visualizados, caindo na página de erro da raiz, ou caindo dentro de um outro site que controla ou controlou o domínio da página originária por algum tempo.

Rastros, restos, links que ainda compõem, mesmo que com um espaço vazio, as postagens nos blogs ou os conteúdos dos e-mails, bem como os links curtos do Twitter, já dando a ver, ao menos, uma rede de acesso daquela postagem, naquele tempo; uma parte da rede, a relacionada à articulação, poderá ao menos, ser visualizada via esse rastro da rede social. O Twitter é uma plataforma de micro-postagens: o limite do texto a ser publicado é de 140 caracteres por post. O Twitter foi desenvolvido inicialmente por um movimento social americano, que "durante as manifestações contra a convenção

27 - Tradução nossa de "Marcher avec un archéologue est une expérience fantastique d'ignorance visuelle et d'articulation du détail avec la grande échelle spatiale et temporelle: tenter de voir quelque chose là où il n'y a pour moi "rien" et recomposer des histoires et des espaces à travers des restes. L'archéologue recompose un monde en recherchant des liens temporels et spatiaux dans un contexte anachronique (la terre, le sol comme conteneur du temps enfui). Nous savons très bien que les 'restes' sont déjà des cailloux ou des débris temporellement et spatialement situés: si l'on dit 'reste', on se réfère à un tout qu'il faut reconstruire (OLIVIER, 2008)" (BIASE, 2015, p. 54).

nacional do Partido Republicano de 2004” (COMITÊ INVISÍVEL²⁸, 2015, p. 121), monitoraram as ações da polícia e das ações em curso, em tempo real, entre cerca de cinco mil pessoas. Eles definem “O novo modelo para este século se apoia na co-criação e na colaboração” (COMITÊ INVISÍVEL, 2015, p. 121).

Às vezes comentários ou discussões inteiras fazem com que possamos imaginar minimamente as ligações temporais e espaciais das situações da Praia da Estação, outras vezes, podemos apenas indicar que naquela etapa do percurso virtual nos encontramos com um beco escuro e sem saída.

De todo modo, acreditamos que, no texto, como resultado de uma etnografia digital em uma pesquisa sobre situações que já ocorreram, possibilitará o acompanhamento das postagens, captura das telas, análise das situações virtuais, campo na Praia da Estação e entrevistas presenciais ou mediadas pelas redes sociais em mídias digitais, bem como traduzir para a linguagem acadêmica, sobre a potência (ou não) narrativa do uso das novas tecnologias de informação e comunicação associadas à internet, que revelam também muitas outras experiências urbanas.

28 - No livro “Aos nossos amigos, Crise e Insurreição”, o Comitê invisível se identifica com um texto em formato paisagem nas duas últimas páginas do mesmo, impressas em branco em um papel preto: “Nós gostaríamos de ter sido breves. De ter deixado de lado as genealogias, as etimologias, as citações. Que um poema ou uma canção bastassem. Gostaríamos que fosse suficiente escrever “revolução” em uma parede para que as ruas incendiassem. Mas era preciso desfazer o emaranhado do presente e, em cada lugar, acertar as contas com as mentiras milenares. Era preciso tentar digerir sete anos de convulsões históricas. E de decifrar um mundo onde a confusão floresceu num tronco de equívocos. Nós nos dedicamos a escrever com a esperança de que outros se dediquem a ler. Escrever é uma vaidade, a não ser que seja para amigos. Inclusive para amigos que ainda não conhecemos. Nos próximos anos, nós estaremos onde quer que isto queime. Em épocas tranquilas, não é tão difícil de nos encontrar. Nós vamos continuar a tarefa de esclarecimento aqui iniciada. Haverá datas e locais para unir forças contra alvos lógicos. Haverá datas e locais para reencontros e debates. Não sabemos se a insurreição terá ares de assalto heroico ou se será uma crise de choro planetária – um acesso brutal de sensibilidade após décadas de anestesia, de miséria, de estupidez. Nada nos garante que não vão preferir a opção fascista à revolução. Nós faremos o que tivermos que fazer. Pensar, atacar, construir – é essa a nossa linha de frente fabulosa. Esse texto é o início de um plano. Nos vemos em breve. Comitê invisível, outubro de 2014.

A tradução que procede à etnografia digital remonta aos fragmentos de narrativa da experiência da Praia da Estação. Esses fragmentos serão fixados no texto com capturas de tela de navegação, juntamente com todas as outras fontes de dados que tivermos acesso sobre aquela situação; capturas de tela que estão interessadas em dar a ver a dimensão política, no sentido de produção e ação, do imaginário.

A tradução etnográfica pode ser compreendida como também “uma questão de experiência. Traduzir é uma experiência muito forte de como transformar o outro no nosso.” (BIASE, 2014, p. 18). Biase, ao recorrer ao percurso etimológico da palavra na antiguidade ocidental, revela que tanto para o latim, quanto para o grego, não se traduz, mas se narra” (Idem, p. 23). Por exemplo, quando a “Odisseia foi traduzida em Roma (...) Odisseu virou Ulisses” (Idem), a necessidade da tradução fiel, verdadeira é um processo cultural que vivemos com a necessidade de tradução da palavra de Deus, ou seja, a *Bíblia*. A preocupação da tradução na Roma e Grécia antigas era a de que o texto alcançasse outros ouvintes, interessados nas histórias que vinham de longe, mas que poderiam fazer parte do cotidiano dos de perto, se assim fossem recontadas. *Interpres* é como é chamado o tradutor em latim, junção das palavras *inter*, entre as coisas e *pres* é preço, que veio do grego *pernemi*, vender, traficar, sendo então o significado da palavra alguém que está entre os preços, alguém que “tem que veicular o valor do original no novo texto. Ele tem que compreender de maneira muito fina, o significado do texto original” (Idem, p.24). Compactuo com Biase que a “tradução mostra como os dispositivos podem ser coisas que todos podem compartilhar, não só no mundo acadêmico, mas como essas ferramentas podem ser dispositivos para a própria cidade.” (Idem, 26). Entre a praça e a internet, entre a experiência e os fragmentos de narrativas, entre o texto original e o novo texto, entre o passado, o futuro, o presente, busco nessa tradução etnográfica digital o que foi produzido entre outros, novos, imaginários políticos e política.

Sobre situações

Considerando que o trabalho é realizado com situações que aconteceram entre oito anos (de 2009 a 2017) e que a maioria delas teve alguns registros compartilhados em plataformas de armazenamento de mídia digital e rede social, é preciso definir de quais situações estamos falando, para saber a qual material interessa o acesso para a investigação. Durante o período do doutorado sanduíche²⁹, no Laboratoire Anthropologie/Architecture - École Nationale Supérieure d'Architecture - LAA/ENSA Paris La Villette, ao compreender o modo de apreensão da realidade urbana realizada pelos integrantes do grupo de pesquisa, aproximamo-nos da compreensão de situação a partir da antropologia. No texto "The Kalela dance", escrito em 1956, do antropólogo James Clyde Mitchell, encontra-se a compreensão de situação como um recorte observável e que acaba produzindo a escolha entre o que pesquisar diante de tantas camadas de significação social que foram construídas ao longo do tempo cultural etnográfico. A situação é, para mim, esse excerto performático como é um verso em um poema ou um parágrafo em um texto, que nos coloca em relação com uma parte ínfima de tudo o que foi vivido, e plena de ser parte do todo, para além das experiências narráveis e rememoradas. Michel Agier e Stéphane Nahrat, ao comentar o texto em uma breve apresentação antes da tradução que realizaram para o francês, acrescentaram que "a aproximação situacional permite uma concepção de cultura que rompe com a imobilidade das análises estruturais."³⁰ (MITCHELL, 1996, p. 2) já que a cada situação há elementos culturais que se dão a ver ou se invisibilizam.

29 - Permaneci no LAA/ENSA Paris La Villette de janeiro a dezembro de 2015, tendo como tutora a Profa. Alessia de Biase, em cumprimento à bolsa do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior – Centro de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (PDSE-CAPES).

30 - "L'approche situationnelle débouche ainsi sur une conception de la culture qui rompt avec l'immobilisme des analyses structurales" (MITCHELL, 1996, p. 2).

Ao compreender os elementos culturais em circulação na dimensão das lutas urbanas relacionadas às questões de terra em solo urbano no Brasil, Holston chega no entendimento de que a cidadania brasileira tem como característica a manutenção “de seu regime de privilégios e desigualdades legitimadas” (HOLSTON, 2013, p. 22). O autor entende a cidadania como “uma relação entre o estado e a sociedade” (HOLSTON, 2013, p. 34) e investiga os processos para compreender a motivação e a redução dos movimentos sociais, questionando as experiências e problematizando-as no sentido de “interpretar tanto sua perpetuação como sua transformação enquanto experiência” (p. 35). Holston constata também que é no espaço público que aqueles que vivem e moram nas cidades podem exercer a sua cidadania em uma dimensão de “regulação mútua, sem vigilância explícita”.

Em sua pesquisa, que originou o livro *Cidadania Insurgente*, Holston (2013) designa que às vezes uma indignação “causada por um abuso de poder ou sua falta de responsabilidade (do estado) é uma centelha.” (p. 43). Considerando o espaço público, o abuso de poder e irresponsabilidade, Holston põe em evidência que a “experiência da cidade (que) é, crucial para a insurgência de uma nova formulação de cidadania” (p. 48). Relevante ainda anotar que a palavra insurgência sugere uma formulação ética para o investigador.

“A insurgência define um processo que é na contra-mão, uma contra-política, que desestabiliza o presente e o torna frágil, desfamiliarizando a coerência, com que geralmente se apresenta. Insurgência não é uma imposição de cima para a baixo com um futuro já orquestrado. Ela borbulha do passado onde as circunstâncias presentes parecem propícias de uma irrupção” (HOLSTON, 2013, p. 62).

Acompanhando o pensamento de Holston, a situação em suas circunstâncias é que possibilita as transformações e superações em relação ao Estado, muitas vezes, opressor. Em outras situações, é a própria sociedade que reforça e atualiza a opressão instituída pelo

Estado, como ao invés de superar as relações desiguais do trabalho, como a jornada dupla ou tripla para as mulheres, que se estabelece ainda ao chegar em casa, e é remediada por uma “lei” que garante às mulheres, aposentadoria cinco anos antes do que a dos homens. Evans-Pritchard dizia que a situação é definida pelos sentidos que engaja em seus atores (*apud* HOLSTON, 2013).

A Praia da Estação já completou nove anos de realização, de diversos usos do espaço da praça e de diferentes plataformas da internet, por muitos sujeitos, personagens, anônimos e pseudônimos; posso dizê-lo a partir da participação como ativista, acompanhante dos fragmentos das narrativas pelas plataformas sociais e a experiência de campo realizada na primeira Praia do ano de 2016 e no Carnaval de 2016, que não constam neste livro enquanto montagem. Dessa maneira, são ao menos três diferenciações do lugar que ocupei e do qual apreendi a experiência urbana que compõem a etnografia digital e que se entrelaçam na costura da tradução da Praia da Estação.

As costuras da linha do tempo

A demanda de produzir uma “linha do tempo” na qual estivessem apontadas todas as situações que considerávamos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, facilitou a definição da escolha das situações analisadas. Tal modo de operação está diretamente relacionado com a pesquisa “Cronologia do Pensamento Urbanístico”, desenvolvida pelo Laboratório Urbano – PPGAU-UFBA. Para fazer compreender como se davam os encadeamentos e atravessamentos da experiência urbana da praia mineira, produzimos primeiramente uma linha do tempo elencando as situações de transformação da experiência limiar, as cerca de cinquenta situações que imaginamos essenciais. Produzimos, na sequência, mais três linhas do tempo que percebo se articularem intrinsecamente com as situações e transformações da linha do tempo base. Na segunda linha do tempo,

estão anotadas as datas de alguns fatos políticos de Belo Horizonte. Na terceira linha do tempo, encontramos as transformações do espaço urbano da Praça da Estação, desde seus primórdios. E a quarta linha do tempo traz anotadas algumas datas importantes em relação ao desenvolvimento tecnológico da internet. Realizei que na linha base estavam as situações que seriam acessadas ao realizar a análise das onze situações elencadas na tese, já que o trabalho precisava de um limite ao falar desse espaço-tempo limiar; aqui apresentamos nove situações.

Por conta de nosso envolvimento com a experiência de três modos marcadamente diferentes – como ativista, como apreciadora dos fragmentos na internet e como pesquisadora – escolhemos trabalhar com a organização das situações de modo cronológico, resultando em capítulos que apresentam fragmentos de narrativas que dão a ver a estruturação da praia, sua ampliação e uma mudança no fazer a Praia acontecer. As situações escolhidas costumam ter um fragmento de narrativa de caráter inflexivo em relação ao nosso entendimento da Praia da Estação enquanto experiência liminar. Assim, no capítulo 2, “Deita no Cimento”, as situações se relacionam aos marcantes acontecimentos iniciais de ocupação do espaço público em concomitância com os espaços articulados pela internet, experimentando tudo o que estivesse à disposição: blog, anonimato, lista de e-mails, blog compartilhado, Flickr, Youtubes, hashtags, Twitter e entre outros, a exigência de todas as decisões serem tomadas em corpo presente, na Praia da Estação. O capítulo seguinte, “Curtiu?”, mostra a filiação da Praia da Estação à festa, em diversas ocasiões culturais, resultando em movimentos anuais de repetições, tradições e rituais, como o Carnaval, a Praia da Iemanjá e a primeira Praia do Ano, aniversário da Praia da Estação.³¹ O capítulo “Entre situações” busca relacionar a Praia da Estação aos movimentos que tomaram a rua em 2013. O ca-

31 - Enquanto inseri este adendo sugerido pela banca de arguição da defesa, acontecia em Belo Horizonte a primeira Praia do Ano de 2018, Praia da Estação Vai Malandra! 13/01/2018.

pítulo cinco, "Cinco anos depois", dá a ver a ampliação e transformação da Praia da Estação, com outras redes de mobilização articuladas, resultando situações de milhares de pessoas aproveitando o espaço público numa tarde de verão, em uma dimensão de produção de narrativas mais do que efêmeras nas redes sociais em vigência.

A apreensão da cidade contemporânea pelos fragmentos de narrativa da Praia da Estação se dá nos dados recolhidos nos ambientes virtuais, nas entrevistas realizadas por meio das ferramentas digitais de comunicação à distância, nas navegações online em busca de outros vestígios e nas experiências vividas. Os dados recolhidos nos ambientes virtuais vão se diferenciar de acordo com as condições de possibilidades de compartilhamento da plataforma de rede social utilizada. Nas plataformas dos blogs, as buscas foram realizadas por meio de palavras-chave e por hashtags. Também busquei por datas. As entrevistas utilizadas aconteceram ou por telefone, ou por Skype, por Whatsapp ou por Telegram, sendo que nestas duas últimas plataformas as perguntas eram escritas em texto, mas as respostas vinham em gravações de voz. Todas as entrevistas e imagens tem autorizações para sua divulgação.

As navegações online buscaram qualquer dado possível de ser acessado acerca das situações eleitas para virem a ser analisadas. A última forma de trazer os dados para pesquisa é a nossa própria experiência trazida no corpo e que vez ou outra favoreceu também o acesso dos dados por meio do trânsito facilitado pelas bolhas algorítmicas das quais faço parte. A escrita do texto se deu primeiramente no âmbito dos cadernos de campo sendo que posteriormente trabalhamos na escrita dos capítulos, que estão aqui editados, mas não menos densos. Os informantes são identificados apenas por duas letras, de modo a singularizar as práticas sem personalizá-las. Os textos que fazem parte do material recolhido nos cadernos de campo serão grafados em fonte Calibri, fonte sem serifa, para diferenciar-se das citações.

Linha do Tempo

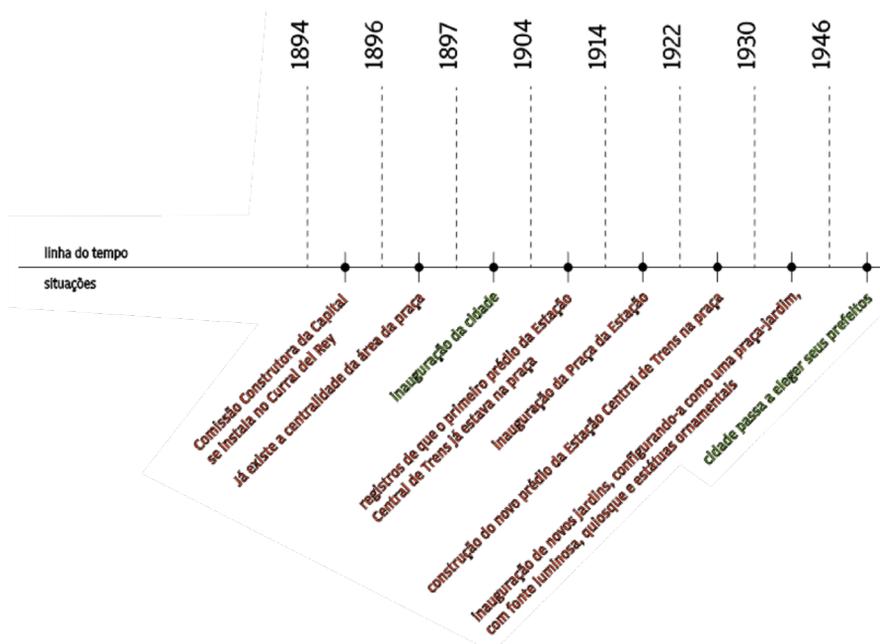
situações acessadas

situações analisadas

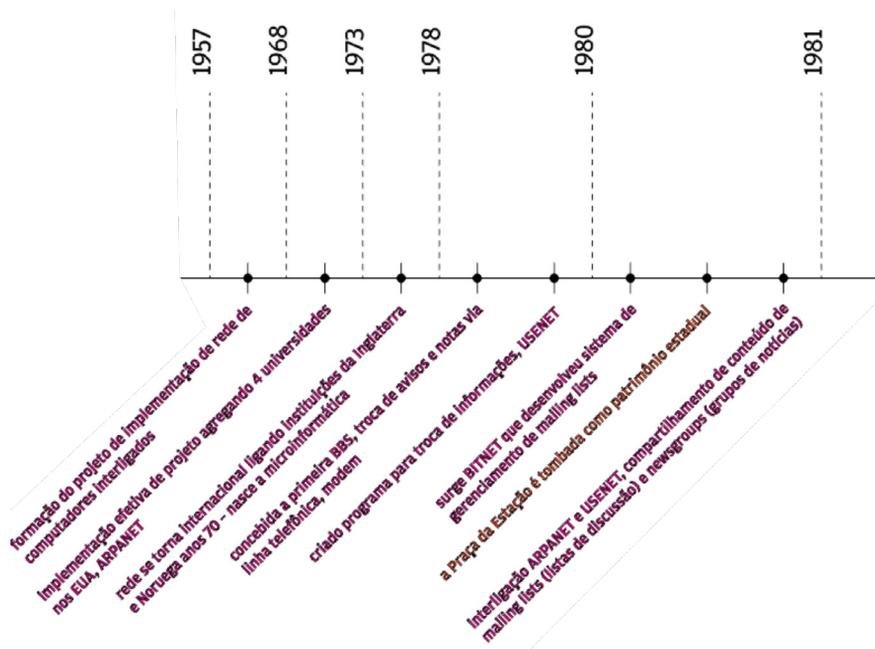
fatos políticos Belo Horizonte

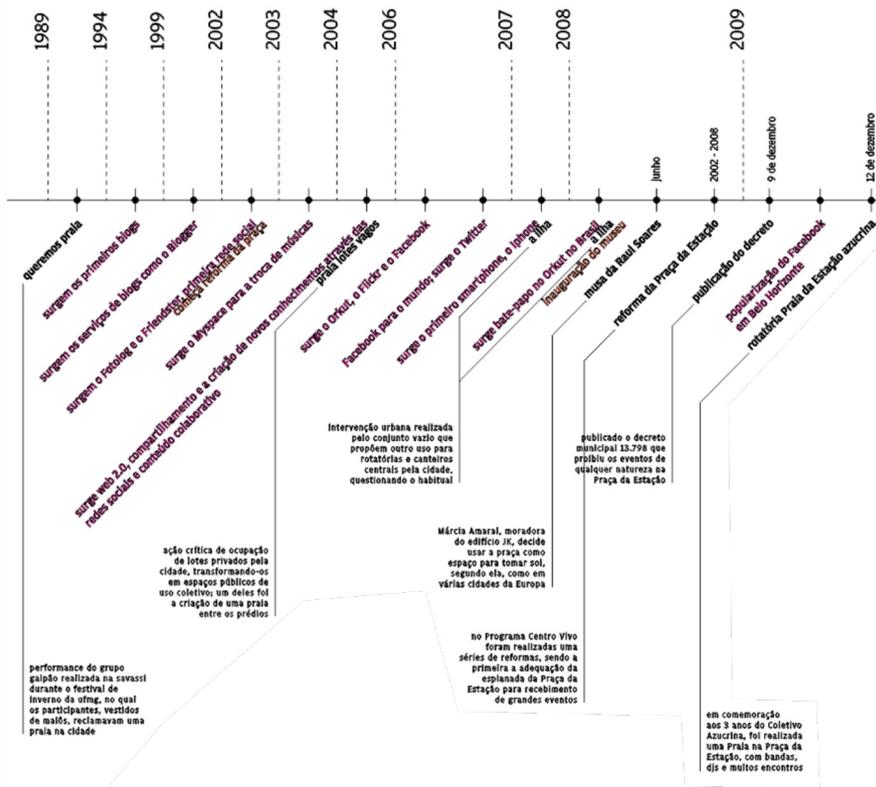
transformações espaço urbano/praiça

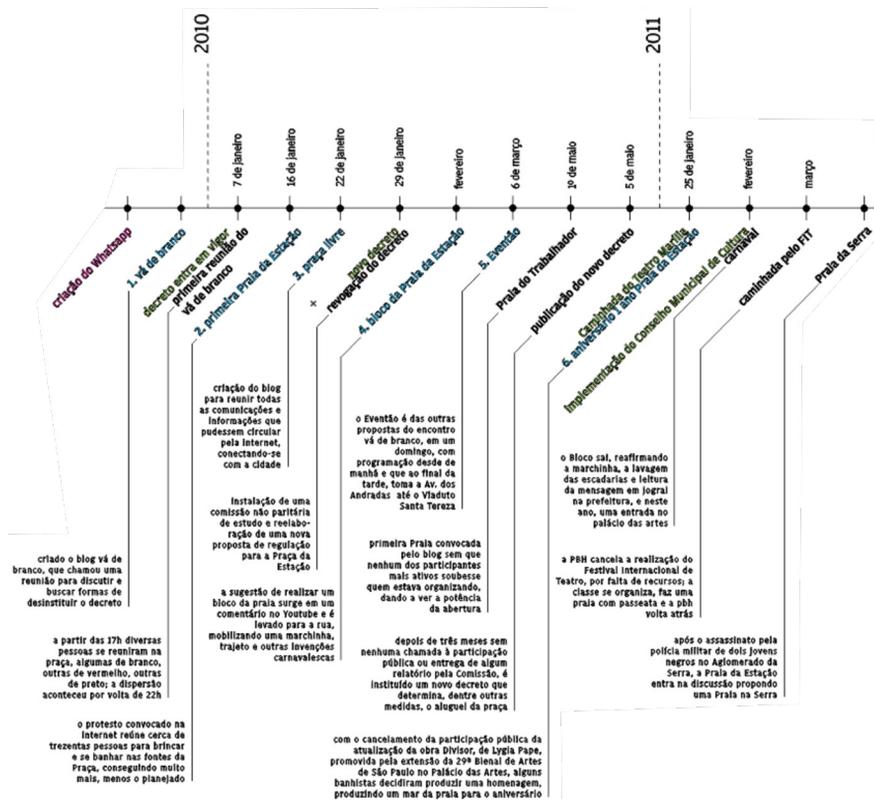
tecnologias internet

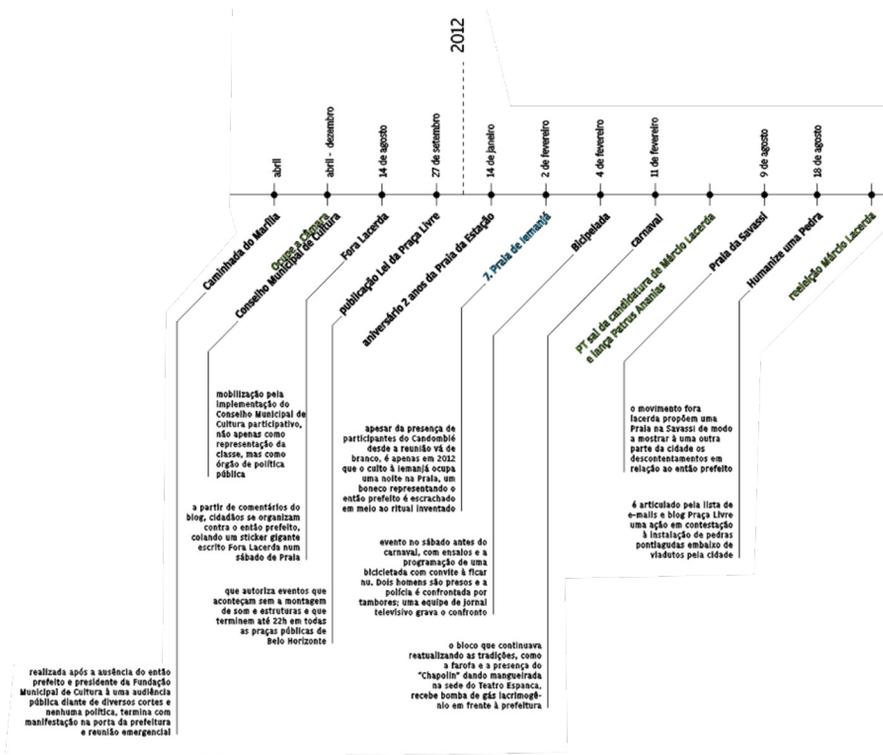


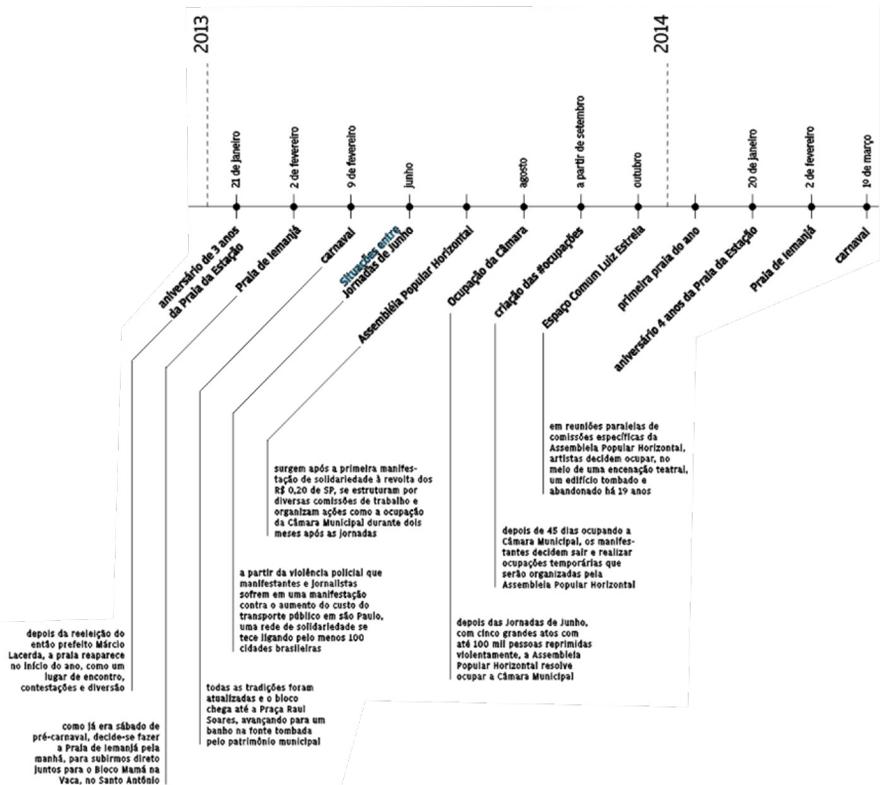
Linha do Tempo Praia da Estação

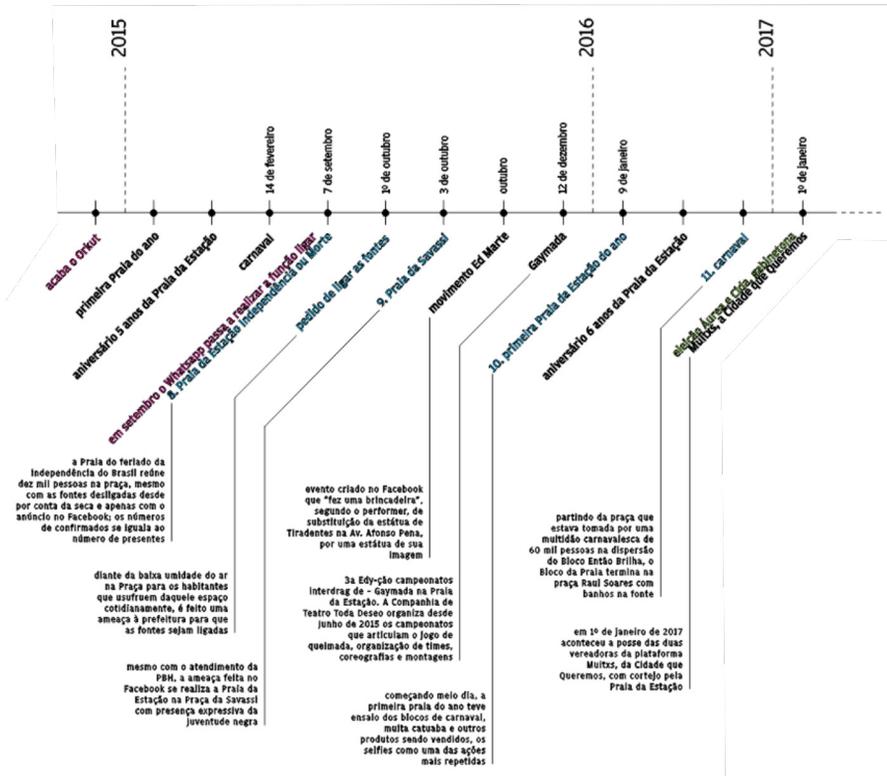












Deita no cimento

Neste capítulo me debruço sobre situações que articulam uma rede construída entre variados blogs, conectados por ações de contestação ao decreto municipal de 2009, que proibia eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. A rede remonta a relações e processos das atividades naquele tempo, mas infelizmente não em sua completude. Os dados recolhidos foram acessados a partir das visitas aos sites e lembranças, assim como a busca por palavra chave nos blogs e mesmo na rede mundial de computadores como um todo.

A palavra blog é a simplificação do termo *weblog*, abreviação de *web log*, que se traduz como o registro na rede, lugar de acesso à rede, ou ao diário online. O desenvolvimento dos blogs começou devido à demanda de facilitar o acesso à publicação de conteúdos na internet. Em 1994 começam a ocupar a rede e, em 1999, surgem os primeiros serviços de blogs, que facilitam postagens sem demandar conhecimento em programação. Com esse objetivo, foram desenvolvidas plataformas onde era preciso apenas realizar cadastro utilizando e-mail e escolher entre os vários *templates* (modelos de design de página web) para começar a ter um espaço de postagem de conteúdos com edição própria.

Ao conectar pelas redes virtuais os diversos blogs entre si, a ferramenta transformou os usos da internet, por meio da opção ser “seguidor” de um *blog*, o que o qualificava como leitor de um outro blog. O desenvolvimento da ferramenta blog criou redes de interesses múltiplas e descentralizadas, para além da rede de produção de narrativas já consolidadas. Redes que se conectam e expandem, para além das cidades que habitam os blogueiros, possibilitando o acompanhamento de postagens diárias de conteúdos produzidos fora das teias de criação estruturadas anteriormente, como os conglomerados midiáticos.

Os blogs pessoais disponibilizam diferentes pontos de vista, apresentando compondo uma grande variabilidade de ideias no am-

biente virtual. Alguns blogs passaram também a se constituir com a contribuição de vários autores, criando narrativas que em seu próprio lugar, misturam experiências de inúmeros territórios. Das coisas mais importantes de já anotar em relação aos blogs é a liberdade de escolha do formato dos textos e a programação que os organiza – obviamente a ser visualizado no espaço de uma tela de computador, o que compõe os imaginários políticos libertários.

Os dois maiores sites onde ainda podemos registrar um blog são o Blogger, o qual disponibiliza endereços que carregam no nome o .blogspot.com e o Wordpress, que libera ao usuário a utilização no nome de seu site com a extensão como o “.com”, o “.org”, ou o “.org.br” - quando ancorado em outro servidor, geralmente de interesse público, como os das universidades federais.

Situação 1 - vá de branco

Como dito anteriormente, as situações são uma possibilidade de recorte para investigar a realidade cultural e social. A primeira situação virtual abordada é a criação da postagem inicial do blog anônimo, que chama a atenção para o decreto publicado que proibia, a partir de primeiro de janeiro de 2010, eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, em Belo Horizonte. O blog anônimo era o “Vá de branco”³², criado em 14 de dezembro de 2009, que convocava os leitores para um encontro/protesto na Praça da Estação, no dia 07 de janeiro de 2010, onde eles se reconheceriam por usar roupa branca, reunidos no horário combinado. O blog é simples, acumula apenas três postagens assim como três seguidoras e ainda está no ar. O perfil anônimo organiza suas postagens referenciando outros links, sejam portais institucionais como o da prefeitura, como na postagem abaixo, sejam de notícias ou mesmo de outros blogs.

32 - Disponível em: vadebranco.blogspot.com.br, acesso em 12/05/2019.

Figura 2.1 - Postagem inicial do blog Vá de branco.



Sua primeira postagem é o texto da imagem acima, intitulado “Entenda o decreto que proíbe eventos na Praça da Estação”, e que contém já na primeira frase o chamado para o protesto “Vá de branco” em “prol dos eventos da Praça da Estação”. O texto faz referência ao motivo que o prefeito fez uso para o decreto ter sido publicado: a dificuldade em limitar o número de pessoas nos eventos realizados na praça e a depredação do patrimônio público que, também segundo o decreto, vinha ocorrendo nos últimos eventos. A postagem ainda traz a anotação “acesse os links”, onde está a conexão para o decreto publicado na página da prefeitura – uma primeira ação diferenciada pelas NTIC’s, uma notícia do jornal Estado de Minas sobre a proibição e outro do jornal Hoje em Dia, que não está mais acessível, em seu link originalmente postado.

No decreto de 09 de dezembro de 2009³³, em vigor desde 01 de janeiro de 2010, o prefeito afirma que, em conformidade com a lei orgânica do município e diante da “dificuldade de limitar o número de pessoas, e garantir a segurança pública decorrente da concentração,

33 - Originalmente disponibilizado em <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732>.

e ainda a depredação do patrimônio público verificada em decorrência dos últimos eventos realizados na Praça”, a prefeitura passaria a proibir a realização de eventos de qualquer natureza, desde o início do janeiro seguinte, na Praça da Estação no centro de Belo Horizonte. Importante sinalizar aqui uma mudança devido à possibilidade de leitura do Diário Oficial do Município, em seu computador pessoal, e não mais apenas nos órgãos públicos credenciados que recebiam diretamente a publicação em papel.

A notícia do jornal Estado de Minas³⁴ postada no blog como referência para explicar o porquê da proibição dos eventos traz uma declaração do prefeito que diz querer controlar a situação referente aos usos dos eventos que danificam a praça tombada, e opinando que seria melhor que tais eventos fossem transferidos para outros locais. Marcio Lacerda, o prefeito à época, promete ainda uma nova regulamentação para a praça, a ser publicada em breve. A notícia lembra que fora feita, havia quatro anos, a reforma da Praça dentro do programa Centro Vivo, e traz declarações do arquiteto responsável pela reforma, Flávio Grillo, nas quais explica que a reforma foi pensada para os pequenos eventos continuarem ocupando os espaços, mas não eventos do porte daqueles que estariam acontecendo nos últimos tempos. A notícia é de 23 de agosto de 2009, isto é, cinco meses antes da publicação do decreto n. 13.798/2009. A notícia também traz o depoimento de comerciantes locais que reclamam da sujeira depois dos eventos; de um estudante, que diz estar preocupado porque compreende que se a depredação continuar acontecendo, a prefeitura pode abandonar o espaço e então a praça voltar a ser lugar de prostituição e drogas, da guarda municipal e do gerente de fiscalização urbana e ambiental, e de Ângela Gutierrez, presidente da Fundação Andrade Gutierrez, gestora do acervo do Museu de Artes e Ofícios, que diz

Sabemos da importância de se preservar o patrimônio público. A praça é um ambiente que deve

34 - Originalmente disponibilizado em http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_2/2009/08/23/em_noticia_interna,id_sessao=2&id_noticia=124180/em_noticia_interna.shtml

ser ocupado pela população. Mas é essencial que seja tratada com carinho. Os organizadores devem ter consciência de que gordura, urina, peso, entre outros, estragam um patrimônio que é de toda a cidade (ESTADO DE MINAS, 2009)³⁵.

Não encontramos nenhum depoimento das “empresas” que realizam os eventos, que eram avisados à Polícia Militar, à BH Trans e ao Corpo de Bombeiros e licenciado na Regional Centro-Sul. Então, em alguma medida, a prefeitura estava autorizando esses eventos que depredavam a Praça. Não é possível mais acessar os comentários da notícia.

Ainda nesta primeira postagem no blog Vá de Branco, temos, depois das indicações dos links, uma provocação que o autor anônimo deixa para os seus leitores, e alguns respondem, no espaço dedicado para os comentários, comum em todos os blogs. Com as letras em negrito e sublinhado, estão as palavras “Para refletir” seguida de seis perguntas, sendo a primeira “Porque os eventos foram proibidos na Praça da Estação e não na Praça do Papa?”, trazendo à tona uma possibilidade de pensar qual a especificidade do lugar central que a praça da Estação ocupa na cidade. A segunda pergunta é porque apenas poucas pessoas entram no Museu de Artes e Ofícios localizado no prédio da Estação Central, também situado na Praça. A terceira questão é “Qual é o maior espaço central para eventos gratuitos em Belo Horizonte?” A quarta é um questionamento sobre “quais foram as depredações nos últimos eventos” e a quinta questão traz novamente na pergunta um olhar para a praça em relação com outros bairros da cidade, que é “Será que a decisão tem a ver com as discussões sobre a mudança do carnaval de Belo Horizonte da via 240 para a Praça da Estação?”. A festa tinha tido seus desfiles deslocados para uma via

35 - http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_2/2009/08/23/em_noticia_interna_id_sessao=2&id_noticia=124180/em_noticia_interna.shtml, constante no link. Todos os excertos que fazem referência às apreensões em campo, virão nesta fonte, sem aspas, mas com a identificação da referência ao final.

próximo à saída leste do eixo rodoviário da cidade, de difícil acesso³⁶ no final dos anos noventa.

As respostas vieram em cinco comentários, já dando a ver como os leitores se manifestam em relação às postagens dos blogueiros, em espaço reservado para tanto. Quatro perfis se identificavam como homens e um como mulher, sendo que os dois primeiros comentários responderam de forma didática, inclusive enumerando as respostas e dando a ver muitos pensamentos divergentes sobre os usos do espaço público da praça, mas concordando que o prefeito deveria ter realizado uma consulta pública sobre os usos da praça. Enumeraram os ônibus que passam pela cidade, discutiram o acesso e visitação aos museus, às praças, à periodicidade dos eventos. Também expuseram o que pensam sobre os mesmos, suas depredações de bens públicos e sujeiras deixada para o dia a seguir: devem ser realizados em lugares fechados, com controle e segurança. As duas postagens seguintes foram mais sucintas, mas mais agressivas também; a primeira escreveu “Bem feito, ficam enchendo aquela porra de favelados sem educação e evangélicos exploradores... se fuderam!” e nada mais, dando a ver um tipo de comentário cada vez mais presente nas redes sociais: agressivos, violentos e preconceituosos. O quarto comentador, o perfil B, se mostra favorável às questões colocadas no “Para refletir” e deixa o endereço do seu blog no comentário, é o pedreiranavidraça.blogspot.com. Mas ele também se posiciona com alguma violência, dizendo “foda-se a quem não acha que a Praça da Estação é um bom local de eventos”, mostrando uma certa indisponibilidade para o diálogo, assim como o comentarista anterior desta postagem.

36 - A dissertação do historiador Hilário Figueiredo produz amplas discussões sobre o carnaval da capital mineira. Sobre o deslocamento do carnaval para a saída nordeste, comenta, “Interessante questionar o porquê da escolha da *Via 240* para receber os folgedos carnavalescos, haja vista que até meados da década de 90 os mesmos se realizavam na região central, independentemente da pouca animação que já permeava o contexto belo-horizontino” (FIGUEIREDO, 2006, p. 17).

O quinto comentário é de MT, o primeiro perfil que se declara mulher no debate, e que traz três colocações, diferentes em relação às repetições e oposições que podemos encontrar nos comentários anteriores: primeiro pergunta se os que leem o blog já viram um comentário do jornal "O Tempo". Lá havia a expressão de uma divergência à resposta que a assessoria de comunicação da prefeitura de Belo Horizonte havia dado a ela como autora, na qual contestava a proibição dos eventos. Ela passa o e-mail para o caso de outros quererem "dar sua opinião" neste outro espaço virtual, mas também material, no caso do jornal. Antes de publicar o comentário, diz que acabara de ler o poema de Castro Alves "O povo ao poder"³⁷, no qual estão os célebres versos sobre as disputas pela liberdade das praças públicas, "A praça! A praça é do povo/ Como o céu é do condor". O perfil afirma que a situação do decreto em Belo Horizonte é uma situação semelhante à que se desenrola no poema, em Pernambuco, e que "grandes eventos são complicados, mas proibir manifestações?". Na sequência, coloca o endereço de seu blog, já fora do ar, e copia e cola o comentário do jornal, que tematiza a problemática dos eventos para novos agentes na trama da Praça da Estação, os moradores do entorno, que sofrem com o barulho e os rastros das atividades ali organizadas ininterruptamente.

MT é a segunda interlocutora que responde positivamente à proposição do Vá de branco, trazendo outras discussões para os comentários na postagem do blog; tanto ela quanto B. deixaram seus endereços de blogs³⁸, onde pudemos encontrar, no espaço virtual, os primeiros rastros nas redes sociais dos encontros que aconteceram depois da reunião do Vá de branco, antes da primeira Praia da Esta-

37 - "O POVO AO PODER", de Castro Alves, contém os famosos versos "A praça! A praça é do povo / Como o céu é do condor/ É o antro onde a liberdade cria águias em seu calor!". Escrito em Recife, em 1864, sobre uma situação de contestação sobre o espaço público da praça.

38 - O Blog de MT não está mais disponível, mas <http://pedreiranavidraca.blogspot.com.br/2010/01/va-de-branco-o-day-after.html>, está, em abril de 2020, em plena quarentena. Logo o acessarei para acompanhar o desenrolar da Praia. O blog de MT estava situado no servidor do uol (uol.com.br, universo online) e a primeira notícia da situação já é uma notícia depois de acontecer a primeira Praia da Estação. Retomarei-a na próxima situação virtual a ser tratada.

ção. MT leva a discussão para outros lugares na internet, para além da página da prefeitura, trazendo sua participação em um comentário de uma notícia de jornal, onde foi dada a ver uma questão que nenhum dos interlocutores, até aquele momento, havia problematizado: que nos dias de evento a situação dos moradores do entorno da Praça da Estação era um problema. Ela explica que não concorda com a proibição, como quando deixou o comentário na notícia, mas pondera essas outras relações, como a de moradia, que se estabelecem no espaço urbano em questão.

Nas respostas dos comentários percebi posicionamentos bem distintos em relação ao decreto, aos eventos, ao que se deveria fazer em relação à gestão da praça e aos espaços públicos da cidade. MT se posiciona contra o decreto, no sentido de a praça ser um espaço público a ser ocupado por pessoas da cidade toda. Ela também parece ser a pessoa que está um pouco mais distante da Praça da Estação em seu cotidiano do habitar, já que mora em um bairro da Zona Oeste, mas é a que na discussão traz mais informações e divagações, como a referência a Castro Alves com uma reivindicação em outra praça, em Recife e em outro tempo, em 1864, no caso. Ela traz as discussões que ocorreram também em outros espaços, como o jornal "O Tempo", no qual ela já havia se envolvido nas discussões sobre a legitimidade do decreto. Ela, inclusive, dá voz aos que moram perto da praça, ao copiar o comentário que foi feito pela professora aposentada.

Dos quatro outros interlocutores, notei alguma agressividade nos modos de expressão, seja explícita, como a do terceiro perfil, P, seja camuflada, no modo de redigir as respostas ao "para refletir" dos perfis de A e L, que afirmam que o belo-horizontino não tem educação e que os outros museus da cidade também não têm público. Essa questão sobre o público dos museus, colocada por L, poderia desdobrar uma discussão muito interessante sobre a relação dos museus na cidade contemporânea. Mesmo B, que havia se posicionado como ao lado do anônimo do Vá de branco, envia um foda-se aos que pensam que não deve haver eventos na praça.

Além dos apontamentos já tecidos, MT utiliza, na identificação de seu perfil, seu nome completo, enquanto os perfis declarados dos homens que se posicionaram utilizam apenas seus primeiros nomes como identificação, marcando mais uma diferença, agora sobre a maneira de se identificar como nos espaços virtuais da internet. A não identificação entre o perfil e uma pessoa era uma possibilidade comum nas relações das redes sociais, nos tempos de conexão via blogs, fotologs, onde apenas um e-mail possibilitava um lugar no espaço virtual.

Voltemos para mais algumas questões que o blog Vá de branco nos coloca, antes de chegar à primeira Praia. Ao final da chamada, depois das perguntas que faz aos leitores no "Para Refletir", o anônimo convoca-os a se manifestarem para além do espaço virtual, nas ruas, e deixa como espaço de contato o endereço do blog e um e-mail situado no Google. Busca, dessa maneira, se manter anônimo, e incitar que a comunicação sobre o decreto proibitivo tomasse corpo na rua.

[...] faça seu *flyer*³⁹! sticker! Banner! Faixas! Informações: 7 de janeiro a partir das 17h/ Protesto em prol da cultura na Praça da Estação Vá de Branco! Não se deixe apagar na Praça da Estação. Mais informações vadebranco.blogspot.com, vadebranco@gmail.com (blog citado).

A segunda postagem do blog Vá de branco tem como título "7 de janeiro de 2010", mas foi postada, na verdade, no dia 14 de dezembro. O blogueiro utilizou o título como um anúncio no tempo, de algo porvir, dando a ver uma astúcia (CERTEAU, 1994), em relação à subversão do título como data de postagem, marcando mais uma apropriação do espaço do *blog*. Para Certeau, as astúcias são modos de praticar que qualificam os que não têm lugar, se opõem ao lugar que planeja a cidade, que determina os espaços, que produz estratégias as quais cerceiam essa arte do fraco. Em seu livro, *A invenção do cotidiano*, postula ainda que a apropriação seria então esse tornar próprio algo disponível, realizando uma ação tática e suprimindo a necessidade que motivou aquela criação.

39 - Também conhecido como folheto e voador, em português.

Nesta segunda postagem, encontramos quatro voadores virtuais que chamam para a reunião que o blog convocou. Esses *flyers* também circularam por e-mails àquela época, bem como postagens em alguns outros blogs que tinham entrado em contato com a mobilização, como o Pedreira na vidraça.

Figura 2.2 - “voadores” de divulgação do protesto Vá de branco.





As imagens postadas, que foram publicadas no blog nessa sequência, foram produzidas a partir da apropriação de três fotografias da Praça da Estação. A primeira, utilizada como fundo do primeiro e do quarto voador, é uma fotografia aérea de algum evento que recebeu milhares de pessoas na Praça, com a aplicação de uma cartela com as informações básicas sobre o protesto, publicadas ao final da primeira postagem – também conhecido como ‘serviço’ na linguagem

do texto jornalístico: a data, o horário, o local do encontro. O texto “protesto em prol da cultura na Praça da Estação, Vá de branco, não se deixe apagar” também acompanha as informações no voador e já nos revela, em alguma medida, qual era um dos maiores danos para o autor do blog anônimo, a suspensão das festas, festivais, feiras e shows que aconteciam na praça. Em entrevista realizada com o autor do blog, ele afirma que foram outras pessoas que produziram os voadores, e que essas pessoas não querem ser identificadas de maneira alguma: a rede de produção de sentidos do blog também era coletiva, dividindo o trabalho de mobilização entre várias mãos, ação anônima.

A segunda imagem foi produzida do palco montado para algum evento que lá acontecia e que por sinal estava localizado no mesmo lado em que estava localizado o evento da primeira fotografia. Talvez fosse, inclusive, o mesmo. Ao que nos parece, ao visualizar a imagem, também há milhares de pessoas aproveitando o show e a diversão naquele momento. Porém, enquanto a primeira fotografia o show acontecia de dia, na segunda imagem, o show acontecia à noite. Ao fundo do plano está o Edifício Central, localizado na rua Aarão Reis⁴⁰, prédio que abriga a primeira escada rolante da cidade. Naquela época, bares, lanchonetes, sacolões, lojas de armarinho, brechós, lotéricas, pequenos mercados, lojas de sapateiros e costureiras ocupavam em sua maioria os espaços para estabelecimentos comerciais no térreo. No primeiro andar mais sapateiros, costureiras, dentistas, tintureiros, algumas gráficas e copiadoras, e as primeiras salas da prefeitura, onde aconteciam os cursos do Arena da Cultura⁴¹ e as reuniões e formações dos grupos de economia solidária.

40 - A Rua Aarão Reis, que fica ao lado da Estação Central de Trens, tem o nome do engenheiro responsável pelo desenho e coordenação da construção da cidade.

41 - O Arena da Cultura era um projeto da prefeitura de Belo Horizonte que atuava em duas linhas de ação, sendo uma a Formação e Capacitação e a outra a Difusão Cultural. O projeto, por meio de oficinas que se realizavam no centro e nos centros culturais espalhados pelas nove regionais, buscava a formação de público e agentes culturais desde 1998, na cidade. “O projeto visa ao atendimento a um público universal – escolaridade heterogênea, restrito acesso aos bens culturais, baixo nível de renda, idade entre 14 e 80 anos e distribuição geográfica pelos extremos da cidade.” <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=27770&chPlc=27770&pldPlc=&app=salanoticias>. O programa foi interrompido pelo governo de Márcio Lacerda.

No segundo andar, havia uma continuidade das salas da Arena da Cultura. No terceiro andar, ainda se via algumas lojas sendo utilizadas por prestadores de serviço, mas havia mais salas vazias, deixando às vezes corredores inteiros sem pessoas durante várias porções de minutos à tarde e também à noite.

A terceira fotografia que é utilizada como plano de fundo do terceiro voador, retrata enfaticamente o prédio da Estação Central de Trens, inaugurado em 1922, projeto do arquiteto italiano Luiz Olivieri que desde 1895 compunha a Comissão Construtora para a Nova Capital, equipe responsável pela execução do plano de Aarão Reis. A nova estação de trens substituiu a primeira, que abrigava também o primeiro relógio público da nova capital, desde 1904, quando a praça já era urbanizada (RODRIGUES, 2012). Importante ainda ressaltar que Belo Horizonte foi uma das primeiras cidades planejadas no Brasil e que o plano original, quando produzido, foi inspirado no pensamento positivista francês, preocupado com o projeto de “modernização das cidades” que não considera conhecimentos ligados à crenças e espiritualidades, mas sim na ciência e avanços científicos como único modo de progresso humano.

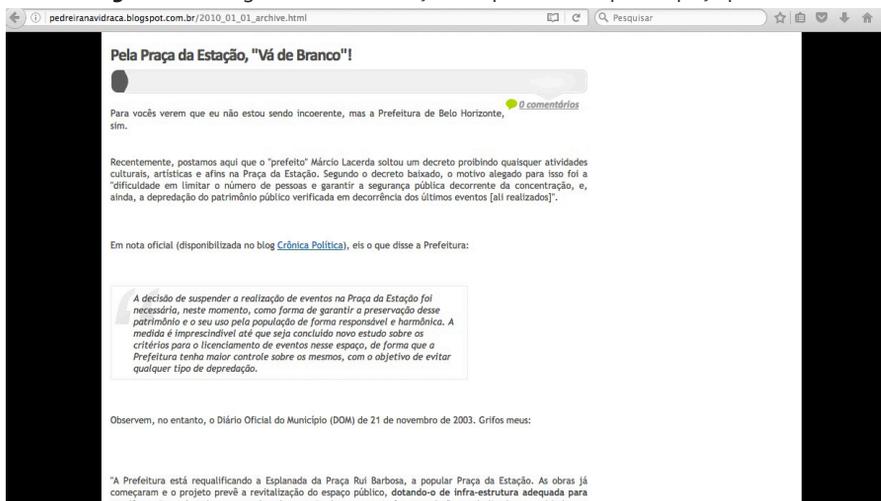
Além do novo prédio, a praça também ganhou, em 1922, estátuas representando as quatro estações e um tratamento paisagístico inspirado nos jardins franceses, já que, até aquele tempo, os jardins da cidade seguiam a tradição inglesa. Em 1930 foi inaugurada uma fonte luminosa na praça, que ampliava as atrações que ela oferecia aos habitantes e visitantes da cidade, como o jardim com mais de 250 espécimes diferentes de rosas. Na década de 60, ampliam a Avenida dos Andradas e se diminui a área para convivência, isto é, para uso dos pedestres, nos nichos da praça (ARROYO, 2004).

Na imagem do terceiro voador, os pontos de ônibus se encontravam na praça, motivo pelo qual as fontes foram originalmente planejadas nesta obra de revitalização dos anos 2000, para refrescar a esplanada durante os horários de grande movimentação de chegadas e saídas no centro da cidade. Nesta segunda postagem do blog Vá de

branco, encontramos apenas um comentário, do perfil identificado como S, que pergunta no dia 05 de janeiro, "enfim, o que vamos fazer além de ir de branco?".

A resposta pode ser encontrada, ao menos em partes, nas postagens, deixado no terceiro comentário da primeira postagem do Vá de branco. Ao entrar no blog, que não tem novas postagens desde 2012, percebi que o site tem todos os arquivos datados; assim como o Vá de branco, o blog é hospedado no blogger e preza por uma apresentação simples, em preto e branco.

Figura 2.3 - Blog Pedreira na vidraça se implica na luta pelo espaço público.



Nesta primeira postagem referente aos encontros contra a proibição dos eventos, o perfil de B anuncia a reunião, postando a imagem do voador em preto e branco. Antes da postagem da imagem, há um texto que retoma uma fala do secretário de governo da prefeitura, Fernando Cabral, que afirma a preocupação com a depreciação do patrimônio e a necessidade de regulá-la, antes de liberá-la novamente; esta declaração estava publicada em um outro blog, de um jornalista que era filiado ao portal Uai, do jornal Estado de Minas, como descoberto nos rastros na internet.

O texto da postagem começa com o blogueiro dizendo que a prefeitura está sendo incoerente, já que, em novembro de 2003, havia do Município, uma comunicação⁴² que notificava que a Praça da Estação estava passando por reformas que a qualificariam para receber eventos de grande aglomeração de pessoas, além de dizer que a reforma visava também melhorar o acesso à Estação Central de Trens metropolitanos. A incoerência entre a declaração do arquiteto responsável pela Praça da Estação em 2009 e os planos para a Praça em 2003, ou pode ser caracterizado como um despreparo do técnico, ou uma falta de responsabilidade pública: a Praça foi reformada para receber eventos com um número alto de pessoas, e foi provavelmente para atender tal demanda que foi planejada e reformada, conforme consta nos anunciados no portal da própria prefeitura.

O perfil ainda faz um acréscimo dizendo que a manifestação “é hoje!” e, por último, agradecendo Heitor Diniz, referenciado em uma página que segue também para o uai.com.br, ao que imagino que é o autor do blog Crônica Afiada, de onde foi tirada a declaração de Fernando Cabral. Na publicação “A Praça da Estação receberá grandes eventos”, consta também que as obras estão sendo realizadas para realização de grandes eventos quando lemos, “dotando-o de infraestrutura adequada para manifestações culturais com grande aglomerações de pessoas”, finalizando com a informação do programa mais amplo no qual a reforma da Praça estava inserida, claramente um programa de tentativa de higienização, transferindo os camelôs para áreas fechadas chamadas de shoppings populares.

A intervenção na Praça da Estação faz parte de um grande trabalho de recuperação do hipercentro que a Prefeitura está desenvolvendo. Essa e outras ações, como as reformas da Praça Sete, do Parque Municipal, a requalificação das calçadas da rua dos Caetés e a transferência dos camelôs das ruas da cidade para shopping populares, estão sendo tratadas como prioridade pela prefeitura.

42 - A notícia oficial sobre a requalificação da Praça está constante no link <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=914362>.

As obras de recuperação do Centro de Belo Horizonte visam ampliar os espaços de convivência, valorizando o lazer e a qualidade de vida da população, além de aumentar a segurança e realçar a arquitetura da região.⁴³

B faz uma síntese do decreto em seu blog, dando ênfase para a situação da publicação do DOM de sete anos antes, principalmente quando fazem referência à possibilidade de produção de eventos que a reforma na praça virá possibilitar. O autor expõe seus argumentos de que as declarações da prefeitura não estavam condizentes com o que a prefeitura havia programado há alguns anos. Na postagem, o autor ainda acusa o prefeito de usar a depredação como um subterfúgio para seu "elitismo prosaico", diz que o ato é um atestado de burrice para Márcio Lacerda, que a praça é do povo que garantiu a reforma nos últimos anos, além de chamar para a reunião naquela mesma quinta-feira. Acima temos o texto da notificação da prefeitura na íntegra, transcrito. Podemos perceber que realmente a Praça estava sendo reformada para receber grandes eventos em processos de revitalização que desenham planos de gentrificação do Centro de Belo Horizonte, como a retirada dos camelôs das ruas para instalação dos mesmos em shoppings populares fechados, como o Oiapoque e o Tupinambás. Chamamos atenção ainda para a declaração de Fernando Cabral que diz que um dos objetivos era ter maior controle sobre a praça, ou seja, extirpar a dimensão de coisa pública do espaço. Lembramos que desde os primórdios da Praça da Estação, por ser um espaço de chegada e saída de pessoas, o espaço era de grande produção e trocas, tanto de narrativas e informações, como de produtos com os ambulantes, que lá já estavam (ARROYO, 2004).

Muito importante apontar aqui que a possibilidade de encontrar a lei que determinava que a praça passaria por uma reforma que estava sendo programada para receber eventos de grande porte, no

43 - Excerto retirado do site da prefeitura de Belo Horizonte, referenciado na nota de pé de página anterior. Os excertos dos cadernos de campo da etnografia digital serão apresentados com esta fonte, diferenciando-se das demais citações realizadas.

site da prefeitura, é uma facilidade que a internet trouxe em relação ao espaço de busca de informações das ações da prefeitura, antes reservado aos órgãos de imprensa oficial. Essa transformação em relação à comunicação oficial do Estado com a população precisa ser contabilizada como uma das mudanças que a internet possibilita aos seus usuários: conhecimento, acompanhamento e esclarecimento sobre resoluções tomadas pelo poder público.

Mas é na postagem intitulada “Vá de banco: the day after”, no blog Pedreira na vidraça, que temos a resposta à pergunta que “Saravah” havia feito no comentário do blog Vá de branco, que em uma postagem distribuiu os voadores. O título da postagem faz alusão a um filme estadunidense apocalíptico-alienígena, dando a ver uma referência do blogueiro. Na imagem da postagem a seguir, vemos duas fotografias das pessoas vestidas de branco caminhando pela praça. O relato que B tece não dá conta da totalidade do encontro; ele descreve que estiveram presentes 50 pessoas durante a tarde, porém não dá conta do gesto que a encerrou, com cerca de oitenta pessoas sentadas em uma roda, anotando os e-mails⁴⁴ em uma folha de papel, para integrar um grupo online onde seria decidido depois que ação tomar, como vivenciamos naquela noite. Diante de tantas ideias, como manifestar, redigir uma ação para o ministério público, quebrar as instalações do museu, fazer uma praia foi uma das propostas que ali apareceu.

O autor diz que uma das conversas que surgiram no encontro na praça é que o decreto poderia ser uma primeira ação de limpeza para o mega-evento de futebol – Copa do Mundo de 2014 –, e assim, outros eventos espontâneos e que ocupavam espaços públicos no centro da cidade também estariam fadados ao desaparecimento, como o Duelo de Mc’s⁴⁵ e o Quarteirão

44 - Digitada ainda naquela noite, a lista virou o grupo de e-mails praça livre bh, no dia 12/01/2010.

45 - O Duelo de Mc’s é um encontro de rappers para fazer rimas em situação de batalhas que acontecia embaixo do viaduto Santa Tereza, área que compõem o complexo arquitetônico da Praça da Estação.

doSoul⁴⁶. O blogueiro ainda mostra seu posicionamento pessoal contra o aparelhamento de partidos, mais especificamente o do PSTU. O perfil ainda coloca em questão o desejo de alguns parlamentares da câmara dos vereadores de estarem interessados em trazer o evento do carnaval da cidade para o centro de novo, já que o evento estava deslocado já há alguns anos para a BR 240, localizada na saída leste de Belo Horizonte, local de difícil acesso; ele também diz que no ano anterior a festa reunira cerca de 75 mil pessoas no local.

A situação do decreto da Praça da Estação é uma contestação pública e o envolvimento do blogueiro nas diversas ações da Praia da Estação, bem como as subseqüentes, puderam ser mapeadas com a ferramenta hashtag para realizar uma busca por conteúdos no blog. A primeira busca feita foi pela #Praiaaestacao para fazer as buscas nos blogs, plataformas de compartilhamento e mídia social. Quando foi criada, a ferramenta de marcação de um tema de conversa nos ambientes de protocolo irc⁴⁷ (internet relay chat) era utilizada para que as pessoas pudessem encontrar as que estavam tratando de temas em comum. Hoje a *hashtag* é utilizada como classificadora dos assuntos, às vezes sintetizando alguns temas até bem mais do que o necessário, sendo a ferramenta usada nas redes sociais como um todo, atualmente.

Lista de e-mails

As listas de e-mails são ferramentas de encontro e organização social inovadoras e são consideradas “canais importantes de agregação de comunidades online” (MAGALHÃES, 2015, p.181) pois facilitam as trocas e comunicação sobre um contexto específico, desde 1980.

46 - O Quarteirão do Soul acontecia no centro de Belo Horizonte aos sábados pela tarde, reunindo vários dançarinos de soul, funk e outros ritmos da década de 70 para dançarem juntos com suas calças boca de sino e muita atitude.

47 - O protocolo irc foi documentado formalmente em 1993 na Finlândia e é utilizado na internet principalmente para comunicação em chat e troca de arquivos; foi amplamente utilizado caindo em desuso nos anos 2000, por conta da ascensão da rede social Orkut, voltando a ser muito utilizado nos últimos anos (2017).

lista de e-mails⁴⁸ Praça Livre BH, criada a partir da motivação das pessoas que estiveram presentes na reunião do Vá de branco cumpre a função de agregar esses perfis que nem sequer se conheciam, na intenção de continuar a se comunicar, para tentar encontrar respostas conjuntamente que pudessem enfrentar a situação de proibição do uso do espaço público do decreto.

Importante notar que, até o momento, as páginas de visualização dos blogs e da lista de e-mails têm um aspecto de folha em branco, com espaços livres para a inclusão de conteúdos pelo seu público usuário. Mesmo com algumas funcionalidades específicas que tomam espaço na página da tela, há uma grande área onde nenhuma informação está sendo compartilhada, deixando um espaço livre para que outras ideias cheguem nos que as estão acessando.

O grupo foi criado no googlegroups, após a reunião, no dia 12 de janeiro de 2010, e analiso os dados disponíveis na página do grupo na plataforma. com, queNos primeiros assuntos conversados via lista, percebi uma preocupação em compartilhar textos sobre a Praça e reeditá-los, divulgação da ação da Praia, discussão sobre a moderação da lista de e-mails, a definição se aquele grupo ali formava um movimento, discussões sobre a divulgação da primeira Praia da Estação.

A mensagem de teste da lista já traz dois primeiros textos sobre a praça, enviados por Omar, e nele constam um link para o blog Pedreira na vidraça e outro para o blog Dias sem compras⁴⁹. No Pedreira da vidraça não sabemos exatamente qual das postagens estava referenciada nesta mensagem, pois são várias as realizadas sobre a #praiaaestacao e o link cai na página inicial do blog. No blog Dia sem compras, situado no wordpress, entramos em uma postagem com uma imagem de um homem caminhando de costas em direção

48 - Participei da lista e por isso tenho acesso a todas as mensagens e históricos vinculados ao grupo.

49 - <https://diasemcompras.wordpress.com/2010/01/12/cidade-situada-informativo1/>. Acesso em 11/08/2018.

as fontes da Praça da Estação e um texto introdutório, dizendo que era momento de ampliar as referências bibliográficas com material contemporâneo (a postagem é de 12 de janeiro de 2010). O perfil do blog dias sem compras é anônimo e diz que recebeu o texto via e-mail, de um nome que nos parece um pseudônimo criado para realizar apenas aquela ação, já que não encontramos nenhum outro rastro para além da relação com esse texto, repostado em vários outros blogs. O texto começa com um título “nossos olhos veem, pois vivo é o olho” em uma relação irônica com o nome do projeto de securização do centro – Olho Vivo - parte das intervenções do plano de revitalização do Centro de Belo Horizonte, o Centro Vivo. O blog “dias sem compras” traz, em sua primeira página, uma postagem fixada que possibilita um login para quem quiser entrar e postar, ou seja, almeja ser um espaço para que qualquer discurso se manifeste, sem moderação, e em alguma medida, inventando uma nova maneira de lidar com a produção de conteúdo em blogs. Criados a partir da ideia de um diário online, a ferramenta blog é aqui utilizada como um lugar que aceita textos de muitos outros, mesmo que desconhecidos dos que gerenciam o endereço.

Compreendemos prontamente que o coletivo se associa aos ideais da “ética hacker”⁵⁰, perspectiva pensamento e prática do mundo, desenvolvida por um grupo de estudantes do MIT de ciência da computação na década de 50, que trabalhavam colaborativamente, anonimamente e horizontalmente na criação das redes que hoje são a internet. “Hackear é diferenciar. Um manifesto hacker não pode exigir representar o que refuta representação. Hackers criaram a possibilidade de coisas novas surgirem no mundo. Nem sempre grandes coisas, nem sempre coisas boas, mas coisas novas” (WARK, 2014, p. 04)⁵¹. No livro “Hacker Mani-

50 - O termo utilizado é em inglês e significa abrir brechas, fissurar, cortar, modificar, decifrar.

51 - “To hack is to differ. A hacker manifesto cannot claim to represent what refuses representation. Hackers create the possibility of new things entering the world. Not always great things, or even good things, but new things” (WARK, 2014, p. 04).

festos”, Wark diz que, apesar de criarem novas coisas, essas coisas não são de seus criadores, mas na verdade, as coisas criadas os possuem. Diz ainda que, para o hacker, disponibilizar conhecimentos para que outras coisas sejam criadas é essencial e faz parte de um de seus princípios. Os adeptos da ética hacker também concordam que o processo é mais importante do que o produto e a descentralização das decisões é essencial, potencializando o funcionamento das redes para os modos de ativismo e produção de conhecimento colaborativo. Os princípios da ética hacker são:

Toda informação deve ser livre. 2. O acesso a computadores – e a qualquer outro meio que seja capaz de ensinar algo sobre como o mundo funciona – deve ser ilimitado e total. 3. Desacredite a autoridade e promova a descentralização. 4. Hackers devem ser julgados segundo seu hacking, e não segundo critérios sujeitos a vieses tais como graus acadêmicos, raça, cor, religião ou posição. 5. Você pode criar arte e beleza no computador. 6. Computadores podem mudar a vida para melhor. 7. É Possível hackear qualquer coisa. Mesmo (BRASIL, 2014)⁵².

Identifico os desejos de mudança em relação ao *status quo*, a ironia e o tom de aceitação de desafios dos elaboradores da ética hacker. Ao abrir o blog para colaboração de desconhecidos, e portanto, construir um espaço de expressão de diversidade, o blog “dias sem compras” atuou de acordo com esses princípios. O blog em questão pode ser considerado como um blog que segue a ética hacker, assim como o Vá de branco e muitos outros que encontramos na pesquisa. É a perspectiva de se relacionar com as máquinas, equipamentos, tecnologias e produção de conhecimento, que acredita que a possibilidade do uso sem controle é a melhor maneira de fazer se multiplicar a liberdade de informação e os processos.

52 - Excerto retirado da apostila do curso Ética Hacker e Mineração de Dados, ministrado por Daniela Brasil no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo, em 2014.

Figura 2.4 - Página inicial do blog "Dia sem compras".



Abaixo está transcrito o início do texto, esse que é o segundo conteúdo anônimo⁵³ a ser apropriado de modo colaborativo pelos manifestantes contra o decreto de proibição dos eventos.

Nossos olhos veem, pois vivo é o olho! Janaete Kyra "Estamos nas ruas, vagando e observando, fazendo delas o abrigo de nossas recusas. Tivemos de ser preparadxs o suficiente pelas ruas para decidirmos gravar nelas os nossos reclamos, as nossas lamentações, alegrias e denúncias. Desta vez, viemos apregoar, dizer através delas que estamos de olho, atentxs. Pois para ver é necessário, também, viver tudo isso" (Provocação sobre a "derrocada dos chamados" (2010), Amigxs da Próxima Insurreição).

A citação explicita o lugar de onde fala alguém que assina no plural sem uma identificação binária de gênero (BUTLER, 2003) e, dessa maneira, questiona, em alguma medida, o que significam esses lugares de diferenciação no fazer política. O texto é endereçado para os leitores também nessa perspectiva desconstruidora, ao usar o x na palavra atentxs. A assinatura no plural, pseudo-

53 - Documento 7 – postagem sobre Praça da Estação no blog dias sem compras.

nimamente ou anonimamente, também constrói o texto, afirmando um despojamento da autoria, uma consideração da ação coletiva. Podemos também enfatizar como um aporte teórico para as discussões que tomam corpo no blog: a rua se faz como o espaço para estar, observar, agir e viver juntos se respeitando. O blog reposta o decreto, retirado da página oficial da PBH (Prefeitura de Belo Horizonte) e publica um texto que problematiza o decreto como uma prática autoritária do então prefeito, mas que está associada à de outros governantes da contemporaneidade, o que dá a ver um processo político de mercantilização da vida. É a professora Ana Clara Torres Ribeiro quem chama a atenção em diversos textos para “a necessidade de ressubjetivação das relações sociais” (RIBEIRO, 2013b, p. 34) a partir dessas problemáticas que aliam a tecnocracia aos interesses da classe dominante, ainda na contemporaneidade.

O texto do blog Dia sem compras também problematiza a demanda de preparação das cidades para a Copa do Mundo de 2014, que já estava definida naquele momento para acontecer em solo brasileiro. Belo Horizonte foi uma das cidades escolhidas para sediar o mega-evento, o que caracterizou investimentos do governo federal para diversas transformações que precisavam acontecer, isto é, para que a capital mineira oferecesse um receptivo adequado. O texto ainda assinala a arbitrariedade que poderia vir a caracterizar o Estado em tempos de mega-eventos, destacando diversas obras que já estavam acontecendo, relacionadas a eles.

O texto postado no blog Dias sem compras também constrói uma crítica às políticas públicas relacionadas à ocupação dos espaços urbanos em Belo Horizonte, mais calcadas em fatos do que em projeções e ironias. Remonta às violências que a população tem sofrido nos embates que trava com o poder público, na luta por territórios. E continua a descortinar as diversas intervenções urbanas pelas quais a cidade de Belo Horizonte passava naquele contexto, projetos que não se preocupavam com as questões sociais e/ou ambientais que as

intervenções urbanísticas têm realizado na capital mineira. Discorre criticamente sobre as obras de revitalização do centro da cidade – no âmbito do programa Centro Vivo⁵⁴ – que buscam, de acordo com o texto, “traduzir os espaços da cidade em espaços de passagem, consumo e distanciamento” planos pensados por determinados grupos específicos que “ocupam espaços unânimes de decisão e imposição de seus projetos” (KYRA) que basicamente querem acabar com os encontros e usos diretos dos espaços urbanos.

O texto toma jeito de previsões apocalípticas, ao problematizar planos de fabricação do esquecimento e a expropriação da memória, dos que tem o controle da cidade nas mãos. Disserta que o “higienismo econômico” se apresenta agora com o nome de “revitalização”, aquele que deseja levar para longe dos espaços que virão a ser nobres, os corpos indesejados por aqueles que planejam a vida de muitos, eleitos por uma representatividade muito mais do que questionável.

O texto tematiza o decreto proibitivo como um sequestro dos direitos dos cidadãos visibilizando uma problematização que busca compreender os “significados práticos” de um governante simplesmente desconsiderar a dimensão pública da praça, implementando um decreto que desautoriza e deslegitima a população de opinar sobre as definições da cidade. Desse modo, para o perfil do blog, e todos que repostaram o texto, o prefeito descartaria o diálogo, as consultas necessárias para reger democraticamente a cidade, trataria o espaço público como um bem privado que pode ser sequestrado do poder de uso popular produzindo uma “pacificação fabricada”. E não apenas o uso do espaço físico, mas também o uso simbólico desta que é a praça onde uma capital planejada do Brasil veio a se constituir. A prefeitura impossibilitaria, assim, a dimensão do espaço como de “encontro do comum, de trocas ainda possíveis”. A forma dessa cidade que segue as cartilhas de embelezamento que colocam-na para a disputa turística

54 - Acessado em 25 de fevereiro de 2018, disponível em http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=politicassurbanas&lang=pt_br&pg=5562&tax=16903

internacional e que assume a eliminação de todos que trazem apenas gastos, ao invés de consumo, dos que necessitam de amparo institucional, ao invés de apenas um desconto promocional para ser cidadão-consumidor, aproximando-se da perspectiva crítica dos processos de espetacularização urbana contemporânea, problematizados por Paola Berenstein Jacques diante de outros contextos (JACQUES, 2009) e da produção do espaço público como ideologia, de Manuel Delgado (2011). Para Paola, o processo de espetacularização da cidade contemporânea, termo que advém da perspectiva debordiana desenvolvida no texto "A sociedade do espetáculo" ([1968], 1997), que compreende o espetáculo como imagem da acumulação exacerbada de capital,

[...] é um dos maiores responsáveis tanto pela negação dos conflitos e dissensos no espaço público contemporâneo quanto pelo empobrecimento das experiências corporais nestes espaços e, sobretudo, pela negação, eliminação ou ocultamento da vitalidade dos espaços mais populares das cidades, que buscam se tornar midiáticas e espetaculares (BERENSTEIN, 2009, s/p)⁵⁵.

Para a autora, a espetacularização das cidades contemporâneas estaria associada a variados processos urbanos que atuam com diversos nomes "estetização, culturalização, patrimonialização, museificação, musealização, turistificação, gentrificação, privatização, disneylandização, shoppinização, cenograficalização, etc. de modo a garantir uma marca turística, cultural, a ser comercializada na geopolítica mundial. O famoso "modelo Barcelona", referenciando as intervenções urbanísticas que a cidade recebeu por conta da realização do megaevento Olimpíadas, é um ótimo exemplo no qual a estetização da cidade visava a construção de um produto de um planejamento estratégico e de marketing.

Tal modelo foi vivamente criticado pelo professor e antropólogo Manoel Delgado, principalmente em seu livro "A cidade mentirosa,

55 - Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>, acessado em 21/01/2018.

fraude e miséria no modelo Barcelona”, onde demonstra que a cidade programada para receber os turistas e especuladores imobiliários é limpa, sem dissensos, sem desigualdades, limpa como um espaço privado de um shopping, um produto publicitário. Delgado enfatiza como a destruição do patrimônio urbanístico e arquitetônico para a construção do novo projeto também aniquila o patrimônio social. No texto “Espaço público como ideologia”, o antropólogo mostra como a “urbanidade, enquanto sistema de boas práticas cívicas venha a ser a condição de conduta adequada ao urbanismo [...] submetendo os espaços públicos aos interesses das minorias dominantes (DELGADO, 2011, p. 27). A ideologia do espaço público cercearia a própria condição de dissenso, tão possível quanto presente no passado sem revitalização, e após a intervenção, extinta.

As diversas colocações sobre os processos de espetacularização urbana contemporânea que estavam neste primeiro texto compartilhado no primeiro e-mail da lista de e-mails da praça, serão apropriadas e utilizadas por diversos outros textos produzidos pelos manifestantes e espalhados por muitos blogs e e-mails que guardam as características de estarem associados também aos imaginários políticos sobre ética hacker. Depois de uma semana, o texto foi repostado em uma conversa na lista de e-mails, tendo sido colado na íntegra no corpo do e-mail, repetindo a ação contestatória. No blog Dia sem compras, diversos comentários agregaram informações e posicionamentos sobre as questões da Praça da Estação, dando a ver a mobilização de diversas ideias, produzindo um foro privilegiado para as discussões sobre o pertencimento àquela área física e simbólica, enquanto ideário de luta. Ao final, o texto é definido como release⁵⁶ e entra em uma nova série de discussões, desta vez não mais na produ-

56 - Release é um texto jornalístico enviado aos jornais e agências de notícias de modo a apresentar a proposta de um evento, manifestação, lançamento, convidando os interessados para noticiá-los.

ção colaborativa do texto, mas sobre alguns termos utilizados que caracterizariam proposições em disputas, mesmo em relação ao desejo de envolvimento da imprensa jornalística, para quem prioritariamente o release seria enviado.

A ideia da Praia é a que foi priorizada nas discussões que se sucederam na lista de e-mails, depois da divulgação anônima em outros blogs terem marcado a realização da Praia na Praça para o sábado de 16 de janeiro. Depois da troca de muitos e-mails acalorados, chega um e-mail apontando para a necessidade daquele tipo de discussão se realizar em co-presença e com mais tempo para discussão, não em um frenesi de imagens trocadas sem nem tempo para raciocinar, como estava sendo feito naquele momento. Ele ainda diz que cada um está fazendo o que pode e da maneira que acha válido e que era “impossível conversar direto por e-mail, tudo acaba virando mal-entendido e agressividade...”. Ele termina o e-mail mandando um abraço nominal para os que estavam na discussão e então percebo que é aqui que temos a primeira tomada de consciência em grupo de que a internet servia para muitas questões, mas a co-presença física era essencial para que a onda das mobilizações pudesse virar Praia. A demanda dos encontros aconteceu, de novo, para que as coisas pudessem continuar a serem encaminhadas.

No dia seguinte, mais uma série de e-mails são trocados e nos permitem perceber que os ânimos se acalmaram entre os autores em evidência na publicação de quinta-feira, outras pessoas do grupo se manifestaram na lista e até simpatias foram trocadas para que o sábado fosse de sol no centro de BH. Neste momento, a imagem que foi produzida para a divulgação da primeira praia já tomava os blogs, twitters e as listas de e-mails de amigos e conhecidos na cidade, muito mais vivamente do que o tal release.

Figura 2.5 - Cartaz virtual de divulgação da Primeira Praia da Estação



Importante percebermos que a imagem usada como plano de fundo para os personagens figurarem suas ações e apresentarem balões com as informações como os dizeres Praia na Praça da Estação, dia e horário, a demanda de ir de roupa de banho e acessórios praieiros, o artigo do decreto municipal entre diversos pontos de interrogação e a chamada para um debate sobre a "revitalização por decreto", que viria a ser uma conversa sobre o decreto e suas proibições. Temos também recortes de pessoas performando gestos associados às práticas de praia, tal como brincar com boias, mergulhar, o trabalho do salva-vidas, um agrupamento de pessoas pousando para uma foto na areia. A imagem de fundo é uma que B. havia utilizado no blog Pedreira na vidraça, divulgando a Praça-Praia: a ação aponta mais uma vez a perspectiva de produção colaborativa acontecendo, para tentar fazer a primeira praia acontecer.

Nessa primeira situação percebi que foram muitas as problemáticas levantadas sobre a proibição dos eventos na Praça da Estação,

questões que poderiam ter sido tratadas em consultas à população, chegando a possibilidades muito mais prenes de resoluções mais cidadãs em relação à simples proibição do uso da praça. Desde dezembro de 2009, com a criação do blog Vá de branco, o encontro, os outros blogs que mapeamos nas páginas passadas e a lista de e-mails, podemos contabilizar a atividade e envolvimento de pelo menos cinquenta pessoas – todas estas ainda com registro em ambientes virtuais de seus envolvimento, sem contarmos os jornalistas e as pessoas entrevistadas pelos jornalistas, bem como a equipe do governo e do museu, configurando as questões sobre o uso da praça como de interesse público. Algumas repetições foram constantes, como as relacionadas ao caráter autoritário do decreto, a tal autoritarismo estar conectado com as demandas de intervenção urbana para a realização do megaevento Copa do Mundo, em 2014. O próprio texto do decreto 13.798, postado e repostado nos blogs, listas de e-mail, entre outros. As oposições aqui comentadas dizem respeito ao modo de fazer/organizar a ocupação da Praça e da lista de e-mails, colocando em evidência que tal disputas serão constantes, já que a diversidade é marca dos que se encontraram naquele Vá de branco. Das adaptações/criações anotadas nesta primeira situação, enfatizei a construção de enunciados e ações para produzir colaborativamente como uma possibilidade exitosa de ação urbana via espaços digitais. O espaço da internet, tomou, em alguma medida, o lugar de discussão entre os cidadãos belo horizontinos sobre a determinação reguladora da praça, um espaço que a prefeitura mesmo poderia ter possibilitado como espaço de diálogos e dissensos, ao invés de simplesmente ter imposto uma regra descabida.

O imaginário político contagiado pela ética hacker começava a dar a ver suas potências de ação relacionadas à primeira praia. A apropriação da criação do blog para uma chamada específica, como se fosse um site de divulgação de eventos, os chamados hot site, a utilização do espaço do comentário do blog Vá de branco para trazer

uma discussão que estava se desenrolando nos comentários de uma notícia de jornal por MT, a utilização dos espaços de comentários para estabelecer diversas conversas sobre outros modos de fazer cidade e fazer movimento. Depois, a utilização da lista de e-mails e das trocas possibilitadas por elas, que resultaram em textos de conscientização, texto de divulgação e peças gráficas, dando a ver uma produção colaborativa em processo. E a demanda dos encontros presenciais: diversos processos que se passaram pela internet em conexão com alguns poucos encontros no espaço urbano, mas outros muitos com a produção imaginária dessa cidade, reencontrada a partir do decreto. Foram blogs anônimos e com perfis, comentários nos blogs, notícias de jornais e comentário de notícias que nos deram a ver uma polifonia em relação ao que se deveria fazer com a Praça da Estação. Em todos esses encontros – os presenciais na praça e os virtuais em blogs, sites de notícia e lista de e-mails - a ideia de direito à cidade, como um direito à cidadania urbana, como um direito ao pertencimento a Belo Horizonte, mobilizaram e motivaram diversas ações e desejos que talvez não existissem antes; e foi pela internet que pudemos ainda visualizar alguns destes fragmentos que dão a ver as narrativas no pensar, sugerir, imaginar e planejar a cidade.

Situação 2 - primeira praia da estação

A última postagem do blog *Vá de branco* notícia, em dezoito de janeiro de 2010, que

os moradores de Belo Horizonte abraçaram a ideia do 'Vá de Branco' que virou 'Praia da Estação' e será muitos outros, demonstrando a importância da abertura da Praça da Estação para a realização de eventos. A mobilização, assim como a praça, não tem um dono, não tem autoria definida (BLISSET, 2010).

O texto breve é acompanhado por alguns links: o endereço de um blog (o Pedreira na vidraça), dois portais de notícias locais e dois

de notícias nacionais, um site de mídia independente e um fotolog, todos ainda ativos trazendo imagens e relatos da primeira Praia da Estação. A página do *fotolog*, por exemplo, não existe mais, já que a plataforma de gerenciamento dos *fotologs* foi desativada em janeiro de 2016⁵⁷. Depois de estar sem atualizações durante alguns anos, as páginas foram excluídas do mundo virtual, sem avisar seus usuários, fazendo com que muitos perdessem memórias que acreditavam estar guardando nas nuvens. Foi a primeira grande discussão sobre armazenamento de dados de usuários das plataformas.

A página do uol está disponível ainda e devemos lembrar que a imagem postada foi das primeiras que circularam da Praia da Estação pela internet. A fotografia foi capturada ainda pela manhã, como podemos confirmar com a marcação das horas do relógio da praça, 10h27. Notamos que na foto há homens, mulheres e crianças em roupas de banho, sentados no chão da praça acomodados em cangas ou em pé em gesto corporal de conversa; ao fundo estão as torres de iluminação da esplanada da Praça.

Na legenda das imagens constam informações como as que circularam nos blogs e releases, dizendo que o grupo toma sol na Praça “para protestar pela decisão da prefeitura de proibir eventos em áreas públicas”. O link ainda está ativo, assim como o link do site do G1, que, sem imagem, expressa em linhas curtas, como em uma nota, as informações que julgam importantes comunicar. O texto do site de notícias da Globo diz que um grupo de cerca de 70 pessoas, formado por “atores, músicos, jornalistas, artistas plásticos e moradores de Belo Horizonte” produziram uma Praia na Praça da Estação, como protesto para manifestar “contra a proibição de grandes eventos populares no local.” A informação dessa frase é dúbia em dois momentos: primeiramente, quando parece separar os segmentos que produzem o protesto como não moradores da capital, criando uma classe do que seriam

57 - A notícia que ainda resta sobre a possível celeuma que ocasionou a desativação dos fotologs está no portal da rede de jornalismo da BBC. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151020_remocao_fotolog_ab ,

as pessoas que protestam. Em um segundo momento, quando diz que a proibição se deu contra grandes eventos populares, deturpando o próprio decreto, que proibiu todos os eventos. A notícia conta com a declaração do secretário da administração regional Centro-Sul, Fernando Cabral, esclarecendo que não há previsão para transformação do decreto, bem como a preocupação da prefeitura em preservar o patrimônio público de seu próprio público. A nota ainda diz que a manifestação foi uma representação, como se não fosse um protesto. A nota mostra a capacidade da mídia hegemônica em construir algo diferente do que aconteceu. Tal desentendimento (RANCIÈRE, 1996) tomou corpo com o reconhecimento do dano e da desconsideração da dimensão de contestação da cidadania, alimentando o debate dos banhistas sobre a cobertura jornalística. Em relação aos outros links, a página do jornal Hoje em Dia e a página da notícia do jornal O Tempo também não estão disponíveis, foram tiradas do ar dentro dos sites dos jornais, que continuam ativos, diferente do fotolog. O site do CMI, Centro de Mídia Independente, que voltou ao ar recentemente (19/11/2016) também tem a notícia específica fora do ar.

O blog Pedreira na vidraça está no ar e nele encontramos a postagem que o link poderia estar se referenciando, que tem como título “Praia da Estação – aconteceu mesmo” e tem três fotografias, não mais disponíveis, além de um texto que mais uma vez contextualiza a reunião do Vá de branco, o decreto proibitivo, o e-mail que chega para convocar a praia, e explica brevemente os acontecimentos do sábado, do qual retiramos o excerto que reproduzimos a seguir:

Pessoas de todas as idades, ideologias políticas, classes sociais, religiões se reuniram para protestar e também para se divertir. Nada melhor do que se reunir de forma descontraída, se contrapondo à política pesada e autoritária do prefeito de Belo Horizonte. O que não faltou para nos vigiar e tentar quebrar o clima de alegria foram policiais, cassetetes, carros rondando. Mas, apesar da tentativa de nos desmotivar, fomos mais fortes. A politização, a autoconfiança, a certeza e a crença no estado democrá-

tico venceram a tentativa de imposição, a repressão, a falta de respeito ao cidadão. Conseguimos o inesperado: mobilizar mais de 300 pessoas com trajes de banho, tambores e faixas para desmoroar esse atentado contra a cidadania e à cultura defendidos pelo Márcio Lacerda e seus fantoches.⁵⁸

Diferentemente do texto do jornal “O Globo” que reduz a algumas classes culturais a presença de banhistas na praça, apenas no excerto do texto do blog já vislumbramos uma descrição de diversidade muito maior sobre os que estiveram presentes na primeira Praia, quando diz “Pessoas de todas as idades, ideologias políticas, classes sociais, religiões”. A caracterização do blogueiro amplia os modos de se encarar a diversidade dos banhistas, considerando para além da função profissional das pessoas presentes. O texto enfatiza a dimensão divertida da contestação ao decreto, ação considerada como invenção, afinal, no histórico das mobilizações urbanas até aquele momento, as ações contestatórias se caracterizavam por uma apresentação dos manifestantes bradando contra a instituição opressora.

Fazer do protesto uma ação lúdica também pode ser considerada uma invenção. Uma festa não programada e que por isso mesmo contrasta e subverte as festas planejadas onde se “consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e dinheiros” (LEFEBVRE, 2001, p. 12), a invenção de uma praia na Praça da Estação, pode ser considerada uma dessas alternativas. O texto ainda enfatiza a presença da polícia e guarda municipal à espreita durante o tempo todo em que estivemos na praça, em roupas de banho, informações que ainda não haviam sido oferecidas pelas fontes acessadas, mas que marcaram o percurso e a disponibilização de produção dos corpos daquela primeira praia. No texto, o perfil de B tematiza que o inesperado da mobilização, que teve em sua primeira edição 300 pessoas em trajes de

58 - Disponível em <http://pedreiravidraca.blogspot.com.br/2010/01/praia-da-estacao.html>

banho, com instrumentos, cartazes e faixas, conseguiu desestabilizar o atentado à cidadania da proibição dos eventos. Ao final do texto, o blogueiro chama para a próxima reunião da mobilização, que vai se realizar na praça, na terça-feira seguinte às 19h.

Apesar de não estar disponível no site do extinto jornal Hoje em dia, a notícia tão referenciada por variados blogs está com o texto na íntegra postado no blog de MT. O seu perfil publica a notícia do jornal no espaço do conteúdo e dá a ver todas as suas opiniões no espaço do comentário da postagem, subvertendo o formato do blog. Ela qualifica a reportagem como ótima e contradiz a declaração do secretário de governo, de que o decreto proibia apenas os grandes eventos: são eventos de qualquer natureza e para tanto, ela também publica o texto do decreto no comentário, repetindo mais uma vez a informação. MT acredita que o decreto municipal de proibição dos eventos é temporário, já que a assessoria da prefeitura havia declarado tal condição, no local de informação oficial. Percebi que como descrito no seu perfil, ser professora da rede municipal e, portanto, funcionária pública, ela acredita na ação do governo municipal, ao menos em alguma medida.

A notícia do jornal Hoje em Dia define o protesto como bem-humorado e explica que o objetivo era se manifestar contra o decreto, banhando-se nas fontes, mas que “curiosamente” não foram ativadas. Notamos no texto do jornalista uma ironia ao utilizar o termo curiosamente, ressaltada pela utilização das aspas ao dar um novo sentido ao advérbio de intensidade. Em resposta à questão, o jornalista publiciza que o secretário da Administração Centro-Sul, Fernando Cabral, havia declarado que as fontes estavam em manutenção. A notícia ainda conta que, por causa do calor e da falta da água, os manifestantes fizeram uma vaquinha e solicitaram o serviço de um caminhão pipa. O banho, que durou cerca de meia hora, de acordo com o repórter Augusto Franco, foi observado de longe pelos policiais militares e integrantes da guarda municipal, caracterizando aqui uma

aproximação das informações que o blogueiro-banhista B havia trazido, a de presença de agentes da segurança pública. A notícia conta com o depoimento de dois estudantes, entre as 300 pessoas que o jornal contabilizou como presentes, assim como outros blogs, Luther Blisset e TM. Ambos questionam qual seria a função da praça sem os eventos, além de fazerem outras críticas em relação à indisposição da organização da Praça para o acolhimento do público, como a falta de bancos, árvores para a sombra e banheiros públicos. Mais uma vez o secretário Fernando Cabral dá uma declaração que nos deixa compreender um pouco mais além os objetivos do decreto: não era proibir as reuniões públicas, mas eventos organizados por “empresas que faturam muito e acabam depredando a praça” (FRANCO, 2010). O secretário ainda declarou que os jovens que ocupavam a praça naquele momento estavam lá por conta dessa condição tácita do decreto, e estarem lá realizando a praia sem serem importunados pelos agentes policiais, era um exemplo dessa condição silenciosa. O problema, para o secretário, seria “continuar a destruição do patrimônio da cidade”.⁵⁹

Mas quem é o estudante Luther Blisset que dá entrevista para o jornal Hoje em Dia e que também assina a última postagem do blog Vá de branco, por onde começamos essa situação virtual da Primeira Praia? Luther Blissett é um pseudônimo coletivo que começou a ser utilizado a partir de 1994 por diversos artistas, ativistas e brincalhões europeus, para contestar a indústria cultural que passava a contaminar também o espaço virtual da internet. O projeto inicial, que teve um plano de atuação de cinco anos e pode ser encontrado no site www.lutherblissett.net, tinha como objetivo criar um novo tipo herói popular. Das primeiras ações que o “Robin Hood da era da informação” realizou foi a criação de campanhas em solidariedade à vítimas de censura e repressão e a disseminação de “pegadinhas midiáticas (*media pranks*) praticadas por ativistas culturais” (ALBUQUERQUE,

59 - Último acesso em 13/08/17, com restrição aos comentários, mensagem de erro, no blog, agora, fora do ar por completo.

2012, p. 35), de modo a criticar a indústria cultural a partir da ridicularização das práticas jornalísticas contemporâneas: tudo o que é assinado por Blisset coloca em xeque as noções de autoria e identidade.

De acordo com Mesquita (2008), o uso dos nomes múltiplos remonta a práticas de resistência mais antigas, dos levantes ludistas no século XIX, inspirados pela figura imaginária de Ned Ludd até os movimentos artísticos de correntes neoístas (que lançaram os pseudônimos Monty Cantsin e Karen Eliot) nos anos 1960. Blisset (2001) – que assina uma coletânea de textos organizada sob o título “Guerrilha Psíquica” vai ainda mais longe, situando a utilização do mesmo nome por muitas pessoas em estratégias de camuflagem elaborados por hereges medievais e sociedades secretas ligadas à prática de alquimia. Luther Blisset, desse modo, não diz respeito apenas a um modo de (não) se identificar. Configura um “enunciado de dissimulação” (Blisset, 2001) inscrito em um imaginário que reúne práticas revolucionárias, artísticas, ritualísticas e midiáticas sob o signo do anonimato como forma de resistência e recusa ao sistema de representação. Mais do que designar um ‘não-sujeito’, como afirma um dos banhistas, o anonimato conservado sob a forma de nomes múltiplos relaciona-se assim a um sujeito de luta política (ALBUQUERQUE, 2013, p. 36).

Ao ter um papel importante na Praia da Estação, de assinar as postagens dos primeiros tempos no blog Praça Livre, Luther Blisset se identifica como um sujeito de luta política que também sempre se declarava na mídia jornalística. Ele é, inclusive, o primeiro perfil que assina, assume e constrói o blog das mobilizações da Praça da Estação: o blog Praça Livre foi criado em 21 de janeiro, nos dias seguintes ao primeiro encontro dos banhistas na Praça da Estação, depois da segunda reunião da semana, a da quinta-feira.

Os outros dois pseudônimos que são posteriormente adicionados como assinaturas do blog são Omar Motta e Rita Garella, ambos nomes que sugerem palavras ambíguas quando pronunciados: “o marmota” e “ri, tagarela!” Entre figura ou vício de linguagem, o cacó-

fato dos pseudônimos criados são inventivos e subvertem na prática, assim como Luther Blisset, a veracidade das informações jornalísticas e oficiais. Em meu entendimento, essas invenções são astúcias que segundo Michel de Certeau em "A invenção do cotidiano", só o mais fraco, o que não tem lugar, em sua potência de usos e práticas táticas, pode criar. Diante da necessidade de tomar corpo enquanto manifestante, mas não necessariamente como identificado diante do sistema, os pseudônimos ampliam as condições de possibilidades das iniciativas que podem se desenvolver. Além de, apenas por existir, já realizarem uma crítica à ideia da informação como o maior valor social na contemporaneidade. O blog funciona na plataforma Wordpress, está visível no endereço <https://pracalivrebh.wordpress.com/> e tem no dia 11 de janeiro de 2014 a sua última postagem.

Alegria, alegria

Ao voltar à lista de e-mails, verifico o entusiasmo de alguns participantes da primeira praia, que, logo após o dia de manifestação da insatisfação diante do decreto, entram em uma cadeia de discussão e de regozijo: a primeira praia aconteceu! O título do primeiro e-mail, de uma série de 19, enviados por 10 perfis diferentes, é "alegria, links sobre a praia, semana que vem de novo e propostas", proposição que seu autor segue a risca. Mas alguns e-mails trocados extrapolam a chamada, como os que pedem a inclusão de novos integrantes ao grupo ou que apresentam outros usos de plataformas de compartilhamento, como o Flickr, explicando como georreferenciar as postagens na plataforma. O link do G1 de São Paulo disponível neste e-mail, traz uma imagem do banho de caminhão pipa daquela tarde. Diferentemente da matéria publicada pela correspondência do Globo em Belo Horizonte, parece que a equipe do jornal de São Paulo teve maior autonomia para dar a ver em imagem, os acontecimentos que se desenrolaram na Praça da Estação, naquele dia.

Figura 2.6 - Imagem que circulou no portal G1 de São Paulo

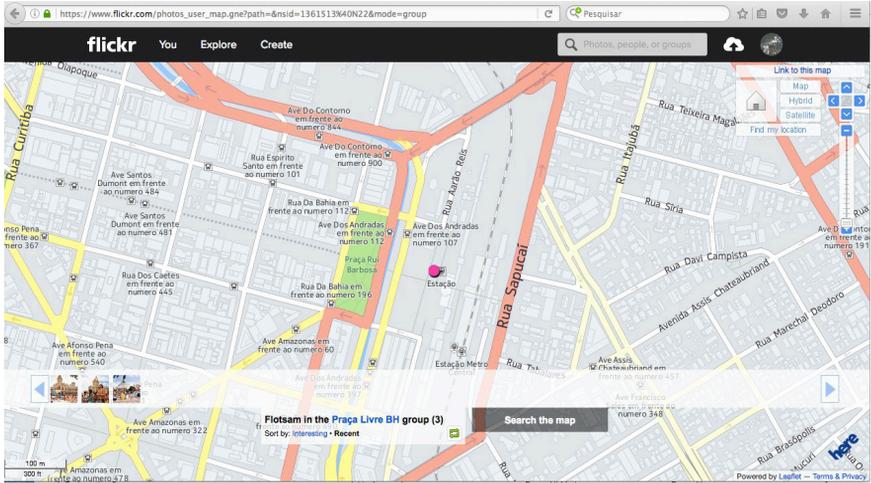
The image is a screenshot of a news article on the G1 website. The main headline reads "De biquíni e sunga, manifestantes transformam praça de BH em praia". Below the headline is a large photograph showing a large group of people, many wearing swimwear, sitting on a paved city square. The article text above the photo states: "Ato é contra a decisão da prefeitura de proibir eventos em praças. Protesto aconteceu neste sábado na Praça da Estação." The sidebar on the left contains a navigation menu with categories like "Primeira Página", "Brasil", "Carros", "Ciência e Saúde", "Cinema", "Concursos e Emprego", "Economia e Negócios", "Esporte", "Mundo", "Música", "Planeta Bizarro", "Política", "Pop & Arte", "Rio de Janeiro", "São Paulo", "Tecnologia e Games", "Vestibular e Educação", "Vídeos", "Todas as notícias", and "G1 especiais". The sidebar on the right features a search bar, a "plantão" section with various news items, and a "primeira página" section with a list of top stories.

A imagem que vem acompanhada apenas da legenda sem nenhum texto que explique mais minuciosamente a manifestação, onde diz que os manifestantes “transformaram o local em uma praia para protestar contra a proibição da prefeitura de realizar eventos em praças públicas da capital mineira”. Publicada em 16/01/2010, às 16h17, a imagem acompanhada da legenda não sofre nenhuma atualização até hoje, (22/11/16), consta que a imagem é de Frederico Haikai do Jornal Hoje em dia/ Agência Estado. O mesmo jornal ou, podemos dizer, fotografia de cobertura daquela mesma notícia que MT transcreveu a notícia em seu blog. O próprio jornal “O Globo” recorreu à prática “jornalística” amadora de repassar um conteúdo, sem muitas preocupações em relação a uma apuração mais detalhada dos fatos. As imagens dos corpos protestantes da Praia da Estação foram visualizadas muitas vezes e tiveram um alcance de rede amplo; esta mesmo, estava antes no blog de MT, além da notícia do jornal Hoje em Dia, diversas vezes citada, mas não mais acessível na fonte.

O perfil autor do e-mail comenta no e-mail inicial da cadeia “alegria...” que gostaria de fomentar um encontro na próxima Praia

da Estação no qual algumas bandas da cidade pudessem tocar ao vivo para os banhistas, e que esta era a sua principal proposta, das enunciadas no título. Os e-mails que se seguem acionam outras ideias e contatos que poderiam ser buscados para a realização do evento.

Figura 2.7 - mapa na plataforma flickr para postagens georreferenciadas da Praia da Estação



F Primeira proposição inusitada de utilização de uma plataforma na qual já se tematiza a Praia da Estação. Apesar de ser uma adaptação do uso do Flickr, para motivos de mobilização contestatória urbana, a adesão à pasta de fotos foi baixa, embora a imagem do mapa pode ter sido bem mais acessado, potencializando mais um aprendizado sobre a organização política oficial do espaço. Mas a pasta que proporciona o georreferenciamento das imagens guarda algumas valiosas fotografias deste primeiro encontro da Praia da Estação, preservando um espaço de memória da iniciativa até hoje. Serão retomadas logo.

Embora a utilização do grupo criado no Flickr não seja tão usual, a utilização da tag #praiaestaçao já pode ser considerada uma outra medida, já que possui quarenta páginas de postagem marcadas

com ela, em relação às quatrocentas páginas de postagem com a tag #belohorizonte. A dimensão de lugar de armazenamento e memória de imagens da Praia da Estação, ganha, no Flickr, um de seus espaços mais plurais. Em cada página da plataforma podemos encontrar cerca de 90 postagens de imagens, contabilizando cerca de 2500 imagens com a marcação Praia da Estação, um número considerável. A plataforma de compartilhamento de imagem Flickr permite que as pessoas que têm conta na rede social sejam adicionadas às imagens, permite que as imagens sejam consideradas favoritas pelos membros, permite ainda que as imagens sejam comentadas por qualquer usuário e que sejam ainda “tagueadas”, isto é, marcadas pela tag, dependendo das disponibilidades que o autor atribuiu àquela imagem. Entre as redes sociais de postagem e compartilhamento de imagens, o Flickr é das mais antigas e a que permitiu, depois de uma análise da regulamentação brasileira, a postagem ilimitada de imagens pelos usuários aqui residentes, não restringindo a quantidade de bytes a ser armazenada em sua nuvem de dados virtual.

Ainda em resposta na cadeia de e-mails “Alegria...”, gostaríamos de destacar a publicação de outro blog, o do coletivo C.I.S.C.O, que teve uma postagem sobre a Praia na manhã seguinte ao protesto festivo. O C.I.S.C.O., como indicado no link Quem somos? à direita no topo do blog, é um coletivo que se formou em Belo Horizonte em 2005, e que agora assumia seu corpo na internet, nesse blog.

O C.I.S.C.O. é um coletivo autônomo, informal, mais ou menos organizado, sem vinculação partidária ou com qualquer outro tipo de organização privada, pública ou seja lá o que for. Não é financiado por instituição de natureza alguma, consistindo a sua identidade numa relação de amizade e coleguismo entre os seus integrantes, bem como numa simpatia – em variados graus, intensidades e pontos de vista – acerca dos textos, contextos e práticas da tradição libertária (dentre os quais inclui-se, sem aí se limitar, a Filosofia Anarquista). <https://sites.google.com/site/turmadocisco/>

O blog, que conta com alguns seguidores e também confirma o limiar temporal em que os blogs foram ativos, de 2009 até 2012, durando até 2014, demonstrando mais uma vez o uso criativo de um espaço de divulgação de ideias anonimamente na internet. Anonimamente ou pseudonimamente, melhor dizendo, já que a demanda de ter um e-mail, como vimos com os outros blogs, é a única exigência para se criar um espaço destes. Seguindo Maurice Lagaa, que escreve *La pensée pseudonyme* (1986), eles motivam pensar sobre os contextos em que estamos imersos cotidianamente. “Os pseudônimos estão entre nós, como um corpo estranho-familiar. Eles não têm sede, associação ou representante. No entanto, eles estão à beira de instituições e leis, à sombra de uma sociedade particular, com seus rituais, mitos e territórios” (LAGAA, 1986, p. 5)⁶⁰ Em sua dimensão criativa, trazem para o espaço de contestação outras referências, outras politicidades, compondo os imaginários políticos do se fazer junto, mesmo entre estranhos, pois é o coletivo, e não a autoria, o que importa nesse contexto.

O blog C.I.S.C.O. está hospedado na plataforma Blogger e recomenda alguns blogs – sobre ativismo, sociedades vegetarianas, o exército zapatista de libertação nacional núcleo de sociabilidade libertária, entre outros - que se encontram enunciados pelos títulos na coluna da direita do blog. Tem como logomarca um desenho de duas katanas, que parecem ser de samurais, cruzadas sob um símbolo de Copyleft, reverenciando uma luta honrada pelo código de conhecimento livre divulgado pelos adeptos do software livre. Logo acima da bandeira encontramos os dizeres “Copyleft, todos os direitos revirados” subvertendo o “Copyright todos os direitos reservados”, que garante a propriedade intelectual das ideias, adaptando as definições mais usadas de compartilhamento de conteúdo. Abaixo da bandeira, que pela aplicação do branco no preto do fundo também faz uma alusão às bandeiras

60 - Le pseudonymes sont parmi nous, comme un corps étrangers-familier. Ils n'ont pas de siège social, d'association ou de représentant. Ils sont pourtant, au bord des institutions et des lois, l'ombre d'une société particulière, avec ses rites, ses mythes et ses territoires (LAGAA, 1986, p. 5) Tradução nossa.

dos piratas, estão os dizeres “O C.I.S.C.O. apoia a livre circulação da produção intelectual. Saiba mais sobre o Copyleft.”. O Copyleft é uma licença sobre autoria que permite compartilhar o material em qualquer mídia ou formato e também dá o direito a remixar, adaptar ou utilizar parte da obra, mantendo a nova obra também sob a licença do material original, de acordo com o site que assegura a versão de copyleft atribuída ao blog⁶¹. Desse modo, logo pode-se identificar que o coletivo também se associa aos ideais da ética hacker trazendo a tona a ideia de trabalhar de modo colaborativo, anônimo e horizontal.

Figura 2.8 - imagem da primeira postagem sobre a praia da estação no blog C.I.S.C.O.



Logo à primeira imagem postada da Praia no blog do C.I.S.C.O, há um cartaz manufaturado com os dizeres “essa praia não tem líderes”, trazendo mais uma vez um índice de que a ética hacker é seguida pelo coletivo do blog e que eles estiveram na Praia. Há também um guarda-sol em segundo plano, um guarda municipal em terceiro, a aglomeração praieira em quarto e o prédio da estação de trens ao fundo. O título da postagem é “Praia da Estação, a nova onda do verão”, fazendo a segunda referência à ideia de que a (des)organização das pessoas

na contestação do decreto não era um movimento social, não era um coletivo – como é o C.I.S.C.O. – não era uma associação; mas sim um modo de estar e praticar política na cidade, mais fluído, sem definições, com muitas variações, que vêm e vão. “A nova onda do verão”, faz uma alusão à utilização da palavra onda como utilizada pela moda, colocando em evidência uma nova tendência, evidenciando a ironia, sempre presente no texto. A onda, termo que já havia sido mencionado na lista de e-mails, em uma discussão sobre a definição do que seria a praia, uma mobilização, uma manifestação, um coletivo... diante da impossibilidade de se determinar, ficou-se definido que a Praia é uma onda. Importante lembrar que C.I.S.C.O. é um coletivo, mas compreendem que a Praia, por ser um espaço onde muitas ideias estavam em diversos dissensos constantes, não era um movimento social, e sim uma onda, como os próprios banhistas definiam. Ainda reparei na imagem de um fragmento de uma piscina inflável para crianças, ao lado do cartaz, na fotografia visualizada na captura de dela.

O texto da postagem dá conta de um relato que abrange a manhã e a tarde da Praia da Estação, diferentemente dos textos das notícias, nos quais se expressam os pontos de vista de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas que permaneceram ali apenas durante um momento do dia. O texto começa com um tom diferente, diria irônico em relação ao texto jornalístico, dizendo que no sábado a praça recebeu alguns moradores em trajes de banho para aproveitar a vasta área e se refrescar. Logo rememora que o espaço da Praça da Estação havia sido durante anos uma área destinada aos estacionamento de veículos e que, depois de revitalizado nos anos 2000, recebeu melhorias para a população, e aqui notamos a ironia em relação à obra que realmente não priorizou a criação de espaços de convivência na praça, acabando por produzir uma grande esplanada vazia.

No último sábado, 16 de janeiro de 2010, um grupo de pessoas em trajes de banho se reuniu na Praça da Estação, centro de Belo Horizonte, para

curtir um dia ensolarado na cidade. [Espaço “revitalizado” na década de 2000](#), o local que por muitos anos serviu de estacionamento para veículos recebeu diversas “melhorias destinadas à sua população”, como modernas fontes que saem do chão formando colunas d’água.

Nesse momento, a postagem indica um link da prefeitura de Belo Horizonte, que não está mais acessível, complementando com a condição de área para estacionar veículos que a praça tinha até a reforma, iniciada em 2000. Sabemos que a Praça da Estação é reconhecidamente um marco na cidade de Belo Horizonte, tendo sua construção iniciada em 1904, e sua estrutura atual finalizada em 1922, sempre palco de manifestações políticas. O imóvel é protegido por tombamento pelo município desde 1985 e pelo Instituto Estadual de patrimônio Histórico e Artístico-IEPHA. A Praça da Estação foi incluída no Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte de 2007, o qual identificou o usuário do centro com um perfil popular e de constante apropriação do espaço. Neste plano foram então propostas diversas formas de reabilitação, todas considerando o uso popular, seja com feiras de antiguidades, objetos usados ou brechó, fechamento de vias aos domingos, promoção de eventos culturais. Porém, poucas ações foram efetivadas.

Fiz uma busca na página da prefeitura com as palavras-chave “histórico da praça da estação”, e fui levada para uma página⁶² que contava brevemente fatos históricos, em ordem cronológica sobre a Praça, contando que a pedra fundamental da cidade foi ali colocada em 1894, antes mesmo da inauguração da capital. Diz depois do primeiro relógio da cidade que foi ali instalado em 1898 e da inauguração do Prédio da Estação, em 1922. A página oficial da prefeitura enuncia sobre conjunto arquitetônico tombado da Praça da Estação, composto pela Serraria Souza Pinto, o viaduto Santa Tereza, o Centro Cultural da UFMG e o prédio do Museu de Ar-

62 - Acessível no portal da prefeitura, link acessado em 30/08/2017. <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=24099&chPlc=24099&&pldPlc=&app=salanoticias>

tes e Ofícios, “o único museu na América Latina implantado em um prédio neoclássico” e diz que em 2004 a Praça foi entregue para a população depois de um período de melhorias para a população, no acesso à estação de metrô ali presente. Também enumera as placas de cimento, os dois conjuntos de fontes e os conjuntos de postes de mais de 20m de altura que possibilitam a iluminação em grandes eventos. O texto é finalizado dizendo que a praça é um importante local para as manifestações populares, shows, eventos e que uma das maiores festas juninas do Brasil, o Arraial de Belô⁶³, acontece por lá.

Na dissertação de Michele Abreu Arroyo, “Reabilitação Urbana integrada e a centralidade da Praça da Estação”, há informação de que na década de 80 “iniciam-se as obras de capeamento do Ribeirão Arrudas” (ARROYO, 2004, p. 115), que foi canalizado e preparou a área para a transformação do sistema de transporte municipal, que colocou a Praça novamente como “porto”, também conhecido como “Terminal Rui Barbosa”. A esplanada, nessa época, além de receber os carros como uma área de estacionamento, recebia também a Feira Hippie, feira de artesanato e alimentação, que hoje se realiza na Avenida Afonso Pena, tendo sido expulsa também da Praça da Liberdade, nos anos 90, para uma reforma de uma construtora, a MBR, em contrapartida às autorizações de mineração que havia conseguido. Ao final da década de 90, o metrô já estava instalado transformando a sociabilidade da praça em novamente como um lugar de “aportamento de passageiros” (RODRIGUES, 2012, p.210), mas desta vez não mais de tantas pessoas vindo de outros lugares, agora a maioria era oriunda da região metropolitana de Belo Horizonte.

Ainda seguindo a trajetória de espaço público da Praça da Estação, encontrei informações de que a área foi amplamente usada pelo movimento das Diretas Já, no início da década de 80 e que, em 96, “as edificações da Praça eram de uso coletivo, uso comercial, de serviços e industrial. O espaço abrigava grande número de manifes-

63 - O Arraial de Belô é uma festa junina organizada pela Prefeitura de Belo Horizonte.

tações culturais. À época havia um bar localizado no prédio da Estação Central” (RODRIGUES, 2012, p. 208). A praça havia retomado sua centralidade principalmente pelo uso da área para comportar o terminal de ônibus que ligavam a cidade numa estrutura de transporte radiocêntrica (ARROYO, 2004, p. 117).

A princípio nada demais, não é mesmo? Numa cidade que não possui praias, uma praça que dispõe de uma vasta área, com a presença de fontes, parece ser uma boa alternativa para aqueles que em pleno verão gostariam de curtir o sol e se refrescar. Mas a história não termina aí... na verdade ela só começa assim. Essa reunião de “banhistas” que até poderia ser normal no dia a dia da cidade aconteceu após a publicação de um [decreto do prefeito de Belo Horizonte](#) proibindo “a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação”. Fazer da praça a “Praia da Estação” foi a forma que alguns moradores encontraram para, além de curtir um dia de sol, mostrar que não é a partir de normas outorgados sem qualquer tipo de debate que os espaços públicos da cidade se constroem (BLOG C.I.S.C.O.).

Nesse relato narrativo dos acontecimentos, o blog C.I.S.C.O. faz uma crítica certa à prefeitura e ao seu modo de gestar os espaços públicos da cidade via normas outorgadas sem nenhum tipo de debate. Mais uma vez o direito à cidade se veste da demanda de pertencimento ao espaço urbano, como vimos na caracterização de Holston da apropriação do termo lefebvriano ao contexto brasileiro. O link disponibilizado é, novamente, o do decreto. A imagem⁶⁴ que dá sequência à postagem, construída no dia seguinte à Praia, é de TB, um dos dois fotógrafos referenciados no blog C.I.S.C.O. A imagem dá a ver os corpos em roupas de banho se divertindo no banho de mangueira do caminhão pipa, a faixa “A praça é de Tudo é de Todos! A Praça é a nossa praia”, duas bicicletas e um rapaz filmando ao fundo e faz parte das imagens postadas no Flickr taggeadas com os marcadores praia

64 - <https://www.flickr.com/photos/bodolay/4280224012/in/album-72157623099228713/>

da estação e Belo Horizonte. Na imagem, vemos a faixa que foi produzida e levada, na busca de comunicar-se com outras pessoas que passariam pela Praça, naquele sábado de janeiro. Vemos os corpos juntos em roupas de banho, aproveitando a ducha d'água em gestos de desprendimento e liberação .

No inusitado [dia de praia teve de tudo](#), mostrando a pluralidade da manifestação e das pessoas que resolveram aderir ao [chamado anônimo que rolou pela internet](#) e pelo boca a boca. Com a mistura dos instrumentos levados pela galera, dentre os quais se via desde trompete até tambores, rolou muita música, do axé ao maracatu. Os participantes não se esqueceram dos apetrechos, teve guarda sol, toalha, peteca, frescobol e, é claro, a indispensável farofa! Muito filtro solar foi necessário para combater o sol numa praça feita para o “povo estar”, mas inexplicavelmente destituída de sombra.

Na postagem do blog ainda é dito que as fontes não foram ligadas, como seriam de costume às 11h, e publiciza diversos links de outros blogs já referenciados aqui, como o do CMI, além de diversos flickrs e algumas notícias, como a do jornal Hoje em Dia, pelo repórter Augusto Franco, que se pode acessar parte do conteúdo no blog de MT. No relato do blog fica claro que a compreensão do concatenamento dos processos vividos em Belo Horizonte com os de outras cidades no mundo e a possibilidade daqueles eventos estarem relacionados com a adaptação da cidade para o recebimento do mega-evento Copa do Mundo em 2014, assim como já tinha sido relatado no blog Pedreira na vidraça, que também tinha sido discutido no encontro do Vá de branco, pautou a discussão no blog Dias sem compras e também na lista de e-mail Praça Livre BH.

O blog ainda faz mais um registro importantíssimo, quando anota os recados que foram cantados durante o banho coletivo, atualizando canções populares da década de 90, como o pagode do grupo Raça Negra e outras recados mais explícitos, como o para o

prefeito “ Ei Lacerda, liga essa merda”, além das vozes ao ritmo de funk que cantava em uníssono “U u u u u, toda semana!”. Todos esses gritos para dançar juntos, seja no banho do caminhão-pipa, ou nos ensaios de carnaval, que logo se estabeleceriam em todas as praias, criaram muitas outras maneiras de se contagiar da reivindicação pela praça livre. Talvez as músicas tenham dado força para os corpos seminudos, molhados em um banho ao calor do sol, mesmo com os policiais e guarda-municipais presentes, força inclusive para outras pessoas tomarem parte naquele banho, apenas por estarem passando ali, situação até então não realizada na cidade. Uma praia inventada para reivindicar uma participação política silenciada, de decisão sobre a condição de público daquele espaço, talvez possa ser considerada uma nova forma de participar da produção da cidade. Corpos livres, unidos em música e água, para reivindicar sua existência e direito de estar, na cidade, como um pequeno ritual de pertencimento ao urbano.

Flickr

Nesta primeira série de imagens do Flickr que encontrei, as imagens são protegidas por uma marca d'água, bloqueadas para baixar e nelas podemos perceber a diversidade dos corpos que estavam dispostos no primeiro banho da praia. Crianças, jovens, adultos, brancos, negros, juntos e misturados nas fotos molhadas. As pessoas parecem felizes, ocupando a ampla área da praça para o lazer sob o calor do sol e as brincadeiras embaixo da água.

Já as imagens no Flickr⁶⁵ de TB se apresentam de outra maneira. São 25 fotos que fazem uma cobertura das atividades desde de manhã até a tarde, quando acontece o banho de mangueira do caminhão-pipa. As fotos estão todas disponíveis para baixar e trazem em cada uma as informações da câmera com que foram tiradas assim como as técnicas de como foram produzidas, ou seja, seu processo de realização,

65 - <https://www.flickr.com/photos/bodolay/sets/72157623099228713/>

usando as possibilidades de compartilhamento do gesto de fotografar para com os outros que estiverem em contato com a imagem, via plataforma. A primeira imagem atesta a presença de um guarda municipal, que, num gesto que pode ser interpretado como de preocupação, leva as mãos à cabeça ao se deparar com os usos que os banhistas estão fazendo da praça e dos arredores do monumento. Observo que os dois agentes patrimoniais fazem uso de um *Segway*, patinete com duas rodas paralelas, que possibilita autonomia na velocidade para percorrer grandes áreas, como a da Praça da Estação.

Figura 2.9 - Topo do álbum da primeira praia da estação do flickr de TB



Depois, o ponto de vista se coloca na mesma distância do chão que estão os banhistas sentados em suas cangas, revelando as intimidades dos gestos de fruição do sol e da praça. As imagens mostram instrumentos, a ocupação da sombra, as danças que foram feitas coletivamente como as que arroteavam a casa de máquinas onde se poderia ligar as fontes. Mostra o carro da polícia militar, que chega mais tarde, durante o banho, tem algumas fotos marcadas como favoritas e várias outras com comentários, por vezes simples como onomatopeias entusiasmadas, outras deixando entrever as redes de sentido, as relações de amizade e de ironia, ou as de reconhecimento e (re)apresentação online. No álbum ainda estão fotografias de instrumentos e experimentações com seus reflexos, diversas fotografias do banho, nas quais posso remontar à energia que compartilhávamos ao agir juntos, interações inusitadas. Importante também vermos que o álbum se chama Praia da Estação 01, marcando a existência de uma série do fotógrafo.

Outro blog poderia ser trazido para dar a ver a diversidade de opiniões sobre a Primeira Praia da Estação, o blog do coletivo Conjunto Vazio⁶⁶, disponível no endereço que no próprio nome do blog já faz uma brincadeira com o nome do grupo e o nome do blog: escreve “conjunto” com m, dando a entender que o sentido também pode ser com e junto, duas palavras que fazem entender um ser coletivo. No texto, acompanhado por algumas fotos e também 13 comentários, o blogueiro começa dizendo que a praia já aconteceu e que, apesar de ser clichê, todos pareciam estar na mesma sintonia. Mas, diferentemente de todos os outros registros que já vimos até agora, afirmava categoricamente que não era uma boa ideia continuar fazendo outras praias.

Mas é importante frisar: a Praia já aconteceu e acabou. Não se trata de afirmar que outras não poderão ocorrer ou clamar por um espontaneísmo purista de sua organização, mas pensarmos que quanto mais gerarmos expectativas para algo que se mostra fluido e de agregação horizontal corremos o risco de cairmos em um evento que incida na perda do seu potencial político e radical, preocupando-se apenas em fornecer mais um serviço cultural para tirar as pessoas de seu final de semana entediante.

O perfil que publica no blog Conjunto vazio, continua dizendo que é preciso prestar atenção a todos os outros serviços da cidade para que possamos exigir os direitos que temos enquanto cidadãos. Aponta a relação da revitalização com o mega-evento da Copa do Mundo 2014 e todos os recursos que vão passar a circular pela cidade. Diz que, como a Praia da Estação, existem outras maneiras de se dialogar com a cidade, de colocar o corpo na rua, inclusive para além do centro, nas praças e bairros da cidade. Termina o texto dizendo que precisamos é exigir tudo.

É por essa razão que vale pensar no paradoxo de se fazer da Praia mais um evento espetacularizado.

66 - Disponível no <https://conjuntovazio.wordpress.com/2010/01/21/prai-da-estacao/#comments>, visitado em 13/08/2017.

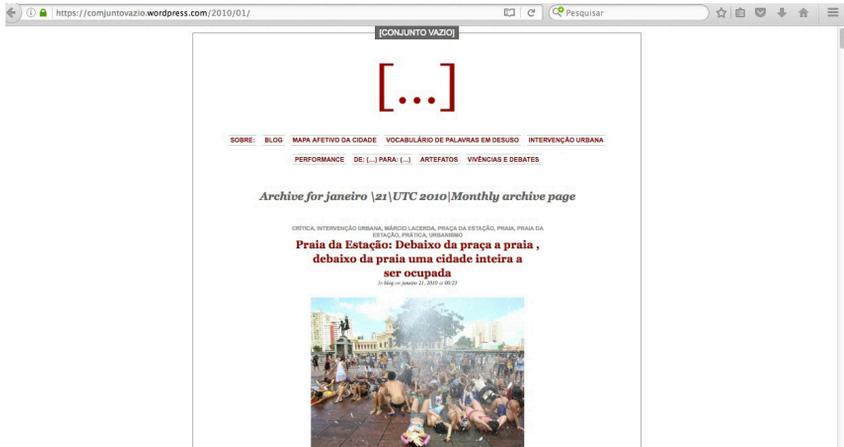
Por que não exigir tudo? Tudo que pode ser tomado de volta merece ser ocupado, e isso quer dizer não só a Praça da Estação mas todas as praças, todas as ruas e pontos não utilizados da cidade. Impossível não dialogar com outras mobilizações de Belo Horizonte (Movimento Passe Livre, Brigadas Populares, movimentos dos sem-teto, Bicletada, dentre outros), é necessário que saiamos do gueto artístico, ainda conservando todo o bom-humor e aspecto lúdico que nos permita exigir TUDO! ... pois a práxis é nossa!

O blog tem sua última postagem em dezembro de 2016, o registro e memórias de uma apresentação do coletivo em um festival de cenas curtas da capital mineira. Nas postagens percebi ações, em 2009, que se inspiravam nas práticas situacionistas, como a produção de mapas afetivos pela cidade e caminhadas noturnas quase intermináveis. As práticas situacionistas foram iniciadas pela Internacional Situacionista, movimento artístico-literário, que questionavam criticamente a reestruturação arquitetônico-urbanista européia do pós-guerra⁶⁷. Para os situacionistas, a noção de construção de situações “se define como ‘momento da vida, concreta e deliberadamente construído por meio da elaboração coletiva de um ambiente unitário e de um jogo de acontecimentos” (PERNIOLA, 2008, p. 29). As diversas concepções de situação variavam assim como as matrizes básicas da Internacional, que se diferenciavam de acordo com as experiências de cada indivíduo que fazia parte do grupo, e que eram basicamente a psicológica, a técnico-urbanística e a existencial, que posteriormente virá a ser compreendida como social-revolucionária. Durante algumas reuniões presenciais, a ideia de realizar algumas situações foi apresentada por alguns banhistas, mas não ganhou adesão de um grande número de pessoas.

O blog é dos pouquíssimos que ainda mantém uma alta atividade desde os tempos do início da Praia da Estação. A diferença que ele marca no texto também atravessa as reuniões e discussões que aconteciam presencialmente, como diversas em que estivemos, na Praça em Belo Horizonte.

67 - Referência ao livro “Apologia da Deriva”, de Paola Berenstein Jacques, 2003.

Figura 2.10 - primeira postagem sobre a Praia da Estação no blog conjunto vazio.



Teaser e protesto

Mais produções dos banhistas da primeira praia também entraram nos ambientes virtuais de outra rede social, muito ativa desde aquele momento, o Youtube. No Twitter da Praia da Estação, que foi criado logo antes da divulgação do vídeo, no dia 19/01/10, é postado o teaser⁶⁸ da próxima Praia da Estação. Seu conteúdo é a edição de imagens fotográficas e vídeos curtos, com uma música própria, montagem como a de um videoclipe e que fazia um convite para as próximas praias.

O Twitter é uma plataforma de redes sociais onde só podem ser postados textos de até 140 caracteres. Isso faz com que a postagem de links no Twitter tivesse que ser modificada, já que a quantidade de caracteres que compõem os links costuma ser extensa. Para isso, foram criados alguns encurtadores de caracteres de links, como o migre.me do uol. Além de encurtar o link, o migre.me também faz a con-

68 - Teaser é uma palavra da língua inglesa utilizada na indústria do entretenimento como uma peça publicitária que atrai o público para o consumo de um produto. No contexto da Praia da Estação, o teaser foi criado para que as pessoas se informassem e se interessassem a ir participar da segunda edição do evento. Não utilizaremos a grafia em itálico da palavra, assim como adotado com os outros termos, já explicitado no texto.

tagem de quantas vezes o link encurtado foi compartilhado. No caso do link encurtado do teaser da Praia da Estação, produzido no *migre.me*, temos na página de buscas do serviço a informação de que o link foi retweetado 74 vezes, desde que foi produzido, em 19/01/2010. Na página do vídeo no Youtube -<https://www.youtube.com/watch?v=-4mEzQrF6v0M>, podemos checar que o teaser foi visualizado 25.918 vezes e conta com quarenta comentários.

A letra do funk, a música tema do vídeo chamado *teaser*, começa com um remix "toda semana" e diz "se liga aí prefeito/ aqui não tem depredação/ não me proíbe de ser cidadão/ liga a cascata, bota o calção e vem pra praia da estação." Com a duração de um minuto e postado no canal do Youtube da banda Graveola (na época se chamava ainda Graveola e o Lixo Polifônico), as imagens foram todas capturadas na primeira praia e são tanto pequenos vídeos como imagens fotográficas editadas compondo fragmentos de stop motion, uma das técnicas de cinema de animação, recentemente problematizada também por pesquisadoras do cinema documentário brasileiro contemporâneo como "a *mise-en-film* da fotografia" (VALE, 2016), comentando a potência política do tempo das imagens fotográficas compondo o tempo do filme.

No *teaser* as pessoas estão alegres, usam o espaço da praça, fazem uma volta com a faixa na frente tocando tambores e cantando alguma música que não ouvimos, tomam banho na água do caminhão-pipa e deitam no cimento para, juntas, se refrescarem. Um dos momentos mais interessantes é a roda que produzem em volta da senhora que vendia bebidas naquele dia, senhora que continua frequentando a praia, como reconhecemos nos registros, até nossa última incursão em campo, em janeiro de 2016, DL. A frase deita no cimento, repetida em remix durante alguns momentos da música, acaba se transformando na ação e escrita corporal do banho de caminhão-pipa, ampliando a dimensão política do tempo das imagens no vídeo também. A *mise-en-film* das fotografias da primeira experiência

da Praia da Estação deram conta de, mesmo fragmentariamente, (re)temporalizar os momentos lá vividos.

Os comentários do Youtube são muito diversos, agrupando em uma mesma página amigos pessoais da banda, pessoas que buscavam informações sobre a praia da estação, outros que criticavam a ação, muitos elogiando e mostrando entusiasmo com a ação, além de algumas pequenas discussões sobre os espaços públicos da cidade, como a que acontece entre os perfis AF e VD; AF começa comentando:

Um motivo justo para a proibição de eventos na Praça da Estação (BH): uma vez que a prefeitura não podia negar o espaço a nenhuma organização, na prática o que acontecia é que as igrejas evangélicas abusavam desse direito e tomavam TODA A AGENDA DA PRAÇA. Vocês estão sendo usados como massa de manobra por pastores oportunistas, cambada de alienados!

Repetindo a ideia de que apenas as igrejas evangélicas faziam uso da Praça da Estação e de que os banhistas estariam sendo manipulados por pastores em defesa de seus interesses próprios, qualificando os banhistas que se consideram manifestantes, politizados e desorganizados em busca de um bem comum, de alienados. Tal caracterização é uma novidade, tanto do uso do termo para tratar de seres em reivindicação quando de que seriam os pastores que teriam mobilizado a Praia da Estação, mas em sua criação, passaram a fazer parte do imaginário da Praia da Estação. E na sequência, endereçado ao VD, utilizando a ferramenta @, que avisa o usuário que teve seu nome citado em alguma publicação da rede social, no caso, o Youtube, sendo que a arroba é a abreviação do termo em inglês at, em algum lugar.

@VD. O mais curioso é que, se a praça estivesse liberada para eventos, como querem vocês, o protesto nem mesmo poderia ocorrer – pois este sábado provavelmente já estaria reservado pra mais um culto evangélico! Não se informar, alienados!

VD responde na sequência. Infelizmente a ferramenta de comentários do Youtube não facilita sabermos nem que mês, nem que dia,

nem que horas o comentário-resposta à agressividade de AF. A indicação temporal que temos é que a mensagem foi postada há cinco anos, como as duas de AF, que recebe agora um endereçamento, garantindo que o usuário será notificado da chamada a que foi feita em seu nome.

@ como eu quero? Você me viu em alguma imagem nesse teaser aí? Você já me viu alguma vez na praça? E se tivesse algum culto evangélico na praça, eu acredito mais no poder de sedução da praia, e no final estariam todos de bikini louvando a deus.

A resposta de VD tem várias perguntas ao AF, que em seus comentários trabalhou apenas com frases afirmando verdades a respeito da situação do decreto, da praça e dos julgamentos éticos e morais que construiu sobre os banhistas. VD, depois de sugerir na terceira pergunta que AF não o conhece, ainda sugere que acredita mais no poder de sedução da Praia (e nas entrelinhas entendemos do que poder da proibição) que poderia resultar em uma situação de louvação a deus usando biquínis, trazendo uma imagem inusitada como resposta à toda a violência. É muito provável que AF tenha endereçado o comentário ao VD porque ele havia escrito, um ano antes, em resposta ao comentário que desqualificava as pessoas que frequentavam a Praia, dizendo “Ficar protestando contra protesto dos outros que é uma grande porcaria”. Em alguma medida, há alguma pequena violência também em relação à categorização da prática negativa. Os dissensos (RANCIÈRE, 2012, p. 59) sobre a ideia Praia da Estação estavam tomando corpo e registro em temporalidades expandidas em uma mesma página de computador. Tomam continuidade e reciprocidade, campos de possíveis encontros para os problemas que afloram. É possível encontrar, na página que abriga o mesmo produto audiovisual, comentários que vão compondo uma outra linha do tempo, que segue a do tempo que passa, mas também por outras camadas. Importante explicar que os dissensos a que nos referimos estão relacionados ao encontro de diversos regimes de sensorialidades. Entendemos os regimes de sensorialidades

a que se faz referência Rancière como relacionadas às sensibilidades sensoriais, afetivas e cognitivas, e que, para o autor, abrangem diversos mundos de pensamentos associados às experiências individuais e coletivas, imaginários acessíveis quando compartilhados, seja pelos encontros planejados, inusitados ou pelo choque social.

O outro vídeo divulgado em várias postagens das redes sociais após a primeira Praia e que está disponível até hoje é o "Protesto"⁶⁹, de NP. No blog Pedreira na vidraça os dois vídeos foram publicados juntos, na postagem com o título Praia da Estação 2. Também foi postado na lista de e-mails, no blog vermelho e no da praia, além do Youtube, onde fomentou 10 comentários e 6781 visualizações. Com duração de 6'28" o vídeo tem um reggae como música de fundo durante quase o tempo todo e começa com um trecho de texto do decreto proibitivo, em preto e branco, seguido pelas indicações tempo-espaciais, praia da estação, 16 de janeiro de 2010. Depois começa a acompanhar as atividades na praça pela manhã, começando por sair de uma imagem do Rio de Janeiro em tons de vermelho impressa em uma canga, que, com o afastamento, percebi que está sobre um tronco de manequim, ao lado de diversas pessoas também sentadas em cangas ao sol. Vemos as pessoas manuseando isopores, conversando sentadas, em pé, chegando, bebendo água, dançando, a faixa apoiada no chão, guardas-municipais próximos à estátua, pessoas com câmeras a tiracolo, pessoas na sombra dos guarda-sóis. O plano sequência termina na imagem da estátua, empunhando suas armas ao céu e sol, tendo o azul imenso ao fundo. Lembro que alguns e-mails trocados pela lista, tinham tematizado a previsão de chuva para aquele sábado matutino. Já era a primeira vitória, em alguma medida, para aqueles banhistas que alegremente esperavam as fontes se ligarem às 11h, de roupas de banho. O vídeo varia entre diversas pessoas que estão na Praia, naquele primeiro sábado; todas têm consciência de que o decreto foi mais do que autoritário.

69 - Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HOUXqSLYBBA>.

Quase ao final do vídeo, há as pessoas jogando peteca ao fundo. Daí vem CA, uma banhista que escreveu sua dissertação realizando uma cartografia das controvérsias da Praia da Estação (ALBUQUERQUE, 2014), entre o Twitter, a lista de e-mails e o blog Praça Livre BH, e que diz que “acha muito importante que a gente use o espaço público como praia. Eu acho que todo sábado a gente tinha que começar o movimento de vir pra cá pra praça da estação e fazer os nossos próprios eventos públicos”. CA é a primeira banhista a enunciar para um registro em vídeo, a ideia de que as Praias deveriam acontecer todas as semanas. A câmera diz, legal, e ela completa com um é isso, balançando a cabeça. O relógio da estação marca 10h28 e há guardas municipais com um carro estacionado defronte ao prédio da estação. Talvez marcasse o mesmo minuto em que foi tirada a fotografia postada no site do uol, o que nos faz lembrar que era mesmo grande a quantidade de fotógrafas e fotógrafos presentes naquela primeira praia. O vídeo continua na imagem de uma moça com um menino, auxiliando-o a passar protetor solar, enquanto um fotógrafo posicionado logo atrás dele tira fotografias. Talvez este fotógrafo seja o do site uol. Vemos pessoas ao fundo, debaixo do ipê, usando camisetas e bermudas. A mulher com a criança está bem próxima da faixa, que sem ter superfície para ficar, foi encaixada nos vãos das grades por onde escorre a água das fontes, num gesto tático. Por isso o fotógrafo estava ali, insistindo naquela imagem.

O vídeo dá a ver pessoas fazendo as mais diferentes coisas em relação ao que uma manifestação poderia solicitar às pessoas fazer. Inventar um suporte no gradil de escoamento da água, para fixar a faixa, já é das coisas novas que aconteceram neste dia. As entrevistadas e entrevistados dão as mais diferentes opiniões sobre a proibição do uso na praça. Algumas ideias se complementam, algumas quase se enfrentam, a diversidade dos pensares vai compondo algo em comum: ser uma praia, o que se faz numa praia, aproveitar o dia de sol em um espaço público da cidade, com os corpos à vista.

Nos comentários do vídeo há algumas manifestações que abordam mais questões, do que se comparada ao vídeo do teaser, no qual mais de 50% dos comentadores escreveram apenas palavras de incentivo à praia, como se estivessem apenas curtindo o vídeo. A postagem do comentário “Este prefeito é produto do eixo Aécio-Pimentel, não devemos esquecer que a atual presidente da Fundação Municipal de Cultura (antiga Secretaria Municipal de Cultura) é Taís Pimentel, esposa de Fernando Pimentel, ex-prefeito de Belo Horizonte pelo PT, Partido dos Trabalhadores. Estão todos no mesmo barco do oportunismo anti-povo.

Na sequência, um comentário de um perfil que já circulou aqui, MT⁷⁰. Seu comentário é de depois do dia 30/01/10, quando aconteceu a publicação de um segundo decreto, antes da terceira praia. Ela escreve: “com o novo decreto postado em 30/01/2010 seria bom ficarmos atent@s para as datas das reuniões que discutirão os Eventos na praça, como também às consultas populares. O vídeo está muito bom!”. MT traz um arroba no lugar da designação de gênero da palavra atentos, como seria o uso seguindo as regras da língua portuguesa. Depois da postagem de MT, há uma manifestação positiva, com o comentário “Gostei” e depois uma negativa:

Típico evento de comunistas que não tem o que fazer além de reclamar de tudo e dizer que tudo é culpa do capitalismo. BRASILEIRO NÃO RESPEITA O PATRIMÔNIO PÚBLICO, LOGO O PREFEITO ESTÁ CERTO.

Comentário que marca uma oposição em relação às ações que vem sendo desenvolvidas na Praia da Estação, seu autor generaliza e simplifica os posicionamentos críticos do capitalismo, além de desconsiderar os cuidados coletivos em relação ao patrimônio público.

70 - Em seu perfil do Youtube, ela tem três vídeos publicados, dois sobre o Parkinson e um sobre passarinhos e flores. Nos vídeos em que ela protagoniza, comenta como é importante as pessoas discutirem a doença para que as pesquisas possam continuar e ajudar ainda mais os que sofrem desse mal. Nesse perfil encontramos sua identificação como professora. Se formos ao seu blog, poderemos lembrar que foi MT quem trouxe à cena na terceira praia o novo decreto do prefeito, que instituiu uma comissão não paritária para discutir a situação de realização de eventos na Praça da Estação, suspendendo o famigerado decreto 13.798.

Na sequência, Nelson publica:

Convocamos todos para a AUDIÊNCIA PÚBLICA sobre a utilização da Praça da Estação 24 de março, quarta-feira, 13h30 LOCAL: Câmara Municipal de Belo Horizonte, Plenário Camil Caram Av. dos Andradas, 3.100 - Santa Efigênia BH/ MG Tel: (31) 3555-1122

Com outros comentários ainda postados, percebi um número de pessoas interessadas na discussão sobre os usos diferenciados do espaço público da Praça da Estação. Sobre a plataforma Youtube, importante dizer que surge em 2005 e é mais um espaço de discussão no qual podemos capturar reverberações das situações que aconteceram na Praia da Estação. HEm 2017, ainda é um ótimo lugar para fazer buscas e acompanhar os eventos e invenções. Com 17 curtidas e nenhuma "descurtida", apesar de botão disponibilizado, nem mesmo pelos críticos aos críticos do capitalismo. A diversidade de pensamentos que tomam materialidade nos comentários da plataforma transforma diálogos na ação do tempo, que acaba se reinventando, como quando agora, que mesmo sem ter apresentado ainda tantas outras situações da Praia, acessei histórias que ainda virão a acontecer, na narrativa escolhida a ser tecida aqui, dando a ver a complexidade temporal do ambiente virtual online.

Na coluna lateral da direita do Youtube, durante toda a extensão dos comentários, estavam os vídeos sugeridos para nós, que estávamos assistindo àqueles vídeos sobre a Praia da Estação: tal programação faz parte da programação algorítmica da rede social. O vídeo do "Imagina na copa" sobre a Praia da Estação, vários vídeos da Praia da Estação, aniversário de cinco anos, vários vídeos de carnaval e outras praias. Assisti a todos eles, mas infelizmente, no recorte dessa tese, poderemos apenas descrever alguns, para que nestas análises possa tentar dar a ver os lampejos e as potências das narrativas em fazer emergir outros imaginários políticos. As potências políticas da ética hacker, do fazer como se pode, com as tecnologias à disposição

de melhorias, os modos de se imbricar nas lutas urbanas que se engajam pela diversidade na cidade, o rememorar estar em uma praia litorânea e performar os gestos no espaço da praça, enfrentando também o ideário da tradicional família mineira⁷¹, já estão se esboçando apenas nestas duas primeiras situações virtuais aqui analisadas, como elementos na composição de imaginários políticos a partir da experiência da Praia da Estação.

Situação 3 - Praça Livre

Depois do segundo encontro presencial das pessoas que estavam contestando o decreto de proibição de realização de eventos na Praça da Estação, na primeira Praia da Estação, foram realizadas outras iniciativas de criação de espaços virtuais para mobilização e outras reuniões. A lista de e-mails já havia sido criada, mas ainda não havia um espaço de fala da Praia, para se comunicar com a cidade. O Twitter da Praia da Estação ainda tinha um alcance muito baixo. Mesmo com suas muitas divergências, as pessoas que já estavam se encontrando, tinham ao menos um propósito em comum: liberar a Praça do famigerado decreto.

Assim, a partir dos muitos debates que tomaram corpo em algumas reuniões na primeira Praia, decidiu-se criar um blog para a Praia da Estação, mas que não seria um espaço de apenas um lugar de fala, mas sim de diversas comunicações que fizessem sentido em relação à luta pelo espaço público da Praça da Estação, como podemos perceber no subtítulo do mesmo, “postagens de qualquer natureza sobre a Praça da Estação”. O blog tem o mesmo nome da lista de e-mails, Praça Livre BH, apesar de depois ficar sendo conhecido como o blog da Praia, que era apenas uma das ações que eram desenvolvidas naquele momento.

71 - O ideário da tradicional família mineira prescreve um comportamento regrado pelos costumes da Igreja Católica, endereçando às mulheres um “bom” casamento, entre outras práticas de caráter respeitoso, não considerando válidos outros “modos alternativos em curso” (RIBEIRO, 1986, p. 97).

O blog tem a possibilidade de comunicação aberta para todos que chegarem até ali, o que nos faz compreender que foi criado com uma condição que dá a ver, mais uma vez, os princípios da ética hacker contaminando (GUATTARI, 1992, p. 116) os imaginários e as iniciativas na contestação do decreto. Como uma mutação do agir politicamente, as experiências formuladas e capazes de virem a ser agrupadas na proposta da ética hacker, iam se embrenhando na ação colaborativa de produção do que viesse a ser realizado, onde também haviam diversas outras maneiras de entender o mundo, que também se implicavam nas ações. Busquei dar a ver aqui as que mais tomavam corpo naquele verão de 2010, diante da dimensão de produção do imaginário político na internet. O blog tem em sua primeira página uma postagem fixa que abre o *login* para quem quiser postar, com a senha disponibilizada.

Figura 2.11 - visualização da primeira página do blog Praça Livre.

The screenshot shows a web browser displaying the WordPress site 'https://pracaivrebh.wordpress.com'. The page features a header with the title 'Praça Livre BH' and a subtitle 'Postagens de "Qualquer Natureza" sobre a Praça de Estação'. Below the header, there is a main content area with a post titled 'VOLTAMOS! Novo login aberto!' dated April 30, 2011, by Ommar Motta. The post text explains that the previous login was deleted and a new one is being provided. To the right of the post, there is a sidebar with a bio for Ommar Motta and a calendar for December 2016. Below the main post, there is another post titled 'Praia de Nudismo' dated January 11, 2014, by Ommar Motta, with a small image of a beach.

A postagem fixa é de 30 abril de 2011, e explica que foi preciso criar outro login para que o blog pudesse voltar a ser utilizado. Nela ainda se compreende que o primeiro a ser criado tinha sido deletado pela plataforma gerenciadora do blog, por problemas com a plataforma. Ao lado, observamos uma explicação sobre quem é o autor do

blog, com um resumo do perfil da figura, atualmente, Ommar Motta. Em postagem do dia 28 de fevereiro de 2010, Luther Blisset apresenta Omar Mota, dizendo que ele sempre pode desaparecer.

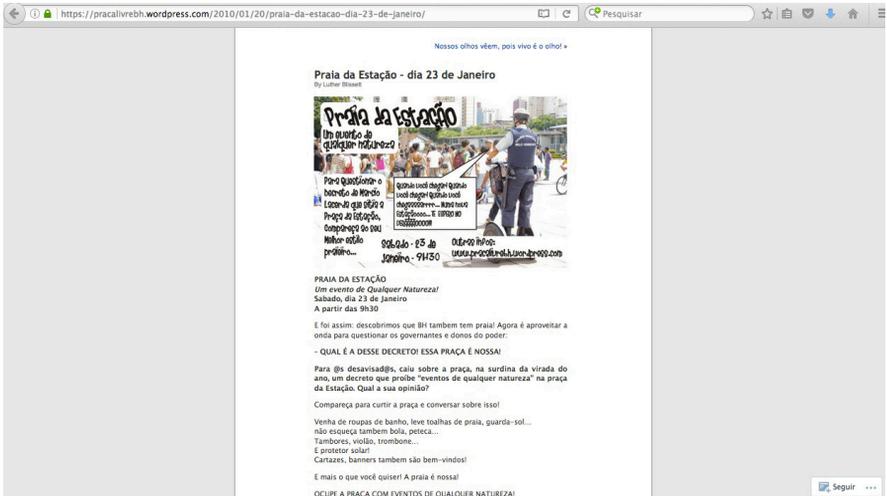
Ommar Motta são muitas caras e expressões, homem ou mulher, marias-josés na multidão. Quer simplesmente poder viver a cidade como palco de suas fruições, e estar nos espaços que são seus. Quando das "boas novas" que caíram sobre a Praça da Estação, em Belo Horizonte (um decreto parecido com sítiamientos impostos por regimes autoritários), Ommar Motta se inconformou, foi à praça e a ocupou. Lançou suas muitas vozes a vários cantos da cidade, multiplicando modos, tirando sarro, jogando, conversando, trocando, vivenciando atos, convocando para a ação. Não é chegado@ às lideranças, não quer ser massa de manobra, menos ainda fazer bodes expiatórios. Age por conta própria.

O texto do perfil traz uma explicação para mais esse pseudônimo cacófato, "ô marmota", logo dizendo que essa autoria é múltipla, diversa e complexa. Diz que Ommar Motta ocupou a praça, quando da publicação do decreto, e que não gosta de lideranças, agindo por conta própria, se esquivando de tornar-se massa de manobras. Diz também que são muitas vozes, praticando algumas ações cidadãs pela cidade. Também trata o seu leitor com um @ no lugar da definição do gênero da palavra "chegado", dando a ver mais uma vez uma subversão das regras gramaticais da língua portuguesa, bem como da normativa identificação binária de gênero, diferindo da ordem policial, como as irrupções políticas costumam fazer. Assim como nas palavras escritas, essa contestação também acontecia nos corpos que se faziam presentes na Praia, que misturavam as vestimentas e acessórios de homens e mulheres em corpos todos os tipos. Ao final deste capítulo recuperarei a única vez em que a expressão dos corpos foi reprimida pela polícia na Praia da Estação, narrativa que pode ser acessada pelo fragmento de narrativa do Youtube, "Protesto na Praia da Estação", que tem um frame fixado na cópia da tela da segunda sessão de rolagem do blog Praça Livre.

Primeira postagem

A primeira postagem do blog Praça Livre BH é uma chamada para a segunda Praia da Estação, por Luther Blissett, o primeiro pseudônimo anônimo que assinava, no início, todas as publicações do blog. A indicação do próximo texto, no topo, é mais uma apropriação do texto da situação anterior, de Janaete Kyra, “nossos olhos vêem, pois vivo é o olho!”, em alguma medida repetindo-o.

Figura 2.12 - primeira postagem no Blog Praça Livre



A primeira imagem postada, efetuando a função de um cartaz eletrônico, ou convite, foi produzida a partir de uma fotografia feita na primeira Praia da Estação, por TB, a primeira de seu Flickr, como vimos na situação anterior. No primeiro plano há um guarda municipal sobre um dispositivo de transporte de duas rodas que observa os banhistas na Praça da Estação. No texto está o título da divulgação Praia da Estação, um evento de qualquer natureza e convite “Para questionar o decreto de Márcio Lacerda que situa a Praça da Estação, compareça ao seu melhor estilo praieiro”, incitando uma participação na criação do que poderia vir a ser o “melhor estilo praieiro” de alguém.

Na sequência encontrei o serviço da Praia com a data do próximo sábado e o horário, de manhã, como havia sido na primeira. Depois uma anotação “outras infos: www.pracalivrebh.wordpress.com” e um balão de fala associado ao guarda municipal que evoca uma música do axé baiano. Assim como tantas outras que foram cantadas pelo coro em roupas de banho da primeira edição da praia, a que estava atribuída ao guarda municipal é “Quando você chegar, quando você chegar, quando você chegaaaaarrrr... numa nova Estaçãooooo... TE ESPERO NO VERããããOOOO!!!”. A ampliação onomatopéica da língua portuguesa, sugere pela repetição de letras a expansão das notas cantadas fonemas. A invenção é da expressão do ritmo de uma música, associado a um momento que foi compartilhado em uma experiência da Praia da Estação, mas que pode ser também dividido com todas as outras pessoas que conhecem a música e leem o texto. Importante apontarmos a partir da transcrição do texto desse anúncio alguns códigos da linguagem da internet aqui visibilizados. A fonte em caixa alta, no final do texto da música, significa que a frase está sendo gritada, ou aqui, cantada tonicamente mais forte, por quem a escreveu. A repetição das letras, na palavra chegar, por exemplo, significa um prolongamento vocal na palavra, demonstrando que o balão está sendo cantado pelo guarda municipal, no qual podemos notar uma ironia, deboche ou projeção de possíveis desejos não revelados dos agentes de segurança patrimonial municipal, de, quem sabe, resolver experimentar o “ei polícia, a praia é uma delícia”: essa frase é uma das mais cantadas nas edições da Praia da Estação, fazendo parte do repertório. O serviço, resumo da atividade que está sendo anunciada, no cartaz virtual, acrescenta uma informação e uma motivação às básicas – data, hora e lugar - quando diz “para questionar o decreto (...) compareça no seu melhor estilo praieiro”: ela inclui, no encontro, a discussão sobre o decreto proibitivo, e incita os que lá forem participar de darem a ver o seu melhor modo de encarar uma praia, enfatizando a expressão das subjetividades que nem sempre foram convidadas a tomar corpo na praça.

No texto que acompanha o convite, logo depois do serviço, temos a frase “e foi assim: descobrimos que BH também tem praia. Agora é aproveitar a onda para questionar os governantes e os donos do poder: qual é a desse decreto? Essa praça é nossa!”. A chamada para a ocupação da praça que interroga a proibição é novamente reiterada. Na sequência, identifiquei a utilização do @ ao invés de uma determinação da regra que afirma uma identificação binária de gênero (BUTLER, 2003) regulamentado na língua portuguesa como o correto ao se referir ao plural no gênero masculino dos substantivos, na frase. Na outra situação a contestação se apresentava com a utilização do x ao invés da designação masculina generalizante “o”. No texto desta situação, encontrado na primeira postagem do blog Praça Livre é “Para @s desavisad@s”, anunciando mais uma vez o decreto proibitivo e perguntando ao final “qual a sua opinião?”. O tom da chamada continua incitando a participação e expressão da multiplicidade, como é ainda enfatizado ao final da chamada para ir de roupas de banho, levar instrumentos, protetor solar, cartazes, banners... “E mais o que você quiser! A praia é nossa!” A derradeira frase da primeira postagem do blog oficial da onda da praia escreve em caixa alta, como se estivesse gritando mais uma vez “OCUPE A PRAÇA COM EVENTOS DE QUALQUER NATUREZA!” se apropriando mais uma vez do termo utilizado no texto do decreto municipal para subvertê-lo na vivência do espaço público.

Revogação do Decreto

A segunda Praia aconteceu no dia 23 de janeiro e já contava com um canal de comunicação direto dos banhistas com a cidade e que acabavam também trazendo a cidade para a lista de e-mails. Mas não sempre. No dia 29 de janeiro, antes da terceira Praia da Estação, a notícia de um novo decreto, de número 13.863, que suspendia o decreto 13.798, não chegou a ser publicada nem no blog da Praia, nem

na lista Praça Livre, mas em outro blog, de uma pessoa que estava atenta ao Diário Oficial de Belo Horizonte, MT. No primeiro espaço virtual que encontrei a publicação do novo decreto na íntegra, sem ser na página da PBH, encontraremos também algumas críticas à participação de alguns representantes da prefeitura na Praia da Estação. A postagem se chama "Praça da Estação III – Praia na Praça!!! Prefeitura vai rever o Decreto. Penúltimo capítulo?". MT começa o texto com uma introdução na qual diz acreditar que o caso está terminando, de acordo com o novo decreto publicado. Ela relata que esteve na Praia da Estação do dia 30/01/2010, levando o decreto impresso, mesmo com as dificuldades que sofre com o parksonismo. Em seu relato, diz ainda, antes de publicar o novo decreto.

Foi bonito o espetáculo, o pessoal pediu caminhão-pipa, pena que hoje vi alguns/algumas comissionados/as e ex-comissionados/as da PBH, de biquíni e sunga, "fingindo" que participavam do movimento. Não achei legal. A foto fica borrada. O movimento acaba perdendo a característica. Mas, se a Praça é do povo, e eles/elas também são parte do povo, têm lá os seus direitos. Mas, que desvirtua a coisa, não resta dúvida. Queria ver, por exemplo, um/a comissionado/a do governo participando ativamente de uma Assembléia de Trabalhadores. Ficaria estranho, não?

MT diz que a "foto fica borrada" quando encontra pessoas da prefeitura junto com os banhistas da Praia da Estação. Ela acaba produzindo a maior parte de suas críticas nos comentários do blog. O combinado das imagens da postagem do blog e dos comentários nos permite visualizar o novo decreto publicado na íntegra, além da variedade de assuntos que aparecem a partir dos leitores. Mas, diferente do que MT imaginou, de que a celeuma da praça Rui Barbosa estaria resolvida com a publicação do novo decreto, prometendo uma comissão para rever as condições da Praça e como ela poderia vir a ser regulada, a Praia da Estação não parou de acontecer. Em resposta à HE, que diz ser um absurdo não haver nenhum representante da

sociedade civil na nova comissão instituída - a principal crítica dos banhistas a esse novo decreto, em um primeiro momento – MT diz que está no texto a necessidade de consultas populares, o que provavelmente irão acontecer e, portanto, resolvendo a questão.

O novo decreto institui uma comissão que terá noventa dias para estudar o contexto e propor uma nova regulamentação para utilização e produção de eventos da Praça da Estação. A comissão é composta por doze representantes do poder público, presididos pelo representante da Regional Centro-Sul, um da Assessoria de Comunicação, um da Procuradoria Geral do Município, que vem da empresa municipal de Turismo (Belotur), das secretarias de Governo, Meio-Ambiente, Segurança Urbana e Patrimonial, de Regulação Urbana, de Esportes, de Direitos e Cidadania, da Fundação Municipal de Cultura e da Empresa de Transportes e Trânsito, a BHtrans. Durante os três meses em que funcionou, não chamou nenhuma consulta, assembleia, sequer reunião com os manifestantes da Praça Livre. Aconteceu uma Audiência na Câmara Municipal, com muitos banhistas presentes, em que nem o então prefeito, nem a presidente da Fundação Municipal de Cultura, nem muitos outros. A nova lei está publicada abaixo do decreto, na coluna esquerda do blog Praça Livre. Voltaremos logo a ela.

Diferentemente de MT, a maioria dos outros banhistas não considerou a publicação do novo decreto uma vitória em relação à prefeitura, como já mencionado. As preocupações eram outras. Na terceira praia houve muitas discussões sobre como dar a ver a história da Praça da Estação para além dos que estavam ali, no centro da cidade. A ideia de produzir um impresso, que já havia perdido disputas entre os banhistas, sobre o que fazer em momentos anteriores, se concretizou com sua publicação no blog da Praia. A publicação deste novo decreto motivou mais este momento de dar a ver o dano que os cidadãos sentiram, ao serem novamente desconectados das discussões que iriam existir para decidir os planos da Praça.

Figura 2.13 - Panfleto distribuído depois do segundo decreto



No panfleto, publicado no blog Praça Livre em 28 de fevereiro de 2010, há um relato dos fatos que vinham acontecendo desde a publicação do decreto. O panfleto refaz o percurso, conta da indignação, das Praias e outras iniciativas que vinham acontecendo na Praia da Estação, como as reuniões, os saraus, os debates, entre outros usos. Diz da publicação no novo decreto e da unilateralidade da comissão instituída pelo prefeito, novamente sem a consulta aos cidadãos, que haviam se mostrado muito ativos na sinalização do absurdo do decreto proibitivo. Em um dado momento, o panfleto sintetiza "A função da prefeitura não é dar ordens, mas oferecer espaços em que a sociedade civil possa mostrar a melhor maneira de cuidar do que é do povo, do que é público". A ideia da força da sociedade civil desorganizada ia tomando corpo, diante mesmo da suspensão do famigerado decreto. Publicado para download como na imagem acima, a versão para im-

pressão que ainda está disponível na página⁷², também convocava os cidadãos para tomarem parte nas ações, desenvolvendo suas próprias iniciativas. Divulgar a arbitrariedade do decreto municipal também era uma das indicações sobre como participar do movimento de ocupação da cidade. Não há nenhum comentário nesta postagem. Mas posso dizer que o imaginário do nós podemos fazer mesmo juntos e misturados estava tomando força. De fato, a revogação do decreto fez com que a ideia da produção colaborativa para uma ação no espaço urbano, entre desconhecidos e entre a praça e a internet começasse a fazer diferença na política urbana municipal.

A força de um homem de sunga

Pelas postagens no blog, posso rememorar que a mídia hegemônica, ao relatar a Praia da Estação, acabava por produzir algumas generalizações sobre os que se despiam e tomavam a Praça da Estação, toda semana, desde o verão. Em uma crítica aos jornalistas do Curral del Rey, como era conhecida a área que hoje ocupa Belo Horizonte, antes da fundação da cidade, o autor da postagem⁷³ decide chamá-los de funcionários, já que prestavam praticamente serviço público ao poder instituído.

Os funcionários dos jornalões falaram dos artistas, dos guarda-sóis, dos biquínis e de tudo mais que combinasse com o cafezinho da tarde, mas mostrando tudo isto esconderam de seus leitores/telespectadores o mais importante: do que se tratam, de fato, estas ocupações da Praça da Estação? O que está em jogo? O que está sendo proibido?

Neste texto, Blisset chama a atenção para a condição de existência de manifestação pública, que está amparada pela Constituição Federal de 1988, garantia da existência e manutenção da democracia brasileira.

72 - <https://prcalivrebh.wordpress.com/2010/02/28/panfleto-nasce-uma-rebeliao-a-partir-de-um-decreto/>, acessado em 13/08/2017.

73 - <https://prcalivrebh.wordpress.com/2010/02/28/nunca-subestime-um-homem-de-sunga-e-guarda-sol/>, acessado em 13/08/2018.

e os banhistas-manifestantes das Praias da Estação, os ciclistas das Bicletadas, os poetas e boêmios dos sarais e as centenas de cidadãos que diariamente percorrem a Praça e suas fontes decidiram por formas bem-humoradas de desobediência civil, foi por perceberem esta estratégia como uma boa tática de resistência. Não é porque brincamos enquanto nos manifestamos que não estejamos dispostos a defender com unhas, dentes e filtro solar nossos direitos. Nunca subestime um homem de sunga e guarda sol.

A postagem termina enfatizando que não é porque a luta está sendo feita de maneira bem-humorada, diferente e até lúdica, que deve ser considerada como brincadeira. A manifestação de um dano político, de uma assimetria urbana, estava acontecendo de uma maneira diferente, e os banhistas o sabiam. A ideia de onda que inicia o texto que comentei nesse momento, associada à autoprodução de “melhores estilos praieiros”, pode ser considerada como motivadora de um entendimento de transgressão criativa. Entendimento que em alguma medida já ficou explicitado nessa situação virtual como quando percebi o convite à Praia da Estação para participar de outros movimentos, mostrando a força dos imaginários praieiros que estavam se constituindo na cidade. Vale ainda anotar aqui que diversos movimentos representantes de coletivos anarquistas, sindicatos, outras expressividades artísticas e de diversas áreas, assinaram o abaixo-assinado contra o decreto, publicado em outro post, posteriormente. Nesta postagem, identifico como diversas das ações que foram levantadas como possíveis iniciativas na produção da contestação ao decreto, começaram a tomar parte também nos espaços construídos da Praia.

Outra postagem que contextualiza outros momentos em que imaginários praieiros circularam pela cidade, comprovam que a experiência da Praia da Estação é uma atualização do fazer praia em um espaço urbano desprovido de mar. Outras praias já haviam acontecido pela cidade, em outros tempos, como podemos acessar em uma

postagem⁷⁴ posterior, no Blog da praia, que começa o seu fragmento de narrativa a partir do final da década de oitenta. Em 1989, atores do Grupo Galpão convidam bailarinos e atores de vários grupos da cidade e saem vestidos em roupas de banho pela Savassi e Praça Sete, com faixas, proclamando o manifesto, “queremos praia!” (OLIVEIRA, 2012, p. 216), fazendo com que “todos se tornem participantes ativos da experiência, do evento.” (MELO, 2014, p. 23). A experiência, fruto de um Festival de Inverno da UFMG, é considerada como uma das mais importantes na formação do Grupo Galpão, tanto como pelo uso do espaço, como pela proposição de outra “relação ator/expectador” (GONTIJO, in MELO, 2014, p. 23).

Outro evento relacionado ao imaginário praieiro⁷⁵ foi a criação de uma praia em um dos Lotes Vagos⁷⁶, ação proposta pelo grupo MOM (Maneiras de Morar), da Escola de Arquitetura da UFMG, de ocupar diversos lotes vagos pela cidade, com propostas as mais diversificadas de uso. No lote praia, foram espalhadas espreguiçadeiras, piscinas de plástico e guarda-sóis, que foram aproveitadas durante um dia inteiro, como relatado no catálogo da ação.

Seguindo a cronologia da postagem do blog, em 2008 uma moradora do Edifício JK⁷⁷, MA, passou a usar a praça Raul Soares para tomar banho de sol, em uma canga que estendia ao lado de seus

74 - A postagem aconteceu em 25 de agosto de 2011 e traça um histórico das outras iniciativas relacionadas à produção de praias na capital e foi acessada em 24/02/17 no <https://pracalivrebh.wordpress.com/2011/05/28/a-tradicao-praieira-insurgente-de-belo-horizonte/>.

75 - O termo é utilizado por PR, banhista da praia, citado tanto por Talita Mota Mello (2014) como por Igor Oliveira (2012) e também apropriado por outros banhistas.

76 - http://lotevago.blogspot.com.br/2008_04_01_archive.html. Participamos ativamente da ação no “Lote de Ideias”, realizado no Belvedere em setembro de 2005, ocupando um lote com diversas atividades programadas durante o dia inteiro, sendo essa ação ter sido coordenada por Ana Paula Baltazar e Hélio Passos Rezende.

77 - O conjunto Governador Juscelino Kubitschek foi projetado por Oscar Niemeyer e construído na década de 50. Está localizado no Bairro Santo Agostinho, ao lado da Praça Raul Soares e o objetivo do projeto do governador, o próprio Juscelino na época, era atenuar a crise de moradia da classe média, como consta na página oficial da cidade, www.belo Horizonte.mg.gov.br. O projeto ambicionava conter todos os serviços básicos relacionados à moradia no próprio conjunto, como nos complexos arquitetônicos modernos europeus, inspirados nos ideais de planejamento urbano de Le Corbusier.

acessórios para um momento ao ar livre, próximo às fontes. Tematizada pela mídia local, por chamar a atenção dos transeuntes e outros adeptos da praça, MA começou a sofrer também a repressão policial por estar na grama do espaço público. No mesmo ano, a “musa da Raul Soares”, como passou a ser chamada, foi presa por desacato às autoridades policiais em uma manhã, quando ela reivindicava o uso do gramado da praça também por famílias e piqueniques, como acontece em muitas cidades europeias na primavera e no verão, segundo suas próprias declarações.

A realização das performances “A Ilha” (2008), do Conjunto Vazio e a “Rotatória de Praia da Estação” (2009) do Coletivo Azucrina também podem ser lembradas como sugestões de ação, que apareceram na primeira reunião realizada na Praça da Estação. Igor Oliveira (2012) e Talitha Melo (2014) retomam essa lembrança primeiramente disponibilizada no blog⁷⁸ em suas dissertações, e as endossam como ações que precederam e influenciaram a escolha da realização do protesto-festivo vir a ser praia, após suas apresentações na reunião convocada pelo Vá de branco. Ambas ações realizavam momentos de lazer em rotatórias e outros espaços vagos na cidade, com roupas de banho, cadeiras, guarda-sóis e cangas. A rotatória de Praia na Praça da Estação comemorou três anos do coletivo Azucrina e contou até com sonorização de djs, tendo acontecido em dezembro de 2009. Além da proximidade temporal também posso apontar que a presença de integrantes de ambos os coletivos na reunião do *vá de branco* facilitou com que a ideia fosse lembrada, apresentada e tomasse forma na primeira Praia da Estação, em janeiro de 2010.

Revide do decreto

Em maio de 2010, depois da comissão instituída para rever o decreto ter terminado seus estudos, sem divulgar sequer um relatório

78 - A postagem já referenciada, <https://pracalivrebh.wordpress.com/2011/05/28/a-tradicao-praiera-insurgente-de-belo-horizonte/> no blog, acessada em 13/08/2017.

rio, o então prefeito Márcio Lacerda publica o terceiro decreto, desta vez, estipulando um preço para alugar a Praça da Estação, de acordo com o número de dias de evento. O decreto acrescenta no outro decreto 9.687/98 o anexo II, com a tabela a ser executada. O decreto 9.687/98 foi criado para “fixar os preços dos serviços não compulsórios, prestados por Belo Horizonte”, considerando então o aluguel da praça e não a construção de uma política de elaboração e manutenção de uso da Praça.

Ao lado da publicação do decreto na coluna da esquerda, encontramos alguns vídeos sobre as assembleias horizontais populares de Belo Horizonte, que intensificaram seus encontros a partir da mobilização nacional que aconteceu pelas jornadas de junho, que se iniciaram a partir da repressão violenta que a Polícia Militar de São Paulo fez aos manifestantes que contestavam o aumento das passagens de ônibus na capital paulista. É instigante a publicação destes fragmentos em 2013, momento em que o blog encontrava-se parado, mas que a postagem indica um posicionamento de algum ativista da Praia em tomar corpo e associar as novas movimentações ao blog Praça Livre.

No recorte da segunda sessão de visualização do blog, feito para demonstrar a nuvem de palavras apresentada no início dessa situação virtual, deparamo-nos com a última publicação do blog da Praia, que tem uma foto da estátua do “monumento à terra mineira”, um poema sobre o corpo nu e um vídeo que remonta ao único conflito com a polícia que se passou na Praia da Estação, até o momento. Uma bicipelada foi programada para passar pela Praia e apenas um integrante, agiu de acordo com a proposição, e ficando nu, a polícia o prendeu. As pessoas que estavam na Praia, alteradas pelo fato, partiram para cima do carro de polícia e uma repórter de televisão que lá estava com um cameraman, grava todo o ocorrido, quase como no cinema direto, no meio da ação. O poder violento do Estado, sem nenhuma habilidade para negociar com os banhistas, usa gás de pimenta para impedir a continuidade do protesto. No vídeo identifico

os corpos desnudos em roupa de banho enfrentando os corpos uniformizados da polícia, numa potência destemida de solidariedade dos banhistas pelo homem que havia sido preso. Diante da inflexibilidade da polícia, outro homem tira a roupa na Praça e é preso também. Uma parte dos banhistas, que antes realizavam um ensaio de maracatu na praça, parte para cima dos policiais e das viaturas com tambores. O banhista nu, ao ser algemado e questionado pela repórter porque ele havia tirado a roupa, responde, “em solidariedade ao outro que já havia sido preso”, e diz que não houve nenhuma denúncia, portanto aquelas prisões estavam irregulares. Em entrevista em Salvador, o banhista preso nos disse que, ao decidir tirar a roupa “nunca me senti tão livre”⁷⁹, pois todos estavam cantando que iriam tirar.

As situações que se desenrolam da Praia da Estação mais uma vez inventam uma ação conjunta, na adrenalina e espontaneidade dos acontecimentos. Os corpos desnudos reivindicaram a normalização do vestir-se, e ao se despirem, enfrentaram a violência do controle da polícia e da mídia, com os corpos juntos, no ritmo dos tambores e dos gritos de luta musicados. Aquele momento foi mais um dos que, como no primeiro banho de caminhão pipa, os corpos se contaminaram e contagiaram em um fazer performado espontaneamente, a partir da necessidade colocada a ser transposta. A revogação do decreto e a publicação de outro decreto, reelaborando a proibição de eventos de qualquer natureza possibilitou um entendimento de que era possível fazer diferente, lutar contra as arbitrariedades do planejamento urbano. Os corpos sentiram-se preparados para outros encontros e outras superações, como a da força policial, como pudemos vislumbrar a partir do enfrentamento realizado na Bicipelada. As práticas agonísticas, para além de produzir narrativas de disputa entre os ativistas, voltavam a produzir disputas em relação ao poder público, às forças de

79 - A entrevista foi realizada em pleno sábado de carnaval de 2017, dia em que o Bloco da Praia da Estação saiu em Belo Horizonte, 25/02/2017.

governança da cidade. E para além dos dissensos online, as disputas em carne e osso, na Praia da Estação, continuaram a acontecer.

Outras postagens ainda figuram na primeira página de entrada ao blog, funcionando também como mais uma maneira de acessar os fragmentos da experiência da Praia da Estação e rememorar outras situações desta disputa. Percebi, assim, que a Prefeitura poderia criar um espaço online onde discussões sobre os espaços públicos da cidade poderiam tomar lugar em uma plataforma oficial para tematizar, registrar e fomentar decisões que concernem aos espaços públicos.

Curtiu?

Este capítulo da etnografia digital da experiência Praia da Estação compreende um tempo de ampliação dos espaços por onde a Praia passa a circular, na dimensão territorial e online. Para além dos caminhos percorridos nos arredores da Praça da Estação, como o percurso do Eventão e o do Bloco da Praia, em um dia de pouca circulação naquele momento, a Praia da Estação passa a compor narrativas que ultrapassam os espaços usados no primeiro momento.

Nos ambientes de redes sociais digitais e plataformas de colaboração online, a experiência da Praia da Estação também é ampliada para além dos blogs, Twitter e lista de e-mails, conquistando espaço de visibilidade na plataforma Facebook, - que se tornou amplamente utilizado pelo público brasileiro. As imagens passam a ter muito mais influência na composição dos fragmentos de narrativas do que os textos, cada vez mais escassos, diante da decadência pela qual os blogs já passam.

Antes do bloco ou das imagens do carnaval na capital

A primeira postagem nas redes sociais que encontrei relacionando a publicação do decreto proibitivo de eventos na Praça da Estação à folia do carnaval, foi no blog Pedreira na Vidraça. Intitulada “Vá de branco, o day after”, a postagem busca relatar o que aconteceu na reunião convocada pelo outro blog, especulando as possíveis causas da publicação do decreto, pela Prefeitura. Já referenciada no capítulo “Deita no cimento”, situação Vá de branco, o blogueiro escreve sobre a publicação do decreto com os megaeventos da Copa do Mundo e traz à tona movimentações que estavam acontecendo na Câmara dos Vereadores, sobre a localização da festa do carnaval em Belo Horizonte. Naquela ocasião, um vereador ligado a uma agremiação

ção carnavalesca, liderava uma frente parlamentar para tentar voltar com o desfile das agremiações para o Centro da cidade. O desfile era, à época, a principal festa da pequena folia na capital, com sua estrutura custeada por recursos públicos. Segundo B, no ano de 2009, a festa reuniu cerca de 75 mil pessoas. Continuidade viva desde os primeiros folguedos em BH, as agremiações que desfilavam em cortejo eram, entre tantas outras expressões carnavalescas, o que ainda resistia desde priscas eras, mesmo sendo a cidade, até o início 2009, considerada como tendo dias mortos nos dias gordos da festa.

“Milenar expressão sócio cultural” (FIGUEIREDO, 2006, p. 24), o carnaval de Belo Horizonte estava afastado do centro da cidade desde o início da década de 90. Referendando o apontamento do blogueiro sobre a localização quase inacessível (à época) via transporte público da área onde a festa estava programada para acontecer, Figueiredo produz uma análise crítica que explicita outras várias nuances das sociabilidades e desejos de urbanidade para o carnaval na cidade. Seu texto⁸⁰, que se inicia em um tom ensaístico, remonta ao projeto republicano modernizador de construção da capital, apresentando sua perspectiva originária. Nele, a contextualização da experiência do carnaval na cidade, desde pouco depois de sua inauguração, dá a ver vários modos de controle da festa – que para vir a ser “elegante e civilizada” – precisaria ser realizada com demarcações para os corpos, regulações para os festejos, horários de funcionamento e segurança. Nas suas investigações, o historiador ressalta ainda como nos boletins policiais era possível identificar o pensamento planificador que nomeava as “práticas desejadas e as formas indecorosas de se celebrar a festa carnavalesca” (FIGUEIREDO, 2006, p. 76). Seguindo sua investigação, o carnaval era composto pelas “brincadeiras de entrudo, os préstitos dos luxuosos clubes recreativos, as descontraídas passeatas

80 - “Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras do carnaval de rua de Belo Horizonte (1899 - 1936)” é sua dissertação defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação de História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

do Zé-Pereira, os desfiles dos cordões, blocos e ranchos mais humildes, as chacotas dos mascarados anônimos e muitos outros elementos mágicos” (FIGUEIREDO, 2006, p. 22, 23). O entrudo é a prática de lançar água, farinha, ovos e outros dejetos nos outros foliões que em alguns casos pode ser uma pessoa com a qual você tenha conflitos na vida cotidiana. Nas fontes pesquisadas pelo historiador, os textos que se referem à bisnaga e ao estar molhado, fazem parte dos elementos básicos que compõem a brincadeira, cuja origem é a folia portuguesa.

De acordo com o historiador, em consonância com o projeto moderno, que buscava romper com o passado colonial, rural e arcaico, a imagem da cidade almejada era ordenada e sem disputas, higienizada, modelada em relações sociais inspiradas pela solidariedade.

No entanto, todo o controle e o zelo, somados ao desejo de realizar a cidade ideal não foram suficientes para concretizar os sonhos de seus construtores. A cidade transbordou do projeto: seu crescimento desordenado foi desfazendo aos poucos as demarcações e construindo conflitos entre as ações do poder público – revestidas de um caráter autoritário, respaldado pelo conhecimento técnico – e as da população, formada por “estrangeiros” não desejados, que insistiram em ficar (FONSECA, 2008, p. 5-60).

Os estrangeiros eram os trabalhadores que chegaram na nova capital para construí-la, mas não eram bem vistos como moradores da cidade que levantaram. Assim, a perspectiva do projeto de uma capital moderna e igual para todos, já não se realizava na prática, pois a cidade contava com inúmeros problemas de saneamento, ocupação e circulação para “os estrangeiros”, os mais pobres, que construíam suas moradias onde era possível, criando as primeiras favelas da cidade, ao redor do plano desenhado, como a “favela do Leitão” (FONSECA, 2008, p. 56). Tal diferença, segundo os relatos e estudos, também estava aparente na diversidade popular dos festejos carnavalescos dos primeiros tempos da capital; por mais que se tentasse regular a folia, a inventividade dava as caras na rua. Voltando ao Figueiredo,

as disputas entre os festejos e cortejos populares e as ordenações de clubes para a folia, dão a ver desde o início do século passado, conflitos que explicitam as desigualdades sociais e privilégios que não estavam programados para a nova capital, mas que paradoxalmente já se efetivaram por conta do traçado urbano excludente da primeira área central. Em 1911, determinada

[...] associação carnavalesca hierarquizava seu desfile como algo pretensamente superior às manifestações descompromissadas dos jogos de entrudo, explicitando nesses dizeres pomposos um desejo latente de ditarem as regras da dinâmica festiva belo-horizontina. Não por mera coincidência, os múltiplos e anônimos foliões deveriam ficar restritos aos papéis de meros espectadores, assim como ocorria quando dos luxuosos desfiles de automóveis enfeitados percorriam as ruas de Belo Horizonte (FIGUEIREDO, 2006, p. 126-127).

O curso, como também é conhecido em outras cidades do Brasil o desfile de carnaval em carros próprios, diferenciava quem poderia fazer a festa, traçando em Belo Horizonte um caminho pela Avenida Afonso Pena e Avenida Liberdade, atual Avenida Afonso Arinos. Até 1930 a multiplicidade de expressões do carnaval disputou os espaços da cidade bem como os imaginários sobre a festa, constituindo-se nos embates, chacotas e ironias das fantasias, apetrechos e músicas, que tomavam as ruas da cidade, principalmente com as práticas das folias populares.

Os cordões foram um produto dos rituais religiosos afro-brasileiros que trouxeram, para o contexto carnavalesco, elementos das congadas, cocumbis e procissões religiosas. Eles eram formados, predominantemente, por negros que saíam às ruas com seus estandartes, fantasias, com destaque para a de índio, e tocando batuques africanos. Esses grupos eram vistos pela elite com desconfiança e a eles eram atribuídos um caráter selvagem, agressivo e assustador (FERREIRA, 2004, p. 281-284). Por sua vez, os ranchos trouxeram formas mais amenas de expressão popular, tocando modinhas e cantigas no lugar dos batuques. Para

a elaboração de seus enredos e alegorias, eles incorporaram o trabalho de intelectuais, jornalistas e artistas. Devido à mistura de elementos populares e eruditos, os ranchos foram considerados um verdadeiro elo entre o carnaval popular e o carnaval das elites (FERREIRA, 2004, p. 303-305). Já os blocos situavam-se entre os amenos ranchos e os temidos cordões. Os integrantes dos blocos desfilavam coesos, unindo certa organização com doses de espontaneidade (FERREIRA, 2004, p. 277). Apesar da sua forma mais descontraída (ou talvez por causa disso), os blocos, sem maiores pretensões de enredos, carros alegóricos e fantasias sofisticadas, sobreviveram e reinventaram-se ao longo do século XX, ao contrário do formato dos ranchos e cordões que acabaram desaparecendo gradualmente (DIAS, 2015, p. 103).

Durante os três ou quatro dias da festa, de acordo com o texto de Figueiredo, a Igreja Católica se empenhava em desqualificar o carnaval, caracterizando-a como uma festa pecaminosa e impura. Algumas igrejas abriam suas portas em atividades plantonistas se configurando como um espaço de refúgio para os que não quisessem participar da folia.

Na década de 30, como declínio dos recursos para os desfiles, a vitória da regulamentação contra o entrudo e o surgimento de escolas de samba no Rio de Janeiro, o carnaval passa a ter uma configuração diferente em Belo Horizonte. As escolas de samba surgem e também os concursos promovidos pela mídia daquele tempo, os jornais, organizando concursos como o de Cidadão do Samba, o de Rainha do Samba e também as batalhas de confete (DIAS, 2015, p. 103). As fontes históricas não são muitas, mas há indícios de que o bloco caricato “Bocas brancas do Floresta” já havia saído em 1948. Os blocos caricatos também são importantes personagens do carnaval belo horizontino, composto por carros que levavam a banda, caracterizada com uma fantasia relacionada ao seu nome, pelas ruas da cidade. Os blocos caricatos se aproximavam mais do curso, se pensarmos o desfile no automóvel: a diferenciação dos músicos dispostos

em uma elevação conjunta se opõe ao modo como as Escolas de Samba desfilavam, com instrumentistas, músicos e foliões, no chão. Nas décadas seguintes, surgem algumas escolas de samba e blocos caricatos que desfilam até 2015, seguindo Dias. Mas, em 1975, surge a animação pré-carnavalesca “República Independente da Banda Mole” que teve seu primeiro desfile com um “grupo (que) era formado por cerca de 100 pessoas animadas por uma banda que tocava no chão e que incluía instrumentos de sopro.” (p. 110), e se tornou a expressão do carnaval que existia em Belo Horizonte antes da tal retomada do carnaval de rua da cidade, nos anos 2009.

Em 1980 o carnaval das Escolas de Samba e dos Blocos Caricatos foi regularizado pela prefeitura de Belo Horizonte com um decreto, que demandava um processo de registro em cartório e à coordenação da Secretaria de Cultura, Turismo e Transporte. Segundo o antropólogo, e também banhista, Rafael Barros, os desfiles das escolas de samba e dos blocos caricatos era o grande destaque do carnaval das décadas de 70 e 80 em Belo Horizonte (*apud* DIAS, 2015, p. 111). Os desfiles aconteciam na Avenida Afonso Pena e reuniam em 1984, 300 mil pessoas segundo os dados da Belotur. Porém no final da década de 80, ocorreram mudanças no processo de crescimento deste carnaval oficializado. Em 1990 aconteceu o “último desfile das escolas de samba e dos blocos caricatos na Avenida Afonso Pena. Assim, com menor poder simbólico e menos apoio governamental, o carnaval oficial foi perdendo dimensão e importância até não ser mais realizado a partir de 1991.” (p. 112). Durante a década de 90, o carnaval oficial deixa de existir, e, no entanto, a Banda Mole levou o surpreendente número de 400 mil pessoas às ruas em 1995. Em 2004, a folia com o apoio da prefeitura retorna para a agenda carnavalesca, mas com os desfiles a acontecer na Zona Norte da cidade, o já citado sambódromo improvisado nas proximidades da BR-240, com poucas opções de transporte público na época, mantendo viva a imaginação de que o sossego reinava durante o carnaval, na capital mineira.

O afastamento da festa para a saída norte da cidade foi mais uma demarcação desta disputa entre a cidade ordenada e a possibilidade dos corpos se expressarem pelas ruas: o desfile dos blocos, prática que naquele momento ainda resistia no centro, foram transferidos. Para o centro da cidade, restou apenas a Banda Mole, que nos anos 2000 passou a se caracterizar como uma festa comercial, com cortejo de carros de som pelas ruas da cidade, com muitos homens vestidos de mulheres, com um público gay numeroso e que acontece uma semana antes do carnaval. Mas, seguindo Figueiredo, a festa começou de modo bem diferente, em seu subir a Rua da Bahia.

A iniciativa para a primeira passeata surgiu a partir de uma roda de foliões que já se envolviam com tradicionais blocos carnavalescos – citam-se os Leões da Lagoinha e o da Botina como principais exemplos. O primeiro desfile pelas ruas ocorreu no dia 30 de março de 1975, tendo como proposta principal modificar o panorama tranquilo que acometia a cidade durante os feriados ao longo do ano. Observa-se, portanto, que o cortejo festivo ainda não se vinculava à data do carnaval, apesar de manter profunda consonância com os espíritos carnavalescos: sátira, deboche, irreverência e bom humor ditavam desde o início a tônica dessa manifestação cultural (FIGUEIREDO, 2006, p. 13-14.).

Mas, até 2009, a Banda Mole era a possibilidade de carnavalização (BAKHTIN, 1999) mais visível no processo de inversão do cotidiano da cidade uma vez ao ano, à qual era tida como tranquila nos dias da festa. Tal perspectiva imaginária para o feriado pacato na cidade estava articulado com algumas ideias do início do século XX, em Belo Horizonte, que encaravam o carnaval como uma festa atrasada.

A perspectiva da capital sem o carnaval desordenado também se conecta com a ideia de cidade planejada para o desenvolvimento e modernização, cidade dos negócios, que estava presente na imagem que a mídia hegemônica reforçava na cidade. Importante dizer que, no início dos anos 2000, encontrávamos, na imprensa jornalística da capital, a divulgação de uma imagem síntese da cidade que estava

sincronizada com um possível desdobramento do projeto moderno do planejamento original, reforçando a ideia de ordem, organização e bem-estar decorrente destas ideias, no espaço urbano. No aniversário de 106 anos da capital em dezembro de 2003, por exemplo, os jornais impressos que circularam entre as bancas da cidade, estamparam homenagens, opiniões e lembranças sobre a capital que davam a ver uma cidade modernizada em expansão, como apresentados pelo comunicólogo e professor Frederico Tavares (2005) em sua pesquisa de dissertação. Em seu artigo na revista *Rastros*, o autor analisa criticamente as imagens (re)construídas apresentadas na edição de cobertura de três influentes jornais da cidade à época, o “Estado de Minas”⁸¹, o “Diário da Tarde”⁸² e o “Hoje em dia”.

Segundo o professor, a imagem de capa e de abertura da reportagem especial do jornal “Estado de Minas”, dos mais importantes e influentes da cidade, estampou panorâmicas com um horizonte repleto de prédios altos dando a imaginar uma cidade no caminho da modernização, iniciada com os traçados perpendiculares e equidistantes de Aarão Reis. Ilusão da totalidade de qualquer território, a imagem panorâmica em questão coloca o leitor da fotografia no centro, como se estivesse em um pedestal podendo exercer seu alcance de vista sobre aquele bairro de classe média-alta, simulacro da possibilidade real de estar ali. A imagem, acompanhada por um texto com pretensões de ordem histórica, ressalta a ideia de uma grande metrópole em crescimento, mas que preserva um passado, ainda que recente.

81 - Com o slogan de grande jornal dos mineiros, o “Estado de Minas” era o jornal mais lido da cidade, à época.

82 - “Diário da Tarde” é a versão mais popular do jornal “Estado de Minas”. Além de se preocupar em construir textos mais diretos, é mais barato e tem menos páginas do que a sua matriz. 4 “Hoje em Dia” era um jornal que se posicionava de maneira contestatória a algumas perspectivas do jornal “Estado de Minas”, buscando dar a ver opiniões mais diversificadas, mas na maioria das vezes construía um jornalismo senso comum.

Figura 1.1 - Imagem das capas de jornal no aniversário da cidade.



(Figura 1)



Na segunda cobertura jornalística do aniversário do mesmo ano, seguindo Tavares, encontramos a produção de uma ideia de que a cidade que vive no asfalto estaria em disputa com a cidade que habita o morro, criminalizando as regiões que têm menos condições para investir em suas moradas, como já vislumbramos em outros momentos da história da cidade. Desconsiderando a diversidade de pessoas que ali vivem e suas histórias pessoais e de luta, a programação

visual do jornal Diário da Tarde divide a imagem fotográfica da capa ao meio, anotando na parte inferior, onde estava localizada a parte da fotografia da favela, a palavra “polícia” escrita em vermelho, intitulado a sessão do caderno Cidades. Neste Diário da Tarde comemorativo, ainda é possível encontrar alguns depoimentos colhidos com moradores, que ressaltam o aumento da violência e a necessidade de se investir mais em segurança. A terceira cobertura, a do jornal Hoje em Dia, encontramos com declarações de figuras ilustres e políticos, que confirmam a ideia de crescimento da capital bem como da preocupação com o aumento dos relatos e índices de violência urbana. Todas as pessoas que prestaram depoimento para os jornais naquele aniversário eram brancas, socialmente localizadas nas classes mais financeiramente abastadas e com ensino superior. De acordo com Tavares, neste imaginário social de Belo Horizonte, só podemos encontrar os habitantes ordinários desta cidade no detalhamento dos contrastes destas imagens em articulação com a realidade experienciada no território físico. Como trabalhada em sua dissertação de mestrado, e textos daí vindouros, a imagem do outro, do negro que compõe mais da metade da população da capital mineira, não era aparente, a não ser na cobertura jornalística associada à violência e à subalternidade, no fotojornalismo àqueles tempos (TAVARES, 2006).

Voltando ao carnaval, durante 2003 e 2004, a Banda Mole não desfilou em Belo Horizonte. Em julho de 2004, por meio de um decreto municipal, a festa é determinada como oficial do calendário da cidade e, em 2005, volta a acontecer agora em um novo trajeto, pela avenida Afonso Pena, deixando como lembrança as subidas da rua da Bahia. Um breve relato sobre a Banda Mole em 2006 aproxima mais uma vez as relações de controle que permeavam o carnaval no começo do século XX e que se atualizam no começo do século XXI:

Outro flagrante do tratamento diferenciado advém da atitude do câmara de uma emissora televisiva: na tentativa de realizar algumas tomadas dos foliões, o profissional pede a um grupo de amigos travestidos de mulheres que demonstrem alegria

e entusiasmo. Subitamente, um indivíduo trajando uma fantasia menos ornamentada se mistura ao agrupamento focalizado pelas lentes; tal ação inesperada provoca a interrupção da gravação e, em uma reação provocadora, o anônimo folião revidava, gritando: 'Só porque eu sou preto!? Só porque eu sou preto!?!'. A situação fica tensa, há uma nada amistosa troca de olhares até quando dois policiais afastam o desavisado 'intruso' para que a filmagem continuasse 'normalmente'... (PE-REIRA FILHO, 2006, p. 13).

A polícia e a mídia estavam programadas para dar a ver quem deveria aparecer na imagem da cidade festiva, enquanto carnaval, como em relatos de outros tempos.

Entre 2001 e 2008, grupos de amigos começam a reorganizar blocos de pré-carnaval que provam ser possível brincar o carnaval pelas ruas da cidade, em festas em poucos bairros pela cidade. Mas é em 2009 que temos o "movimento de retomada dos blocos de carnaval de rua no feriado oficial" (DIAS, 2015, p. 11) com a festa do Bloco Tico-Tico Serra Copo e com o Bloco do Peixoto, pelas ruas da Serra e do Santa Efigênia, respectivamente, produzindo percursos extensos que cortaram a cidade.

Em 2010, levar o carnaval de novo para o centro, pesava para o poder executivo da cidade, segundo a notícia do jornal "Estado de Minas" trazido pelo blog *Pedreira na vidraça*. A possibilidade de aumentar os transtornos no trânsito, já intensificado na região da rodoviária durante os feriados prolongados, além das depredações que a Praça da Estação poderia sofrer, eram os principais motivos dos impedimentos declarados oficialmente pela prefeitura. Mas o Bloco da Praia saiu pelo centro, no sábado de carnaval.

Situação 4 - O bloco da Praia da Estação

A ideia de realizar um bloco de carnaval da Praia da Estação aparece pela primeira vez no espaço de sociabilidades digitais em um

comentário no vídeo “Teaser”, na plataforma da rede social Youtube, como já comentado, no capítulo “Deita no cimento”. A partir da visão do vídeo “Teaser 2”, produzido pelo grupo musical Graveola, a produtora cultural PP sugere realizar um bloco de carnaval da Praia da Estação, com o texto: “toda semana para ensaiar músicas para o carnaval e a praia virar referência em BH... Bora criar o bloco da praia... com direito a caminhão pipa e tudo o mais.”. A jovem, que na época era estudante e moradora das proximidades da BR-240, escreve o comentário antes de acontecer a segunda praia, anunciada nos dizeres “Toda semana”, evocados no funk cantado e em comentários anteriores, assim como no de PP. Ela ainda enfatiza a necessidade de se ensaiar as músicas para o carnaval, a necessidade do caminhão-pipa estar no bloco e o desejo de que o carnaval e a praia se tornassem referência na cidade. “Toda semana” era a resposta que todos envolvidos na realização da Praia da Estação davam a quem perguntasse sobre a periodicidade da manifestação lúdica. Ela foi fixada pelo vídeo Teaser 2, que anunciava tanto outra maneira de explicar a praia como convidar para a realização das próximas.

Como já descrito anteriormente, o “Teaser 2” é um vídeo feito a partir da montagem de fotografias digitais e vídeos curtos com a produção de uma música que convidava o prefeito a ir à Praia, além de afirmar que não havia depredação na praça. As imagens são de diversos usos da praça, caracterizando-a como Praia, assim como de uma pequena agremiação festiva que sai caminhando com a faixa “A praça é de tudo e de Todos/ A praça é a nossa praia”. A agremiação estava formada com faixa, instrumentos musicais, brincantes e dançantes. No dia, entoamos sambas e marchinhas de carnaval; entre os músicos, muitos batuqueiros, destacava-se a brincante que levava a faixa. CM, natural do Rio de Janeiro e por aqueles anos moradora de BH, motivava versos incitando muitos outros a pegarem e cantarem as músicas. Voltando ao espaço virtual, o comentário seguinte ao de PP na postagem do “Teaser 2” no Youtube, é de um moço que apro-

veita a deixa e divulga o bloco de Carnaval Trema na Lingüiça, que ele organiza com alguns amigos. Esse bloco é um dos que foram criados, segundo o levantamento de Dias, entre 2001 e 2008, e que se caracterizam como blocos de pré-carnaval, organizado por amigos, com um bar como referencial para a festividade acontecer; no caso, esse Bloco se localizava no bairro Santo Antônio, no clube Mackenzie, o mesmo bairro onde se localizava a antiga Fafich e a Escola de Teatro da UFMG, que sediaram o Festival de Inverno no qual surgiu a performance “Queremos praia”, no final da década de 80, do Grupo Galpão. Essa conexão dá a ver a busca dos habitantes de Belo Horizonte, por construir uma alternativa festiva participativa na cidade e não uma festa espetacularizada, o intuito de consolidar um carnaval em casa.

No sábado de carnaval, depois de pré-agendar o banho do caminhão-pipa para a frente da prefeitura, o bloco da Praia da Estação começou a sua concentração ao lado das grades de cercamento que a prefeitura havia implementado na Praça, para uma festa fechada a acontecer no local. As pessoas foram chegando, fantasiadas com máscaras e roupas caracterizando usos lúdicos, esportivos, banhistas e musicais da praia. Depois de aquecidos os tambores, os banhistas resolvemos adentrar o cerceamento e, pulando as catracas, reinventamos o espaço da festa delimitado pela prefeitura.

O bloco da “Praia da Estação” acontece pela primeira vez em fevereiro de 2010, no sábado de carnaval. Em meio à retomada dos blocos de carnaval em Belo Horizonte e diferentemente de todas as outras iniciativas que à época notificaram as regionais, polícia militar e bombeiros de sua realização festiva, o Bloco da Praia da Estação, também conhecido como Bloco da Praia, não avisou o poder público da sua saída. Em sua maioria mascarados, os banhistas-foliões se misturaram aos outros populares presentes nas imediações da Praça cerca da e entoaram marchinhas de carnaval acompanhadas pelos surdos, taróis e tamborins levados ao bloco. A marchinha da Praia também era cantada, em uma série de repetições maior do que qualquer ou-

tra, composta desde que surgiu a ideia de fazer uma saída relacionada à contestação; ela diz:

[...] fui me banhar na Praia da Estação
mas esqueci o filtro solar
agora saio no bloco do Tchatcha
fantasiado de camarão
tenho certeza que valeu a pena
é um absurdo o tal decreto
se o Lacerda curte a canetada
que dê uma canetada no próprio reto.⁸³

A marchinha faz alusão ao banho que se tomava na Praia e ao sol que se pode pegar por lá, queimando a pele, que, se branca, torna-se vermelha como a de um camarão, produzindo a fantasia a ser utilizada no bloco do Tchatcha, que em 2010 desfilaria pelas ruas do Santa Tereza pela primeira vez, na segunda-feira de carnaval. Na segunda estrofe retoma o assunto do decreto e sua incoerência, sugerindo que se o prefeito curte a canetada – já que o decreto é um recurso de poder político popularmente conhecido pelo poder da caneta que transforma a realidade – que ele aplique uma canetada em si mesmo. Reflexiva em relação à violência simbólica do poder sobre os corpos dos cidadãos, a marchinha devolve num tom de deboche, ao prefeito, a violência à qual nos submeteu.

No dia do primeiro Bloco da Praia, diante da impossibilidade de se banhar nas fontes que estavam cobertas pelo aparato da festa montada pela prefeitura, os foliões seguimos para fora da Praia da Estação, ocupando pela primeira vez outros espaços públicos urbanos, para além da praça em disputa. A continuidade do bloco se iniciou

83 - De autoria de um dos banhistas, a marchinha encontra-se gravada no disco “Deita no cimento! Músicas do carnaval de rua de Belo Horizonte 2009-2014”. Acessada no link <https://soundcloud.com/vinyl-land-records/sets/deita-no-cimento-m-sicas-do>, em 13/08/2017.

pela rua Aarão Reis, saída lateral da Praça Rui Barbosa, passou em frente à entrada principal da estação Central de Metrô, em frente às lojas e bares do Edifício Central que ficam na calçada, e em frente à estação de trens. Naquele momento chegava um trem com percurso pelo interior de Minas, ligando a capital a Vitória, no Espírito Santo. A chegada dos viajantes foi tumultuada por aquela pequena aglomeração de pessoas que cantava em roupas de banho acompanhadas pelos acessórios carnavalescos, como os confetes e serpentinas, estandartes e instrumentos.

Ao chegar em frente ao segundo quarteirão da rua Aarão Reis, os foliões banhistas se depararam com uma igreja evangélica promovendo seu culto, mais alguns bares, como no Edifício Central, e a sede do Teatro Espanca!. O grupo de teatro Espanca!, que tem vários de seus colaboradores banhistas da Praia da Estação, distribuiu uma farofa com frango assado aos foliões. Mais do que bem aceito como alternativa de almoço na rua, dispensando a necessidade de sair da festa (já se passava das 14h). Em grandes cumbucas, o alimento era oferecido no salão da sede, direcionando as colheres de boca em boca para a satisfação nutritiva, voltando os talheres para dentro das vasilhas cheias de comida que estavam a ser compartilhadas. No parapeito externo da sede, outra colaboradora do grupo de Teatro, fantasiada de Chapolin Colorado, molhava os foliões-banhistas com uma mangueira d'água, refrescando os ânimos daquela tarde ensolarada. O chamado "ei Chapolin, joga água em mim" é cantado pela aglomeração extasiada. Logo a água, a farofa, o frango, os confetes, serpentinas e sons se misturavam numa alegria contagiante entre aqueles corpos que brincavam o carnaval como uma festa não só carnal, mas política e solidária. O bloco da Praia tinha acontecido, muito mais parecido com os festejos do entrudo, no começo do século do que dos desfiles e bailes da sociedade, mesmo antes de chegar à Prefeitura.

Depois de um descanso na sombra e da recuperação de energia com frango e farofa, o bloco passa embaixo do viaduto de Santa Tereza. Ali, mais uma experiência estética acomete os foliões-banhistas. O eco da bateria e vozes que a estrutura do teto/piso proporcionou foi, em um primeiro momento, atordoante. Ao identificar a potência da música e do canto ali amplificados, imagino mais um momento que viria a ser repetido todo o ano, no Bloco: cantar embaixo do viaduto, músicas de motivação política e que nos une. O grupo atravessa a avenida dos Andradas e segue até a rua da Bahia. Ali temos o segundo encontro com uma via em uso intenso a ser ocupada, mas, desta vez, ao invés de apenas atravessá-la, como havíamos feito na Avenida dos Andradas, embaixo do viaduto, agora iríamos segui-la. Assim o fizemos. Foliões fantasiados fomos tomando a rua e o bloco inteiro tomou o asfalto. Cantando marchinhas, chegamos à Avenida Afonso Pena em frente ao Parque Municipal. A avenida larga, marco urbanístico do traçado moderno do planejamento da cidade, avança até a Serra do Curral. Do outro lado, morro abaixo, a vista alcança a Praça Sete. A tomada da grande avenida, palco de tantos outros momentos de festas, manifestações e contestações foi mais um momento de comoção. Muitas das máscaras que no início eram utilizadas como fantasias – intuito dúbio de se manter alguma segurança no caso de a polícia coibir o Bloco – àquela altura já tinham se transmutado em outros acessórios carnavalescos, ora segurando os cabelos molhados, ora adornando alguma outra parte do corpo dos banhistas foliões. A quantidade de pessoas no bloco era muito pequena, mas conseguimos abrandar o trânsito e em alguns instantes até fechá-lo. Mesmo sem segurança pública, houve uma compreensão dos cidadãos que compartilhavam aquele espaço com os foliões-banhistas de que era preciso desacelerar a velocidade dos automóveis; algo estava acontecendo ali, pequenos poderes urbanos estavam em disputa. Grandes

condições de possibilidade de criação e fortalecimento de imaginários políticos. Os pedidos dos foliões para diminuir a velocidade do tráfego, com gestos que movimentavam as mãos como quando há algum obstáculo à frente, fez com que a linguagem da sinalização de trânsito compusesse uma possibilidade comunicativa daquele instante, passando a fazer parte dos gestos do carnaval de rua na cidade.

O carnaval fez a Praia ampliar seu território ocupado no espaço urbano, tanto na dimensão da ampliação dos logradouros públicos ocupados temporariamente quanto nas possibilidades imaginárias, já que muitos outros referenciais simbólicos foram acessados pelas criações de fantasia e necessidades do Bloco da Praia. Os ritmos das músicas e marchinhas de carnaval, de outros tempos e outros lugares, ao serem entoadas pelas ruas da cidade causavam uma suspensão do tempo e espaço (re)territorializando a dimensão da festa no espaço urbano, mobilizando variadas narrativas que passam a compor também o imaginário político que acompanha a Praia da Estação.

Quando o carnaval praieiro decidiu mudar o lugar habitual de encontro com o caminhão-pipa, da Praça da Estação para a frente da Prefeitura, inventou-se uma lavagem das escadarias da sede municipal. A ideia surgiu em uma reunião na praia, depois que percebemos que a praça estaria toda cercada para um evento de carnaval fechado da prefeitura. Decidimos levar vassouras e baldes para o bloco para limpar simbolicamente as sujeiras da prefeitura. No sábado de carnaval, apenas FA, outro banhista que esteve desde as primeiras reuniões, apareceu com vassouras e baldes, no intuito da lavagem das escadarias da prefeitura. Lá ele atualizou, com gestos e perfumes, o imaginário ritualístico da limpeza espiritual emanada da água do balde com ervas e da bateção de folhas de cheiro, como o manjerição, a lavanda e o alecrim. A prática cultural da lavagem de escadarias de Igrejas acontece principalmente nas festas de largo na Bahia, como

na Festa do Nosso Senhor do Bonfim. Todo começo de ano, as baianas vestidas com seus trajes típicos de suas atuações em terreiros de candomblé, realizam uma procissão da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia até a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, na Ribeira, em Salvador. Ao chegarem nas escadas do Bonfim, jogam-lhe a água perfumada por lavanda que traziam em seus baldes e varrem a sujeira que simboliza os pensamentos negativos, abrindo espaço para os bons caminhos do ano que começa. Tradição realizada no limiar das religiões católica e do candomblé e outras fés afrodescendentes, também se localiza no limiar espacial entre as igrejas e as ruas: suas escadas. Em entrevista pelo whatsapp o banhista relata que o casal GA e SP também estava fantasiado e vestido de branco, portando turbantes, como mães de santo, e colaboraram com a primeira performance realizada com as vassouras e os baldes. No caso de Belo Horizonte, a demanda era lavar todas as corrupções e desmandos do prefeito à época, para que a cidade pudesse seguir mais inspirada em outras experiências, como as do tempo em que o orçamento participativo acontecia em reuniões públicas nos bairros da cidade.

A lavagem das escadarias na prefeitura no sábado de carnaval antecedeu a ligação da mangueira do caminhão-pipa, e se repetiu nos primeiros dois anos do Bloco da Praia. Antes de ligar o caminhão-pipa, foi lido em jogral um manifesto-macumba⁸⁴ sobre a situação de desrespeito aos direitos cidadãos⁸⁵, tecnologia social para comunicação em grandes aglomerações e sem som mecânico, como nas reuniões sindicais na década de 70, no ABC Paulista. A própria ideia

84 - Disponível em <https://pracalivrebh.wordpress.com/2011/03/18/manifesto-macumba/>, consultado em 19/08/2017 e também publicado como documento 1, no caderno de documentos do capítulo 3.

85 - Técnica de aprendizagem na qual uma pessoa fala uma frase e o todo presente repete, seguindo assim a leitura do texto. Utilizada como modo de comunicação de manifestações e marchas, foi muito utilizada em todas as mobilizações das "Jornadas de junho" e manifestações que as sucederam. Pode ser compreendida como uma prática atualizada dos movimentos sociais anteriores.

de um manifesto, escrito e lido em frente à prefeitura, remonta a outras experiências coletivas tanto de produção artística como de luta política. A atualização de rituais, como o da lavagem das escadarias, a apropriação de imagens e imaginários de outros contextos culturais, vão mobilizando um repertório que passa a compor os sentidos e narrativas da experiência Praia da Estação.

Nos primeiros anos da folia contestatória, aconteceram leituras dos foliões que atualizam a luta pelos espaços públicos em BH, contextualizando as batalhas terminadas, em trâmite e as porvir, contaminando por meio de outros afetos e perceptos todos foliões presentes. Tais contaminações, seguindo Guattari em *Caosmose*, seriam proporcionadas por mutações dos agenciamentos que precisam ter o porte “por exemplo, a reprodutibilidade potencialmente ilimitada do texto e da imagem pela imprensa ou a potência de transferência cognitiva adquirida pelos algoritmos matemáticos no domínio das ciências...” (GUATTARI, 1992, p. 116), caracterizações mais possíveis de acontecer devido aos desenvolvimentos tecnológicos da atualidade. A ação de fazer junto, com os próprios corpos, uma praia no centro da cidade e o carnaval de rua⁸⁶ de Belo Horizonte, talvez tenha realizado tal potência ao notarmos tantas inventividades e criatividade em movimento, caracterizando algumas mutações das relações sociais. Os corpos em roupa de banho, as pessoas falando juntas palavras que expressavam seus incômodos na cidade ou cantando marchinhas novas e antigas, produzindo um território da festa, do carnaval, da vida, no asfalto e cimento da cidade, articulando rituais, contestação e contexto carnavalesco.

86 - Algumas outras informações sobre o carnaval na reportagem da <http://revistamarimbondo.com.br/artigo/18> e no depoimento “afeto-festivo” de Guto Borges, um dos puxadores dos blocos de rua naqueles anos <http://variavel5.com.br/blog/caps-lock-carnaval/>, acessadas em 16/05/17. A fotografia é de FM, e foi capturada em 13/02/2010.

Figura 1.2 - Imagem do Bloco da Praia em frente à prefeitura em 2010.



Depois da leitura do texto em jogral, o caminhão-pipa foi ligado e diversas pessoas puderam pegar a mangueira e direcionar os jatos de água aos banhistas-foliões. Apesar de distantes espacialmente e simbolicamente da prefeitura, lugar de participação política na cidade, os banhistas-foliões estavam muito próximos, realizando a possibilidade do banho de mangueira do caminhão-pipa que conformava a Praia. Na imagem, o caminhão-pipa está estacionado, as pessoas vestidas em trajes de banho, portando acessórios de praia como parte da fantasia do bloco, em contraste com a monumentalidade do prédio da Prefeitura da cidade. Apesar de ter a entrada principal para a Avenida Afonso Pena, correntes e gradis mantinham o prédio fechado para a avenida. Tais limites faziam inacessível mesmo o limiar da prefeitura para com a rua da cidade.

Os guardas municipais em uniformes escuros na escadaria e a monumentalidade e dureza do prédio da prefeitura contrastam em relação ao volume que ocupa a massa de foliões ao pé do edifício.

Ao menos três pessoas que passam pela rua, observando o bloco, fazendo um outro uso da rua, o de lugar passagem cotidiana. Talvez os banhistas-foliões estivessem cantando a marchinha da Praia da Estação. A fotografia, disponibilizada para os banhistas-foliões em visionagens pessoais, veio a público com a sua postagem no Facebook no ano seguinte, em 02 de fevereiro de 2011, às vésperas do carnaval, buscando reacender a chama da folia do primeiro ano. Depois da folia na frente da prefeitura, o Bloco da Praia subiu a Afonso Pena e adentrou o hall de entrada do Palácio das Artes, enchendo de cores as estruturas de mármore branco do projeto de Oscar Niemeyer. Assim como a dureza do projeto arquitetônico da prefeitura, os corpos em folia enfrentaram a rigidez da pedra branca.

Performar o carnaval no centro da cidade, isto é, fazer a festa nos espaços habitados no cotidiano, atribuindo sentidos de pertencimento para além da vida regrada, mas também da vida inventada, fabulada, fantasiada, talvez tenha sido dos processos mais importantes para os banhistas-foliões, de transformação do que a cidade significava para nós.

Mais carnaval

No primeiro ano, depois do banho de caminhão-pipa e da entrada no Palácio das Artes, outros caminhos vieram e o bloco se dispersou: teve quem foi para outras praças, teve quem foi descansar ou se alimentar, mas a produção e alegria do Bloco da Praia contagiou muitos por um bom tempo. Outros blocos vieram, por diversos bairros, transformando a tradicional fuga da cidade durante o feriado em permanência na capital. No ano seguinte, a folia se repetiu, mas com um enfrentamento dos foliões pela Polícia Militar, com gás lacrimogênio diante da prefeitura. Houve um desentendimento da ordem do comando. Ninguém ficou ferido e logo a festa se restabeleceu.

Em 2011, considerando as várias marchinhas novas e da dificuldade de as pessoas decorarem todas antes de ir para a rua, foi produzida uma cartilha com as marchinhas de carnaval de todos os novos blocos. A marchinha da praia era a primeira do índice. E a que todos, que estavam perto da bateria nos blocos, já sabiam cantar.

Dois anos mais tarde, em 2012, a festa carnavalesca na cidade já estava animada o bastante para chamar a atenção de emissoras de televisão e também do poder público. A prefeitura solicitou aos representantes dos blocos se apresentarem em uma reunião pública, com o intuito de viabilizar de maneira mais simples a saída dos blocos, numa iniciativa que se parecia à busca pelo controle de outros carnavais. Na reunião, a prefeitura apresentou a sua proposta que consistia em disponibilizar banheiros químicos e coleta de lixo após a realização dos blocos. Fomos solicitados a preencher fichas com o trajeto, horário de início e término da festa, dia da saída, bem como uma estimativa do número de participantes dos blocos, para que eles pudessem programar a contratação dos serviços; todas as informações foram coletadas pela Empresa Municipal de Turismo, a Belotur.

Para o Bloco da Praia, a perspectiva de ter representantes nas reuniões sobre o carnaval na Belotur, sempre foi impossível. O Bloco havia se consolidado sem avisar a prefeitura nos dois primeiros anos de saída, diferentemente de todos os outros blocos que se organizavam pela cidade. Logo, apesar de vários banhistas foliões estarmos presentes nas reuniões de negociação com a Belotur, os representantes dos foliões fizeram questão de enfatizar que o Carnaval não era evento e sim manifestação cultural, sendo um equívoco a coordenação das ações estarem junto a um órgão turístico. No ano seguinte, em 2012, além dos banheiros químicos era preciso que os blocos assegurassem por meio de formulários da Belotur se aceitavam ou não a divulgação da festa pela prefeitura. Esta cláusula foi exigida pelos representantes dos foliões, diante da publicidade indevida que a prefeitura estava fazendo com as imagens fotográficas produzidas nos blocos de carna-

val, inclusive no Bloco da Praia. Não apenas o controle, mas também a apropriação da festa, estava sendo planejada e executada.

Ainda em 2012, além das tentativas de controle da festa pela Belotur, outra novidade se restabelece: um concurso que tem o carnaval como tema passa a ser promovido por um veículo de comunicação, a Rádio Inconfidência – uma rádio pública, ligada ao governo do Estado em parceria com uma produtora, que havia aprovado a ideia no edital da Lei Estadual de Incentivo à Cultura. O concurso anual de marchinhas⁸⁷ “Mestre Jonas” elege também a melhor fantasia e conta com um baile, onde as músicas em disputa são performadas: o carnaval da rua segue para o salão, alimentando a sua possibilidade de trocas, assim como Figueiredo havia apontado sobre os folguedos carnavalescos do começo do século XX, na capital. Diante da proliferação de Blocos de Rua, agremiações, bandas, blocos com trios, cortejos e dos escândalos, denúncias políticas e o concurso, a criatividade mineira deu asas à imaginação na composição de diversas marchinhas, principalmente de cunho político.

Nos anos seguintes, a prefeitura passou a desenvolver um plano de apoio e publicidade da festa que estabeleceu que os blocos de rua estariam na divulgação de carnaval da Secretaria de Turismo, do poder municipal. A inclusão dos blocos de rua no calendário festivo da prefeitura não foi discutida nas reuniões que a Belotur havia proposto para os representantes dos blocos. A responsabilização dos que preenchiam os formulários informando os dados e solicitando os banheiros, sim. Uma das grandes discussões entre os foliões e a

87 - Em seus três primeiros anos, as marchinhas vencedoras seguiram a motivação da marchinha do Bloco da Praia da Estação, assim como muitas outras concorrentes, sendo elas: 2014 - "*Baile do Pó Royal*" de Alfredo Jackson, Joilson Cachaça e Thiago Dibeto, sobre o helicóptero apreendido carregando cocaína, de posse do deputado à época Zezé Perrela, conectado com o ex-governador Aécio Neves; 2013 - "*Imagina na Copa*" de Daniel Iglesias, Matheus Rocha e Guto Borges, apontando várias incongruências da cidade de Belo Horizonte, que seriam intensificadas durante a Copa do Mundo e a primeira, sobre o escândalo de desvio de recursos da câmara municipal com notas frias de lanches da madrastra de um certo vereador, à época, 2012 - "*Na Coxinha da Madrastra*" de Flávio Henrique Alves. Diversas fantasias de coxinha passaram a ocupar o carnaval de Belo Horizonte a partir desse marco.

prefeitura sobre a importância da dimensão de manifestação cultural do carnaval, ao invés do entendimento da festa como um evento turístico pontual, se dava a ver nos diferentes modos de vislumbrar e operar o planejamento e ações, acerca da festa, na cidade.

Em "O direito à cidade", Henri Lefebvre começa a problematizar que o principal uso da cidade deveria ser a festa, já que é nela que diversos habitantes se encontram, podendo apresentar-se de corpo presente para todos os outros. Em Belo Horizonte parece-nos que a festa sempre que se liberta em uma dimensão inventiva, sofre a tentativa de enclausuramento por meio da prescrição de diversas normas, regras e controles, práticas características do pensamento estratégico.

Situação 5 - Primeiro Eventão

A mobilização para o Primeiro Eventão começa logo depois da primeira Praia, em uma série de e-mails trocados na lista Praia Livre, no já comentado e-mail intitulado Alegria, alegria, no qual o músico LG sugere começar a discussão sobre uma tarde de programação de shows e recebe como resposta, de PR, a lembrança de que assuntos relativos à Praia deveriam ser conversados na Praia, e não na lista de e-mails. Na discussão ainda lembro que BV, recém-formado em jornalismo, sugeriu que se estivessem mesmo interessados em levar bandas amplificadas para a Praia, poderiam falar com o pessoal do Duelo de MC's. Depois da pequena discussão, todos foram lembrados de que aquele assunto deveria ser tratado nas reuniões, ou presencialmente na praia; isso ocasionou poucos fragmentos disponíveis sobre a situação, possíveis de serem acessados na etnografia. Depois disso, o próximo rastro digital do Primeiro Eventão é a publicação do voador (flyer), de divulgação, postado no blog e também na lista de e-mails.

Figura 1.3 - Cartaz do eventão postado no blog praç5a livre.

Reunião na Praça - 4 março às 19h
março 2, 2010

Quinta feira agora, dia 04, haverá mais um encontro para fechar o Evento e discutir outros assuntos!

19 horas na Praça da Estação.

Plano B: se chover, vamos para debaixo do viaduto Santa Tereza, ok?

Publicado em Sem categoria | 1 Comment »

Flyer do Evento
março 2, 2010

EVENTÃO NA PRAÇA DA ESTAÇÃO
"A DURA BOLA RÓTULA NA PRAÇA"

06 MARÇO

Praia da Estação

MANHÃ	TARDE	NOITE
RECEITA DE SORVEL PROFESSORES	UM CONFERENCIADO MARCELO MARCELO TORRES	UM EXIBIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "RECEITAS 80"
MAIA DE PIZZA COM MATEO	15:30 HORAS COM PRÉSTIO GABRIEL	15:30 HORAS COM S E MATEO E L DOZ PROFESSOR
EXPOSIÇÃO BARRAMES DO BARRACA COMUNIDADE POP	COM BOLA MATEO PAVES E CARLOS MARCELO	EXIBIÇÃO DO FILME BARRACA MATEO DA TOLA E DO LADO LIVRE E PRÉSTIO ALBERTO

Vale lembrar que...
O flyer do Evento está pronto, mas a programação ainda está totalmente aberta a propostas. Ainda dá tempo de fazer a sua!

© Prefeitura de Belo Horizonte, na execução de suas atribuições, em especial de que lhe confiere o inciso XVI do art. 108 da Lei Orgânica do Município e do art. 40 da Lei nº 5.641, de 22 de dezembro de 1998, LICENÇA:

Art. 1º - O Anexo I do Decreto nº 9.687, de 21 de agosto de 1.998, passa a vigorar acrescido do seguinte Grupo II-A:

"II-A - UTILIZAÇÃO DA PRAÇA DA ESTAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE EVENTOS, PROPORCIONALMENTE AO NÚMERO DE DIAS:

- 1- De 1 a 2 dias... R\$ 9.600,00;
- 2- De 3 a 4 dias... R\$ 14.400,00;
- 3- De 5 a 6 dias... R\$ 19.200,00." (MS)

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Belo Horizonte, 04 de maio de 2010
Mônica Araújo de Lacerda
Prefeita de Belo Horizonte

Na postagem do blog, podemos ver que a publicação logo em seguida que é a da chamada da reunião para a Praça, no dia 04/03/10, para discutir, entre outras coisas, os últimos acertos para o Eventão. Nesta postagem da reunião também fica definido que se chovesse, a reunião seria transferida para embaixo do viaduto Santa Tereza, o espaço coberto mais próximo da Praia da Estação, onde se concentram diversos moradores de rua, em sua dinâmica cotidiana.

Gostaria ainda, de destacar que, na visualização das postagens do blog, a disposição das informações na página sempre nos aproxima da situação que desenrolou toda a mobilização da Praça Livre, e Praia da Estação, nas barras laterais das publicações: aqui, se vê à direita, o final do texto do decreto. As plataformas de redes sociais como o Facebook, Twitter, Youtube, têm uma preocupação diferente da plataforma dos blogs, já que são customizadas por interesses lucrativos: sempre buscam apresentar algo a ser consumido. Assim, atualizando o sistema de geração de lucros nas redes sociais mais consumidas hoje, no ambiente do blog as informações que estão disponíveis são as customizadas pelo perfil que controla o e-mail cadastrado e que no caso era múltiplo e móvel, já que a senha fica disponível na primeira página para qualquer nova postagem.

Figura 1.4 - Cartaz do primeiro Eventão na Praia da Estação

EVENTÃO NA PRAÇA DA ESTAÇÃO
"A ONDA NÃO MORRE NA PRAIA"

06 MARÇO

Praia da Estação

MANHÃ	TARDE	NOITE
OFICINA DE STENCIL PERFORMANCES VARAL DE POESIA FEIRA GRÁTIS EXPOSIÇÃO BANNERS DO BARÇAÇA CAMINHÃO PIPA DEBATES E DISCUSSÕES	16h CONCENTRAÇÃO MARCATU BAQUE TROVÃO 17h30 SHOWS COM PROJETO SARAVÁ CIDA REIS AIRTON CRUZ E CARLINHOS FERREIRA	19h EXIBIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "BICICLETADA BH" 19h45 SHOWS COM Õ E GRAVEDLA E O LIXO POLIFÔNICO (participações de RAFAEL MACEDO, URUCUM NA CARA e THE DEAD LOVER'S TWISTED HEART)

www.eventao.wikispaces.com | www.pracalivrebh.wordpress.com

Quando o flyer é postado, está acompanhado da informação de que a programação estava aberta, que aquele material gráfico era apenas uma versão para que a ideia do acontecimento no domingo começasse a tomar corpo. A informação logo abaixo do título, "a onda não morre na praia", enfatizava que o Eventão era uma outra maneira de se contestar a proibição dos eventos, para além da movimentação da Praia, aos sábados pela manhã. Explica que a onda de movimentação contra a ação autoritária do então prefeito estava disposta a produzir também outros enfrentamentos e lugares de discussão, como um evento, já que estava proibido. A apropriação da imagem da placa de sinalização de trânsito com a indicação da Praia da Estação aponta dois movimentos importantes de serem pensados: o primeiro é a dimensão de cristalização que a ideia da Praia estava tomando; o segundo a ideia de que a Praia aconteceria "toda semana" poderia estar se tornando até algo que estaria sinalizado nas placas oficiais da cidade. Outra anotação

importante sobre a imagem do flyer do Eventão é a dimensão de ordenamento das atividades, que aconteceriam em momentos específicos. Os tempos definidos foram reforçados pelo formato quadrado das três colunas no fundo branco que, ao serem sobrepostas em uma imagem borrada de guardas sóis em uma praia, transmitem uma perspectiva de ordenação, limites, enquadramentos, estruturas. O flyer destoava das imagens dos outros cartazes que haviam sido produzidas para a divulgação da Praia até então, principalmente pela quantidade informações que precisava conter. Dos dois endereços publicados ao final do texto do cartaz, sendo o segundo o endereço do blog, o endereço do Wikispace, isto é, uma plataforma que possibilitava o gerenciamento da construção de um texto conjuntamente, já estava fora do ar no momento da pesquisa. Importante lembrar que na implementação da web 2.0, o modo wiki de produzir conhecimento era uma das grandes transformações para os usuários das redes, quer dizer, a dimensão de produção colaborativa e anônima.

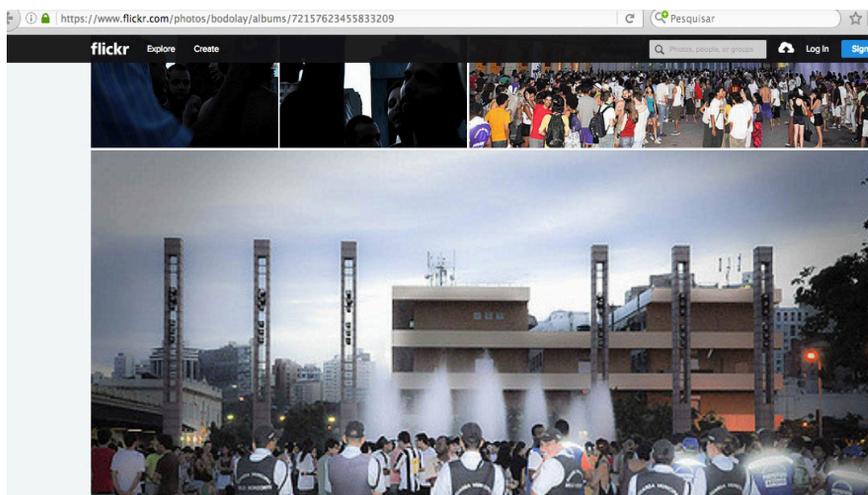
Na sexta-feira, a reunião foi de encaminhamentos práticos para a organização do eventão. No sábado aconteceu uma praia, onde mais algumas situações são discutidas e encaminhadas para resoluções, mesmo que temporárias, para agilizar a movimentação no dia seguinte.

No domingo, logo cedo, as atividades do Eventão começaram na Praia da Estação. Oficina de yoga, teatro para crianças, discussões, exposições em varais. A guarda municipal se posicionou protegendo o patrimônio público do prédio da Estação e dificultando a fixação dos varais móveis, dizendo que, diante da lei que proibia os eventos, implementar estrutura mesmo que móvel, caracterizava uma dupla infração: também ao código de posturas da cidade. Como os shows haviam sido divulgados como se fossem acontecer na Praia, isto quer dizer, na Praça, acreditamos que a guarda municipal havia sido ali alocada mesmo para impedir qualquer instalação de som. As discussões acontecem entre os agentes da guarda municipal e os banhistas, mas são brandas. Começa

o maracatu de baque virado. Os corpos se agitam, tomam ritmo, dançam, tocam e cantam juntos. Na sequência, começaram a acontecer os shows embaixo do viaduto. Como não havia sido possível providenciar as ligações de energia na Praça da Estação, resolvemos aproveitar o conhecimento da Família de Rua⁸⁸, que organizam o Duelo de Mc's, sua batalha de rap semanal nas sextas-feiras de noite e produzir os shows para a área embaixo do viaduto Santa Tereza.

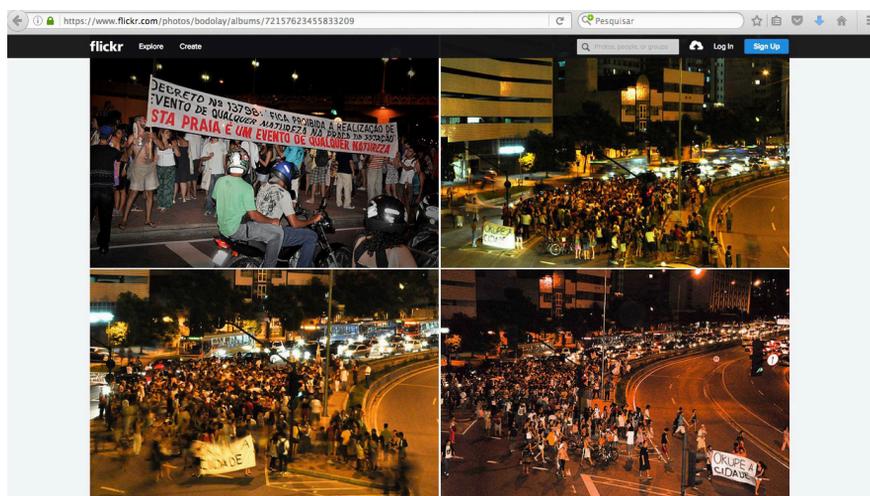
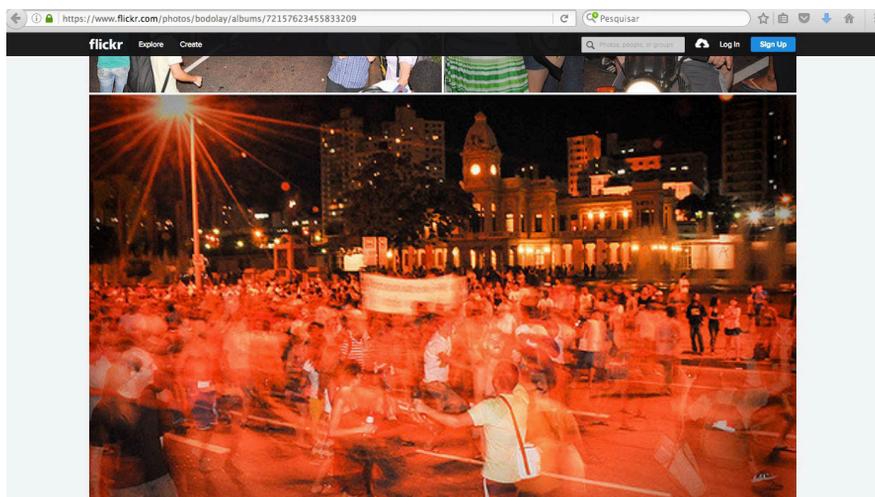
Nas fotografias que encontramos no Flickr⁸⁹ de TB, um dos fotógrafos que fez a cobertura da primeira Praia, vemos um pouco do que aconteceu durante o dia, e também em uma parte da noite, no Eventão.

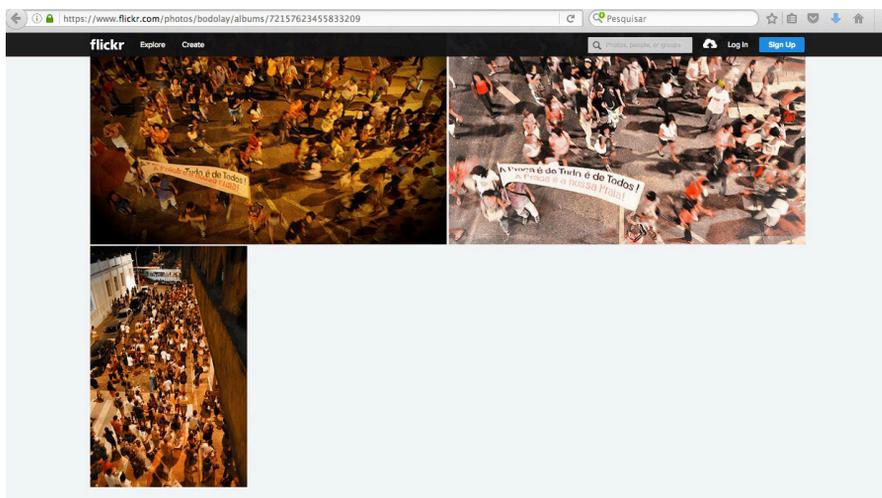
Figura 1.5 - Resumo do album do flickr de TB do primeiro Eventão.



88 - Família de Rua é o nome do coletivo que organiza o Duelo de Mc's, promove batalhas nacionais e campanhas de conscientização sobre respeito, tolerância, cidade, cultura e juventude.

89 - Disponível em <https://www.flickr.com/photos/bodolay/sets/72157623455833209>, visitado em 22/06/17.





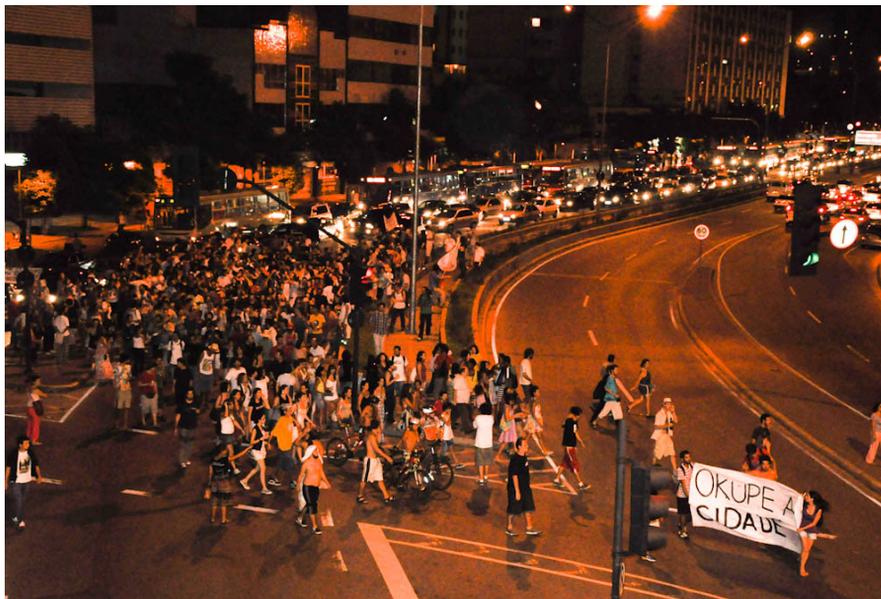
Nas últimas fotos há três faixas, como a “A praça é de tudo e de todos/A praça é a nossa praia”, utilizada desde a primeira tomada da praça; um lençol de casal grande com o escrito “Okupe a Cidade”; e uma outra faixa com os dizeres “Decreto 13.798 fica proibida a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da estação” e, em vermelho, “Esta praia é um evento de qualquer natureza”. A faixa intentava dar a ver a indignação com o decreto para além da ciência dos que estavam envolvidos com as ações de contestação. As faixas são demonstradas aos carros na pequena passeata que aconteceu, já ao final da tarde, depois de ficarem expostas o dia todo na Praia, ao percorrer o caminho da Praça da Estação até o Viaduto.

Esta passeata, também poderia se assemelhar a uma procissão, imprimindo um ritmo bem lento dos passos na avenida, trilhando um caminho cantado pelas vozes dos corpos que juntos o percorrem; mas, ao invés de rezas, eram entoadas as músicas da Praia da Estação, como a marchinha de carnaval, pela avenida dos Andradas, “o deita no cimento”, o “toda semana”, “ei Chapolin, joga água em mim”. Tomamos uma das duas pistas durante um quartei-

ção da avenida, expandindo pela segunda vez o alcance de território físico da Praia da Estação, mas em um outro dia da semana que não o sábado, como havia acontecido no carnaval. O movimento caracterizava a marcha que se deslocava, e, com faixas, cartazes e músicas, dizia na cidade o que a fez acontecer. O domingo também poderia ser nosso para a realização de outra atividade da onda, que não exatamente a Praia da Estação.

A decisão de seguir, pela avenida, para o embaixo do viaduto mobilizou muitos pensamentos sobre como aconteceria no dia. O entendimento apareceu apenas depois que realizamos a passeata: a sensação de tomada da rua, de fazer parte de uma ação política, marcou os ali presentes. Para começar, resolvemos avançar juntos na faixa de pedestre e de repente tomamos a pista no outro lado da avenida. Daí, passamos a colocar o nosso passo para aquela série de pessoas em automóveis. A sensação de tomada da rua em grupo, de fazer parte de uma ação política capaz de enfrentar e demonstrar outro posicionamento da cidade, inclusive em disputa nas pistas de carros, proporcionou nos corpos sensações e percepções da força da coletividade tais como os banhos de mangueira ou as brincadeiras de carnaval. E essa sensação era possível de se experienciar apenas com os corpos na rua, na praça. Até o motociclista que é quase atravessado pela marcha está sorrindo.

As imagens que mostram os corpos dos policiais enfileirados dão a ver a diferença com os movimentos dos banhistas, em torno das fontes, caminhando pela avenida ou mesmo brincando com uma fita acrobática. A câmera de vigilância, focalizada em uma das fotografias daquela tarde dão a ver a amplitude do controle a que estamos sujeitos ali.

Figura 1.6 - imagem em que o eventão atravessa a pista da Avenida rumo ao Viaduto

Com a necessidade da mudança de local para realização dos shows, ficou certo para todos os participantes do Eventão que em algum momento o deslocamento precisaria ocorrer entre os dois pontos. Depois de terminadas as atividades na praça, alguns banhistas propuseram percorrer o caminho por entre a Avenida dos Andradas, marcando dessa maneira mais um espaço por onde a Praia da Estação estivera, compondo um texto pela cidade. Segundo a compreensão de Michel de Certeau (2013), quando caminhamos na rua, construímos igualmente um discurso que significa (tem significado) no e com o contexto urbano. Para o autor, a enunciação pedestre se constitui na relação entre o estilo e o uso, tanto da linguagem quanto do espaço urbano, possibilitando dessa maneira uma outra escrita na cidade, a escrita que todos os transeuntes fazem ao percorrer a pé as ruas cotidianamente.

Na imagem, podemos perceber algumas linhas de luzes de automóveis e ônibus paralisados nos dois lados da avenida. As linhas de trânsito também estão riscadas e mesmo na curva seguem uma linha

ordenada. As plantas crescem tentando desorganizar as linhas retas, mas estão em jardineiras de concreto que também seguem os traços da avenida e passam por podas programadas para não se excederem.

Já a escrita dos passos da marcha indica uma mistura dos corpos que foge ao traçado urbanístico, se mistura e perturba a ordem policial, quando atrapalha o trânsito do domingo ao final da tarde. A ocupação que a passeata possibilitou imprimiu uma escrita que surge nas entrelinhas dos traços definidos pelo planejamento urbano.

Ao decidir fazer o caminho à pé e juntos, decidimos escrever algumas outras linhas nas proximidades da Praça Rui Barbosa, já que os eventos estavam proibidos de acontecer ali. Com a enunciação dos passos dos banhistas, percorrendo o asfalto e o concreto sobre o rio Arrudas quase todo coberto, o intuito era trazer à tona outros projetos de cidade, dentre eles, ocupá-la para então atribuir-lhe outros sentidos.

Pós-eventão

Logo no dia seguinte ao Eventão, foram disponibilizados no blog Praça Livre o endereço de diversos Flickr, como o de TB, como também de coletivos e bandas que lá tocaram FEFEEFFP. Houve um esforço de registro dos participantes, inclusive de gravação de vídeos, para que o dia intenso de gestos políticos e despertar de diferentes narrativas, pudessem ser lembrados depois. Ao entrar nos endereços dos outros Flickr disponibilizados, encontrei imagens das atividades pela manhã, das primeiras horas da tarde, dos shows que aconteceram ainda depois da marcha registrada no Flickr já apresentado.

Também foram publicados vários vídeos, não apenas dos shows, como indicado ainda nesta postagem do blog Praça Livre, mas de outros momentos, como os de tomada da avenida dos Andradas ou das batucadas dos ensaios de maracatu. As câmeras estavam nas mãos das pessoas que participavam das atividades e muitas vezes a sensação de vertigem pelos movimentos e tomadas bruscas pode

acometer quem está visionando os vídeos. O show da banda ù, que foi o último a acontecer, encerrou a jornada com muitas guitarras distorcidas e gritos guturais, terminando de enviar para casa quem ainda estava pelo centro.

Importante notar que a preocupação em tomar as decisões em corpo presente, enfatizada nos fragmentos de narrativa ainda disponíveis online a respeito da produção do primeiro Evento, se aproxima de uma proposição de prática de autogestão (LEFEBVRE, 2009, p. 120) segundo a qual a onda de contestação ao decreto proibitivo resolveu tomar como ética determinante. Desde o primeiro encontro, o Vá de branco, por conta da diversidade de pontos de vista e perspectivas de ação política, propôs um espaço de assembleia dos corpos presentes no espaço público a discutir, tendo sido definida como possibilidade dos desenrolares de atuações de contestação do decreto. Desse modo, a participação dos interessados estaria assegurada, diferentemente da tomada de decisões no ambiente online, que poderia caracterizar exclusões de visadas ou mesmo de condição de expor os diversos argumentos. Para Lefebvre, no capítulo Alternativas do livro "The survival of capitalismo, Reproductions of Relations of production," (A sobrevivência do capitalismo, reprodução das relações de produção, numa tradução livre) a autogestão se caracterizaria principalmente por uma superação da noção de representação.

Os múltiplos interesses de base devem ser apresentados e não 'representados', i.e. não enviar delegados que são separados da base. Autogestão real e participação tem que ser um 'sistema' de democracia direta – não um sistema formal, mas um perpétuo e perpetuamente renovado movimento, encontrando sua própria capacidade de auto-organização (LEFEBVRE, 1976 [1973], p. 121, 122)⁹⁰.

90 - The multiple interests of the base must be present and not 'represented', i.e. not mandated to delegates who are then separated from the base. Real self-management and participation must also be a 'system' of direct democracy – not a formal system but a perpetual and perpetually renewed movement, finding its own capacity for organization within itself (LEFEBVRE, 1976[1973], p. 121-122).

A Praia buscava ampliar o poder de discussão sobre o espaço público da Praça da Estação, determinando suas alterações materiais, mesmo que efêmeras, de forma coletiva e não determinada por decretos autoritários do lugar do poder, muito menos por representações que não agenciam a potência de transformação pela diversidade. A prática de autogestão implica o fortalecimento dos laços associativos, mesmo que muitas diferenças estejam estabelecidas a priori entre os que estão dispostos a transformar os modos de vida cotidiana nas cidades; em alguma medida, se assemelha a perspectiva de colaboração presente da ética hacker.

Seguindo Lefebvre, a autogestão não pode ser caracterizada como uma operação técnica, mas sim como um movimento continuado. Tal modo de operar caracteriza um “exercício de um ‘contrapoder’ e de uma luta prática, marcada por falhas e retrocessos” (MILAGRES, 2016, p. 207), assim como investigado em outras experiências de autogestão de espaços urbanos contemporâneos, como é o caso do processo de decisão sobre o uso do espaço do antigo aeroporto de Tempelhof, em Berlim, analisado por Milagres em sua tese. No artigo citado, a partir da análise de algumas práticas auto-organizadas por moradores, do entorno no aeroporto situado na capital alemã, a autora afirma que são “agentes importantes no processo de construção de cidades radicalmente democráticas” (MILAGRES, 2016, p. 206) sendo motivadas por um “desejo de democracia” (PURCELL, 2013 apud MILAGRES, 2016, p. 206.). Tal perspectiva de entendimento do morar em espaços urbanos, compreendida como estruturante do ideário do “Direito à Cidade”, precisa ser abordada criticamente, considerando que a proposição de Lefebvre não seria uma prática associada à condição do capitalismo neoliberal. Apesar do “Direito à Cidade” estar atualmente em voga, como uma perspectiva que atravessa as definições e planejamentos sobre o urbano na contemporaneidade – Purcell averigua no artigo elaborado os instrumentos da Un-HABITAT, da Unesco e até o Estatuto das Cidades brasileiro, formulado

em 2016 – nos quais as definições práticas formuladas por Lefebvre seriam instrumentos para a transformação social: “Ele o vê como um elemento essencial de uma luta política mais ampla para a revolução” (PURCELL, 2013, p. 142)⁹¹. Dessa forma, Purcell enfatiza a perspectiva lefebvriana de superação do estado e do capitalismo, por meio de uma luta radical pelo direito à cidade que não poderia ser associada às práticas de governabilidade do sistema capitalista, como demonstrado nas apropriações exemplificadas em seu texto.

De todo modo, diante dos desejos de transformação do modo decisório totalitário da prefeitura de Belo Horizonte, é possível considerar que a experiência de autogestão do Primeiro Evento possibilitou às pessoas envolvidas na ação da Praia da Estação entenderem ser possível ampliar a atuação para fora da praça da Estação em outro dia da semana, no caso, o domingo e que, com participação e engajamento, tudo poderia acontecer. Assim como as atividades das praias dos coletivos e dos lotes vagos, era só haver uma equipe envolvida e trabalhando para que o evento planejado pudesse acontecer. No desenrolar da ação direta auto-gestada, outras práticas podem gerar soluções para situações não programadas: a passeata foi realizada como um movimento de produção de sentido coletivo na cidade.

Ao ser proposta como demanda de deslocamento, a passeata foi aceita para compor as atuações da Praia, não como tentativa de mobilização que assinala a presença de certo aparelhamento partidário, como se temia nas discussões entre tantas diferenças de atuação, mas como definição tomada no coletivo para se atingir o objetivo determinado. Indicamos aqui uma superação da contenção do imaginário a respeito de associações de práticas políticas que seriam restritas a um único agente pré-determinado. A prática política avançou para além da ideia dos modelos de protestar, fabulações que algumas vezes se davam a ver nas disputas em corpo presente ou online, e que,

91 - “He sees it as an essential element of a wider political struggle for revolution.” (PURCELL, 2013, p. 142), tradução nossa.

outras vezes, só puderam ser reconhecidas ao se analisar criticamente o desenrolar dos fatos.

Situação 6 - Divisor enquanto mar

Embora a proposição de autogestão da Praia da Estação tenha se configurado como uma definição de ação coletiva, outras situações vão se desenrolar, sem que tais princípios estejam em vigência. O episódio da “Caminhada pelo Fit”⁹² e os desentendimentos entre os manifestantes e os banhistas, o episódio da “Praia do Trabalhador”⁹³, a desentendimentos a respeito da dimensão da liberação da senha do blog, foram algumas destas situações, em que decisões foram tomadas a parte, realizadas na Praia da Estação e passaram a integrar os fragmentos de suas narrativas. Importante ressaltar a dimensão de experimentação que atravessava todos os “erros e tentativas” e as discussões possibilitadas depois dos acontecimentos, contaminadas pelas novas experiências vividas.

A situação de produção do Mar da Praia, ou seja, da apropriação da obra “Divisor”, de Lygia Pape, por alguns banhistas, é mais uma destas experiências paradoxais da Praia da Estação, mas que compõem o imaginário praiense com imagens e narrativas que ultrapassaram as zonas liminares da experiência da Praia da Estação, entre o

92 - A caminhada pelo Fit (Festival Internacional de Teatro) havia sido programada como uma Praia, no sábado de 27/03/10, para protestar contra o cancelamento do considerado maior festival da cidade. A presença de bandeiras de um determinado partido e a tentativa de fechar a Avenida Afonso Pena de um modo diferente das outras maneiras que a Praia havia realizado, ou seja, com um carro de som e não com festa nos corpos, resultou em confrontos que podem ser visualizados em postagens no blog, na lista de e-mails e muitos comentários. A situação é esmiuçada na Cartografia de Controvérsias realizada por Carolina Abreu Albuquerque, em sua dissertação. Em seu texto, a autora chega à conclusão de que as práticas horizontalizadas defendidas como estruturantes da Praia da Estação não se aplicavam a todas as situações nem a todos os possíveis banhistas.

93 - A Praia do Trabalhador aconteceu pela primeira vez no primeiro de maio de 2010, dia do trabalhador, e foi convocada por banhistas que ainda não haviam tomado a frente de outras ações da praia da Estação, gerando uma situação de desconfiância de alguns dos banhistas mais atuantes e dando a ver a condição assimétrica das relações que estariam sob a égide da ética da Praia da Estação.

espaço urbano e o virtual, entre a obra de arte e a sua apropriação por banhistas, diante de uma situação da ordem da institucionalidade e participação pública má resolvida.

Mar da Praia

A primeira imagem que encontramos do “Mar da Praia” é a mostrada Festá no Flickr de FR⁹⁴, a fotógrafa. Naquele época estava em Olinda, mas, diante da ciência do Eventão de um ano, o buscar imagens das ações da Praia da Estação era constante. A imagem me maravilhou. Depois de curti-la, anotamos um comentário sobre a hora em que a foto foi tirada, buscando dar conta de temporalizar a situação na minha compreensão distanciada espacialmente. Naquele momento, a única opção que existia para interagir com as imagens e textos postados na plataforma da rede social era curti-los, diferentemente das opções de atribuição de emoções, como as representadas por *emoticons*, na atualidade (2017). Na imagem, vemos pessoas carregando cadeiras, tamborins, alguns de peruca, quase todos trajando shorts e bermudas.

A imagem pode lembrar também a levada dos bandeirões para as arquibancadas de torcidas de futebol, nos estádios, situações de outros tempos de torcidas organizadas. A situação que fez parte do terceiro Eventão, no qual se comemorava um ano de Praia da Estação, exhibe dezenas de pessoas segurando uma lona azul, com um moço à frente, com a mão na boca em um gesto de apitar e a outra com o gesto de parar o trânsito. Esse moço é Rafael Barros, que na esquina da Avenida Amazonas com a Rua Espírito Santo e Rua Tupinambás, performou o aprendizado corporal do bloco da Praia no Carnaval, de uma interação entre os corpos tomando as ruas e o carros, que as tem, privilegiadamente.

94 - Disponível em <https://www.flickr.com/photos/floratografia/5383063764/in/album-72157625767045733/>, acessado em 22/05/19.

Apesar da descida do mar até a Praia ter sido um evento que teve esta imagem compartilhada amplamente, não encontrei outras informações públicas sobre a sua produção, além de um vídeo postado no Youtube, ao final de sua fabricação do vídeo, na noite anterior à saída. O vídeo foi encontrado a partir da busca dos termos “mar da praia” na própria plataforma do Youtube. As imagens gravadas apresentam o mar já pronto, na Praça JK, na região sul da cidade, com algumas das pessoas que trabalhavam em sua feitura “surfando” em uma onda.

No blog Praça Livre, encontramos um texto de chamada para o terceiro Evento, com um pequeno serviço ao final, onde não estava definida a saída do mar. A única referência que podemos dizer que se relaciona com o trajeto que aconteceu da Praça Sete à Praça Da Estação, são as palavras “+ performances, intervenções”, ao final do texto de divulgação.

Figura 1.7 - Postagem no blog Praça Livre sobre aniversário de um ano da Praia.

The image shows a screenshot of a web browser displaying a blog post. The browser's address bar shows the URL: <https://pracalivrebh.wordpress.com/2011/01/18/um-ano-de-praia-da-estacao-com-o-3o-eventao/#comment>. The page header features a colorful banner with the text "Praça Livre BH" and "Postagens de 'Qualquer Natureza' sobre a Praça da Estação". Below the banner, the post title is "Um ano de #PraiaDaEstacao com o 3º EVENTÃO!" by Luther Blossi. The main text of the post discusses the 3rd event at Praia da Estação, mentioning the date of January 22nd and the location at Praça da Estação. It also mentions the group "Trovão das Minas" and the "Blocos de Carnaval de BH". The text describes the event as a celebration of the movement's anniversary, with a focus on performances and interventions. It mentions that the event was held at Praça da Estação and that the group "Praça Livre" was involved in the organization. The post concludes with a call to action for the next event.

« Terceiro Evento da Praia da Estação - 1 ano de Praia »
 « Galeria da Praia da Estação »

Um ano de #PraiaDaEstacao com o 3º EVENTÃO!
 By Luther Blossi

O principal movimento popular de crítica ao governo Marcelo Lucena à frente da Prefeitura de Belo Horizonte comemora um ano com grande festa na Praça da Estação, neste sábado, dia 22 de janeiro. Em comemoração a um ano de Praia da Estação, está sendo preparado o 3º Evento da Praia da Estação. Algumas previsões já foram confirmadas, entre elas a Escola de Samba Cidade Jardim, o Grupo Trovão das Minas, os Blocos de Carnaval de BH grupos de percussão, instalações e performances teatrais. Para completar o cenário, um caminhão pipa é contratado para refrescar os banhistas – já que a PBH prefere desistir a forte nos dias de maior movimento.

Os sábados na Praça da Estação nunca mais foram os mesmos depois que a praça virou praia e foi tomada por banhistas em trajes de banho e com acessórios de praia: Boas, guarda-sóis, cadeiras de praia, solas, petecas, bicicletas e até uma grande de surf são vistos por lá e causam a curiosidade em quem circula pela Praça. Quem se aproxima é logo informado do que se trata e convidado a demonstrar a sua indignação com a má gestão pública de uma forma irreverente e alegre. O movimento ultrapassou a praça para lutar por outras questões, como o processo de higienização que a cidade enfrenta, a limitação de uso de outros espaços públicos, a paralisação de projetos culturais e os preparativos para a Copa de 2014.

A gota d'água para o início do movimento foi a proibição, por meio de um decreto, do uso da Praça da Estação para a realização de eventos em dezembro de 2009. O que se viu a partir daí foi o surgimento de um movimento político, sem partido, democrático e muito criativo, que a cada dia conquistava mais gente.

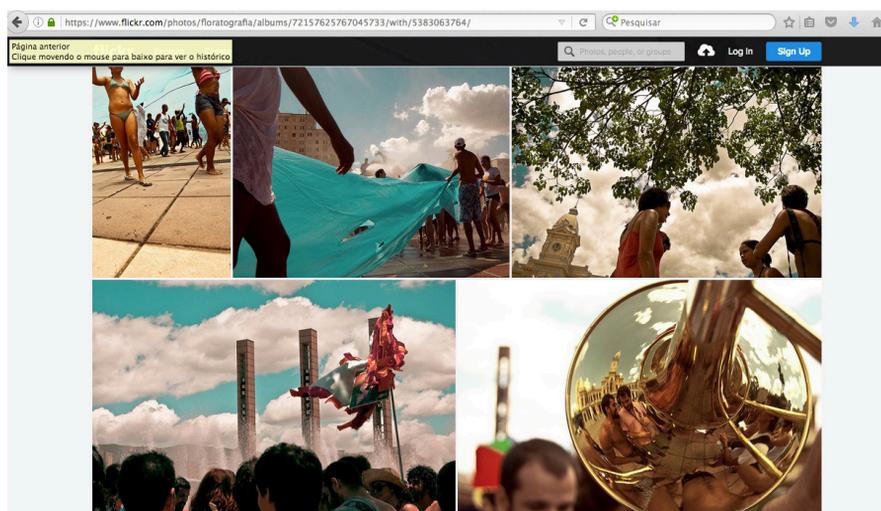
Indignados com algumas medidas da PBH, um grupo de cidadãos, de

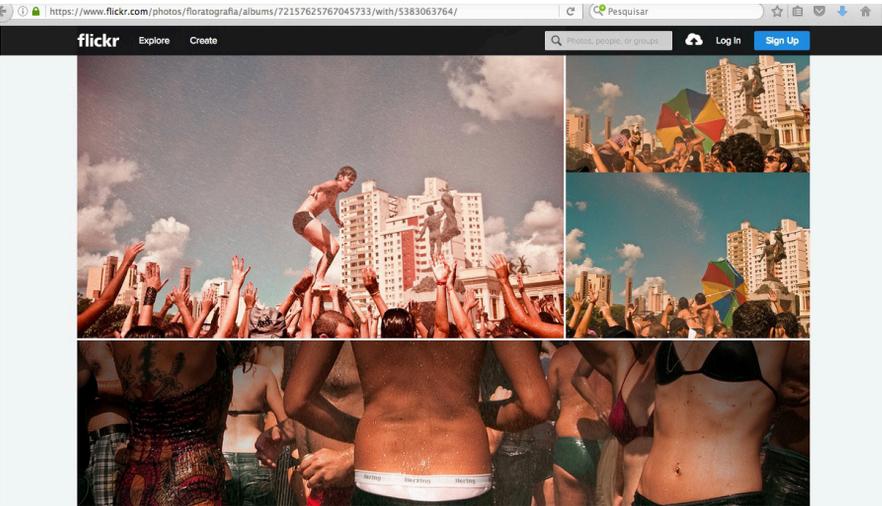
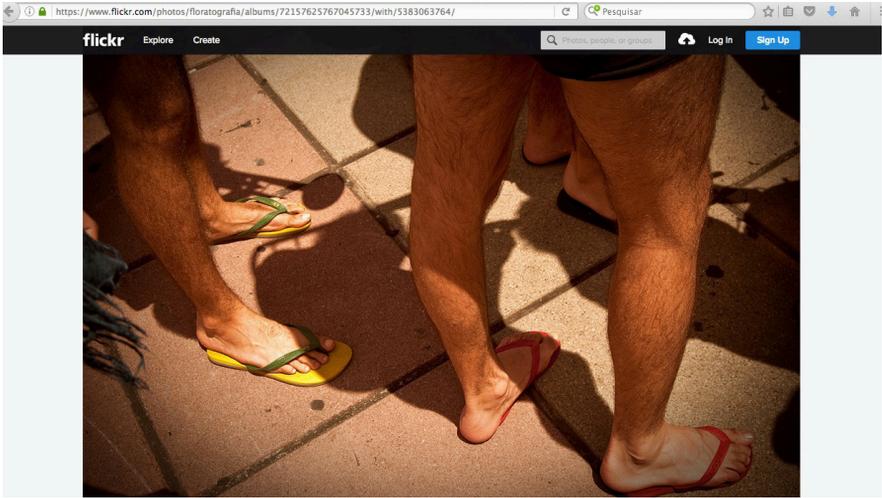


O texto constrói um posicionamento crítico o bastante ao governo municipal, especificando as condutas equivocadas do prefeito naquele momento, enaltece a iniciativa da Praia e convida ao 3º Evento, no qual será comemorado o aniversário de um ano da Praia da Estação. No primeiro comentário sobre o texto de divulgação há uma reclamação sobre a declaração de que a Praia da Estação iria fiscalizar as contas do governador à época, Antônio Anastasia. O comentário de um perfil identificado ER, enfatiza que a mobilização não pode ser responsabilizada por algo que não decidiu em conjunto e também assinala que existem muitos porta-vozes da Praia da Estação. Luther Blisset responde que talvez tenha faltado, de fato, uma maior discussão online, dizendo estarem cada vez mais raras presencialmente, e que, caso ela quisesse, poderia vir debater para saber quem estava chamando a mobilização. Érica diz não ser preciso saber quem está chamando a Praia, que nunca se soube e que essa não era uma demanda que estava colocando, apenas estava apontado que talvez fossem muitas certezas e um mesmo problema desde o início. As discussões giraram em torno de questões que motivam a praia e da impossibilidade de definição de metas, como se apresentava no texto de divulgação. A discussão no blog ainda passa pela questão de estar na Praia e fazer o que se gosta de fazer, mas não deixar de contestar o status de público da Praça, “mesmo quando não está gerando lucro para o governo” como no comentário do perfil “lu”.

Mais uma vez, ficam explicitadas nas postagens desses comentários as múltiplas opiniões sobre como (não) conduzir a mobilização, num dissenso entre quem fez a postagem, chamando para o evento de comemoração de um ano da Praia e quem é leitora ou leitor, do blog, e banhista também. Os posicionamentos são ali argumentados, contra-argumentados, apresentados e revidados, tecendo uma rede de sociabilidade sobre o desejo de uma praça livre. No entanto, não encontramos ainda nenhuma informação sobre o mar, para além da postagem de algumas fotos de FR, indicando que no Flickr dela havia outras. São essas que podemos ver nas telas capturadas na figura a seguir.

Figura 1.8 - resumo do álbum “evento de um ano/Praia da Estação do flickr de FR.







Há um aparente protagonismo jovem nas fotos, embora haja presença de pessoas que ainda hoje frequentam os eventos. Na imagem da extrema esquerda acima vemos um maiô marrom, branco e laranja, um de seus trajes marcantes. Vemos uma mistura nas cores dos corpos na Praia, corpos inclusive que, provavelmente contaminados pela alegria, despiram-se e vieram se juntar àquele mar azul de plástico. Mas, mesmo nestas fotografias, que encontram com o mar antes de chegar na Praia – como mencionado na pasta no Flickr, o rio Amazonas desaguou no mar da Praia – não podemos saber, pelas informações acessadas no “espaço público” da internet como aconteceu a confecção do mar, e porque ela não está disponível em nenhum dos meios de comunicação ampla da Praia da Estação.

Sobre o Mar da Praia

A extensão para Belo Horizonte da 29. Bienal de Arte de São Paulo aconteceu na ocupação dos salões do Palácio das Artes e do Centro de Fotografia Contemporânea da Fundação Clóvis Salgado, promovida pela Secretaria Estadual de Cultura. Entre as obras selecio-

nadas estava a reprodução do “Divisor” e a re-encenação da mesma, programada para ocorrer em um percurso pela avenida Afonso Pena, ligando os dois prédios já citados.

Foi feita uma chamada para participação da re-encenação, contudo, segundo relato de Sílvia Andrade⁹⁵, as portas foram fechadas e muitas pessoas ficaram para fora, sem poder sequer participar da apresentação da proposta. Em cerca de meia hora, os barrados reconheceram os jovens do programa de assistência social ligada à Secretaria Estadual de Cultura – Valores de Minas, saindo da sala, prontos para vestir o “Divisor”: eles haviam recebido R\$ 50,00⁹⁶ cada um para participar da atualização da obra, em Belo Horizonte.

Revoltados e sem ter o que fazer, já que estavam excluídos de participar do evento, Sílvia conta que as pessoas que ali estavam rapidamente tiveram a ideia de reelaborar o “Divisor” no tamanho de 15X15, usando um plástico da cor azul. Outra pessoa concluiu a ideia, sugerindo que o novo “divisor”, ou sua apropriação, fosse utilizada nas comemorações de aniversário de um ano da Praia da Estação, que se desenrolariam no próximo fim de semana, fazendo com que a obra em sua releitura, se transformasse no mar da Praia. Organizaram um email de chamada para os amigos que pensaram que poderiam se interessar em participar, ajudando na produção, fabricação e saída do “mar”, como foi carinhosamente apelidado a releitura da obra “Divisor”. Os contatados foram chamados também a colaborar com uma contribuição de R\$ 20,00 para compra dos materiais. No excerto do e-mail podemos notar o zelo ético em relação à obra da artista.

[...] vamos realizar uma ação em homenagem ao trabalho 'Divisor' da artista Lygia Pape. Ao criar o Divisor, Lygia pretendia explorar as relações de uma arte feita coletivamente, onde as pessoas pudessem experimentar estruturas e manifestações performá-

95 - Realizei uma entrevista via Skype com SA e JM, depois de agendamento e conversas por e-mail com SA, ambas banhistas da praia da estação, envolvidas com a ideia, fabricação e apropriação do Divisor, produzindo o Mar da Praia.

96 - Importante designar que, naquele momento, o valor correspondia a cerca de 10% de um salário-mínimo.

ticas sem que necessariamente houvesse a presença da artista. Este trabalho foi realizado recentemente durante a abertura da exposição que traz parte da 29ª Bienal de SP para o Palácio das Artes. Contradizendo a intenção primeira da artista, a produção do evento se encarregou em contratar participantes do projeto Valores de Minas para sua realização, sem ao menos introduzi-los nos conceitos que norteiam esta proposta artística.

A partir deste fato, tivemos a ideia de construir um mar através da estrutura proposta pelo Divisor. Ao invés do tecido branco, iremos caminhar sob um imenso plástico azul, simbolizando o mar da Praia da Estação, homenageando a artista e esse importante evento.

Importante notarmos no tom do e-mail na preocupação com a profanação da obra da artista Lygia Pape e a busca por homenageá-la em uma apropriação da obra na comemoração de um ano da Praia da Estação. O e-mail também revela uma preocupação em “introduzir” os jovens do programa de Assistência Social nos conceitos da obra da artista. Na manhã do dia subsequente ao de envio do e-mail, reuniram-se na Praça JK e a sua proximidade da Vila Acaba Mundo⁹⁷ de apartamentos luxuosos de uma das áreas nobres da cidade – e também da Avenida Bandeirantes – garantiu um dia de trabalho permeado por encontros com muitas crianças, tanto as da favela que circulavam livres pela área, como a das crianças acompanhadas pelas babás.

Para SA, foi um momento que movimentou as ações e trouxe novas atitudes para a experiência da Praia da Estação⁹⁸. A fala explicativa da situação urbana que ocasionou a praia da estação ultrapassou os limites do centro da cidade. A ação dos banhistas foi deslocada para a fabricação não de utilitários, como lixeiras e faixas que vinham produzindo nos últimos tempos, para dar conta do aumento de banhistas, mas para um objeto criativo. A reunião para a sua feitura, que

97 - Em Belo Horizonte os aglomerados urbanos construídos a partir de arquitetura vernacular e em condições precárias de ocupação dos terrenos, os quais são conhecidos como favelas em todo o Brasil, são chamados de vilas.

98 - Vídeo registro dos últimos momentos da montagem do Mar na praça JK. <https://www.youtube.com/watch?v=7e2YW53dpDg>, acessado em 18/08/2017.

durou manhã, tarde e noite na ocupação desta outra praça da cidade, despertou entre participantes e habitantes da área, conversas diferentes das que vinham acontecendo na Praia e no centro da cidade. Segundo as entrevistadas, “O mar arejou a Praia da Estação”.

Marcaram para a Praça Sete, no cruzamento da Avenida Afonso Pena com a Avenida Amazonas, para o dia em que se comemoraria o aniversário de um ano da praia. O terceiro Evento, como são chamados dias de programação intensa pré-combinada entre os banhistas, em ironia ao decreto que proibiu eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, aconteceu com essa atração “surpresa”, afinal, eles não sabiam se seriam exitosos no plano de execução da homenagem ao “Divisor”.

A concentração na Praça Sete para a vestida do mar aconteceu e eles desceram a Avenida Amazonas, parando o trânsito movimentado do centro da cidade, no sábado. Do vídeo gravado por um dos banhistas que estavam vestindo o mar, podemos ver o trânsito parado atrás das pessoas vestidas em lona azul, e a chegada direto para as fontes, causando o desconforto e a desvestida de alguns da lona. A pressão dos jatos de água chegou a causar uma sensação de afogamento, conta JM, na entrevista, mas o estar com os amigos a tranquilizou.

Depois de um tempo, o mar estava no chão e os banhistas brincavam de escorregar sobre ele, junto com as outras pessoas que passavam e vieram participar também daquele momento. As fotos e vídeos foram rapidamente compartilhados ainda no mesmo dia na internet⁹⁹. A produção de imagens das ações, atitudes e situações inventadas da Praia da Estação começaram, a partir daquele momento, a ser uma preocupação que as fez cada vez mais serem produzidas para passar a compor as narrativas e consequentemente os imaginários dos banhistas e da Praia da Estação.

99 - No vídeo, de FM, disponibilizado no Youtube: Chegada do Mar da Praia da Estação: <https://www.youtube.com/watch?v=GpqS2pfxfVY>, podemos vislumbrar fragmentos que associados à entrevista, fabulam uma narração de tal experiência urbana.

Esse segundo deslocamento das atividades da praia para outra praça possibilitou contatos com outras pessoas, diferentes do público que circula no centro da cidade e conseqüentemente desenhou uma amplitude dos limites da Praia. A realização da performance com homenagem/apropriação da obra de Lygia Pape ampliou a maneira de se relacionar com a cidade. A dimensão lúdica e contagiante do protesto-lúdico-festivo agora ainda perpassava a potência estética na apropriação da obra de uma artista implicada nas lutas políticas e históricas brasileiras, movimentando os imaginários políticos em práticas. Na imagem ainda podemos notar a dimensão de criação dos banhistas participantes, quando desvestem o mar e juntos fazem vibrar o azul com os braços estendidos para o alto, simulando as ondas de um mar imaginado.

Se a enunciação pedestre produzida coletivamente na marcha do primeiro Eventão foi uma situação importante para a onda da Praia, o Mar é a conquista da estratégia de produção tática de ondas, considerando como tática o modo de usar de quem não tem o poder estratégico (CERTEAU, 2004 [1990]) em relação à enunciação pedestre. A potência da arte na produção de agenciamentos coletivos de enunciação (DELEUZE; GUATTARI), acessando e acionando afetos e perceptos por meio da contaminação transversal afetiva, (Guattari, 2012 [1992], p. 116) pode explicar a força da imagem do Mar para os banhistas mineiros, que perfomavam, ali, uma nova ética de produção daquele espaço. O agenciamento coletivo de enunciação produzido aqui ultrapassa a dimensão da criatividade cotidiana ao transformar a ordem policial dos espaços legitimados pela arte, inclusive. Felix Guattari define que, quando a produção simbólica passa pela dimensão sensível, o desejo de se "excentrar em relação aos quadros e coordenadas pré-formadas" (GUATTARI, 2012 [1992], p. 116) se amplia ainda mais em todos afetados pela produção. Transformar as coordenadas e quadros, tanto da realidade social urbana quanto do mundo da arte, muitas vezes exclusivo aos círculos que interessam aos que

tem o poder sobre a sua legitimidade, era sem dúvida uma das motivações dos participantes da produção do mar, do Evento, da Praia.

Relevante para os banhistas, mas também para a mídia local e as redes alternativas de comunicação conectadas pela internet, a imagem do mar chegando à Praia da Estação expande o alcance do imaginário político praiense porque amplia as imagens e as narrativas. Quando a foto do “mar da praia” é publicada, tanto nos jornais impressos quanto na internet, e, posteriormente em revistas, é vista por muitas pessoas que não estiveram presentes no momento da performance, mas que foram afetadas pela alegria estampada nos corpos e rostos naquele momento, impressa na imagem, nas cores e sentidos nela expressos.

Um grupo do carnaval de rua do Rio de Janeiro – que a cada ano muda seu percurso e o nome do cortejo numa tática política de fuga do ordenamento determinado – fez ainda naquela semana um convite ao Mar belo horizontal para participar do seu desfile, que sairia no centro naquele ano e se chamaria “O centrão vai virar mar”. A internet começava a fazer sentido para além das ruas de Belo Horizonte, conectando a Praia da Estação a outros portos. Nos anos seguintes, o Mar também circulou pelo Bloco do Peixoto, em Belo Horizonte, um dos dois primeiros blocos da retomada do carnaval de rua da cidade, como já abordado.

Há a configuração de mais um caminho que a Praia da Estação traçou pelas ruas da cidade, não apenas relacionada a Belo Horizonte, mas também em reverberações para outros lugares, via redes sociais online, como o carnaval do Rio de Janeiro. As narrativas produzidas a partir de um agenciamento coletivo de enunciação estabelecem redes de contato de dimensão imaginárias possibilitando que outros, que não se encontravam em Belo Horizonte, participassem, em alguma medida, daquela experiência Praia da Estação, bem como de diversas outras situações, como veremos daqui para frente.

Situação 7 - Praia de Iemanjá

Apesar de ainda em 2011, encontrarmos no blog Praça Livre uma postagem no dia 2 de fevereiro que estimulava a realização de homenagens para o orixá Iemanjá, a Rainha do Mar. Em 2012 foi realizada a primeira Praia da Iemanjá. Nesta primeira postagem, A primeira praia de Iemanjá aconteceu em 2011, apesar de só termos registros da partir das celebrações do dia de Iemanjá em 2012, na praia mineira. Em 2011 apareceu no blog Praça Livre uma chamada¹⁰⁰ para que as saudações para a Rainha do Mar também tomassem lugar na Praia da Estação.

A postagem intitulada “Dia 02 de fevereiro leve flores para o Mar!” continua com o texto da canção de Otto, “Janaína”, na qual o músico pernambucano diz “Dia 2 de fevereiro/ dia de Iemanjá/ leve mimos pra sereia”, assim como na primeira parte do texto postado com a marcação dos versos da música. Na sequência, Luther inova e atualiza a canção de Otto, que originalmente canta “lá no Rio Vermelho/ em Salvador/ vamos dançar/ dia 2 de fevereiro/ dia de Iemanjá” teclando “lá na Praia da Estação/ em BH / vamos dançar/ dia 2 de (...).

Na sequência, formaliza o convite e adiciona ao texto que na quarta-feira irão jogar flores para o Orixá no mar de BH. Contudo, o que mais nos chama a atenção é a atualização de outra frase, associada com o imperativo levem flores, o “Vá de branco”. A frase vá de branco, como já vimos aqui nessa investigação é também o nome do blog que convidou os cidadãos de Belo Horizonte para um encontro em janeiro de 2010, no qual seriam discutidas maneiras de reverter a situação de proibição dos eventos na Praça da Estação. Naquele primeiro encontro, pessoas foram vestidas prioritariamente de branco, preto e vermelho, divergindo sobre qual seria a melhor cor para se utilizar no contexto de luta pelo espaço público. As pessoas que estavam de vermelho rei-

100 - <https://pracalivrebh.wordpress.com/2011/01/31/dia-02-de-fevereiro-leve-flores-para-o-mar/#comments>, acessado em 22/05/19.

vindicaram, naquele momento, que a luta precisava ser feita com outros dois orixás, Iansã e Xangô, homenageados pelas vestimentas vermelhas. Mas também houve algumas manifestações em prol de partidos de esquerda. Nos comentários da postagem estão duas marcações que parecem avisar que o link foi compartilhado no Twitter, há um comentário de outro blog, o *mulheres que amam demais*, e um comentário de “Mamãe Oxum”, no dia subsequente à da realização das oferendas para Iemanjá, na qual o orixá Oxum chama atenção sobre os domínios da água doce, que seriam dela, e não de Iemanjá.

Mas é em 2012 que a Praia de Iemanjá acontece na noite do dia 02 de fevereiro e se estabelece como um evento no “calendário anual”, fazendo parte de um imaginário temporalizado no espaço de um ano, da Praia da Estação. Quase superadas as discordâncias religiosas que tiveram visibilidade principalmente na reunião do Vá de branco, as banhistas vão até a Praia, vestidos à caráter para as oferendas que acontecem na umbanda e candomblé. Alguns se vestem de amarelo em devoção também a Oxum. Os banhistas “devotos” se encontraram, jogaram capoeira, tocaram tambores e saíram em procissão para levar o boneco do prefeito para as águas do Ribeirão Arrudas. Importante apontarmos que nesta primeira Praia de Iemanjá documentada em uma situação da experiência da Praia da Estação, vislumbramos um protagonismo das mulheres, inclusive de mulheres negras e trans. Na fotografia publicizada pelo Facebook da fotógrafa Priscila Musa, vemos, em primeiro plano, EM atravessando a avenida dos Andradas e travestido com a estátua de Iemanjá, por cima do rio Arrudas Canalizado. Vemos outra mulher jogando pétalas de flores na estátua, uma mulher segurando uma bandeira do Brasil, outras segurando tambores e xequerés. Ao lado outras pessoas fotografando, ao fundo, o prédio da estação Central de Trens.

Figura 1.9 - Primeira Praia de Iemanjá, 2012, registro no facebook.



Nos comentários da fotografia, percebo algumas ligações com outros espaços virtuais dentro do próprio Facebook, como constava no texto postado por JF, “posta lá no evento de sábado”, já no dia 4 de outubro de 2012, data próxima das eleições para prefeito. O comentário visível seguinte enaltece a possibilidade de BH virar mar, recebe três curtidas, e tem como resposta o comentário de LC, uma das pessoas marcadas na foto, utilizando o recurso de identificação da plataforma de rede social, que possibilita associar a imagem ao perfil de outros usuários. LC diz que a fotografia é do dois de fevereiro e começa a dizer que espera que a Rainha do Mar traga discernimento para o povo da cidade e para que realizem boas escolhas nas urnas. Se olharmos para as outras imagens postadas do dois de fevereiro de 2012, dispostas no álbum de PM no Facebook, veremos que também outras especificidades compõem esse encontro. O título do álbum, “Praia de Iemanjá” é seguido por um texto que diz, “Foi lindo”, e pergunta: “Quantos nomes tem a Rainha do Mar? Dandalunda, Janaína, Marabô, Pricesa de Aiocá, Inaê, Maria, Dona Iemanjá”.

As imagens¹⁰¹ contextualizam um jogo de Capoeira ao lado da estátua da Praça da Estação, ao fim da tarde. Na sequência, aparecem imagens de um boneco que representa o prefeito dentro de um barquinho de papelão, junto com uma coxinha cenográfica. As representações aludem ao movimento Fora Lacerda¹⁰², que havia se consolidado em junho de 2011 e se empenhava em dar a ver os fatos que desqualificavam Márcio Lacerda como prefeito e à reeleição. A coxinha se refere à denúncia de desvio de recursos do na época Vereador Léo Burguês: diversas notas fiscais de lanche, apontando gastos irrealistas com coxinhas, possibilitaram o desvio de recursos pelo gabinete do legislativo.

As próximas imagens no Flickr, dão a ver a toalha com as oferendas que foram deixadas no chão da Praça, e por onde diversas pessoas passavam e depositavam ainda mais flores, perfumes e mimos. Depois vê-se pelas imagens que as devotas saem em procissão, atravessam meia pista da Avenida dos Andradas, deixam as oferendas nos vãos que entram em contato com o rio coberto, e voltam para a Praia, começando a dançar um Samba de Criola em oferta para a Rainha do Mar; as dançantes são quase todas mulheres negras. Nas fotografias vê-se ainda que os berimbaus tocam música e que crianças se aproximam das velas e oferendas ao final da música. A praça se tornou temporariamente um terreiro, um lugar sagrado para a realização de um ritual, o preparo e a saída para a oferenda, o retorno ao espaço da "casa", com as músicas, danças e festa para todos.

101 - Imagens capturadas no perfil de PM no Facebook, em 10/08/17 de https://www.facebook.com/priscilammusa/media_set?set=a.10150564434564780.397043.535529779&type=3.

102 - O movimento Fora Lacerda se compôs a partir de encontros que se deram na Praia da Estação e, por isso mesmo, iniciou-se em uma Praia da Estação realizada em junho de 2011, com a colagem de um adesivo gigante escrito Fora Lacerda na Praça da Estação. O movimento Fora Lacerda se manteve até o começo de 2013, quando o candidato, reeleito, assume o seu novo quadriênio. O movimento organizou jornais, passeatas que terminavam na Praia da Estação e pressionou o PT para sair da chapa de reeleição que compunha, tendo saído com o candidato Patrus Ananias. Imagem retirada do Flickr, <https://www.flickr.com/photos/milenemigliano/6047292495/in/album-72157627443219864/>, acessada em 21/07/17.

A ocupação da Praia de Iemanjá na Praia da Estação marca a conquista de mais um espaço pelos cidadãos de Belo Horizonte, o dia dois de fevereiro. Importante compreendermos que as práticas culturais enaltecidas por essas comemorações estão associadas à tradição afro-descendente, seja a capoeira, seja os conhecimentos dos Orixás cultuados pelas religiões Candomblé e da Umbanda, seja os cantos e danças do Tambor do Samba de Terreiro. Diferentemente de todas as outras religiões, estas são as únicas que se permitem ser atualizadas em Praias da Estação, pelo menos até aquele momento, se consolidando como um espaço de visibilidade da cultura religiosa e plural que tinha Belo Horizonte.

Em 2013, o ato é performado durante o dia, dando uma grande visibilidade à ação no cotidiano da cidade, mas a roda de capoeira continua acontecendo pela noite. Eles, inclusive, se vestem de camisetas amarelas e calças pretas, como todos os angoleiros, ou seja, praticantes de capoeira Angola¹⁰³. Como já era sábado de pré-carnaval, os banhistas-devotos subiram até a Praça Cairo, no bairro Santo Antônio, área sul, para sair no bloco de rua Mama na Vaca. “Minha sereia, rainha do mar, não deixa meu barco virar,” é um dos pontos de capoeira que a banhista CL¹⁰⁴ relembra na entrevista ao ser indagada sobre as músicas que cantavam. Todas as cantigas entoadas eram feitas em homenagem ao Orixá Iemanjá, ampliando o alcance do repertório da Acesa, Associação Cultural eu sou Angoleiro¹⁰⁵, organização que continua produzindo anualmente a homenagem do dois de fevereiro, ao menos até 2017. Além das vozes, os corpos em capoeira, os berimbaus, pandeiros, chocalhos, agogôs e outros instrumentos dos integrantes da Acesa compõem as narrativas das lutas recontadas na Praia de Iemanjá.

103 - O jogo de capoeira pode ser do estilo Angola, performado no chão, com movimentos que exigem muita força e equilíbrio dos jogadores e o estilo Regional é uma capoeira jogada com golpes mais altos, com movimentos aéreos e de pernas para o ar.

104 - Entrevistada via Whatsapp em 15/09/2016.

105 - A Acesa é coordenada pelo mestre João.

A dúvida do título do capítulo (Curtiu?) dá a ver os novos modos de se fazer significar nas redes sociais digitais, que buscam ampliar as possibilidades de participação e engajamento em ações da experiência Praia da Estação: as imagens chegaram para fazer a diferença. Para além dos blogs e Flickr, Youtube e Twitter, outra maneira de compartilhar fragmentos de narrativa começa a aparecer nas situações aqui analisadas. Além de disponibilizar postagens com textos, imagens, imagens em movimento, notícias de outros portais bem como eventos criados dentro da própria plataforma, ou seja, conteúdo que atravessa diversas mídias se constituindo entre elas, o Facebook permite que os perfis curtam e compartilhem as postagens dos outros perfis, estimulando relações vão se conectando em uma micro-rede dentro da rede ampliada da plataforma. A produção e circulação de imagens se estabelece como uma prática na Praia da Estação, ampliando as potências criativas, as possibilidades de narrativas e consequentemente as possibilidades de tomada para imaginários políticos de contestação pelos espaços urbanos livre.

Entre situações

Entre situações tenta contextualizar os acontecimentos de âmbito nacional ocorridos em 2013, conhecidos como Jornadas de Junho, bem como seus desdobramentos em assembleias, ocupações e permanências, em ações e experiências belo horizontinas, que se relacionaram à Praia da Estação, transformando-a novamente, nos anos que se seguiram.

Desde 2010, emergiram, em diversas cidades ao redor do mundo, “movimentos de indignados e por liberdade democráticas”, dando a ver o que foi chamado de “união dos corpos no espaço público” (CARNEIRO, 2012, p. 10). Corpos que seguiram para as ruas para retomarem, juntos, os espaços nos quais poderiam se encontrar. Segundo o autor, em “Occupy”, coletânea de textos escritos no calor das mobilizações que compõem as ocupações dos espaços públicos até 2011, a disseminação desta maneira de tomar as ruas ocorreu de modo epidêmico, no sentido etimológico, do grego, para além do que uma doença pode ser,

[...] mas algo que ocorre com muita gente do povo, como a conversão religiosa dionisíaca, por exemplo. Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores (CARNEIRO, 2012, p. 10).

As mudanças que as redes sociais digitais integradas às novas tecnologias de informação e comunicação articularam produziram conteúdo e modos de operar as novas mídias, em um processo de mobilização de sentidos que se dá de modo transmidiático (SANTA-ELLA, 2003; JENKINS, 2006). Sentidos que circulam em uma dimensão

transmídia, atravessam tanto as mídias tradicionais como os novos aparatos da difusão pela internet, contaminando eletronicamente os cidadãos em prática política.

No texto "Democracia, segurança pública e coragem para agir na política" de Edson Teles, o autor aponta como peculiaridade do caso brasileiro a violência policial desmedida na desocupação de áreas que têm "forte especulação imobiliária", como no caso do Pinheirinho, 2012, em São José dos Campos e também no caso da Cracolândia, 2017, no centro de São Paulo. Tal despreparo para lidar com a população demonstra um braço do poder público agindo contra quem ele deveria zelar: "Para que o projeto se concretize, é necessário limpar as áreas da presença dos pobres" (TELLES, 2012, p. 79), comenta o autor ao ler notícias que dão a ver um discurso que legitima a higienização das ruas da cidade para garantir a segurança pública.

Aqueles que são vítimas da desigualdade social podem tornar-se inimigos da polícia militar – e outras instâncias responsáveis por garantir determinadas posturas no espaço público – a partir de uma determinação judicial ou mesmo de um consenso da ordem pública, instaurado por uma situação. Apesar de considerar, naquele momento, que o caso brasileiro não conformava uma experiência tão radical nos modos de expressividade política urbana, se comparado com as outras situações narradas nos textos da coletânea, Telles já apontava a crista da onda do que viria a ser 2013: o confronto entre a polícia militar e a juventude e/ou mobilizações de luta e defesa de visões de mundos diferentes do modo hegemônico de governar o espaço público.

A ação repressiva do Estado, legitimada pela ideia de defesa dos direitos, alimenta o sentimento de constante ameaça à propriedade, ao emprego, ao salário, ao consumo e à ação política, gerando o medo paralisante. É como se um fantasma rondasse a sociedade, obrigando-nos, em momentos de transformação, a adotar uma política do possível evitando rupturas. Vivemos um momento grave da nossa vida social, em que precisamos refletir sobre qual democracia queremos e, mais do que isso,

agir com radicalidade para denunciar um modo autoritário e manipulador de se fazer política (TELES, 2012, p. 82.).

A “experiência brasileira” reconhecida internacionalmente nas referências bibliográficas, que integra essa onda dos novos modos de reivindicação – que transformou diferentes cidades articuladas via internet - ainda viria a acontecer, concatenando ações conjuntas em mais de 100 delas: foram as chamadas Jornadas de Junho, em 2013. A partir das marchas convocadas pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo e da violência policial que oprimiu os manifestantes em 13 de junho de 2013, foram agenciadas marchas, protestos e o despertar de muitas reivindicações, em diversas cidades do país. A violência policial foi tanta na capital paulista, que, com o uso equivocado das chamadas armas não letais, como a bala de borracha, a polícia feriu manifestantes e cegou um olho de uma jornalista. Tal fato visibilizou a desconsideração da defesa dos direitos humanos nas manifestações de expressividade política, mesmo que legitimadas pela Constituição Brasileira.

[...] a fagulha das manifestações de junho não surgiram do nada: foram anos de constituição de uma nova geração de movimentos urbanos – o MPL, a resistência urbana, os movimentos sem-teto, os movimentos estudantis – que, entre “catraços”, ocupações e manifestações foram se articulando em redes mais amplas, como os Comitês Populares da Copa e sua articulação nacional, a Ancop (ROLNIK, 2013, p. 9).

As primeiras manifestações na capital paulista, que reivindicavam o não aumento das tarifas, além de uma série de outras demandas, como a fiscalização das condições de transporte e circulação dos veículos e uma auditoria das concessões às empresas de ônibus, também ficaram conhecidas como a “Revolta dos R\$ 0,20”. Eram os vinte centavos do aumento da tarifa, mas que no bolso do trabalhador faria muita diferença ao final do mês, ao equilibrar todas as contas da casa. Depois da violenta atuação policial às marchas, consolidando a peculiaridade

apontada por Telles sobre a onda do caso brasileiro, as revoltas das Jornadas de Junho também ficaram conhecidas como “A revolta do vinagre”. Ao saberem que o vinagre inibe a ação do gás lacrimogênio, os jovens manifestantes começaram a levar para as marchas mochilas com embalagens do produto para alívio no momento do ataque policial.

A polícia militar, em uma ação de “prevenção” ao vandalismo ao patrimônio público, passou a averiguar as mochilas dos jovens que circulavam próximos às regiões das marchas em muitas cidades, apreendendo frascos de vinagres e detendo os jovens, interditando-os de participar das mobilizações e produzindo imagens veiculadas pela televisão dos potenciais vândalos.

As manifestações que se alastraram pelas ruas do Brasil em junho e 2013, motivadas inicialmente pela ação truculenta da polícia nos protestos contrários ao aumento da passagem urbana em São Paulo, caracterizaram-se pela multiplicidade de pautas evidenciadas em improvisados cartazes, críticas à imprensa e aos partidos políticos, assim como a recusa à representação típica dos movimentos sociais tradicionais. Destaca-se, em nossa abordagem, o fato de se processarem na interface porosa entre as ruas e mídias sociais (ALZAMORA et ali, 2014, p. 39).

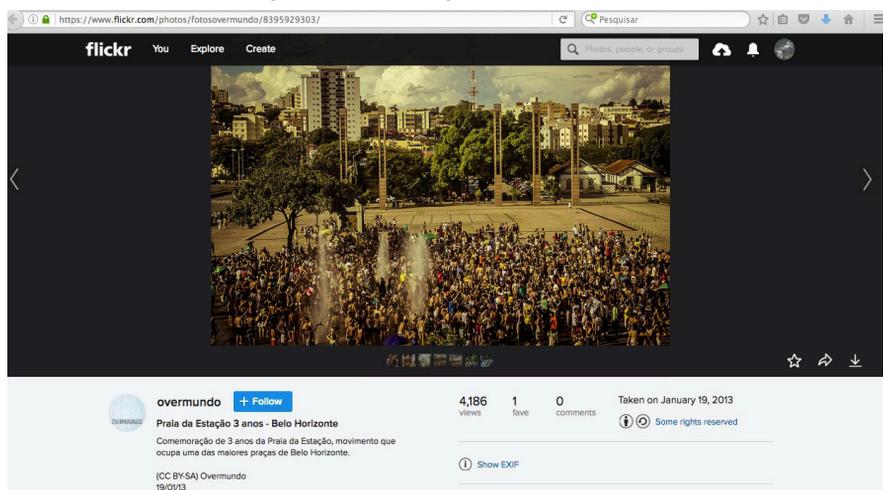
São muitas histórias deste período em todas as cidades que se mobilizaram em ação conectada contra a violência da polícia militar brasileira, histórias que transformaram as condições de possibilidade das atuações e experiências urbanas, modificando inclusive a experiência Praia da Estação. Este capítulo, “situações entre” é uma tentativa de aproximação de tal complexidade, num golpe de vista da relação destes eventos ao imaginário político urbano de Belo Horizonte.

Da Praça Sete ao Mineirão

Em 19 de janeiro de 2013, aconteceu a comemoração do aniversário de três anos da Praia da Estação, como já acontecia desde a produção do “mar da praia”. O carnaval aconteceu com o Bloco do

Praia, as fantasias inovadoras e muita cobertura fotográfica nas redes sociais digitais, tanto das pessoas que participavam das ações como de organizações que trabalham pela comunicação social, uma das novidades poéticas, resultado de produção colaborativa, organizada em rede. Na imagem abaixo, publicada no Flickr da conta do perfil “overmundo”, podemos ver um grande número de pessoas na comemoração do verão. O overmundo¹⁰⁶ se autodenomina um coletivo midiavivista, que se mobilizou com o intuito de fomentar uma rede de comunicação e distribuição ampliada de conteúdos produzidos por todas as pessoas que quiserem disponibilizar seu material. Eles gerenciavam alguns perfis em plataformas de armazenamento, como o Flickr, onde os colaboradores espalhados por todo o país podiam disponibilizar seus materiais. Em sua apresentação no blog, estabeleceu uma relação com o coletivo Fora do Eixo¹⁰⁷.

Figura Entre.1 - imagem flickr overmundo



106 - Consultado em 10/10/17 em http://www.overmundo.com.br/estaticas/sobre_o_overmundo.php.

107 - O Fora do Eixo é um coletivo artístico cultural que surgiu do interesse de promover bandas e artistas brasileiros que estivessem localizados fora do eixo de produção criativa Rio-São Paulo. O coletivo, que surge nos anos 2000, se articula ao Ministério da Cultura do Governo Lula e acaba influenciando as ações do Programa Cultura Viva, outra rede construída on e off-line, recentemente, naquele contexto.

Na imagem, podemos notar um grande número de pessoas em cima das fontes, podendo ser o exato momento em que foram ligadas, e o rompante do jato de água havia acabado de aparecer, como vemos as rajadas entre os corpos dos banhistas. O blog onde está hospedado o Overmundo, os designa

O Overmundo é um site colaborativo. Um coletivo virtual. Seu objetivo é servir de canal de expressão para o midialivrismo no país, abordando desde a rica, diversa e intensa produção cultural independente do país até as questões relacionadas à política e/ou movimentos sociais, ambos tendo na mídia independente e livre um de seus maiores suportes. Para funcionar, ele precisa da comunidade de usuários sempre gerando conteúdos, votando, disponibilizando músicas, filmes, textos, comentando tudo e trocando informações de modo permanente¹⁰⁸.

O chamado para a participação na produção do conteúdo, afirmando o ideário da colaboração e do modo horizontal de conformar mundos, assim como o da perspectiva da ética hacker é bem marcante no texto. Quando acontece o chamado do MPL de São Paulo para que outras cidades realizem marchas, em solidariedade à opressão que a manifestação paulista do dia 13 de junho sofreu, essa rede de midialivristas foi uma das conectadas e reativadas: naquele momento a chamada mídia ninja se estabeleceria como um outro lugar de fala na produção de imagens das manifestações, muito diferente do que a imagem da televisão mostrava das ruas das cidades.

A Mídia NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – é uma rede descentralizada que produz e difunde conteúdos e pautas invisibilizadas pela Grande Mídia. A partir da lógica colaborativa de produção que emerge da sociedade em rede, conectamos jornalistas, fotógrafos, videomakers, designers, e possibilitamos a troca de conhecimento entre os envolvidos. O projeto foi lançado oficialmente em março de 2013, na cobertura do Fórum Mundial de Mídia Livre na Tunísia,

108 - Acessado em http://www.overmundo.com.br/estaticas/sobre_o_overmundo.php

mas ganhou visibilidade durante as manifestações de junho no Brasil. Nossa trajetória, entretanto, é fruto do acúmulo de 15 anos de experiências do Fora do Eixo, rede presente em mais de 200 cidades do país e pioneira em linguagens das redes sociais como fotografia, transmissão ao vivo, design e audiovisual.¹⁰⁹

O site do mídia Ninja, diferente dos blogs que são criados em uma plataforma hospedeira, tem seu desenvolvimento realizado por uma outra rede, a Rede Livre, demonstrando, em alguma medida, uma mudança nos modos de se garantir a produção e a manutenção do conteúdo no ar. No texto que os apresenta, também remontam à crise do modelo comercial da comunicação e sua potência enquanto rede que “realiza coberturas e matérias por todo Brasil, apresentando histórias e contra-narrativas aprofundadas nas questões sociais, econômicas, políticas e ambientais.” Diferentemente da realidade de outras páginas que agenciavam redes de lutas em 2013, o site do mídia ninja está atualizado, com textos de opiniões de seus colunistas postados no dia anterior. Porém, assim como vários dos outros blogs já pesquisados, a plataforma de ação do Overmundo também está sem postagens desde 2014. O blog funcionava sob a licença Creative Commons, que permite a reprodução do conteúdo para fins não lucrativos e contém vários avisos de como se postar as colaborações, em busca de facilitar a integração de várias vozes.

As situações que se desenrolaram em Belo Horizonte em apoio ao MPL paulista foram prioritariamente mobilizadas pelo Facebook. Os eventos criados por perfis da rede social criavam os chamados “grandes atos”, que mobilizavam militantes de movimentos sociais, ativistas, coletivos e a sociedade civil não organizada. O 5º Grande Ato foi originado por um perfil recém-criado na plataforma, o da As-

109 - Coletado no site da organização em 10/10/17, <http://midianinja.org/sobre/>. Fazem parte da rede de colunistas algumas figuras emblemáticas das lutas urbanas e da “nova” esquerda, como Guilherme Boulos, Gilberto Gil do Ministério da Cultura, como Claudio Prado, um dos idealizadores do Programa Cultura Viva, vozes dissonantes da intelectualidade feminista, como Ivana Bentes e Marcia Tiburi bem como personagens do Fora do Eixo, como Pablo Capilé, entre outros.

sembleia Popular Horizontal e que contém na sua descrição: “não é uma convocação para manifesto, mas para um fórum de diálogo horizontal e autônomo para formulação de pautas e propostas para as próximas mobilizações” e adiciona “A ideia é criar um espaço comum a todos os mobilizados na web e na rua. Um espaço comum para organizados e independentes.” A perspectiva buscava com essas definições ser o mais abrangente possível tanto no sentido do diálogo quanto no sentido do da criação em conjunto.

A Assembleia Popular Horizontal é uma instância de discussão sobre os passos a serem dados na luta por uma cidade mais inclusiva. As assembleias foram instituídas concomitantemente aos últimos grandes atos, para produzir outras arenas de discussão a respeito dos problemas que ali estavam para serem resolvidos, uma arena para além do Facebook, onde as marchas eram chamadas em eventos (MAGALHÃES, 2015). Elas aconteciam prioritariamente embaixo do viaduto Santa Tereza, assim como as reuniões da Praia da Estação (quando chovia) e eram espaço para pensar o agir sobre o que se estava exigindo na rua. O quinto grande ato percorreu a pé o caminho da Praça Sete até o estádio do Mineirão, estádio de futebol que compõe a vizinhança do complexo arquitetônico da Lagoa da Pampulha, passando ao lado da Universidade Federal de Minas Gerais. Segundo dados da polícia militar, 50 mil pessoas participaram da marcha; a contagem dos movimentos sociais dizia 100 mil pessoas. Três eventos organizaram-no no Facebook, este “5º Grande ato” puxado pelo perfil da Assembleia Popular Horizontal, com 204.137 convidados, 16.500 confirmações de participação e 4.063 talvez; o #VemPraRuaBH que convidou 578.161 perfis, teve 58.448 confirmações de presença e 13.884 perfis que sinalizaram um talvez e o terceiro evento, o Gigante vai abraçar o Mineirão, com 5195 convidados, 424 confirmações de presença e 144 marcações de talvez. (ALZAMORA et alli, 2014). Importante explicar que participar de um evento facebookiano no modo “talvez”, permite ao perfil do usuário acompanhar as discussões, pos-

tar, comentar e dessa maneira integrar a rede informativa que se produz acerca do evento, “que se engendra em conexões on e off-line” (ALZAMORA et alli, 2014, p. 40). Este ato ocorreu no dia 26 de junho de 2013, percorreu 25km na ida e mais 25km na volta, no asfalto da cidade e teve um jovem assassinado, numa ação violenta da polícia sob um dos viadutos construídos na Avenida Antonio Carlos: o jovem era negro, metalúrgico, morador da periferia de Belo Horizonte e estava lá lutando por seus direitos. O segundo jovem assassinado na mesma noite, 26 de junho de 2013, foi Luis Otávio, conhecido na rua como Luiz Estrela, “poeta, performer, intelectual, morador de rua, homossexual. Trazia consigo a luta do artista pela arte, a luta do cidadão pelo direito à vida e à cidade.” (MUSA et ali, 2015, p. 1). Morreu já no centro da cidade, vítima de violência homo e transfóbica, depois que o 5º Grande Ato havia retornado da Pampulha. A partir destas breves identificações que fazemos de jovens vidas que foram tiradas pela força policial do estado, podemos refletir sobre onde estão as vulnerabilidades e as forças da luta da juventude na atualidade e por onde estes fragmentos de narrativa chegarão nos desenvolvimentos dos fatos; questionar sobre o genocídio da juventude negra, pobre e marginalizada no Brasil.

Após o último grande ato, depois de reuniões em assembleias populares horizontais, os manifestantes seguiram para a Câmara Municipal de Belo Horizonte e a ocuparam durante 45 dias, exigindo não só a estagnação do valor da tarifa de ônibus como a auditoria dos contratos das concessões das empresas de ônibus, gerenciados pela BHTRANS, empresa pública municipal responsável pelas vias urbanas. A ocupação foi auto-gestada, recebeu ajuda de diversos parceiros na cidade e estava sendo articulada nas assembleias populares horizontais, que aconteceram no espaço do prédio público, produzindo um outro espaço de fazer política por lá.

A ocupação é um ato de coragem: é uma atitude radical que nasce preocupada em resgatar a vida

cotidiana da dominação do espaço abstrato e na qual se coloca em curso um processo de tomada de consciência dos entraves da produção do espaço urbano. Tal consciência – a qual arriscaríamos chamar urbana – implica iniciativa e participação, mesmo que sejam meramente tentativas ou incompletas (VELLOSO et al, 2017, p. 259).

Esse espaço de convivência diária e de estabelecimento de uma “consciência urbana” que articulava em uma luta muitas pessoas diferentes, acabou catalisando a produção de diversas outras ações políticas e estéticas em Belo Horizonte. Podemos dizer, que foram, em uma grande medida, desdobramentos da Praia da Estação. A imagem a seguir é uma destas criações, às quais o imaginar como aqueles corações foram parar ali é expansivo, alimentando o imaginário político da ação dos corpos na capital mineira.

Ao atentar-nos para as imagens em circulação de todo o processo dado visível em Belo Horizonte, em redes sociais, teses e dissertações e portais de notícia, encontramos com muitas diferenças e choques entre os mundos colocados em relação, dando a ver um dissenso em produção constante. Priscila Amoni, artista que desenhou os corações nos escudos da guarda-municipal que bloqueavam as portas da câmara municipal da capital no momento da ocupação, disse, em entrevista que nos foi concedida via Messenger, na plataforma Facebook, que eles não fizeram nada enquanto ela os pintava.

[...] eu tava com essa tinta na mão, eu comecei a pintar e eles não fizeram nada, não fizeram nada, e eu fui pintando um por um e eu sorria para eles e eles não faziam nada, isso que foi a coisa mais surreal (AMONI, 2017, 8/10/17).

Tais choques produziram condições de possibilidade para que as ações subseqüentes desafiassem ainda mais um âmbito do poder público instituído: o direito ao uso à propriedade pública. Quando desocuparam a Câmara Municipal, os ativistas se dirigiram para a área embaixo do viaduto Santa Tereza, em passeata a partir da casa legislativa. Lá chegando, implementaram uma nova proposta de continuar existindo com

os corpos unidos na rua e na luta: passar a realizar periodicamente as #ocupações, que seriam territorializadas em diversos espaços públicos pela cidade, para produzir outros usos, entre eles, discutir problemáticas contextualizadas naqueles espaços que foram ocupados.

Outra proposição que surgiu depois das mobilizações das Jornadas de Junho foi a ocupação do prédio da rua Manaus, no Santa Efigênia, que estava fechado havia muito tempo e estava quase se perdendo em ruínas, por falta de cuidados e manutenção.

Na madrugada do dia 25 para o dia 26 de outubro de 2013, um grupo de artistas, ativistas, educadores, produtores culturais, entre outras tantas pessoas, romperam as portas de um velho casarão abandonado fazia vinte anos e ocuparam seu interior escuro e desconhecido. Reunidos desde o mês de abril do mesmo ano, após meses de encontros e discussões acaloradas, de um vasto mapeamento de imóveis públicos ociosos em Belo Horizonte, com a bagagem das recentes movimentações políticas e culturais experienciadas na e pela cidade e com a catarse desperta e dispersa pelas manifestações de junho de 2013 que movimentaram grande parte do Brasil, assumiram a tarefa de constituírem um espaço comum, auto-gestionado, que abrigasse cultura e que também a gestasse nas suas relações ordinárias. Que pudesse trazer significações para além do valor atribuído ao espaço, valor este incutido nas características arquitetônicas e nos desconhecidos traços históricos, ambos perdidos no tempo.

O fragmento narra a ocupação do Espaço Comum Luiz Estrela, imóvel de propriedade do Estado de Minas Gerais, que teve como último uso, abrigar um Hospital Psiquiátrico Infantil. O prédio é tombado pelo patrimônio e foi ocupado durante uma encenação que aconteceu na rua. "A partir de uma apresentação cênica, que simulava a ocupação do imóvel, transmutou-se fabulação em ato e o grupo gestou as possibilidades de uso e de transformação do espaço." (MUSA et al, 2015). A ocupação presta homenagem ao artista Luiz Otávio Estrela, morto na noite do 5º grande ato e que trazia desenhado no

corpo a imagem que compunha seu nome artístico, a pequena estrela tatuada na testa. A ocupação do Espaço Comum Luiz Estrela continua ativa até hoje, dezembro de 2017.

Em uma imagem do espaço recém-ocupado, vemos uma reunião dos ativistas, que já trazia o stencil da fotografia do rosto de Luiz Estrela, grafitado no hall de entrada. O stencil é uma prática de outros tempos das contestações ao poder instituído pelo mundo, levando para as ruas gritos de luta e imagens a se memorar, desde as ditaduras militares na América Latina, desde o maio de 68 na Europa e os protestos contra a Guerra no Vietnã.

Nas ruas, o desejo transborda, gritando a impossibilidade de manter a impossibilidade do real, grafitando de vida as paredes cinza da ordem moribunda. Devemos apostar na rebelião do desejo. Aqueles que se apegarem às velhas formas serão enterrados com elas (IASI, 2013, p. 46).

Além das ações, da criação e realização dos grandes atos, da criação das Assembleias Populares Horizontais, online e presencialmente, da ocupação da Câmara Municipal, da criação das #ocupações e do planejamento, ocupação e manutenção do Espaço Comum Luiz Estrela, outras forças se somaram à luta política no cimento e nos imaginários dos ativistas da cidade. Diversas atuações nos espaços de visibilidade do poder oficial foram produzidas, de modo a mostrar a força da diversidade social, em criações estético-políticas que, em muitas medidas, se entrelaçam com a experiência da Praia da Estação, como o graffiti da imagem abaixo, colocando em uma placa oficial da cidade a existência e localização "oficial" da Praia da Estação.

Figura Entre.2 - intervenção na placa do grupo artista disponibilizada no Facebook.



Cinco anos depois

A última situação analisada até aqui foi a Praia de Iemanjá em 2012, a qual nos possibilitou terminar de compreender a tomada de importância que as imagens ganharam no desenvolvimento das relações da Praia da Estação no espaço do Facebook, plataforma de trocas de conteúdo nas mais diversos modos: imagem, som, texto, links de outros sites e plataformas.

Em 2013, com a emergência das Jornadas de Junho, a transmissão de vídeos em streaming¹¹⁰ também passou a fazer parte do imaginário político e midiático. A interligação dos registros e conteúdos resultou em um material transmidiático, na forma e conteúdo, potencialmente capaz de ampliar e expandir as experiências, as narrativas e, também, os imaginários. A primeira narrativa transmidiática descreve o percurso de uma imagem produzida no Photoshop, que associou Osama Bin Laden ao “Beto”, personagem do desenho animado estadunidense Vila Sésamo, integrando uma série de um estudante de segundo grau filipino, “Beto é do mal”. Depois do ataque às torres gêmeas, no 11 de setembro de 2001, em uma manifestação no Oriente Médio em defesa de Osama, reproduções de sua imagem ao lado de Beto podem ser vistas nos cartazes empunhados, e a imagem volta para os EUA por meio de uma transmissão de televisão. A fotografia que havia sido capturada por um editor de Bangladesh na internet foi utilizada na produção de material antiestadunidense, por ter uma boa resolução. Ao passar pelos meandros da rede mundial de computadores, tomou materialidade na Ásia e voltou para a América com a transmissão da mídia televisão (JENKINS, 2009, p. 27-29)

Neste capítulo, as análises se concentram em situações sobre lutas diferentes daquelas iniciadas na Praia da Estação. A lotação surpreendente da Praia em Sete de Setembro de 2015 impulsionou

110 - Streaming, que em inglês quer dizer transmissão, é como são chamadas as transmissões ao vivo publicizadas na internet.

ações em defesa de direitos urbanos, territoriais e simbólicos, que são encontrados na etnografia digital. Continuo fazendo o percurso entre as plataformas online disponíveis, mas nesta etapa posso dizer que a plataforma Facebook é a mais usada, e, portanto, aqui perscrutada. Importante já dizer que, apesar de existirem três ou mais perfis da Praia da Estação no Facebook, que serão retomados quando considerar significativo para a pesquisa; aponto também que as chamadas e ações concentraram-se, em sua maior parte, vinculadas aos perfis de banhistas. Acesso ainda o aplicativo de celular Whatsapp, principalmente para realizar entrevistas; o aplicativo Instagram só começou a ser mais usado em relação à Praia da Estação ao fim de 2017 e por meio de postagens personalizadas, por isso não será aqui investigado.

Situação 8 - Praia da Independência ou Morte!

Em 2015, o feriado de Sete de Setembro, que comemora a Independência do Brasil, caiu em uma segunda-feira. Naquele final de inverno, em Belo Horizonte, o calor já estava como o do ápice de um bom verão. Assim sendo, no primeiro sábado do mês, aconteceu uma Praia da Estação, e, na sua sequência, realizou-se a primeira Praia da Independência ou Morte, como foi chamada, nas redes sociais. A primeira convocação foi feita via um evento do perfil de Facebook homônimo, e, no dia do combinado, havia a confirmação de participação de mais de três mil pessoas. A Praia da Estação da Independência¹¹¹ aconteceu com uma quantidade surpreendente de banhistas: pelas redes sociais foi notificado que haviam participado cerca de dez mil pessoas, na curtição do feriado no cimento, como ver-se-á a seguir. Durante o evento, em trabalho de campo que foi realizado

111 - Em setembro de 2015 estava em Paris, durante o período do estágio sanduíche PDSE/CAPES no Laboratório de Arquitetura/Antropologia da Escola Nacional Superior de Arquitetura Paris La Villete. Fiz diversas anotações durante o dia todo, embora, naquele momento, ainda não considerasse mais que essa coleta comporia a tese. A página para qual somos direcionados no Facebook ao acessar o link do evento notifica sua remoção e inexistência.

concomitantemente on-line, encontrei postagens e informações na página do evento, que foi tirada do ar e levou, com ela, os fragmentos de narrativa lá publicados.¹¹²

Mas ainda há outros rastros da situação na internet. Os primeiros são algumas fotos acessíveis nas páginas dos perfis que assumiram a organização naquela edição, como nos mostra a plataforma Facebook: DP, PL, BS. Perfis de jovens negras que defendem o acesso da favela e periferia, à cidade, a necessidade do reconhecimento de sua legitimidade, a liberdade dos corpos fora do padrão de beleza hegemônica, o fim do machismo, da segregação social e racista. As publicações de suas páginas estão relacionadas à postagem de diversas selfies¹¹³, em situações variadas, junto com amigas e colegas em espaços públicos e privados. Também encontramos reivindicações de acesso aos espaços da cidade, em narrativas que relacionam às suas condições de jovens e negras, e na qual os relatos de superações em situações de racismo, compõem as postagens mais curtidas. Diversas curtidas e emojis¹¹⁴ são trocados pelos comentários das postagens, dando a ver imagens de corações, beijos e braços em gesto de luta. É no perfil de DP que encontrei a primeira foto da Praia da Independência ou Morte. A foto postada é acompanhada da marcação de vários outros perfis, identificando inclusive o autor da imagem. O texto da postagem também qualifica o dia, atribuindo sentidos àquela edição da Praia da Estação.

Ao ler os comentários disponíveis, percebo que o evento foi qualificado como a Praia da Estação mais colorida, a melhor que já ha-

112 - Foi na apresentação das pesquisas de doutorado do LAA que percebi que poderia utilizar as imagens capturadas na tela do computador como material coletado na realidade social, utilizando-o na investigação da etnografia digital que desenvolvemos aqui na tese; agradeço vivamente a pesquisadora Nava Meron que à época investigava blogs e grupos de e-mails de uma cidade do interior de Israel.

113 - Os selfies são uma mudança radical na produção da imagem fotográfica, sendo um retrato tirado pela própria pessoa que empunha o dispositivo fotográfico, geralmente um celular, para realizar um auto-retrato.

114 - Emojis são figurinhas que foram criadas na década de 90 no Japão, para atribuir emoções e substituir pequenas frases por imagens síntese, que podem ser enviadas rapidamente pelas redes sociais. Importante temporalizar que, neste momento do Facebook, ainda não era possível atribuir classificação de emojis aos comentários, função ativada em 2017.

via existido até aquele dia, uma praia de “funk, suor, respeito, amor e diversidade”. Lemos vários corações e textos rápidos sobre os amores reencontrados e os cabelos blacks power do dia anterior. DP acrescenta que foi daquelas praias que “a gente nunca esquece”. Na imagem, vê-se pessoas se beijando, diversas interagindo em conversas, sorrisos e seus olhares, adornados pelos seus cabelos blacks, além de vários corpos expostos, muito além do padrão de beleza hegemônico, legitimado pela rede de globo de televisão, entre outras. A imagem já é do fim da tarde, pois o sol já está baixo e não visualizamos sombras formadas no chão, o que me fez pensar no porquê aqueles jovens não chegaram mais cedo. No perfil de BS, não encontrei disponível mais nenhuma foto desse dia. No perfil do Facebook de PL, também não. Mas pela busca do termo Praia da Estação Independência ou Morte, pelo Facebook, ainda encontrei outros rastros desta edição da Praia da Estação, como a publicação de um anúncio, em uma página de humor local, o BH Mil Grau. Importante anotar que todos os perfis visitados na plataforma Facebook eram perfis públicos, no momento da investigação.

Figura 4.1 - Imagem do perfil BH Mil Grau divulgando Praia da Independência ou Morte



Na postagem, há um meme¹¹⁵ produzido com uma fotografia de um banho de caminhão pipa em alguma Praia da Estação, realizada do alto do caminhão, dando a visão das pessoas com os braços estendidos para receber a “mangueirada”. O texto, com diversos erros ortográficos, anunciados como propositais na descrição da página no Facebook, além de abreviaturas da linguagem da internet – como a utilização do numeral 100 para significar a palavra “sem”, diz “O pessoal vai sentir o gostinho de Guarapari, sem nem sair do centro de Belo Horizonte”. Além da postagem do meme, o texto que a acompanha “é amanhã que a negada vai curtir uma praia de boas no centrão” apresenta o link do evento da Praia. A mensagem tem um apelo para que os que leram a mensagem também a curtam no Instagram. Esta mensagem teve 435 curtidas e 29 compartilhamentos, além de inúmeros comentários, tanto antes do evento, como depois do mesmo, falando sobre algumas ações do dia, seguindo o padrão de aplicação de diversos *emojis*, já visualizado na postagem de DP. Importante dizer que o algoritmo facebookiano não está mais permitindo acessar todos os comentários postados, elegendo apenas os mais relevantes e dificultando a pesquisa para os que não são cadastrados como pesquisadores da plataforma.

Ao acessarmos o canal do Instagram do BH mil grau, encontramos os mesmos memes que o autor posta no Facebook. Já em sua conta do Youtube, o perfil ao qual fui direcionada não é mais o de BH mil grau, mas sim de um perfil, que se auto-designa comediante, que posta diversos vídeos semanais, ou seja, ele poderia ser considerado um youtuber¹¹⁶.

115 - A ideia de meme começa a ser desenvolvida na década de 70 pelo pesquisador Richard Dawkins, quando define que um meme seria qualquer ideia humana, como o celibato ou o espaço público. Nos anos 90, com a ascensão das formas de comunicabilidade via mídias digitais, a ideia de meme começa a ganhar novos sentidos, até chegar a “expressões de comunicação que ganhavam as redes sociais online através de uma forma de propagação viral” (publicado originalmente em <http://www.museu-dememes.com.br/o-que-sao-memes/>, autoria coletiva do grupo de pesquisa da Universidade Federal Fluminense).

116 - “O Youtuber posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, hiperlink ou pela assinatura de seu canal” (MOTTA et al, 2014 p. 4./25) no youtube, plataforma de rede social.

Na rede social do Youtube também encontramos outros registros da Praia da Estação do Sete de Setembro de 2015, como os diversos vídeos feitos com pau de selfie¹¹⁷ do canal do Bloco Parque JA¹¹⁸ - Jardim América. O canal coletivo disponibilizou diversos vídeos realizados naquele dia, dando a ver as práticas e usos que continuam desde as primeiras praias - como os ensaios, tirar fotografias, fazer vídeos - mas também outros, como o jogo de queimada.

Na imagem recortada da página de visualização do Youtube, notei que o vídeo teve apenas 141 visualizações, que não tem comentários e que foi filmado com uma extensão do braço de quem empunha a câmera, que possibilita que a imagem seja feita quase de dentro do campo improvisado de queimada. Os corpos das pessoas estão empenhados nos movimentos exigidos pelo jogo, que presume dois times e quatro áreas de movimentação: o morto, onde estão as pessoas que foram queimadas e o campo, onde estão as pessoas que podem vir a serem queimadas, geralmente com uma bola de meia, que a partir das regras do jogo, está nas mãos de um time ou do outro, se empenhando para eliminar os participantes opositores, ou melhor, mandá-los para o morto. Na imagem também identifico que o sol está alto e que as pessoas que jogam na Praia expõem corpos que no gestualizar o jogo, ultrapassaram o imaginário da tradicional família mineira, como já discutido no capítulo 2. Na coluna que sugere as próximas visualizações, encontramos um vídeo que mostra um ensaio de bloco de carnaval, do bloco Então Brilha.

Nas imagens do vídeo, anotei que as pessoas cantam a marchinha do Bloco "Então Brilha", que antecede o Bloco da Praia da Estação desde 2012 e que em 2016 levou cerca de quarenta mil pessoas para a área da Praça da Estação, no sábado de carnaval. A partir de um

117 - O "pau de selfie" é uma extensão do braço que empunha a câmera, ou o celular, e possibilita uma distância razoável para a captura das imagens fotográficas.

118 - Este Bloco de Carnaval foi criado com o intuito de, além de brincar e foliar, reivindicar a criação de um parque municipal em uma área preservada e que corria risco por conta de interesses imobiliários, em Belo Horizonte.

determinado momento, CH comanda a bateria que enche de tato o ritmo já entoadado pelas vozes, dando a ver uma sincronia dos corpos, como nas primeiras praias, mas com uma ampliação considerável no número de pessoas presentes e envolvidas na ação. O vídeo já foi gravado ao final da tarde, já que percebo que o sol não está tão alto; no canal do Bloco Parque JA, encontrei ainda outros vídeos que mostram outros momentos dos ensaios, com outros puxadores chamando o movimento percussivo e das vozes, ao longo da tarde.

Outro vídeo que está disponibilizado na rede social Youtube e que me permitiu compreender as apropriações da Praia da Estação naquele feriado de segunda-feira, é o “Cadê a água Peoo?”, produzido e postado pelo nome evocado no vocativo do título, PL, perfil do terceiro “organizador do evento” da Praia da Independência ou Morte de 2015, no Facebook.

O vídeo é gravado por ele mesmo, do seu próprio celular, na manhã do dia seguinte à Praia da Estação da Independência, da Praça da Estação. Ele está sentado no prédio do Museu de Artes e Ofícios, na frente da estátua de um leão e fala aos espectadores no intuito de explicar uma situação que aconteceu no dia anterior. O vídeo tem a duração de dez minutos, 245 visualizações, 12 curtidas naquela rede social, nenhuma “descurtida” e nenhum comentário.

O banhista PL começa o vídeo bem sério, dizendo que vai explicar o que aconteceu no dia anterior, que não houve o tão esperado banho de caminhão-pipa, principalmente porque ele recolheu o dinheiro durante a praia, mas não houve oportunidade de explicar o ocorrido na hora, para todos. Segue a transcrição comentada de sua performance.

Bom dia. Tou fazendo esse vídeo para poder explicar a situação de ontem, vou ser bem direto também. É, bom, como foi combinado ontem teve a Praia da Estação,

Olha para a Praça e esboça um sorriso que revela ao voltar a olhar para a câmera de seu celular, enquanto diz

e na Praia da Estação, teve onze mil cama, tipo... pra quem organiza essa bodega, que pode ser qualquer um, pelo fato de ser um ato político, é loucura, porque em todas as edições, nunca teve tanta pessoa. E sabe o que me dá, deu mais tesão? É que tinha favela. Isso que é bom pra gente, que quer alcançar as pessoas que são excluídas. Sem demorar muito no rolê aqui, só pra constar, onze mil, num creio que deva ter chegado na Praça, mas que tinha de uns oito a nove, aí você pode ter certeza que sim. Bom, sobre a tão procurada água que todo mundo ficou puto por não ter vindo, vou explicar agora.¹¹⁹

Os números que PL menciona foram divulgados nas mídias sociais na noite da Praia da Independência ou Morte, já citado; ele faz alusão aos banhistas como cama, abreviação de camarada. O portal Uai, vinculado ao jornal Estado de Minas, divulgou no dia seguinte a presença de centenas de pessoas na Praia. Mas como notei em sua publicação a seguir, a equipe de reportagem ficou até o meio da tarde. O horário de maior lotação daquela Praia, foi o cair da noite, no momento em que não eram mais os ensaios dos blocos de carnaval no comando do som, mas sim o funk que começou a rolar.

Galera, valeu, todo mundo que entendeu, quem num entendeu vê o vídeo trinta vez, se num entendeu fodass, o dinheiro ta na mao, eu num vou roubar o dinheiro de ninguém, eu ouvi tanto tanto ontem que eu era ladrão que porra, eu podia até robar memo, num vou fazer isso não, o dinheiro de vocês, mas eu num tenho esa índole, esse caráter aí, eita nois, se liga no leao aí, esse leão é mais velho do que eu, esse tigre aí, ou caralho, dez minutos de vídeo, troxes total! e detalhe, ó, choverão aí, tio! valeu galera, só força, demais.

Imaginamos que o chuveirão sejam as fontes da Praça da Estação, fazendo com que jorrem como um chuveiro do chão. No trecho final, Peoo retoma que o dinheiro está com ele e não foi roubado, fala

119 - <https://www.youtube.com/watch?v=LzG-0K35qTA&spfreload=10>. A imagem capturada é do início do vídeo em questão. A transcrição completa do vídeo encontra-se no documento 4, caderno de anexos do capítulo 4.

de índole, de caráter e, de repente, se dá conta das estátuas que estão atrás dele. Apenas neste final ele diz que se deu conta disso, chamando a atenção para como o patrimônio cultural compõe o espaço urbano, atinando para o tempo do leão ali e imediatamente dizendo do tempo que o vídeo tomou dos espectadores, dez minutos. Saúda todos como “troxes”, isso quer dizer, trouxas numa dimensão inclusiva, sem utilizar os gêneros da linguagem ortográfica e normativa, retoma a questão das fontes desligadas e ainda fala mais um valeu antes de terminar.

Considero que, neste vídeo, PL deu um “espetáculo” (RIBEIRO) às mídias digitais em rede social, enunciando muitas problemáticas, inclusive algumas diferentes das que sempre estiveram em primeiro plano na Praia da Estação. Neste vídeo depoimento temos os registros inclusive das perspectivas de contagem dos organizadores, bem diferente das do jornal local, como podemos ver na notícia publicada que ainda consegui acessar, uma galeria de imagens do dia. Destacamos que a única frase que contextualiza no jornal a Praia é “centena de pessoas **curtem** ocupação na Praça da Estação”. Tanto a utilização do verbo curtir como da palavra ocupação para designar a Praia da Estação marcam a tentativa de aproximação ao público jovem.

A branquidão dos corpos nas imagens publicadas no portal do “estado de Minas” é emblemática. E está intimamente relacionada com o horário em que as fotos são tiradas. Vemos no relógio da Estação um dos registros como sendo 15h05, outro como 15h25 e a publicação da notícia, provavelmente da redação, é às 16h02. Certamente também tem a ver com os ângulos ou fotos escolhidas para a publicação. A variação da cor do público no uso da Praia da Estação da Independência ou Morte, que começa com o predomínio de pessoas brancas e ao longo da tarde vemos a chegada dos negros também pode estar relacionada a algo que DP nos disse, quando nos conhecemos na Primeira Praia de 2016: até as 17h, quem trabalha ainda está no serviço no sábado. Ele ainda me chamou a atenção para quem está vinculado principalmente no comércio, pelo centro e shoppings.

As imagens do portal Estado de Minas dizem sobre quem estava na Praia entre as 15h e 16h.

Nesta situação que se desenrolou no dia sete de setembro de 2015, percebi na busca de rastros dos fragmentos de experiências que foram partilhados pelas redes de mídias sociais online, a importância dos relógios em espaços públicos e a marcação temporal que revela a “policronia da cidade cosmopolita” (GUEZ, 2009, p. 148). Ao debruçar para compreender os tempos dos usos que se estabelecem na Praia da Estação, tanto na dimensão do espaço físico, mas também das mídias que vão se transformando conforme os anos vão passando e outras tecnologias são desenvolvidas, os corpos compartilham a condição policrônica da praça, os corpos se revezam, estabelecem outros enunciados, criam espaços públicos oposicionais, prenes de sentidos revolucionários outros, que também se inscrevem nas mediações (NEGT, 2007) das mídias, e nas novas mídias. As narrativas de afirmação negra são das que tomaram a Praia da Estação, para discutir os corpos, as cores, as violências e as diferenças que são vividas no espaço urbano cotidianamente. Para Negt, filósofo, em “O espaço público oposicional”, a crise precisa ser vivida para que as possibilidades que emergem dos encontros daqueles que sofrem tomem posição no espaço público. E tomamos posição dando os rostos a ver.

Ao lado do relógio e à luz do sol, dos holofotes e da lua, acontecem sarais de poesia, reuniões, rodas de conversa, de samba, de capoeira, ensaios dos blocos de maracatu, dos blocos dos carnavais, manifestações, funk, consome-se água, a do caminhão-pipa, a das fontes, cerveja, catuçai. Reconheço o quanto o relógio do Edifício da Estação facilitou o identificar das horas das vivências na Praia; mesmo sendo um marcador de tecnologia antiga, continua regendo os usos dos espaços da cidade, pois rege os corpos da maioria dos que a habitam. Assim, a policronia da Praia da Estação se faz em relação à experiência urbana dos tempos de Belo Horizonte, associando mais narrativas e imagens a ela.

Situação 9 - Praia da Savassi 2015

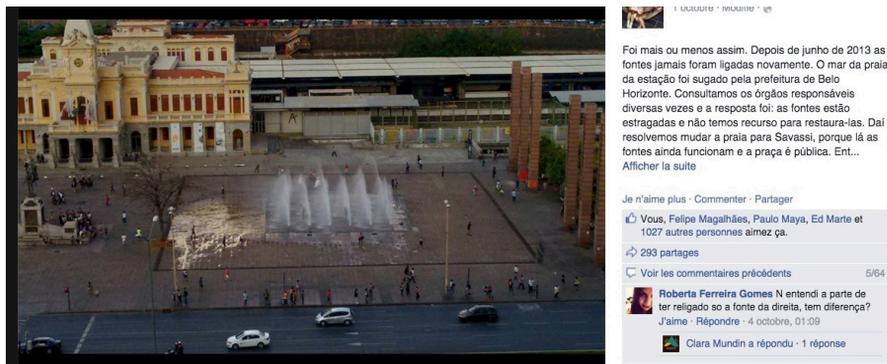
O pedido que PL faz ao final do vídeo publicado em seu perfil para explicar o porquê de o caminhão pipa não ter estado no dia da Praia da Estação Independência ou Morte, no Youtube, reacende uma centelha de dissenso para os banhistas, a respeito das fontes da praça estarem desligadas desde junho de 2013. PM conta em entrevista que a praça estava lotada, e que talvez tenha havido mais de dez mil pessoas lá. Conta que os corpos estavam cobrindo quase toda a área da esplanada, que segundo os dados da própria prefeitura, tem capacidade para receber 30.000 pessoas. Diz que, naquele momento “a praia passa para outra pegada, descolando do embate com o poder público e torna a experiência ainda mais incrível” (MUSA, 2017, s/p). O espaço que atualiza a tensão do encontro de tamanha diversidade da sociedade civil belo horizontina, colocando em contato e interação “diferentes grupos, diferentes pontos de vista” (Idem). PM, banhista e fotógrafa, conta também o que PL mostra no vídeo: que a Praia da Independência ou Morte foi uma grande festa, deixando um rastro de sujeira para trás, que incomodou os vizinhos, que já no final da noite do evento, chegaram a chamar até a polícia. Naquele momento, segundo ela, fazia algum tempo que o então prefeito havia até voltado a aparecer publicamente, depois do tempo em que havia se preservado, por conta das manifestações do Fora Lacerda¹²⁰. Em conversa com DP, ponderando sobre tantos desenrolares que a Praia tinha detonado, resolvem cobrar da prefeitura, as demandas do espaço projetado, convocando uma Praia na Savassi, para que os banhos de verão pudessem acontecer lá, já que não podiam acontecer na Praia da Estação. A experiência da Praia da Savassi já havia se realiza-

120 - Como já apontado anteriormente, o Fora Lacerda foi um movimento que se opôs à reeleição do então prefeito, diante de diversas denúncias fiscais, morais e legais em relação à administração da cidade. Ele foi reeleito, mas sem o apoio do PT, que se retirou diante dos fatos trazidos à tona. Mesmo assim, ele exerceu os dois cargos, até o fim. O movimento ainda guarda uma página no Facebook, mas esse grupo é fechado. O Fora Lacerda organizou marchas, jornais, manifestações com até 3 mil pessoas, pelas ruas da cidade, em uma marcha festiva.

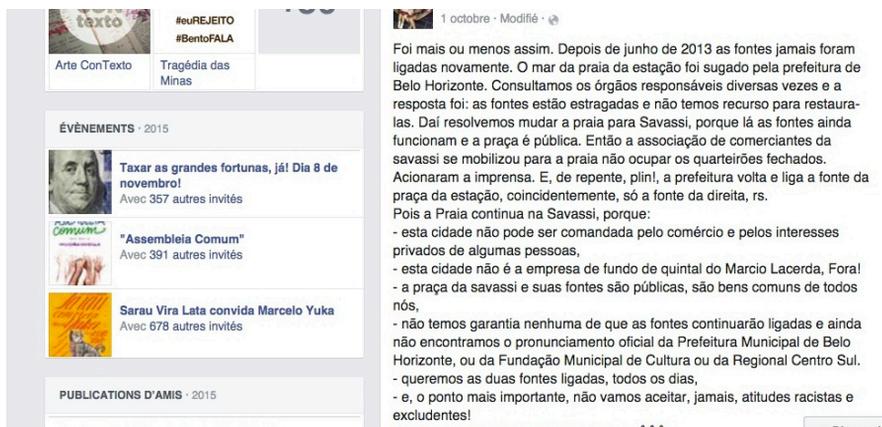
do em 2012, durante uma manifestação do movimento Fora Lacerda, com diversos cartazes, faixas, corpos e vozes dando a ver indignações contra o então prefeito. Importante lembrar também que o manifesto “Queremos Praia”, do Grupo Galpão, em 1989 durante o Festival de Inverno da UFMG, tomou as ruas da Praça, com corpos em maiôs em pleno asfalto, como referenciado no capítulo 2.

Depois de 24h postada nas redes sociais, a chamada que PM publica no Facebook para a Praia da Savassi repercutiu entre os lojistas do bairro, foi publicada nos jornais¹²¹, chega até a PBH, fazendo com que as fontes da Praça da Estação fossem ligadas novamente. A demonstração de um posicionamento contrário à presença dos jovens em um sábado de sol na área de comércio mais abastada da cidade, faz com que a controvérsia continue, mesmo com as fontes ligadas. Segue-se uma nova postagem de PM, que tematiza a mudança de atitude do poder público e sinaliza que a Praia da Savassi continua marcada para o dia 03/10, como explicado na postagem:

Figura 4.2 - Postagem no Facebook requisitando o religamento das fontes da Praça da Estação.



121 - http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/30/interna_gerais,693564/traferencia-da-praia-da-estacao-para-a-savassi-divide-opinioes.shtml. Na notícia até comentários de Facebook foram utilizados para dar a ver a quantidade de opiniões divergentes em ação.



1 octobre · Modifié ·

Foi mais ou menos assim. Depois de junho de 2013 as fontes jamais foram ligadas novamente. O mar da praia da estação foi sugado pela prefeitura de Belo Horizonte. Consultamos os órgãos responsáveis diversas vezes e a resposta foi: as fontes estão estragadas e não temos recurso para restaurá-las. Daí resolvemos mudar a praia para Savassi, porque lá as fontes ainda funcionam e a praça é pública. Então a associação de comerciantes da savassi se mobilizou para a praia não ocupar os quarteirões fechados. Acionaram a imprensa. E, de repente, plim!, a prefeitura volta e liga a fonte da praça da estação, coincidentemente, só a fonte da direita, rs. Pois a Praia continua na Savassi, porque:

- esta cidade não pode ser comandada pelo comércio e pelos interesses privados de algumas pessoas,
- esta cidade não é a empresa de fundo de quintal do Marcio Lacerda, Fora!
- a praça da savassi e suas fontes são públicas, são bens comuns de todos nós,
- não temos garantia nenhuma de que as fontes continuarão ligadas e ainda não encontramos o pronunciamento oficial da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, ou da Fundação Municipal de Cultura ou da Regional Centro Sul.
- queremos as duas fontes ligadas, todos os dias,
- e, o ponto mais importante, não vamos aceitar, jamais, atitudes racistas e excludentes!

No texto postado junto com a foto das fontes religadas na Praça da Estação, PM diz que as consultas que foram feitas ao poder público

diziam que as fontes estavam estragadas e não haviam recursos para restaurá-las. Daí resolvemos mudar praia para a Savassi, porque lá as fontes ainda funcionam e a praça é pública. Então a associação de comerciantes da savassi se mobilizou para a praia da estação não ocupar os quarteirões fechados. Acionaram a imprensa. E plim, a prefeitura volta e liga a fonte da praça da estação e coincidentemente só a fonte da direita, rs.

Questionando os interesses públicos atendidos pela prefeitura, a postagem de PM enumera uma série de atos municipais que se passaram em 24h de publicação da mensagem anterior no Facebook, plataforma de rede social privada. O texto elenca a diferenciação com a qual o Estado olhou para uma demanda da classe comerciante da Savassi e para a demanda da classe de transeuntes que circulam pela praça da Estação, que sofriam com o calor e falta de umidade, tendo as fontes sido planejadas no projeto arquitetônico para reverter esse mal-estar. Escreve que haviam antes já questionado a prefeitura diversas vezes sobre a falta de seu funcionamento. Nesse excerto, PM ainda pontua que apenas a fonte da direita, mostrando ainda mais uma vinculação aos interesses privados, melhor, eleitos, da direita po-

lítica. Diz que a Praia vai, sim, continuar a estar marcada para a Savassi e elenca os motivos para tanto:

- Esta cidade não pode ser comandada pelo comércio e pelo interesses privados de algumas pessoas, esta cidade não é empresa de fundo de quintal de Márcio Lacerda, Fora!

Não temos garantia nenhuma de que as fontes continuarão ligadas e ainda não encontramos o pronunciamento oficial da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, da Fundação Municipal de Cultura ou da Regional Centro-Sul.

- Queremos as duas fontes ligadas e todos os dias E o ponto mais importante, não vamos aceitar jamais, atitudes racistas e excludentes. Bora pra praia da savassi, galerÉÉÉ!

Mas o que PM narra? Que depois da Praia da Estação Independência ou Morte e da quantidade de pessoas que lá compareceram, convocar uma Praia na Savassi assustou os comerciantes, que não gostariam de ver a juventude negra ativa na área próxima de seu comércio, temendo preconceitos por tumultos. O prefeito havia agido na lógica do espaço público como ideologia (DELGADO, 2009) no qual o Estado trata os cidadãos como clientes: se reclamam a qualidade do produto, a prefeitura muda as possibilidades de ser da cidade; caso contrário, este Estado busca apenas gerenciar e injetar recursos das possibilidades que vão gerar ainda mais lucros, superando a dimensão responsável do cuidado do bem coletivo do governo eleito, e desmantelando-a.

Diversas notícias foram publicadas nos jornais com entrevistas dos lojistas que se mostravam assustados, ao imaginar que a juventude negra que estava frequentando a Praia da Estação, chegasse na Savassi. Ao determinar que a Praia da Savassi aconteceria no sábado seguinte, Priscila acaba sinalizando para a prefeitura que um diálogo começou a acontecer ali, diante de uma fissura entre o planejamento e a gestão do espaço da cidade. Outras fissuras, como as produzidas pelo preconceito racial, culminando na impossibilidade de circulação

e usos dos espaços públicos “elitizados”, escolhendo quais tipos de corpos poderiam passar ou não um tempo por ali. Posso dizer que a disputa com a PBH pela ocupação dos espaços não estava mais na dimensão de um decreto autoritário da Praça da Estação, mas sim de uma conduta excludente, escolha da prefeitura em manter a juventude negra longe daquele espaço privilegiado, mantendo assim contentes os “seus clientes”, a classe abastada de comerciantes da região da Savassi.

A postagem de PM tem mais de 293 compartilhamentos. Várias pessoas encorajam e parabenizam Priscila, além de marcarem outros possíveis interessados naquela “novidade”, a Praia na Savassi, como podemos ver nos comentários da figura 4.6. Na entrevista ela conta que ficou impressionada como a postagem em tópicos faz sucesso no Facebook, angariando muitos comentários e identificando leituras. Apesar de ser um “textão”¹²², a maneira da disposição do texto, aproxima os leitores, organizando com limites o tamanho das ideias a serem explicitadas. Outra condição que é instaurada pelo Facebook é a personalização; se antes as chamadas e postagens no blog eram feitas anonimamente, agora elas acabavam sendo feitas por meio dos perfis das banhistas.

O crescimento do poder dos perfis tem sido problematizado por Eli Pariser, em “o filtro invisível”. Ele explica que há um “mercado de informações sobre o que fazemos na rede, movido por empresas de dados pessoais pouco conhecidas, mas altamente lucrativas, como a BlueKai e a Acxiom” (PARISER, 2009, p. 09). Os gigantes como Google e a maneira como trabalham é simples “quanto mais personalizadas forem suas ofertas de informação, mais anúncios eles conseguirão vender e maior será a chance de que você compre os produtos oferecidos” (PARISER, 2009, p. 09). E parece que a fórmula tem funcionado.

122 - Como são chamadas as postagens de textos muito longos no Facebook podendo dar a entender um tom pejorativo, relacionado à incapacidade de síntese de seus autores.

A cada dia mais pessoas se informam via Facebook, transformando e influenciando o consumo inclusive das imagens, como nas plataformas de visionagem de filmes online, como o Netflix.

Afeta os e-mails que recebemos, os possíveis namoros que encontramos no OkCupid e os restaurantes que o Yelp nos recomenda – ou seja, a personalização pode facilmente afetar não só quem sai para jantar com quem, mas também aonde vão e sobre o que conversam. Os algoritmos que orquestram a nossa publicidade estão começando a orquestrar nossa vida. [...] O código básico no seio da nova internet é bastante simples. A nova geração de filtros on-line examina aquilo de que aparentemente gostamos – as coisas que fazemos ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam – e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós - o que passei a chamar de bolha dos filtros - que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações” (PARISER, 2009, p. 10).

O autor ainda explica que estamos sozinhos na bolha, não mais em uma rede; depois que essa bolha é invisível, sendo que não sabemos quais são as suposições que os que comandam os filtros estão fazendo sobre nossos perfis, tendo um alto grau de parcialidade que é difícil de conhecê-la. E terceiro, não escolhemos entrar na bolha, quando estamos consumindo a internet, já nos encontramos nela.

Antes, o anonimato possibilitava uma liberdade maior na construção das postagens por todos que acessassem o blog com a senha fixada no perfil. O compartilhamento do conteúdo postado no blog era feito no Twitter, ou em e-mails. No Facebook, “todos” podem compartilhar as postagens, desde que elas tenham sido feitas com a classificação de pública. Importante dizer que esse todos está relacionado como cada perfil permite o acesso de outros aos seus conteúdos, principalmente aos que não são amigos. As diferentes

qualidades das amizades também diferenciam a condição de publicidade e compartilhamento dos conteúdos. A cada ano, com diferentes pesquisas em relação às possibilidades das ligações entre os perfis, os algoritmos têm sido atualizados de forma a também permitir que a empresa possa coletar dados cada vez mais dados valiosos dos usuários. Mas vejamos um pouco mais do que o caminho das postagens pode nos revelar, enquanto fragmentos de narrativas.

No sábado marcado para acontecer a Praia da Savassi, ao cair da tarde, os quatro nichos da Praça reformada estavam ocupados, assim como as fontes. Apesar de terem sido confirmados o comparecimento de mais de oito mil perfis, segundo PM, estiveram na Praia da Savassi cerca de mil pessoas, ao longo do dia. Diversas fotografias foram feitas naquela tarde, dando a ver sorrisos largos e corpos nus e negros, diferentes dos que costumeiramente se estão por ali, vestidos. Vários álbuns de fotos foram publicados, em muitos perfis do Facebook. O álbum postado no perfil do Facebook de NC foi compartilhado diversas vezes, sendo que em muitas, o autor sequer está identificado, revelando a potência do anonimato no âmbito da criação, no que se refere às Praias de Belo Horizonte.

Na imagem está DP ao centro, com um cabo de pente saindo dos cabelos, presença de alguns jovens, entre eles várias mulheres negras performando com um bambolê. Atrás deles está uma das fontes. A tranquilidade com que os corpos se expressam ali é marcante nas imagens e contraria a condição cotidiana. A simplicidade expressa nos rostos é quase a de uma selfie; estão no espaço público, em uma dimensão dos encontros e composição de imaginários coletivos. A imagem possibilita acessar uma narrativa dos gestos e corpos que naquela tarde na Praia da Savassi tomaram-na, dando espetáculos sobre os modos de agir de outros corpos na cidade.

Nas outras imagens postadas por NC no mesmo álbum, Praia da Savassi, vê-se mulheres e homens usufruindo de banhos em espaço público, sem nenhum constrangimento ou cerceamento de territórios

de circulação. Crianças, grávidas, adultos e pessoas da melhor idade aproveitam os encontros proporcionados pelo evento contestatório pelo espaço público e conversam, trocam opiniões e informações sobre Belo Horizonte. A seleção das imagens do álbum de NC, que faz parte de nossa bolha de amizades algorítmicas, e é por isso o primeiro com o qual tive contato e acesso, enfatiza a dimensão da alegria contagiante, na disposição dos corpos em banho coletivo na praça, como em uma praia¹²³, ou como se aquele espaço tivesse sido projetado exatamente para aquele uso livre.

O álbum teve mais de 266 curtidas e diversos compartilhamentos de fotos específicas, como a primeira elencada neste capítulo. Logo no primeiro comentário, “Savassinha tremeu”, temos a associação de duas referências contextuais: a revelação do apelido “savassinha” para o bairro da Savassi, como é chamado entre os que o frequentam, para designar as pessoas que o habitam; e o uso da expressão tremeu, associada ao medo, aos tremores de terra e ao movimento dos corpos ao dançar funk. Diante de elogios, NC revela que as imagens foram feitas por uma “câmera de verdade” e não com um celular, explicitando uma diferenciação no modo de produzir imagens a partir das tecnologias analógicas, e seu conhecimento ao fazê-lo. Além de vários elogios, uma mulher diz que são belas mulheres fotografadas por uma câmera de verdade, e complementa dizendo, “belas fotos, belas mulheres”, usando emojis de rostos e corações. Outra mulher comenta que a escolha da Savassi para a realização da Praia vai incomodar os “coxinhas¹²⁴”, aludindo às pessoas que se diziam contra a recente reeleição de Dilma Roussef.

Outra imagem, que foi amplamente visualizada, é uma em que DP estava no meio do quadro, e que ele recortou e utilizou como

123 - O álbum encontra-se no link https://www.facebook.com/nelio.costa.BH/media_set?set=a.10153528423247900.1073741831.734282899&type=3 e foi acessado em 03/08/2017.

124 - Pessoas que politicamente se posicionam contra os ideais do Partido dos Trabalhadores, tendo sido uma força grande de apoio ao golpe de 2016.

imagem de perfil na plataforma Facebook, durante um tempo. Fotografada também por NC, mas no caso recortada com um recurso de configurar imagens para constar no perfil, manipulada pelo próprio DP, a nova imagem teve 536 curtidas e foi compartilhada com o título “eu rindo da cara da burguesia!”. E, entre aspas, como se fosse uma declaração pública do retratado para quem o lesse, “O que mais te incomoda é que eu sou feliz fazendo isso”. Na imagem, podemos ver o pente em seu cabelo, com maior definição, sendo este o objeto que o denomina, associando o homem a algo que ele carrega consigo. Percebe-se que a água da fonte o refresca, ao notar o movimento e o sorriso nesta nova imagem produzida pela lente de NC. A legenda que acompanha a publicação apresenta mais um posicionamento político de DP: reagir com risos ao preconceito visibilizado no primeiro incomodo que a ideia de uma Praia da Savassi causou, na “burguesia”.

No segundo semestre de 2015 em Belo Horizonte aconteceu a criação do campeonato de Gaymada¹²⁵; no fim de semana seguinte à Praia da Savassi, e a realização de uma edição do campeonato na Praia da Estação pode dar ideia da amplitude dos desejos, como os de libertação da expressão e criação dos corpos da diversidade sexual, por ali. Na imagem que figura associada ao evento, vemos uma jogadora agitando a bandeira do orgulho trans (branca, rosa e azul) em meio às pessoas que estavam nas bordas do campo do jogo, na Praia da Estação.

Reverberações

Um dos outros exemplos de projetos para a cidade, influenciado pelas mudanças no entendimento da vida compartilhada na Praia da Estação é a sugestão de troca da estátua de Tiradentes, por uma estátua de EM. A representação do herói da Inconfidência é de bronze

125 - Realizadas pelos integrantes de Teatro Toda Deseo, a gaymada da Praia da Estação foi o 3º Campeonato Interdrag de Gaymada – Edy-ção Praia da Estação. Link para fotos no Facebook disponível em 3º Campeonato Interdrag de Gaymada - Edy-ção PRAIA DA ESTAÇÃO, acessado 16/05/16.

e tem uma corda de enforcamento amarrada no pescoço, lembrando a lição de moral dada aos revolucionários. A sugestão da nova estátua é a de um corpo de EM de maiô, banhista e performer que frequenta a Praia da Estação desde o início. Na imagem sugerida, EM está fazendo o gesto como se estivesse se refrescando nas águas dos caminhões-pipa ou das fontes¹²⁶, gesto de braços ao ar, como imagens de um levante, que podemos identificar também no clipe da música Babulina's Trip do grupo Graveola.

A sugestão de troca foi motivada por um evento no Facebook, que, como nas imagens de vendas de imóveis, desenha uma informação diferente das existentes na cidade, numa fotografia da paisagem urbana.

EM conta em entrevista que quando “vi o evento no face fiquei surpreso e alegre, que era uma brincadeira dos eventos fictícios que estavam rolando no Facebook”, mas que depois acabou “viralizando muito e acabou sendo muito divertido”. Ele ainda afirma que a maneira como ocupa os espaços públicos, travestida, fazendo performances, foi estimulada pela criação da Praia da Estação, “criando uma liberdade, pelo menos foi isso o que aconteceu comigo, né? Isso muda minha forma de vestir e de se colocar, que aconteceu de uma forma natural, sem ser muito pensado, e acho que refletiu também, para outras pessoas”. Na entrevista concedida por Whatsapp, EM me conta também que era um dos pré-candidatos da plataforma Muitxs, a cidade que queremos¹²⁷, mobilização que consideramos também mais uma das reverberações da Praia da Estação em Belo Horizonte, assim como o Fora Lacerda, o Fica Ficus, o Espaço Comum Luiz Estrela, abordados no capítulo Situação entre.

126 - Link clipe Graveola disponível no <https://www.youtube.com/watch?v=f-rk9D-bltgE>, acessado 16/05/16. O clipe é gravado na Praça da Estação, com várias imagens emblemáticas da Praia da Estação, enfatizando na letra da música a dimensão da amabilidade pelo mundo e da possibilidade da lúdica revolução no mar de Belo Horizonte.

127 - Disponível em <https://www.facebook.com/cidadequequeremosbh/>, acessado em 15/05/16.

Depois de acontecida a Praia da Savassi, as notícias postadas desfazem a má impressão causada quando a sugestão de realização na Zona Sul foi originalmente publicizada pelos jornais associados à defesa da tradicional mídia mineira. A alegria da festa contagiou os nichos da recém-reformada praça da área nobre. Os espaços da cidade, seus usos e visibilidades estavam em movimento, causado pelo dissenso diante da compreensão de quem eram as pessoas passíveis a usar aquele espaço, bem como usos específicos. A prática da lúdica revolução, bem como práticas da juventude negra, que se cansaram de não estar em público, deram o recado.

Esta notícia do portal G1, por exemplo, diz que foi uma tarde de diversão e encontros na Praça Diogo de Vasconcelos, com contagem de 300 pessoas pela polícia e banhos nas fontes. Mas, nos comentários, vemos surgir, mais uma vez, disparidades em relação àquele uso das fontes da cidade, o para o banho. O comentarista identificado como AR problematiza o tratamento da água e as doenças que podem estar sendo transmitidas por conta do uso indevido e despreparo para lidar com a saúde das pessoas, diferentemente das águas tratadas dos clubes. O segundo comentarista enfatiza que, para além da diversão, a praia é um movimento de contestação e que a maior parte das brincadeiras com a água contaram com o caminhão pipa. Ele ainda diz que acredita que quem entrou nas fontes tem consciência dos riscos que corriam. O terceiro comentarista diz, “você vive numa bolha?” referindo-se ao possível desconhecimento do primeiro comentarista do que estava se passando na cidade. Ele fez uma alusão à ideia de bolha, metáfora cada vez mais utilizada para descrever o efeito de distanciamento do mundo real, ocasionado pelas manipulações algorítmicas das mídias sociais, que entre outras ações, limita os perfis e postagens que estarão visíveis para o usuário, baseando-se no círculo restrito de consumo cotidiano das informações. Assim, uma das mudanças que as bolhas algorítmicas trazem é restringir o

que estará disponível para visualizar facilmente apenas os perfis de algumas poucas pessoas, e fragmentos de narrativa que estariam em conformidade com o que tem interessaria ao navegante, baseado nos seus passos, curtidas e compartilhamentos realizados anteriormente.

Considerações finais

Diante da pesquisa apresentada, posso considerar que os usos e apropriações das NTIC's associadas à internet possibilitaram superar a "contenção dos imaginários políticos" (RIBEIRO, 2011) em Belo Horizonte por meio da experiência coletiva urbana da Praia da Estação. Ao potencializar a criação de imagens e narrativas, emergentes da experiência política que se iniciou a partir da publicação de um blog anônimo, parte dos movimentos de luta e resistência na cidade foram contaminados por fragmentos de narrativas relacionadas à Praia mineira. Inventadas no âmbito do dissenso sobre o que fazer para reverter a publicação do decreto municipal que proibiu os eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, recém entregue de uma reforma à época, as práticas lúdicas e criativas mobilizadas no espaço público o fizeram mais próximo das discussões e polêmicas pertencentes aos seus habitantes, ao menos neste início de século XXI.

A investigação que buscou se realizar nesse espaço liminar, entre a praça e a internet, entre os usos e fluxos narrativos que aí tomaram corpo e força, qualifica ainda mais a potência criativa da experiência urbana Praia da Estação. Esta se atualiza em movimento: depois dos sete anos de Praia, não há uma definição do que seja, mas compreensões, modos de entendê-la e a possibilidade de (re) inventá-la a cada nova situação. Importante ressaltar a dimensão da pequena abrangência da investigação, principalmente pelo fato de ela ter se realizado em meu campo algoritmo de repercussão e alcance, das plataformas onde os registros e anúncios são compartilhados, e das quais faço parte com meu perfil de uso pessoal. Em um dado momento da pesquisa, adentrei e analisei fragmentos de narrativas que circularam em minha bolha, e não em diversas bolhas nas quais poderiam haver contatos com outros textos, imagens, fragmentos. Tal condição define meu recorte em um momento específico e isso

significa que desejo que outros olhares se lancem nos registros aqui reunidos, aqueles que os afetaram e acessaram, e pensem sobre as transformações dos modos de fazer e ser cidade a partir da possibilidade de uso destas tecnologias.

Esmiuçar as condições de possibilidades é fundamental na compreensão e problematização das complexidades que o espaço eleito como campo de pesquisa etnográfica digital urbana pode desvelar, seja a relação entre a Praia da Estação e os ambientes virtuais ocupados por seus sentidos, em plataformas de disponibilização de registros e estabelecimento de redes entre os perfis de usuários, seja na vivência do cotidiano do hipercentro de Belo Horizonte. O território físico ocupado pela Praia da Estação é a Praça da Estação localizada no centro da cidade, centro simbólico e geográfico de Belo Horizonte desde logo antes do início do século XX, em seus 120 anos. Na atualidade, a praça é a estação central do metrô, a estação de trens, um terminal rodoviário, a ligação entre o bairro Floresta e o centro, via túnel, o Museu de Artes e Ofícios, o Edifício Central, com todo o seu comércio de lanchonetes, brechós, costureiras, dentistas e sacolões e agora o Centro de Referência da Juventude, instalado recentemente, o qual ainda não pude conhecer, mas que disponibiliza, em sua página no Facebook, um formulário de preenchimento para solicitação gratuita de uso do espaço, muitas curtidas e compartilhamentos; mas isso já é outra pesquisa.

Curtidas e compartilhamentos são modos de agir em algumas plataformas específicas. Comentários são gestos permitidos numa rede de comunicação mais ampla, como a de portais de notícias, plataformas de rede social e de compartilhamento de registros e arquivos. Mas, com a possibilidade de atribuir reações às curtidas, disponibilizar *emoticons* e privilegiar textos breves, já que apenas as primeiras linhas dos textos aparecem em algumas redes sociais, há um privilégio de postagens, no caso da Praia da Estação, que apenas enaltecem as imagens produzidas: há uma redução nas possibilidades de

participação na construção de sentido de tal imagem. A geração de outros sentidos nas relações da Praia da Estação se fazem e dão a ver o gesto que faz parte da “política algorítmica” do Facebook: colocar-nos numa bolha de consenso, mantendo-nos em uma nova área de contenção dos imaginários – o que traz consequências para o plano social, político e urbano. Outra condição que favorece a mudança nos modos de agir nas redes sociais é a personalização dos perfis, empurrando-nos para uma relação cada vez mais distanciada do sentido de coletivo e cada vez mais aproximada de um uso das redes que se programa para nos trazer o conforto do consumo direcionado.

Algumas das plataformas buscam ainda associação à ética hacker, potencializando as redes espontâneas, os contatos e liberalização da produção do conteúdo, como as plataformas dos Flickr e dos blogs. Porém, várias exploram a venda de produtos para nossos perfis, ou dos dados gerados pelos nossos trajetos, a partir do consumo que fazemos de sites, links e dados. De maneira alguma somos ingênuas se imaginarmos que algum site na internet não explora nosso consumo simbólico em dados, a fim de aumentar seus lucros. Mas, a verdade é que, quando a internet 2.0 começou a se desenvolver, a ética hacker agregava mais perfis de usuários, com possibilidades de uso e interações diferentes das disponíveis agora. As trocas eram feitas muito mais por textos nos quais argumentos ocupavam os comentários de maneira menos imediatista – proporcionando mais qualidades às respostas: a temporalidade da rede digital ainda era outra.

No caso da Praia da Estação, são evidentes as transformações no modo de disponibilização em fragmentos de narrativas nas redes sociais digitais. No começo da movimentação que culminou com a realização da primeira Praia da Estação (2009-2010), ainda estávamos vivendo um momento em que a expressão via texto, nos ambientes on-line, era privilegiada e enaltecida pelos que se utilizavam da rede. Os blogs também eram expressão de seus comentários, os textos escritos eram escritos a muitas mãos, a questão da autoria/personali-

zação não tinha tanto valor. Na experiência da Praia da Estação, as manifestações nos blogs e listas de e-mails mapeadas deixam visível o estabelecimento da instância decisória de corpo presente, no espaço urbano. Os argumentos se amplificavam, expandiam e acessavam imagens de outras ordens e lugares, ampliando os imaginários possíveis no compartilhamento da questão, sendo que as decisões precisavam ser tomadas em corpo presente, com todo mundo junto, compartilhando os obstáculos e resoluções, processos e conquistas: deitando no cimento.

No segundo momento, a tomada de consciência da importância da imagem da experiência da Praia da Estação se estabelece ao mesmo tempo (2011) em que os usos de plataformas de compartilhamento de imagens passam a ser apropriadas pelos banhistas, para trocar fragmentos das experiências que viveram juntos. As imagens circulam, são vistas, compartilhadas, curtidas, outras vêm a ser produzidas, mas nem todo o processo de criação da tomada do espaço da Praia é feito numa tentativa do coletivo, como visto na eleição de fragmentos de narrativas dos modos de atuação e de experiências a cada situação vivida ali. A pesquisa persegue outros tempos na história da cidade, percebo atualizações e repetições dos envolvidos nos jogos urbanos, como na situação do carnaval. A dimensão da festa, enquanto espaço de criação e de ludicidade é explorada pelos banhistas, possibilitando encontros e contaminações, além do estabelecimento de novos rituais urbanos na capital mineira: os aniversários da Praia da Estação, a realização dos Blocos de Carnaval de Rua, a celebração da Praia de Iemanjá na Praia da Estação, a luta festiva do movimento Fora Lacerda.

Em 2013, as Jornadas de Junho estabelecem transformações na capacidade de produção de imaginários políticos em âmbito nacional, revelando certa diversidade nos pensamentos, práticas e planos em circulação nos espaços urbanos. Em Belo Horizonte, por todas as experiências urbanas, memórias e projeções do plano da cidade,

entre estas as da Praia da Estação, tem sido estabelecido diferentes perspectivas e outros modos políticos de pensar e fazer a luta na cidade: nada que seja possível de concluir, mas noto as contaminações e mudanças, como o aumento do número de pessoas na Praia da Estação Independência ou Morte, com cerca de dez mil pessoas.

No terceiro momento da análise crítica, as problemáticas que tomam corpo na Praia da Estação se relacionam à aceitação e reconhecimento de outras vidas e mundos simbólicos na cidade. As lutas pela igualdade dos direitos de ir, vir e permanecer nos espaços públicos dão a ver a diversidade e presença, na Praia, de minorias constantemente subalternizadas tanto no cotidiano prático como no discurso simbólico instituído, e em manutenção. Para além da permanência e liberação do espaço público da Praça da Estação, as imagens e narrativas que emergem são prenhes de demandas de reconhecimento das singularidades e diversidades, de mulheres, negras e negros, comunidades LGBTQ e outras que até então não haviam ainda se expressado com tamanha ênfase pela cidade. Os espaços on-line de circulação das caras e demandas, em 2016, estão bem mais restritos, sendo que praticamente tudo está ou passa pelo Facebook, fazendo circular fragmentos das narrativas que convêm ao perfil que está acessando o conteúdo, bem como sua própria relação com os perfis dos outros banhistas. Tal condição das programações algorítmicas produz uma bolha para cada usuário, ou o que gostaríamos de caracterizar numa dimensão mais agonística, produz uma zona de detenção consensual, mas desta vez, no espaço midiático da “democratização da internet.”

Quando as potências de trabalho das NTIC’s associadas à internet são apropriadas pelas lutas urbanas, encontro um borbulhar de modos de fazer, pensar, imaginar a cidade que transformam as ações e atitudes; na investigação reconheci as possibilidades do anonimato, da horizontalidade, do uso dos pseudônimos, da ética hacker. Quando o uso das NTIC’s e da rede passam a ser mais acessados, com o consumo de informações a respeito das lutas se expressando com

imagens já produzidas, há uma redução considerável da potência de traspor a realidade que as imagens carregam, como chama política de transformação da ordem policial. As diferentes imagens que passam a circular nos espaços da Praia da Estação, enaltecendo suas particularidades, confirmando as suas imagens nas aceitações e curtidas cheias de *emoticons*, concordam com a afirmação das diferenças, mas será isso a demanda política da Praia da Estação?

Quando a luta é estimulada a partir da convocação do Bloco da Praia como um evento no Facebook, depois da violência policial sofrida por dois outros blocos (2016), as imagens e discussões que tomaram corpo ali foram bem mais ampliadas do que tais expressividades consensuais dos botões de curtir emocionados. Mas, depois que o evento passa, algumas vezes a sua memória digital desaparece com a mudança do calendário da empresa da plataforma de disponibilizar as lembranças das imagens. No caso do carnaval de 2016, depois de publicizado e reclamado contra a violência policial sofrida em outros blocos, as postagens começam a se referir ao dia da festa e, na sequência, o que resta são as fotos da alegria, proporcionados principalmente por uma não intervenção da polícia militar no Bloco da Praia. Em um determinado momento, a festa toma maior espaço no tempo da ocupação da Praia da Estação, dando a ver nas imagens do carnaval a força destes imaginários políticos: alegres, contentes, contaminados de potência ético-estética.

Mesmo sob o perigo da zona de detenção do consenso, que nos prenderia em um tempo de “onde o que tem está bom”, os usos das NTIC’s em rede digital e social ainda produzem polêmicas que irrompem danos políticos urbanos. E somos contagiados pelas imagens que contém gestos de levante, de crença na luta por um direito; a condição imaginária precisa, segundo Didi-Huberman¹²⁸, de som e

128 - Em conferência na abertura da exposição “Levantes, Imagens e Sons como forma de Luta” em São Paulo, final de outubro de 2017, disponível no link https://www.sescsp.org.br/online/artigo/11440_LEVANTES+IMAGENS+E+SONS+COMO+-FORMA+DE+LUTA

sonho para se tornar condição de possibilidade para a criação de outras imagens e realidades.

Por meio da investigação, pude encontrar as transformações no imaginário político na liminaridade praça e internet, principalmente aquelas que superaram a contenção, a zona de detenção, no inventar modos de fazer e pensar a cidade: quando a primeira Praia da Estação acontece, quando o bloqueio da mídia mineira é quebrada, quando o decreto que proibia os eventos é revogado, quando acontece o bloco da Praia, quando acontece o primeiro Eventão. Os fragmentos de narrativas nos possibilitaram compreender a Praça da Estação como um espaço público, algumas vezes como ideologia (DELGADO, 2009), quando, por exemplo, as fontes da Praça da Estação são ligadas para que não aconteça a Praia da Estação na Savassi: a cidade é para todos, mas nem toda a cidade, para nem todos. Outras vezes, como “espaço público oposicional” (NEGT, 2007) isto é, o espaço como uma arena onde lutas diferentes das comuns lutas de classe passam a integrar a reivindicação de populações urbanas em vulnerabilidade política, como quando acontece a Praia da Iemanjá, dando visibilidade e legitimidade às tradições religiosas afro-brasileiras, ampliando a luta da Praia da Estação. Mas, notei que sempre, para que o espaço continue a ser público, é preciso que carregue a potência agonística (MOUFFE, 2013), do dissenso, do desentendimento para que nas disputas, nos choques, nos embates vividos a partir das experiências diferentes mobilizadas diante de um problema: como a questão da falta de água/impossibilidade do caminhão-pipa parar para o banho, na Praia da Independência ou Morte. Outras soluções, antes não imaginadas, podem, assim, vir a tomar parte e lugar na luta e nos imaginários políticos urbanos, renovando as forças para o porvir.

Ao trazer outros regimes de sensibilidades (RANCIÈRE, 2012) como a dos corpos prenes de desejos diferentes dos da interdição do espaço público, deu-se visibilidade à outras éticas possíveis, como a ética hacker, ou a da liberação dos corpos em relação à tradicional

família mineira. Assim, foi-se possível colocar em corpo na Praia da Estação diferentes mulheres, as minorias LGBTQ, a juventude negra, os moradores das periferias, os moradores do centro e muitas outras minorias que na cidade de Belo Horizonte são deslegitimadas em suas experiências, imagens e narrativas. A partir da experiência da Praia da Estação, outros mundos entraram na disputa simbólica e territorial pelos espaços da cidade, imaginários foram expandidos em dissensos que, mesmo temporários, ao se estabelecerem nesta temporalidade do instante do choque, do lampejo, provocaram práticas políticas e de transformação no entendimento da Praça da Estação em Belo Horizonte, espaço público único.

Referências

ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. *Ei, polícia, a praia é uma delícia!:* rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ARANTES, Antônio. “A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência”. Arantes, A. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Editora Unicamp, 2000.

ARANTES, Otília. *Uma estratégia fatal*. In: ARANTES, Otília (org.). *A cidade do pensamento único – Desmanchando consensos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ARROYO, Michele Abreu. *Reabilitação Urbana integrada e a centralidade da Praça da Estação*. Manuscrito. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica, 2004.

ASSIS, Luiz Henrique e RODRIGUES, Rita Lages. *Historicidade e política de patrimônio: algumas reflexões envolvendo dois museus em edifícios tomados em Belo Horizonte*. Anais Sebramus, Belo Horizonte: 2015.

BELELI, Iara. *O imperativo das imagens: construção de afinidades nas redes digitais*. Cadernos Pagu, número 44, Campinas, jan-jun, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas Vol. I – Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996 [1940].

_____. *Obras Escolhidas Vol. II – Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 2000 [1928].

_____. *Paris, Capital do século XIX*. In: KOTHE, F. (org.). Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013 [1925].

BIASE, Alessia de. *Hériter de la ville. Pour une anthropologie de la transformation urbaine*. Paris: Éditions Donner Lieu: 2014.

BRESCIANI; Maria Stella. *Cidade, cidadania e imaginário* in *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Org. Por Célia Ferraz de Souza e Sandra Jatahy Pesavento. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

BRETAS, Beatriz. *Interações Híbridas*. In: *Cultura em Fluxo, Novas Mídias em Rede*. Org. BRASIL, André; JESUS, Eduardo de; FALCI, Carlos Henrique e ALZAMORA, Geane. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

_____. *Ativismos na Rede: Possibilidades para a crítica de mídia na internet*. In: *Narrativas Telemáticas*, Org. BRETAS, Beatriz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola Berenstein. *Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade*. Cader-nos PPG-AU UFBA, Salvador, v. 7, número especial, 2008.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais, desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANCLINI, Nestor García. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS, Manuel. *Lutas urbanas e poder político*. Porto: Gráfica Firmeza, 1976.

_____. *Redes de indignación e de esperanza*. Madrid: Alianza Editorial; 2015.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1982, [1975].

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004 [1990].

CESÁRIO, L. L. *Debaixo do viaduto tem um Duelo de MC's*. Revista Marimbondo, Belo Horizonte, v. 1, 2011. Disponível em <<http://revista-marimbondo.com.br/artigo/16>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

_____. *A teoria da deriva*. In: JACQUES, Paola Berenstein. *Apolo-
logia da deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5*. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELGADO, Manuel. *El espacio público como ideologia*. Los libros de la catarata: Madrid, 2011.

DERAKSHNAN, Houssein. *Salve a internet*. In Revista Piseagrama <http://piseagrama.org/salve-a-internet/>, 2015.

DESPRET, Vinciane. *O que diriam os animais se...* Cadernos de Leituras 45. Edições Chão da Feira, 2016. <http://chaodafeira.com/cadernos/o-que-diriam-os-animais-se/>

DIAS, Paola Lisboa Codo. *Sob a lente do espaço vivido, a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea*.

Manuscrito. Dissertação apresentada ao NPGAU – UFMG, Belo Horizonte, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011 [2009].

_____. *Remontar, remontagem do tempo*. Caderno de Leituras n.47, Edições Chão da Feira, 2016. <http://chaodafeira.com/cadernos/remontar-remontagem-do-tempo/>.

_____. *Conferência de abertura da exposição Levantes: Imagens e sons como forma de luta*, Sesc Pinheiros em São Paulo, disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/11440_LE-VANTES+IMAGENS+E+SONS+COMO+FORMA+DE+LUTA, acessado em 03 de novembro de 2017.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FOLETO, Leonardo. *Jornalismo Hacker*. Porto Alegre: Casa da Cultura Digital, 2014.

FRANCO, Juliana *et alli*. *Resistance in Brazilian Streets: Beach in an Inland City*. In *Streetnotes*, UC Davis, 2016. Disponível em <https://escholarship.org/uc/item/91r7r6h0>.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura, rememoração. Ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. 34, 2014.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012 [1992].

HARVEY, David. *O Direito à Cidade*. In: *Revista Piauí*, nº 82, julho de 2013

HINE, Christine. *Etnografía Virtual*. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

_____. *Por uma etnografia para internet: transformações e novos desafios*. Entrevista por Bruno Campanella. *Revista Matrizes*, V.9 - No 2 jul./dez. 2015 São Paulo - Brasil CHRISTINE HINE p. 167

_____. *Etnografia Segundo Christine Hine: uma abordagem naturalista para ambientes digitais*. Entrevista por Adriana Braga. Revista dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social – É-com-pós, Brasília, v.15, n.:3, set./dez. 2012.

HOLSTON, James. *Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

_____. *Rebeliões metropolitanas e planejamento insurgente no século XXI*. In Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, vol. 18. n.2, p. 191-204. Maio-Agosto, 2016.

INVISÍVEL, Comitê. *Aos nossos amigos*. São Paulo: n-1 edições, 2016

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. *Espectacularização Urbana Contemporânea*. Cadernos do PPG//AUFAUFBA, número especial "Territórios Urbanos e Políticas Culturais". Salvador: Editora UFBA, 2004. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1684> > . Acesso em 10 set 2016.

_____. Notas sobre o espaço público e as imagens da cidade. In *Arquitextos, Vitruvius*, 110.2, novembro de 2009. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>, acesso em 30/10/2017.

_____. *Elogio aos errantes*. Salvador: Edufba, 2012.

_____. *Montagem Urbana: uma forma de conhecimento das cidades e urbanismo*. In BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola Berenstein. *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*, vol. 4 Memória Narração História. Salvador: Edufba, 2015.

JACQUES et JEUDY (org.), *Corpos e cenários urbanos, territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA – PPGAU- FAUFBA, 2006. P.129.

KRACAUER, S. *Sur le seuil du temps: Essais sur la photographie*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2014 [1951].

LAGAA, Maurice. *La pensée pseudonyme*. Paris: PUF, 1986.

LANCHESTER, John. *Você é o produto*. Em Revista Piauí, edição 132, Setembro de 2017. Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/voce-e-o-produto/>

LEFEBVRE, Henri. *The Survival of the Capitalism, Reproduction of the relations of production*. London: Allison and Busby, 1976 [1973].

_____. *O direito à cidade*. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, Ermínia. *As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias*. In: ARANTES, Otília (org.). *A cidade do pensamento único – Desmanchando consensos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MAGALHÃES, Felipe N. Coelho. *O neoliberalismo e a produção do espaço na metrópole: subjetivações, insurgências e redes na economia política da urbanização contemporânea*. Belo Horizonte: Tese defendida no IGC/UFMG, 2015.

MANIERI, Dagmar. *Internet e os novos movimentos sociais*. Plural, Revista de Ciências Sociais, vol. 21, n.2. São Paulo: USP, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani. *Etnografia como prática e experiência*. Revista Horizontes Antropológicos, vol. 15, no. 32. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – IFCH-UFRGS, 2009

MARQUES, Â. C. S. *Relações entre comunicação, estética e política: tensões entre as abordagens de Habermas e Rancière*. Revista *Compólitica*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 1, p. 110-130, set./out. 2011. Disponível em: <<http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/28/23>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. *Três bases estéticas comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência*. In: EN-

CONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 21., 2012. *Anais do XXI Encontro Nacional da Compós*. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 1-14. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1830.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MARQUES, Eduardo. Os mecanismos relacionais. In Revista Brasileira de Estudos Sociais, volume 22, número 64, São Paulo: 2007. Acesso em 25/08/2017, <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n64/a13v2264.pdf>

MELO, Talita Motta. *Praia da Estação [manuscrito]: carnavalização e performatividade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MIÈGE, Bernard. *O erro de ver novas mídias em todas as tecnologias de Informação e comunicação*. Entrevista por Thamiris Magalhães na Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Edição 390, Abril de 2012.

MIGLIANO, Milene. O Dissenso do Divisor enquanto mar. In: CORPOCIDADE, 4., 2014. *Caderno de Articulações Corpocidade 4*. Salvador: Plataforma Corpocidade, 2014. p. 124-125.

_____. *Diálogos públicos no centro de Belo Horizonte, mapas de sentidos em redes de comunicação urbana*. Manuscrito. Belo Horizonte: Dissertação defendida no PPGCOM-UFMG, 2009.

MILAGRES, Lígia. *Ambivalências de Práticas espaciais auto-organizadas em disputas pela democratização na produção do espaço*. In Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, v.18, n.2, p.205-223, maio-agosto 2016.

MILLER, Daniel *et alli*. *How the world changed social media*. Londres, UCL Press: 2016. <http://discovery.ucl.ac.uk/1474805/1/How-the-World-Changed-Social-Media.pdf>.

MITCHELL, James Clyde. *The Kalela Dance / La danse du kalela*. Aspects des relations sociales chez les citadins africains en Rhodésie du Nord. Trad. Michel Agjer et Stéphane Nahrath. Paris: Revue Enquête, 4; 1996.

MITCHELL, Willian J. *E-topia: vida urbana*, Jim, pero no la que nosotros conocemos". Barcelona: Editora Gustavo Gili; 2001.

MOUFFE, Chantal. *Artistic Activism and agonistic spaces*. Art & Research, v.1, n.2, 2007, p.1-5.

_____. *Agonistique, Penser politiquement le monde*. Paris: Éditions Beaux-Arts de Paris, 2014, [2013].

NEGT, O. *L'espace public oppositionnel*. Paris: Editions Payot et Visage. 2007.

NUNES, Débora. *Pedagogia da Participação – Trabalhando com as comunidades*. Salvador: UNESCO/Quarteto, 2002.

OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira Oliveira. *Uma "Praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PEREIRA FILHO, Hilário Figueiredo. *Glórias, Conquistas, Perdas e Disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899 – 1936)*. Manuscrito, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Fafich/UFMG, 2006.

PRIMO, Alex. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E- Com-pós, v.9, 2007.

PULHEZ, Mariana Marques. *Mulheres Mamíferas: práticas da maternidade ativa*. Dissertação defendida no âmbito do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de mestra. 2015.

PURCELL, Mark. *Possible worlds: Henri Lelebvre and the right to the city*. in *Journal of Urban Affairs*, vol. 36, n.1, p. De 141-154. Michigan: 2013. Disponível em http://faculty.washington.edu/mpurcell/jua_rtc.pdf.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: Política e Filosofia*. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *As desventuras do pensamento crítico*. In. Crítica do contemporâneo, conferências internacionais - Política. Porto: Editora Serralves, 2007.

_____. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Redes sociais na Internet: considerações iniciais*. IN: Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, Porto Alegre, 2004.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Sociabilidade Hoje: leitura da experiência urbana*. Cadernos do CRH, Salvador, v.18, 2005.

_____. *Dança de Sentidos, na busca de alguns gestos* in BRITTO; JACQUES, Fabiana, Paola (org.). *Corporidade, Debates, Ações e Articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. *Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político*. Entrevista in Revista Marimbondo, v.01, 2011. Disponível em www.revistamarimbondo.com.br.

_____. *Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia*. In Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – vol. 2. Rio de Janeiro: Letra Capital, [1989] 2013a.

_____. *Paradigma e movimento social, por onde andam nossas ideias?* In Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – vol. 2. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013b.

_____. *Metrópole e reprodução social: apontamentos teóricos*. In Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – vol. 2. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013b.

_____. *Comunicação e Metrópole: a questão da participação social*. In Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – vol. 2. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013b.

_____. *Imaginação e Metrópole: as ofertas paradigmáticas do Rio de Janeiro e São Paulo* in Por uma sociologia do

presente: ação, técnica e espaço. Vol. 4. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013c.

RIBEIRO, Ivete. *Sociedade contemporânea, família no Brasil e valores: alterações e permanências*. Revista brasileira de Estudos Populares, Campinas, v.3, n.1, p.89-100, jan./jun. 1986. http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol3_n1_1986/vol3_n1_1986_5res_pesq_89_100.pdf.

RODRIGUES, R. L. *Architecto moderno na cidade: traços e rastros de Luiz Olivieri em Belo Horizonte*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

ROSA, Thaís *et alli*. *Grupo de Estudos Liminaridades*. Caderno de Agenciamentos Corpocidade 5. Salvador: Edufba, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e Artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2003.

SALAS, Javier. *Usuários transformam seus murais no Facebook em 'bo-lhas' ideológicas*. El País Brasil, Maio de 2015. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202_446201.html.

SENNET, Richard . *Juntos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

_____. [1974]. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In O fenômeno urbano. Org. Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

WARK, Mckenzie. *A hacker manifesto*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2004.

WUNENBURGER, Jean Jacques. *L'imaginaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

VALE, Glaura Cardoso. *A mise en-film da fotografia no documentário brasileiro*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

TARDE, Gabriel. *As leis sociais, um esboço de sociologia*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

TAVARES, Frederico de M. B. *Belo Horizonte Panorâmica e a(s) cidade(s) fotojornalísticas*. Revista Rastros –Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação. Joinville: IELUSC, v.6, 2005.

_____. Da cidade ao fotojornalismo. Belo Horizonte: Caderno Pensar, 2006.

_____. Na cidade, o fotojornalismo; no fotojornalismo, Belo Horizonte. Manuscrito. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005b.

Pós-facio

Alguns agradecimentos ainda precisam ser feitos diante da publicação desse livro. À Cachoeira e ao Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade do Recôncavo da Bahia, territórios de imensas trocas e aprendizados. À João Paulo Flor de Maio, por ter aceitado o convite de escrita do prefácio. À professora Rita Velloso, à professora Thais Rosa, ao Prof. José Carlos Ribeiro e ao Prof. Gilberto Corso, por fazerem parte da banca de defesa, gratidão e também à Paola Berenstein Jacques, orientadora, por ter me aceitado no PPGAU-UFBA, ao Laboratório Urbano por ter me acolhido como pesquisadora, à FAPESB, que financiou a pesquisa em Salvador, à Capes, que por meio do PDSE, que proporcionou-me um ano de investigações no Laboratoire Architecture/ Anthropologie – ENSA – Paris La Villette, à quem também agradeço imensamente os doze meses como pesquisadora visitante, especialmente à Alessia de Biase, pela tutoria. Um salve aos sorrisos dos colegas e amigas dos Laboratórios que tornaram Salvador e Paris ainda mais encantadoras. Agradeço aos coordenadores do PPGAU-UFBA, Prof. Xico Costa, Prof. Lula Cardoso e Professora Márcia Santa’nna, aos funcionários Silvandira, Maria e Luis, pela facilitação na resolução das questões burocráticas.

Agradeço às companheiras e companheiros de morada por onde essa tese foi escrita, aos amores que me encantaram, e às minhas famílias que sempre me ampararam em especial à minha mãe, Vera Lúgia, minha vó Ivette Migliano (in memoriam), ao meu pai, Carlos Maurício, meu irmão David Gonzaga, por acreditarem em mim; e à minha sobrinha, Acaia, por me fazer ter no que acreditar. Gratidão às mestras de yoga, que me ensinam a confiar na minha respiração. Gratidão ao Vídeo nas Aldeias, à Filmes de Quintal e ao Cachoeira.doc, pelas amizades possíveis e encontros valiosos. Gratidão à todo povo do terreiro Tumbangola. Aos amigos que me auxiliaram na re-

visão em diferentes etapas da escrita, Maria Isabel Rocha, Claudia Fonseca, Carlos Henrique Lima, Camilla Felicori (revisora do texto do livro), Pedro Marra, Marcos Crovis Jorge, Roberto Rocha Pires, Iara Flor, Carlos Frankiw, Pedro Coutinho, Cristiane Lima, Junia Mortimer, Felipe Magalhães, Clara Pássaro, Jorge Cardoso, Daniela Matos, Lina Cirino, Jessica Bruno, Emi Koide e Bráulio de Britto Neves e aos amigos que deram apoio na produção gráfica, Igor Queiroz e Matheus Lins, à todas as amigas que me abrigaram nos momentos, alegres e difíceis, entre eles Guilherme Miquelutti e Henrique Amarante, Tarsila Portela e Rudá Andrade, Lumena Adad, Marina Cunha, Marina França, Vera França, Simone Luci Pereira, Silvia Borelli, Rose de Melo Rocha e Teresa Aline de Queiroz, que me levou de Cachoeira para Cruz das Almas, para fazer a proposta deste livro, agora exitosa. Aos banhistas e fotógrafos da Praia da Estação, que fazem essa potência criativa política sempre se reinventar.

Sobre a autora



Milene Migliano é doutora em Processos Urbanos Contemporâneos pelo PPGAU – UFBA, mestre em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pelo PPGCOM – UFMG e jornalista com formação complementar em cinema, pela mesma instituição. É membro do Grupo de Estudos Experiência Estética: Comunicação, Cultura e Arte – UFRB e do Grupo de Pesquisa Juvenália: questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero na comunicação e no consumo – ESPM/SP, onde é pós-doutoranda. Foi professora substituta na UFRB 2017-2019. Atualmente é professora da UNIP-SP e pesquisadora do GT Infâncias e Juventudes da CLACSO, Conselho Latino Americano em Ciências Sociais. É membro da Associação Filmes de Quintal e banhista da Praia da Estação.

Este livro é uma reedição da tese de doutorado que buscou compreender como e se haveria superação da contenção dos imaginários políticos na cidade, a partir dos usos e apropriações das novas tecnologias de informação e comunicação (ntic's) associadas à internet e às redes de sociabilidades urbanas. Por meio de uma etnografia digital, foi investigado, no recorte de situações, quais imagens e fragmentos de narrativas foram criadas e disponibilizadas no ambiente online, compondo a tradução da experiência urbana de luta pelo espaço público da Praça da Estação, em Belo Horizonte. É preciso estar atento aos modos de registrar e produzir memória no uso das redes sociais digitais, espaços que têm éticas diferentes de modos de fazer resistência.



ISBN: 978-85-5971-124-0



9 788559 711240